

# e-LETRAS CONVIDA

Revista de Estudos Globais  
Humanidades, Ciências e Artes

2.ª série · N.º 16 · janeiro/junho 2026 · January/June 2026

16

Dossiê Temático  
Criação, Arte,  
Movimentos  
e Manifestações:  
Lugares de Resistência  
e de Re-existência

# Ficha Técnica

## **E-LETRAS COM VIDA**

*REVISTA DE ESTUDOS GLOBAIS:  
HUMANIDADES, CIÊNCIAS E ARTES*

www.e-lcv.online

e.ISSN: 2184 - 4097

<https://doi.org/10.53943/ELCV.2018>

### **2.ª série**

N.º 16 (janeiro-junho de 2026)

<https://doi.org/10.53943/ELCV.0126>

### **Diretores / Editors**

Annabela Rita | Universidade de Lisboa

José Eduardo Franco | Universidade Aberta

Tania Martuscelli | University of Colorado Boulder

### **Editora-Chefe / Managing Editor**

Cristiana Lucas Silva | Universidade Aberta

### **Assistente Editorial / Editorial Assistant**

Paula Carreira | Universidade Aberta

### **Secretários Editoriais / Editorial Secretaries**

Milene Alves | Universidade Aberta

Timóteo Cavaco | Universidade Aberta

### **Conselho Editorial / Editorial Board**

Aida Sampaio Lemos | Universidade de Lisboa

António José Borges | Universidade de Lisboa

António Moreira | Universidade Aberta

Bruno Venâncio | Universidade Aberta

Cécile Méadel | Université Panthéon-Assas

Célia Ferreira | Universidade Aberta

Cristina Vieira | Universidade Aberta

Daniela Barros | Universidade Aberta

Darlinda Moreira | Universidade Aberta

Fabrice d'Almeida | Université Panthéon-Assas

Gianfranco Ferraro | Universidade Aberta

Henrique Manuel Pereira | Universidade Católica Portuguesa

Isabel Nery | Universidade de Lisboa

Jacinto Jardim | Universidade Aberta

Jeffrey Scott Childs | Universidade Aberta

Joana Balsa de Pinho | Universidade de Lisboa

João Relvão Caetano | Universidade Aberta

Jorge Trindade | Universidade Aberta

José Ignacio Ruiz Rodríguez | Universidad de Alcalá de Henares

José Pereira Coutinho | Universidade Católica Portuguesa

José Porfírio | Universidade Aberta

José Sales | Universidade Aberta

Maria Serena Felici | Università degli Studi Intenazionali di Roma

Mário Filipe Silva | Universidade Aberta

Nuno Andrade Ferreira | Universidade Aberta

Pedro Abrantes | Universidade Aberta

Pierre-Antoine Fabre | École des Hautes Études en  
Sciences Sociales

Renato Epifânio | Universidade do Porto

Ricardo Ventura | Universidade de Lisboa

Rosário Lupi Bello | Universidade Aberta

Rui Rego | Universidade Aberta

Samuel Dimas | Universidade Católica Portuguesa

Steffen Dix | Universidade Aberta

Susana Henriques | Universidade Aberta

Valérie Dévillard | Université Panthéon-Assas

### **Conselho Científico / Scientific Board**

Alberto Manguel | Escritor, tradutor e editor (Argentina)

Alcir Pécora | Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Alejandra Vitale | Universidad de Buenos Aires (Argentina)

Anabela Pereira | Universidade de Aveiro (Portugal)

André Carmo | Universidade de Évora (Portugal)

Anna M. Klobucka | University of Massachusetts Dartmouth (EUA)

António Cândido Franco | Universidade de Évora (Portugal)

Barbara Gori | Università degli Studi di Padova (Itália)

Béata Cieszyńska | Universidade de Lisboa (Portugal)

Bernard Vincent | École des Hautes Études en Sciences  
Sociales (França)

Carlos Carreto | Universidade Nova de Lisboa (Portugal)

Carlos Fiolhais | Universidade de Coimbra (Portugal)

Carlos Quiroga | Universidad de Santiago de Compostela  
(Espanha)

Celso Carminati | Universidade do Estado de Santa  
Catarina (Brasil)

Christine Vogel | Johannes Gutenberg Universität Mainz  
(Alemanha)

Dionísio Vila Maior | Universidade Aberta (Portugal)

Edgard Leite | Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)

Fabio Mario da Silva | Universidade Federal Rural  
de Pernambuco (Brasil)

Fernando Cristóvão | Universidade de Lisboa (Portugal)

Francisco Cota Fagundes | University of Massachusetts  
Amherst (EUA)

Gilles Lipovetski | Université de Grenoble (França)

Guilherme d'Oliveira Martins | Fundação Calouste Gulbenkian (Portugal)  
Helder Macedo | King's College (Reino Unido)  
Ignacio Pulido Serrano | Universidad de Alcalá de Henares (Espanha)  
Isabel Morán Cabanas | Universidad de Santiago de Compostela (Espanha)  
Isabel Ponce de Leão | Universidade Fernando Pessoa (Portugal)  
Jeremy Lehnen | Brown University (EUA)  
João Adolfo Hansen | Universidade de São Paulo (Brasil)  
João Simão | Universidade Aberta (Portugal)  
José Carlos Miranda | Universidade Católica Portuguesa (Portugal)  
José Carlos Seabra Pereira | Universidade de Coimbra (Portugal)  
José Maria da Silva Rosa | Universidade da Beira Interior (Portugal)  
Kate Constantino | Universidade Federal de Sergipe (Brasil)  
Lilian Jacoto | Universidade de São Paulo (Brasil)  
Luciana Namorato | Indiana University Bloomington (EUA)  
Luís Machado de Abreu | Universidade de Aveiro (Portugal)  
Luísa Paolinelli | Universidade da Madeira (Portugal)  
Luiz Eduardo Oliveira | Universidade Federal de Sergipe (Brasil)  
Marco Daniel Duarte | Departamento de Estudos do Santuário de Fátima (Portugal)  
Margaret Tejerizo | Glasgow University (Reino Unido)  
Maria Manuel Baptista | Universidade de Aveiro (Portugal)  
Maria Manuela Tavares Ribeiro | Universidade de Coimbra (Portugal)  
Mariagrazia Russo | Università degli Studi Intenazionali di Roma (Itália)  
Micaela Ramon | Universidade do Minho (Portugal)  
Moisés Lemos Martins | Universidade do Minho (Portugal)  
Norberto Dallabrida | Universidade do Estado de Santa Catarina (Brasil)  
Onésimo Teotónio Almeida | Brown University (EUA)  
Patrícia Anne Odber de Baubeta | Birmingham University (Reino Unido)  
Paulo Borges | Universidade de Lisboa (Portugal)  
Paulo Maria Bastos da Silva Dias | Universidade Aberta (Portugal)  
Paulo Silva Pereira | Universidade de Coimbra (Portugal)  
Pedro Barbas Homem | Universidade de Lisboa (Portugal)  
Pedro Calafate | Universidade de Lisboa (Portugal)  
Raquel Varela | Universidade Nova de Lisboa (Portugal)  
Roberto Della Santa | Universidade Nova de Lisboa (Portugal)

Roger Chartier | Collège de France (França)  
Rogério Souza | Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil)  
Rosa Sequeira | Universidade Aberta (Portugal)  
Salvato Trigo | Universidade Fernando Pessoa (Portugal)  
Sandra Sousa | University of Central Florida (USA)  
Sérgio Lira | Universidade Fernando Pessoa (Portugal)  
Sérgio Nazar David | Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Brasil)  
Serhii Wakulenko | Kharkiv National Pedagogical University (Ucrânia)  
Teresa Pinheiro | Chemnitz Universität (Alemanha)  
Thomas Earle | Oxford University (Reino Unido)  
Vania Pinheiro Chaves | Universidade de Lisboa (Portugal)  
Viriato Soromenho-Marques | Universidade de Lisboa (Portugal)

#### **Coordenadores do Dossiê Temático / Thematic Dossier Coordinators**

Yara Felicidade de Souza Reis | Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Brasil)  
Bruno Venâncio | Universidade Aberta (Brasil)

#### **Referees**

Bárbara Gori | Università degli Studi di Padova (Itália)  
Bárbara Silva | Universidade Aberta (Portugal)  
Clara Bertrand Cabral | Technische Universiteit Delft (Nederland)  
Jeffrey Childs | Universidade Aberta (Portugal)  
Joaquim Pintassilgo | Universidade de Lisboa (Portugal)  
José Eduardo Franco | Universidade Aberta (Portugal)  
José Francisco Pavia | Universidade Lusíada (Portugal)  
Justino Magalhães | Universidade de Lisboa (Portugal)  
Patrícia Vieira | Universidade de Coimbra (Portugal)  
Paulo Drumond Braga | Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes (Portugal)  
Porfírio Pinto | Universidade Aberta (Portugal)  
Rui Rego | Universidade Aberta (Portugal)  
Susana Alves-Jesus | Universidade Aberta (Portugal)  
José da Cunha Rodrigues | University of Massachusetts Boston (USA)

#### **Revisores / Reviewers**

Milene Alves (Coord.)  
Bárbara Silva  
Marta Duarte

#### **Publicado por / Published by**

Theya Editores

Rua Ladislau Patrício, 8, 1.º A | 1750-136 Lisboa  
(00351) 969 977 702 | theyaeditores@gmail.com

<http://www.ceg-uab-ed.org/>

**Coordenadora Editorial / Publishing Coordinator**

Susana Mourato Alves-Jesus

**Design Gráfico e Paginação / Design and Typesetting**

Carolina Bonina Grilo

**Fotografia da capa / Cover Photo by**

Telefone – +351 914750376

e-mail – [ceg.estudosglobais@uab.pt](mailto:ceg.estudosglobais@uab.pt)

IECCPMA – Rua de S. Bento, 19,

2775-528 Carcavelos

Telefone – +351 969977702

e-mail – [ieccpma@gmail.com](mailto:ieccpma@gmail.com)

## Contactos

CEG-UAb – Universidade Aberta,

Rua da Escola Politécnica, 147,

1269-001 Lisboa



# Edi to rial

ANNABELA RITA<sup>1</sup>

CRISTIANA LUCAS SILVA<sup>2</sup>

JOSÉ EDUARDO FRANCO<sup>3</sup>

TANIA MARTUSCELLI<sup>4</sup>

O 16.º número da *e-Letras Com Vida* oferece ao leitor um conjunto particularmente expressivo da pluralidade de abordagens, objetos e linguagens que hoje estruturam o pensamento crítico nas Humanidades e Ciências Sociais. Entre a criação artística, a investigação histórica, a crítica literária, a geopolítica, a epistemologia e a reflexão sobre os *media*, este número reafirma a vocação da revista como espaço de diálogo interdisci-

==

<sup>1</sup> Centro de Estudos Globais, Universidade Aberta, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1541-3006>.

<sup>2</sup> Centro de Estudos Globais, Universidade Aberta; Instituto de Estudos de Literatura e Tradição – Polo da Universidade Aberta, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-7687-9101>.

<sup>3</sup> Centro de Estudos Globais, Universidade Aberta, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5315-1182>.

<sup>4</sup> Departamento de Espanhol e Português, Universidade do Colorado em Boulder, Estados Unidos da América. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-7468>.

plinar, de problematização do presente e de revisitação crítica do passado.

Abrimos com o Dossiê Temático, coordenado por Bruno Venâncio e Yara Reis, sob o título «Criação, arte, movimentos e manifestações: lugares de resistência e de re-existência». Trata-se de um conjunto de textos que interroga a arte não apenas como objeto estético, mas como prática de inscrição crítica no mundo, território de memória, de resistência e de reinvenção. Atravessando diferentes geografias, suportes e temporalidades, os estudos reunidos exploram a arquitetura social de Lina Bo Bardi, a arte urbana enquanto inscrição pública e política, os modos de criação indígenas enquanto gesto contracolonial, a poesia como lugar fundador de identidade e a videoarte de mulheres racializadas como espaço de denúncia e emancipação, no contexto dos movimentos feministas. Em conjunto, este dossiê recorda-nos que a arte permanece um dos lugares privilegiados de reconfiguração do sensível e do político.

Na secção de artigos multitemáticos, a diversidade disciplinar volta a afirmar-se como método e horizonte. Desde a revisitação da implantação do ensino régio na Madeira, iluminando os impactos locais das reformas pombalinas e a génese da escola pública portuguesa à recuperação da figura singular de Jerónimo Mascarenhas, revelando as ambiguidades da fidelidade política, do exílio e da pertença no contexto da Restauração, passando

por uma proposta de leitura ético-literária de Dostoiévski, analisando a evolução da bondade através de Míchkin e Aliócha Karamázov, e terminando com uma reflexão sobre as dinâmicas de hidrodiplomacia e hidro-hegemonia chinesa no rio Mekong, no plano da geopolítica contemporânea, os quatro estudos, embora distintos, convergem na atenção às formas como os sujeitos e as estruturas históricas se relacionam em contextos de mudança.

Como parte estruturante desta revista, a entrevista traz-nos uma longa e substantiva conversa com Fabrice d'Almeida, conduzida por Celso Carminati. Historiador de referência no campo da história contemporânea, da propaganda e dos *media*, Fabrice d'Almeida oferece uma reflexão particularmente lúcida sobre os desafios do nosso tempo: a crise dos *media* tradicionais, o impacto da inteligência artificial, a erosão da confiança pública, a reconfiguração da propaganda política, a ascensão dos populismos e a fragilidade das democracias. Combinando profundidade histórica e leitura crítica do presente, a entrevista constitui um exercício de pensamento em movimento, atravessado pela convicção de que o conhecimento histórico continua a ser indispensável para compreender a complexidade do mundo contemporâneo.

Na secção de Leituras Críticas, a revista acolhe quatro recensões que testemunham a importância da crítica como forma de prolongamento do debate intelectual. Alexandra Es-

teves revisita o *Dicionário Global das Heresias*, refletindo sobre a heresia enquanto categoria histórica de exclusão, dissidência e liberdade de pensamento. Júlia Duarte analisa «Perspectivas interdisciplinares sobre o Iluminismo e seus paradoxos», destacando a necessidade de desmontar as leituras idealizadas do projeto das «Luzes» e das reformas pombalinas. Bruno Machado debruça-se sobre *Hegemonia: 7 duelos pelo poder global*, de Jaime Nogueira Pinto, interrogando as continuidades e limites das disputas hegemônicas na longa duração. Finalmente, Nuno Rosa relê *The Invention of Science*, de David Wootton, a partir da História Global crítica, problematizando os seus pressupostos eurocêntricos e defendendo uma história da ciência mais plural e conectada.

O número encerra com a apresentação do projeto de investigação História Global das Relações Internacionais de Portugal, dirigido por Nuno Severiano Teixeira, José Eduardo Franco e João Relvão Caetano. Este projeto

propõe uma abordagem transepocal e interdisciplinar das relações internacionais portuguesas, inscrevendo-as numa perspetiva de longa duração e à luz da História Global. Ao ampliar cronologias, escalas e atores, esta proposta constitui um exemplo claro da renovação epistemológica em curso no campo historiográfico e do potencial heurístico dos Estudos Globais.

Se há algo que este número demonstra com particular clareza é que pensar o presente exige, mais do que nunca, cruzar saberes, deslocar perspetivas e questionar narrativas estabelecidas. Entre memória e futuro, arte e política, ciência e cultura, este volume reafirma a importância das Humanidades e das Ciências Sociais como espaço de interpretação crítica e de imaginação do possível. Num tempo de fragmentação, aceleração e incerteza, a reflexão permanece uma forma de resistência – e também de re-existência.

# Dossiê Temático

**Criação, arte, movimentos  
e manifestações:  
lugares de resistência  
e de re-existência**

**Creation, Art, Movements  
and Manifestations:  
Spaces of Resistance  
and Re-existence**

**YARA FELICIDADE DE SOUZA REIS <sup>1</sup>**  
**BRUNO VENÂNCIO<sup>2</sup>**  
COORDENAÇÃO DE

---

<sup>1</sup> NEHSC, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil; Universidade de São Paulo, Brasil; Universidade Aberta, Centro de Estudos Globais, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0007-4587-013X>.

<sup>2</sup> Universidade Aberta, Centro de Estudos Globais, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1167-4671>.

# A pre sen tação

## Presentation

YARA FELICIDADE DE SOUZA REIS<sup>1</sup>  
BRUNO VENÂNCIO<sup>2</sup>

De todos os lugares emanam vozes. Algumas vozes são claras e distintas, outras desaparecem na distância. A questão é, aparentemente, uma questão física, de proximidade entre o lugar da emissão e o lugar da recepção da voz. É audível um sussurro dito ao ouvido, mas alguém que está longe e quer captar a nossa atenção tem de gritar. Se o grito for lançado de muito longe, há um intervalo entre a capacidade de alcance do ouvido e a capacidade de alcance da voz;

---

<sup>1</sup> NEHSC, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil; Universidade de São Paulo, Brasil; Universidade Aberta, Centro de Estudos Globais, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0007-4587-013X>.

<sup>2</sup> Universidade Aberta, Centro de Estudos Globais, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1167-4671>.

não ouvimos um grito lançado de muito longe: é abafado, é absorvido, é ruído de fundo.

Apesar de tudo, emanam vozes, de todos os lugares, num esforço de aproximação. Uma voz é uma petição de cuidado. É um som produzido por alguém que se quer fazer ouvir, que quer ser ouvido, que quer que alguém o ouça. Uma voz é uma forma de superar uma distância. Se o abismo entre a capacidade de alcance do ouvido e a capacidade de alcance da voz não foi superado, se essa voz que tenta captar a nossa atenção é ainda, apesar do esforço, pouco mais do que silêncio, o esforço deve ser partilhado – compete a um ouvinte atento aproximar-se para escutar.

Este Dossier é um esforço ativo de aproximação a quem fala, de escutar algumas vozes que, quotidianamente, deixamos por ouvir.

As vozes de que, enquanto ouvintes, ativamente nos aproximamos para escutar são vozes à margem, encerradas em margens e que, apesar de tudo, persistem, resistem e reexistem sempre. São vozes de quem, através da arte, da criatividade, nos obriga a repensar o nosso lugar, enquanto ouvintes, e a repensar o lugar dos que falam.

Este dossier temático pretende abordar a arte e a criação artística a partir das suas múltiplas linguagens e pluralidades, privilegiando a reflexão e a problematização dos vínculos e das

interações entre quem fala e quem escuta. Por lugares de resistência e de reexistência, entende-se os lugares nos quais a luz não incide habitualmente e cujo desvelamento re-significa o mundo, instiga mudanças sociais e políticas, dissolve hierarquias comuns, produz novas relações entre falantes e ouvintes.

Yara Reis propõe-nos uma visita guiada à obra de Lina Bo Bardi e ao pensamento que está por trás da construção do Centro de Cultura e Lazer do SESC Pompeia, na cidade de São Paulo. O SESC – Serviço Social do Comércio é uma entidade privada que elaborou, em 1945, uma Carta da Paz Social, uma tomada de posição dos empregadores brasileiros a favor da justiça social e que constitui a base social de um projeto cultural e educativo que visa a inovação e a transformação social.

Pedro Soares Neves contextualiza as manifestações de arte urbana, extraíndo e propondo conceitos que permitem questionar e refletir sobre os valores que transporta e transmite – valores socioculturais, políticos, históricos, simbólicos e económicos.

Casé Angatu reflete sobre a palavra «arte»: como a arte, enquanto parte da natureza e da espiritualidade, é intrínseca à prática de alguns povos originários, como a arte constituiu um foco de resistência a tentativas de invasão, de etnogenocídio, de implantação colonial e, principalmente, como a arte constitui um nú-

cleo onde os povos originários encontram condições de reinvenção e de reexistência.

Carlos Gonga Pascoal propõe uma chave de leitura para «Nascimento de um mundo», de Mário Lúcio Sousa, uma obra épica, de cariz poético-documental, que, enquanto assiste ao nascimento de Cabo Verde, faz nascer uma nova poesia cabo-verdiana.

Teresa Veiga Furtado pede-nos que olhemos o corpo racializado e objeto de violência de videoartistas feministas que, através de imagens e narrativas autorreflexivas, procuram libertar-se de classificações discriminatórias e repressivas e recuperar o controlo e a posse plena da sua identidade e autodeterminação.

Aproximemo-nos das vozes que falam – e comecemos, então, a escutar.

**Pode entrar:**

**Lina Bo Bardi e a arquitetura do SESC Pompeia**

You may come in: Lina Bo Bardi and the architecture of SESC Pompeia

YARA FELICIDADE DE SOUZA REIS<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto tem como objetivo refletir sobre a atuação da arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi na construção do Centro de Cultura e Lazer do SESC-Pompeia, na cidade de São Paulo. A abordagem trata de um ponto de vista da arquiteta baseado na simplicidade popular, a partir do que definiu como «arquitetura pobre», incidindo na escolha que influenciou a concepção do projeto, resultando num conjunto arquitetônico pertencente ao Serviço Social do Comércio- SESC, que entre suas funções abriga a arte e o lazer.

**Palavras-Chaves:** Lina Bo Bardi; SESC Pompeia; Centro de Cultura e Lazer; arquitetura de Centro Cultural.

**Abstract:** This text aims to reflect on the work of the Italian-Brazilian architect Lina Bo Bardi in the construction of SESC-Pompeia, in the city of São Paulo. The approach deals with a point of view of Lina Bo Bardi based on popular simplicity, from what she defined as «poor architecture» and which affects the choice that influenced the architect in the conception of the project, resulting in an architectural complex that among its functions houses art and leisure, belonging to the Social Service of Commerce – SESC.

**Keywords:** Lina Bo Bardi; SESC Pompeia; Culture and Leisure Center; Cultural Center Architecture.

==

<sup>1</sup> NEHSC, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil; Universidade de São Paulo, Brasil; Universidade Aberta, Centro de Estudos Globais, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0007-4587-013X>.

Lina não fez escola no sentido formal de repetição de soluções, de busca de uma linguagem ou até [...], de materialidade, termo muito utilizado hoje em dia, mas um pouco vazio de sentido. Ela formou, sim, uma escola de pensamento, um modo de pensar, de encarar o problema, de olhar para o mundo. Nesse sentido, ela é uma formadora, assim como Darcy Ribeiro, Gilberto Freyre, Lucio Costa, Vilanova Artigas, e outros pensadores que influenciaram o nosso modo de ver e atuar.

Marcelo Ferraz (2021)

Escrever este artigo me faz lembrar momentos em que estive no SESC Pompeia, visitando o local com alguma colega brasileira, ou não, apresentando a obra de Lina Bo Bardi. A admiração que suscita aos que pela primeira vez visitam o local é surpreendente, o efeito causado pela obra arquitetônica, associado ao movimento de pessoas circulando pelas suas dependências, instiga amplas reflexões sobre esse conjunto arquitetônico. O encantamento diante da construção é parte de quem a observa no todo, embora muitas vezes seja nos pormenores que podemos compreender melhor esse ambiente, pois é onde ela nos oferece o acesso desimpedido e livre de sua obra. Tudo aqui foi simplificado ao máximo para que o espaço concebido fosse percorrido livremente num apelo ao público para a tomada do ambiente.

A obra de Lina é amplamente estudada, com publicações no Brasil, nos Estados Unidos e Europa, e resultado de inúmeras teses acadêmicas. A bibliografia sobre o seu processo criativo e modos de fazer arquitetura é extensa.

Numerosos são os escritos que tratam de suas habilidades no trato com o desenho, composição de suas obras e da disponibilidade para estabelecer relações com profissionais, seus colaboradores, no intuito de garantir à execução da obra uma dinâmica mais participativa, como parte inerente à construção, o que certamente foi uma abordagem por ela adotada na busca do envolvimento de todos.

Nos anos seguintes à morte de Lina Bo Bardi (1993), um conjunto expressivo de trabalho foi publicado sobre sua vida e obras. Além de dissertações de mestrado, teses de doutorado, análises e registros sobre seu trabalho com cenografia, artes gráficas, design, e junto ao patrimônio histórico e cultural brasileiro, foram temas de reflexões sobre a interação da obra de Lina com a cultura popular, presente na sua habilidade criativa e, como resultado, em seus modos de fazer arquitetura e no exercício profissional (Bechara, 2017: 13 e 196-197). Para Grinover (2018: 32-33), os estudos sobre a obra da Lina Bo Bardi

são conscienciosos no seguinte ponto: a arquiteta italiana participou ativamente da construção do movimento moderno, e seus desdobramentos no século xx, na arquitetura nacional. Em suas poucas obras, se comparado aos outros arquitetos de sua geração, ela revelou a capacidade de articular as questões filosóficas e estéticas do movimento moderno internacional do qual o Brasil participou como expoente virtuoso de 1936 a 1960.

Lina não foi defensora radical das ideias que emolduravam os princípios da arquitetura moderna, adotando uma postura flexível em relação aos discursos fechados em regras, trabalhou de forma ampla buscando elementos com significados complementares a preceitos estabelecidos. Para essa atuação, contribuiu o trabalho de caráter diverso desenvolvido na Itália e que pôde ser ampliado no Brasil, como resultado do vasto conhecimento sobre culturas tradicionais e populares adquirido em suas viagens, favorecendo o contato com populações das mais diversas regiões do país. Dessa forma, Lina, afeita aos desafios,

afirmava sua crença de que a linguagem da arquitetura moderna não precisava excluir o elemento local e tradicional, e que os arquitetos não deviam buscar ideias e motivação apenas na modernização e na educação acadêmica, mas também nos aspectos prosaicos e criativos da vida cotidiana. (Lima, 2021: 175)

A capacidade de combinar princípios da arquitetura moderna envolvendo suas proposições com a vida cotidiana, embalada pela curiosidade e aprofundamento das experiências vividas no Brasil, imprimiram uma singularidade à produção da arquiteta, traduzida em obras relevantes como a Casa de Vidro em São Paulo (SP), o Museu de Arte de São Paulo (MASP), o Centro de Cultura e Lazer SESC-Pompeia, a Igreja do Espírito Santo do Cerrado em Uberlândia (MG), a Casa do Benin (BA), o Teatro Oficina (SP), o res-

tauro do complexo arquitetônico do Solar do Unhão (BA), o projeto de intervenção no centro Histórico de Salvador (BA).

O objetivo deste artigo é examinar um ponto de vista sobre o qual o projeto do SESC-Pompeia se desenvolveu. A abordagem envolve a opção de Lina Bo Bardi em trabalhar com o conceito que denominou «arquitetura pobre», encontrando soluções simples, com materiais visivelmente rústicos, numa perspectiva de manter o caráter coletivo e humano da obra. Lugar que abriga arte e lazer nas mais diversas formas de expressão, como música, dança, exposições, performances, oficinas de criatividade e atividades esportivas, esse conjunto arquitetônico apresenta valores que extrapolam a obra em si para desvendar um modo de fazer arquitetura que impulsiona a participação coletiva.

## 1. Um pouco das múltiplas Lina

Achillina Bo nasceu em Roma no ano de 1914, filha de pais genoveses. Coursou o Liceu Artístico e ingressou na Faculdade de Arquitetura de Roma, onde se graduou, no início da guerra, em 1939. No período da Faculdade, segundo Anelli (2010), «suas memórias são conflituosas, expressando a tensão entre um ensino direcionado a uma arquitetura de filiação clássica e a sedução das propostas das vanguardas modernas, cujos adeptos italianos encontravam pouco espaço nas faculdades de arquitetura» (Anelli, 2010: 89).

Na década de 1930, momento de transição de seus estudos, entre os períodos do Liceo Artístico e da Escola de Arquitetura, a cidade de Roma era o centro do debate artístico e também o local donde o regime fascista se irradiava num quadro político de crescente nacionalismo e violência. Essa condição política opressora terminará isolando o país do resto do continente e afetando o debate mais extensivo nas mais diversas expressões culturais e artísticas. O relativo isolamento e a conjuntura política e econômica do país comprometeram diretamente o discurso arquitetônico na Itália.

É neste quadro de uma Itália conservadora e extremista que Lina, já graduada, se estabelece em Milão, entre 1940 e 1945, para trabalhar com o arquiteto e designer Gio Ponti, e no estúdio chamado «Bo e Pagani», que dividia com o amigo Carlo Pagani, colaborando com alguns trabalhos para Gio Ponti, nas revistas *Domus*, *Lo Stile e Bellezza*, e edições das revistas *L'illustrazione Italiana*, *Vetrina*, *Grazia*, *Tempo e Bellezza*. As atividades de Lina nessas funções envolveram criação de capas, ilustrações, textos e projetos (Anelli, 2010: 17 e 27).

As relações entre Lina Bo Bardi e Gio Ponti foram marcadas por conflitos (Anelli, 2001: 45-46, *apud* Bechara, 2017:18). Mas, apesar das hostilidades, uma obra profícua resultou dessa associação, de modo que as atividades exercidas por Lina nesse momento de sua

carreira se constituem em estratégia de ação para os trabalhos desenvolvidos no Brasil.

Os aprendizados mais relevantes que Lina trará ao Brasil serão aqueles ligados aos estudos do artesanato italiano, desenvolvidos por Gio Ponti como um plano em busca da autonomia da indústria italiana de utilitários, e os estudos de Giuseppe Pagano sobre arquitetura menor. Estes estudos formaram a origem do conceito de cultura popular e apontaram o método que Lina desenvolverá em seu trabalho. Para a cultura italiana era a origem do setor de mercado que emancipou a Itália no pós-guerra, o design italiano (Grinover, 2018: 35).

Conforme Bechara (2017), algumas revistas dirigidas por Ponti que tiveram a colaboração de Lina e nas quais ela explora variáveis distantes da arte abstrata, são consideradas como indícios de seu interesse precoce pelo figurativismo na arte popular. Na sua obra, a base do vínculo entre o popular e o erudito é associada com frequência à experiência na Itália, em função do trabalho com Gio Ponti desenvolvido a partir do tema da modernização do artesanato (Bechara, 2017: 17).

A trajetória profissional de Lina Bo Bardi foi pautada inicialmente mais por uma sensibilidade visual e compositiva do que por um entusiasmo pela história, pela percepção espacial ou pelas teorias e técnicas construtivas. A familiaridade com princípios artísticos e compositivos se manifestaram ainda

na infância, executando aquarelas e desenhos, com a ajuda do pai, um pintor dileitante (Lima, s.d.: 113).

Contribuiu para essa habilidade na área visual, além da influência paterna, o próprio currículo escolar do Liceo Artistico na via Ripetta, onde estudou antes da sua formação como arquiteta. Segundo Zeuler, havia um extenso programa com treinamento em desenho à mão livre, geometria e composição, além de história, pintura e princípios de projeto arquitetônico. As aquarelas, desenhos e esboços existentes desse período evidenciam suas habilidades visuais mais do que seu interesse por prédios, e embora Lina tenha ampliado o seu discurso com noções humanistas, tectônicas e ambientais, ela permaneceu intensamente sensível à arquitetura como fenômeno visual e consciente da multiplicidade de referências estéticas que a sustenta (Lima, s.d.: 113-114).

Podemos pensar nas inúmeras Lina se entremeando, desenvolvendo atividades generosamente elaboradas que faziam parte do produto final do seu trabalho. Sua vida profissional atravessada pela devastação da guerra a fez sair em busca de noções humanitárias que complementavam o seu processo criativo, tornando-o passível de ser partilhado e compreendido.

Para além do ofício de arquiteta, Lina atuou nos mais variados campos das artes, executando trabalhos nas artes gráficas como editora de revistas e ilustradora e atuando como

designer de móveis e interiores, cenógrafa, paisagista, curadora de museus e exposições. Os métodos rigorosos não faziam parte do seu repertório profissional, transitando livremente entre várias áreas do conhecimento, sempre criticamente, aprofundando reflexões e fazendo balanços concernente ao seu próprio trabalho e ao cenário cultural do seu tempo.

A movimentação nas distintas atividades profissionais desenvolvidas por Lina gerava questões polêmicas sobre a arquitetura moderna em seu ambiente, e esse parece ter sido o seu propósito, a ponto de inicialmente enfrentar muitas críticas. Com o tempo, essas mesmas críticas serviram para alterar um quadro que se apresentava consolidado e de difícil ingresso. Lina ousou desafiar um ambiente que não se estendia para além do domínio masculino e seus posicionamentos por certo contribuíram para um avanço na revogação de determinados padrões nesse âmbito.

## 2. Os tempos de Brasil

A América «é terra de acolhida de imigrantes europeus, [e] representa a possibilidade de criar livremente, sem fronteiras, o constante recomeçar sobre novas bases, condições, por ela, [Lina Bo Bardi], consideradas basilares de trabalho e de vida» (Bardi *et al.*: s.d.).

Lina se casa com Pietro Bardi na Itália e viajam ao Brasil em 1946, permanecendo no Rio de Janeiro até o início de 1947, quando se mudam para São Paulo. A vinda do casal pode

ser parcialmente creditada ao fascínio que as imagens da produção arquitetônica moderna amplamente divulgada no livro *Brazil builds* (1942) exercia na Europa do segundo pós-guerra (Anelli, 2010: 99).

A possibilidade de ação atraía Lina e Pietro para um país onde já havia uma produção moderna reconhecida interna e externamente e que vinha enriquecendo com as exportações durante a guerra. Recebidos por Lucio Costa, e a elite intelectual carioca, a partir do contato estabelecido por Bardi, em 1933, através de Le Corbusier, esse encontro foi oportuno para o casal conhecer as propostas do programa elaborado por Lucio Costa para a modernização da arquitetura brasileira (Grinover, 2018: 38).

A experiência de Pietro Bardi como *marchand* o aproxima do jornalista Assis Chateaubriand, que o convida para a direção geral de uma galeria de arte em São Paulo. Esse seria o início do projeto do Museu de Arte de São Paulo, em 1947, situado no prédio do *Jornal Diário Associados*, de propriedade de Chateaubriand, que ficaria sob a responsabilidade da arquiteta.

Lina trouxe consigo o idealismo de um pragmatismo racional funcionalista e um ideal progressista que a fazia buscar em seus desenhos e projetos «forma» e «vida», que se

tornaram bandeiras do modernismo. Em São Paulo, entre tantas demandas de trabalho, a arquiteta, com a colaboração do marido, se dedica à fundação e edição da revista *Habitat*<sup>2</sup>, que fazia parte do projeto de modernidade de Chateaubriand para a cidade, a arquitetura e as artes. A revista se destacava pela linha editorial voltada para temas sobre arquitetura, design, fotografia, literatura, cinema, dança, crítica de arte, teatro, e que junto ao IAC (Instituto de Arte Contemporânea, no Masp), tinha o propósito de educar para as artes plásticas, gráficas e urbanísticas. Os projetos edificados são emblemáticos e definidores de paisagens paulistanas, entre eles o Museu de Arte de São Paulo – MASP, o SESC-Pompeia e o Teatro Oficina, todos em São Paulo (Oliveira e Reis, 2018: 588).

A vivência de Lina no Brasil conteve o conhecimento de outras realidades ao percorrer várias regiões do Brasil. Entre 1958 e 1964 esteve em Salvador para criar e dirigir o Museu de Arte Moderna da Bahia (MAMB), o que, conforme Grinover (2018), «abriu a maior oportunidade da carreira artística e intelectual da arquiteta», o que foi atribuído também à experiência como docente no curso de Teoria e Filosofia da Arquitetura na Faculdade de Arquitetura da UFBA, desde o ano de sua che-

==

<sup>2</sup> Grinover (2018: 158-159) assinala que não era grande o panorama da produção da *Habitat* no campo editorial em São Paulo, assim como outras revistas da época. Mas a *Habitat* era a única orientada para a formação de uma cultura nacional moderna, assumindo uma configuração editorial baseada no princípio do debate das diversas linguagens artísticas no domínio da cultura. As outras revistas estavam focadas nas questões da construção ou da decoração.

gada a cidade até 1964, com fechamento do MAMB pelos militares (Grinover, 2018: 41).

Desde que aceitou o convite para dirigir o Museu de Arte Moderna da Bahia, Lina Bo Bardi pensava num museu em Salvador que fosse dinâmico, educativo e direcionado ao debate sobre culturas modernas e populares. Conjuntamente à elaboração da proposta do MAMB, Lina Bo Bard investia na criação do Museu de Arte Popular e de uma Escola de Desenho Industrial (Grinover, 2018: 41-43). Entre 1962 e 1963, foi instalada no Solar do Unhão, a partir do projeto de restauração feito pela própria arquiteta, a Escola de Desenho Industrial, elaborada como parte das atividades inerentes ao Museu de Arte Popular (Rossetti, 2003: s.p.).

Havia um elo entre a criação destas instituições e a elaboração de uma ação educativa conjunta sobre cultura popular, buscando recursos didáticos e pedagógicos especialmente na região nordeste, com programação de viagens, pesquisas e registros do artesanato popular, observando as soluções encontradas nos objetos transformados pelo saber popular e na experiência diária, desvelando e expondo o sertão ao país.

Nosek (2018) descreve o percurso realizado por Minas Gerais em viagem de pesquisa à região da Mantiqueira, no sul de Minas, recolhendo materiais e informações para a exposição *Caipiras, Capiaus: Pau-a-Pique*, realizada

entre 29 de junho e 14 de outubro de 1980, no SESC-Pompeia:

[...] Por 15 dias, viajamos de carro pelas estradinhas de terra naquele pedaço caipira parado no tempo. Buscávamos tudo que pudesse interessar para a exposição, desde uma vassoura de gravetos à uma cama, um alambique, uma gaiola de passarinhos, impressos, tudo enfim. Trouxemos, inclusive, duas gavetas com tipos raros de música para serem usados na oficina de tipografia do SESC. (Nosek, 2018: s.p.)

Dentro de um vasto e matizado Brasil, Lina fez um percurso que permitiu despertar um olhar para dentro do país a partir de trilhas por ela abertas, mostrando soluções mínimas e o suficiente que as diversas culturas necessitavam para se manter e preservar. Percorrer os sertões em viagens, usufruir da proximidade com as variações locais e do contato com a vida familiar e comunitária dos homens do sertão, fez a arquiteta se deparar com culturas formadas nos saberes coletivos. Experiência que tende a sublimar o que já estava delineado na sua formação acadêmica e exercício profissional desde a Itália, associando indivíduos, condições de vida e ideia de natureza ao método de criação.

Lina defendia a integração entre arquitetura e natureza além de seu apelo à simplicidade técnica e à singeleza formal das construções populares (Lima, 2021: 176). De acordo com Cabral (2011: 41):

A ideia de natureza em Lina permeia a maioria de seus temas. Em um dos mais abordados por ela, o design, exprime seu conceito de natureza, que inclui necessariamente a presença humana. A arquiteta apontou a inexistência, no Brasil, do artesanato como estrutura de organização social. Fez a defesa do que nomeou de pré-artesanato, uma produção doméstica das áreas carentes, que por necessidade se utiliza do lixo como matéria-prima para executar seus objetos de uso cotidiano. São lamparinas, bules, brinquedos e peças variadas construídas a partir de dejetos industriais e naturais. Atualmente chamaríamos de reciclagem. Na visão de Lina, são produtos da cultura autóctone, genuinamente popular e criativa, que não foram devidamente considerados.

Em um breve ensaio de 1953, publicado na revista *Habitat*, chamado «O povo é arquiteto», Lina Bo Bardi escreve sobre as qualidades da «arquitetura produzida por leigos em áreas remotas do Brasil» (Bardi, 1953: 52, *apud* Lima, 2021: 175). Entende que «as pessoas simples nascem com a arquitetura no sangue, porque nascem com o espírito inato da procura, das necessidades, das oportunidades e das funções da vida». Considerando que «ideias extravagantes [...] são vedadas às pessoas pobres que constroem suas casas», argumentando que os «telhados de palha não deixam nada a desejar, se comparados aos mais belos telhados» (Bardi, 1953: 52, *apud* Lima, 2021: 175).

Lina não se restringiu à sua formação de arquiteta, assumindo com grande habilidade múltiplos ofícios. Desbravadora de sertões e recantos brasileiros, buscava avidamente referências genuínas para usufruir no seu processo criativo.

Estudos sobre a obra da arquiteta, via de regra, mencionam um trabalho executado em equipe, levando a crer que se tratava de uma característica particular de Lina enquanto desenvolvia suas tarefas, optando pela realização em grupo, acompanhada de colaboradores e auxiliares, garantindo assim uma produção participativa, que ocorria nas viagens de pesquisas, nas pranchetas, ou no canteiro de obras. Ferraz (2021) destaca a liderança de Lina, como responsável pelos trabalhos, «tinha sempre a última palavra», mas era uma «relação de muita parceria, de muita troca [...]». No caso do SESC Pompeia, onde trabalhamos por nove anos (1977-1986), André [Vainer] e eu entramos como estagiários e, posteriormente, passamos a colaboradores» (Ferraz, 2021: s.p.).

### **3. SESC-Pompeia: lugar de experimentos para uma «arquitetura pobre»**

Para Lina Bo Bardi «[...] a América é uma sociedade aberta, com prados floridos e o vento que limpa e ajuda. Assim, numa cidade entulhada e ofendida pode de repente surgir uma

lasca de luz, um sopro de vento» (Bardi *et al.*, 1986: s.p.).

A cidade «entulhada e ofendida» é São Paulo, lugar em que optou por viver grande parte de sua vida, até sua morte em 1992. O SESC Pompeia é a «lasca de luz» e o «sopro de vento» no meio do caos da cidade, a «cidadela da liberdade» (Vacaro *et al.*, 2015: 33-34), que quer dizer: «Cidadela, do inglês “goal” – igual a “meta” ou “ponto de defesa de uma cidade” –, foi o termo usado por Lina Bo Bardi para designar o conjunto; e Liberdade é o sentimento comum do rico e variado público que frequentava a nova/velha fábrica» (cf. Latorraca, 1999: 11).

O SESC-Pompeia está situado na Vila Pompeia, um bairro que como tantos outros da cidade de São Paulo teve seu loteamento originado de chácaras. Local que abrigou fábricas, e vilas operárias para moradias de seus trabalhadores, devido à proximidade com a antiga estrada de ferro Santos-Jundiaí, facilitou a atividade industrial na região e ocupação por grande número de imigrantes, a maioria italianos e espanhóis.

Nos anos de 1930 foi construída uma fábrica de tambores de óleo pela firma alemã Mauser & Cia Ltda, comprada em 1945 pela Indústria Brasileira de embalagens –IBESA, fabricante de tambores, que instalou em seu espaço a Gelomatic, indústria de geladeiras a querosene (Latorraca, 1999: 15). Depois desses usos,

a fábrica ficou abandonada, para em seguida se tornar um centro de cultura e lazer, tombado como patrimônio cultural da cidade, em 2009, pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo – CONPRESP, e Patrimônio Cultural Brasileiro, em 2015, integrado ao patrimônio nacional por seus valores técnicos e estéticos e também por ser considerado um marco da arquitetura do Brasil, segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

Projetado pela arquiteta Lina Bo Bardi, a partir do restauro de uma antiga fábrica de tambores, a obra foi realizada entre os anos de 1977 e 1986, sendo a primeira etapa inaugurada em 1982, correspondente à restauração dos galpões, cujos critérios básicos e linhas gerais de ação foram procedentes da Carta de Veneza – uma visão dinâmica que deixa evidente a história viva do edifício e o respeito ao material original, deixando visíveis as diversas técnicas empregadas ao longo do tempo.

Lina descreve como foi sua primeira visita a antiga fábrica:

Entrando pela primeira vez na então abandonada Fábrica de Tambores da Pompeia, em 76, o que me despertou curiosidade, em vista de uma eventual recuperação para transformar o local num centro de lazer, foram àqueles galpões distribuídos racionalmente conforme os projetos ingleses do começo da industrialização europeia,

nos meados do século XIX. Todavia, o que me encantou foi a elegante e precursora estrutura de concreto. Lembrando cordialmente o pioneiro *Hennebique*<sup>3</sup>, pensei logo no dever de conservar a obra. Foi assim o primeiro encontro com aquela arquitetura que me causou tantas histórias, sendo consequência natural ter sido um trabalho apaixonante. (Latorraca, 1999: 27)

As primeiras impressões de Lina sobre o local se concentraram na parte física do edifício, nos elementos materiais e estruturais da construção. Mais tarde, a ambiência do lugar que a seduziu, vendo que as pessoas haviam tomado a fábrica abandonada e criado um ponto de encontro:

Na segunda vez que lá estive, um sábado, o ambiente era outro: não mais elegante e solitária estrutura *hennebiqueana* mas um público alegre de crianças, mães, pais, anciãos passava de um pavilhão a outro. Crianças corriam, jovens jogavam futebol debaixo de chuva que caía dos telhados rachados, rindo com os chutes da bola na água. As mães preparavam churrasquinhos e sanduíches na entrada da rua Clélia; um teatrinho de bonecos funcionava perto da mesma, cheio de crianças. Pensei: isto tudo deve continuar assim, com toda esta alegria. Voltei muitas vezes, aos sábados e aos

domingos, até fixar claramente aquelas alegres cenas populares. (Latorraca, 1999: 27)

A construção da Fábrica SESC-Pompeia foi um processo, lugar de experimentos em amplos domínios da arquitetura, passando pelo restauro e o design<sup>4</sup>, testados e aplicados para validar a originalidade da proposta de um projeto urbano que garantisse a manutenção do convívio comunitário ao qual Lina faz referência. Destacamos dois pontos norteadores da atuação da arquiteta na concepção do projeto. Primeiramente, buscando no ambiente da antiga fábrica um alento, observando como se relacionavam com o espaço os frequentadores do lugar. Em seguida, na opção por manter a estrutura do projeto original a partir do que chamou de «arquitetura pobre».

Na revista *Habitat*, início da década de 1950, Lina expõe que seu conceito de uma «arquitetura pobre» se sustentava na necessidade do reconhecimento que «a função (social) da arquitetura é, antes de tudo, conhecer a maneira de viver do povo em suas casas e procurar os meios técnicos de resolver as dificuldades que atrapalham a vida de milhares de pessoas» (Bardi, 1952: 3, *apud* Lima, s.d.: 136).

==

<sup>3</sup> Tipologia construtiva referente a um sistema de viga-estrutura de suporte em concreto armado cujo pioneiro na execução foi o seu criador, o engenheiro francês François Hennebique.

<sup>4</sup> Não iremos nos deter neste artigo no campo do design, mas ressaltamos que as experiências são de grande relevância para os estudos sobre a obra de Lina Bo Bardi, uma vez que o projeto do mobiliário para as dependências do SESC-Pompeia é de sua autoria.

Lina volta a se referir ao conceito em outras ocasiões, e na opção de realizar a obra do SESC-Pompeia mantendo a estrutura, vendo na manutenção do projeto original a possibilidade de recuperar o conjunto a partir da percepção do que chamava de «arquitetura pobre», ou seja, «não no sentido de indigência, mas no sentido artesanal que exprime comunicação e dignidade máxima através dos menores e humildes meios» (Bardi, 1980, *apud* Bechara, 2017: 137).

Lugar de vivências para arquiteta e seus principais colaboradores, Marcelo Ferraz, André Vainer e Marcelo Suzuki, a antiga fábrica vinha desvelar uma forma de fazer arquitetura com certo ineditismo devido às razões da encomenda projetual, caracterizada pelo restauro, quando a fábrica ainda não era tombada e a prática do restauro no Brasil se mostrava um desafio.

Lina havia estudado técnicas de restauro na sua educação romana (Lima, s.d: 138), e a experiência no Solar do Unhão abria fecundas possibilidades de ação. Porém, a falta de mão-de-obra especializada se colocava como um obstáculo ao projeto. Uma carta de sua autoria ao SESC, justificando a importância de sua presença na obra, estava relacionada às características da mão-de-obra.

[...] as dificuldades encontradas no campo da restauração de monumentos de valor histórico ou artístico, devidos à perda das atitudes artesanais da mão de obra e mestres, que trabalham ocasionalmente neste campo, com escasso preparo cultural, dado que na cidade de SP inexistem tradições arquitetônicas histórico-culturais de outras regiões do país como, por ex, Minas e Bahia, dada esta perda de continuidade de uma tradição artesanal da arquitetura, com as consequentes dificuldades, achamos necessária a assistência direta do arquiteto neste campo. (Bardi, 1980, *apud* Bechara, 2017: 137)

Sobre o tema da restauração, Kuhl (2020) avalia que ainda faltam estudos com uma visão abrangente e sistematizada que permitam uma análise profunda do conjunto das restaurações feitas em bens culturais arquitetônicos na década de 1980 no Brasil. Nesse sentido, a declaração de Lina pode sinalizar para uma das razões dessa ausência. Porém, ainda que cercada de limitações nesse aspecto, a obra do SESC é reconhecida como um caso emblemático e de destaque nesse campo.

Apesar de se voltar a uma edificação que, na época, não era reconhecida oficialmente como bem cultural, recai no campo do restauro a pleno título pelo fato de se tratar de um complexo de interesse para a cultura e feito de acordo com os princípios de intervenção do campo do restauro. (Kuhl, 2020: s.n.)

A obra foi executada com amplos espaços e materiais construtivos diversos, com a predominância do concreto e os tijolos aparentes remanescentes da antiga construção. Os galpões da fábrica foram transformados em biblioteca, teatro com a plateia dos dois lados do palco, espaços para exposições e jogos, lugar de convivência, com espaço cênico, lanchonete, restaurante e palco. O bloco esportivo, finalizado em 1986, última etapa do projeto, é composto da piscina, deck/solarium, lanchonete, dois blocos de concreto aparente, interligados por passarelas que levam aos quatro ginásios esportivos.

Lina manteve a antiga «rua» entre os galpões, conservando o calçamento original de paralelepípedo, assim como os tijolos aparentes dos galpões. Naquilo que foi acrescentado, prevaleceu a opção pela simplicidade dos materiais, como por exemplo as paredes das oficinas de criatividade, em blocos de cimento, com meia parede, sem pinturas e acabamentos e sem portas de entrada.

Na década de 1970, Graziela Bo Valentinetti, irmã de Lina Bo Bardi, e presidente do Instituto Lina Bo e P.M.B. comenta:

«[...] acompanhei desde o início a transformação do SESC Pompeia, realizada com sensibilidade, inteligência e atenção histórica [...]». Tempos depois, avalia: «Muitos anos se passaram, e ainda hoje o SESC Pompeia continua lá, lotado de gente de

todo o tipo: crianças, idosos e jovens [...]».

(Latorraca, 1999: 27)

No esforço de consagrar seu trabalho ao público, Lina Bo Bardi exercitou um fazer para a coletividade trazendo ideias retiradas de suas impressões quando esteve no local, gerando uma dinâmica que acrescenta ingredientes novos à sua arquitetura, como o apelo emocional, que se expressa na criação de um pequeno riacho serpenteando a área de exposição. Nesse riacho, denominado Rio São Francisco, sua outra «margem» pode ser alcançada com apenas um passo, permitindo a alegoria livre partindo da sensação de quem o atravessa.

Perspicácias na obra de Lina são como uma «caça ao tesouro» no sentido lúdico. A simbólica homenagem ao nosso «Velho Chico» e as oficinas de criatividade projetadas sem portas, para seduzir e permitir a todos o acesso, podem ser compreendidas como recursos imateriais para uma «arquitetura pobre». O caráter coletivo é expresso no todo da obra, mas são nas pequenas sutilezas dos detalhes construtivos que elas flutuam. Essas sutilezas, que propõem reflexões acerca do sentido comunitário que o lugar transmite, funcionam como códigos que todos podem compreender, passando à experiência deleitante que o ambiente desperta.

## Bibliografia

### Impressa

Anelli, R.L.S. (2001). *Interlocuções com a arquitetura italiana na constituição da arquitetura moderna*. Edusp. São Paulo;

Bardi, L.B. (1980). *Carta de pedido de suporte técnico, 02/1980*. Acervo do ILBPMB, Doc. 01.0014.05. São Paulo;

Bardi, L.B. (1953). O povo é arquiteto. *Habitat*, **10**: 52;

Bardi, L.B. et al. (1986). *Centro de Lazer – SESC – Fábrica Pompéia*. Editorial Blau/ Instituto Lina Bo/P.M.Bardi. São Paulo;

Cabral, M.C. (2011). Bo Bardi. Da natureza das coisas às coisas da natureza em Lina Bo Bardi. De suas leis não podemos fugir. Em: L.C., *Razão e Ambiente* (eds.), mam SP. São Paulo;

Grinover, M. (2018). *Uma ideia de arquitetura. Escritos de Lina Bo Bardi*. (1ª. ed.). Annablume. São Paulo;

Latorraca, G. (1999). *Cidadela da liberdade*. Edições Sesc.São Paulo/Instituto Lina Bo e P.M. Bardi. São Paulo;

Lima, Z. (2021). *Lina Bo Bardi: O que eu queria era ter história*. (1.ª ed). Companhia das Letras. São Paulo;

Vacaro, B. et al. (2015). *A cidadela: O SESC Pompeia de Lina Bo Bardi*. C4, Coleção Arranha-céu. São Paulo.

### Digital

Anelli, R.L.S. (2010). Ponderações sobre os relatos da trajetória de Lina Bo Bardi na Itália. *Revista PósFAUUSP*, 27: 86-101. Acedido a 24 de março de 2025, em: <https://revistas.usp.br/posfau/article/view/43682>;

Bechara, R.C. (2017). *A atuação de Lina Bo Bardi na criação do Sesc Pompeia (1977-1986)*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo USP. São Carlos. 198 pp. Acedido a 18 de março de 2025, em: <https://repositorio.usp.br/item/002828476>;

Ferraz, M. (2008). Numa velha fábrica de tambores. SESC-Pompéia comemora 25 anos. *Revista Vitruvius – Arqtextos*, **8**. Acedido a 23 de abril de 2025, em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/08.093/1897>;

Ferraz, M. (2021). Brasil arquitetura e Lina Bo Bardi: Continuidades e independências [entrevista]. *Vitruvius – Arqtextos*, **22**. Acedido a 5 de março de 2025, em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/22.085/7998?page=2>;

Kuhl, B.M. (2020). Restauração arquitetônica na década de 1980 no Brasil a partir dos exemplos da *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. *Anais do Museu Paulista*, **28**. Acedido a 15 de abril de 2025, em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/GMbN74kGPFsfvhCWGYH8zVm>;

Lima, Z.A. (s.d.). *Lina Bo Bardi, Entre Margens e Centros*. PROPAR – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura. Arqtexto 14, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Acedido a 5 de março de 2025, em: <https://www.ufrgs.br/propar/arqtexto/arqtexto-14>;

Nosek, O. (2018). Sol quente e nuvens velozes. Fragmentos de uma colaboração. *Vitruvius – Arqtextos*, **17**. Acedido a 18 de março de 2025, em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/17.204/7196>;

Oliveira, M. et al. (2018). O idealismo de Lina Bo Bardi na construção da cidade contemporânea: O MASP como espaço democrático. Em: Souza, M.P. et al. (orgs.). *VI Encontro do Grupo de Trabalho da Asociación de Historiadores Latinoamericanistas e Europeos (AHILA) – Cultura e História na Criação Intelectual na Europa e na América Latina, Sséculos XIX e XX*, Brasil, 16-18 maio 2018. pp. 583-593.

Acedido a 17 de março de 2025, em [http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/Ahila2018\\_completo.pdf](http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/Ahila2018_completo.pdf);

Rossetti, E.P. (2003). Tensão moderno/popular em Lina Bo Bardi: Nexos de arquitetura. *Revista Vitruvius – Arqtextos*, **3**. Acedido a 16 de março de 2025, em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/03.032/717>.



Figura 1 – Rua paralelepípedo separando os dois antigos galpões. Autoria de Yara Reis, abril de 2025.



Figura 2 – Blocos de concreto da área esportiva.



Figura 3 – Estrada do Sesc Pompeia, na Zona Oeste de São Paulo. Autoria de Paulo Toledo Piza, G1. <https://gl.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/11/25/unidades-do-sesc-ampliam-atividades-para-publico-geral-a-partir-de-1-de-dezembro-em-sao-paulo.ghtml>



Figura 4 – Antigo galpão transformado em sala de leitura e biblioteca. Autoria de Yara Reis, abril de 2025.



Figura 5 – Uma referência do projeto de Lina Bo Bardi ao Rio São Francisco. <https://jornaldagente.tudoeste.com.br/2021/08/07/sesc-pompeia-e-considerado-uma-das-25-obras-arquitetonicas-mais-importantes-do-pos-guerra>



Figura 6 – Oficina de cerâmica, sem a porta de entrada. Autoria de Yara Reis, abril de 2025.

## Valores culturais da arte urbana Cultural values in urban art

PEDRO SOARES NEVES<sup>1</sup>

**Resumo:** É feita a contextualização, construção de conhecimento e proposta de conceitos organizadores sobre a arte urbana, destacando-se a produção única de conhecimento sobre a história dos factos relativos ao *graffiti* e *street art* em Lisboa, exercício com abordagens de aproximação já desenvolvidas por diversos autores, mas que aqui se revisita e reforça, com base na experiência empírica de uma análise participante que dura há mais de 25 anos. Conclui-se da análise dos dados recolhidos que a valorização cultural predominante trata dos valores sociais, sugerindo-se formas específicas de documentação e disseminação como propostas de conservação.

**Palavras-Chaves:** Arte Urbana; *graffiti*; *street art*; valor cultural.

**Abstract:** Contextualization, knowledge building, and the proposal of organizing concepts about Urban Art are carried out, highlighting the unique production of knowledge about the history of facts related to graffiti and street art in Lisbon, an exercise with approaches already developed by several authors, revisited and reinforced here based on the empirical experience of a participatory analysis that has lasted for more than 25 years. It is concluded from the analysis of the data collected that the predominant cultural appreciation deals with social values, suggesting specific forms of documentation and dissemination as conservation proposals.

**Keywords:** Urban Art; *graffiti*; *street art*; cultural value.

==

<sup>1</sup> CIEBA, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, Portugal; ITI/LARSyS, Instituto Superior Técnico, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-3767-9785>.

## 1. Introdução

O *graffiti*, *street art* ou arte urbana são fenómenos abrangentes, desenvolvem-se em arcos temporais mais curtos ou mais dilatados, conforme a abordagem, e estão mais ou menos presentes na globalidade dos contextos urbanizados.

De gravuras com 30.000 anos (por exemplo em Foz Côa) até à produção contemporânea de *graffiti* e *street art*, algo de comum se transporta ao longo dos tempos. A partir das mais diversas perspetivas científicas (entre outras, da Arqueologia, da História, das Ciências da Arte, Humanas e Exatas), são caminhos de pesquisa que se desenvolvem dependendo do entendimento que cada investigador tem sobre a produção de marcas na paisagem.

Face aos *graffiti* dos Estados Unidos da América, de imaginário construído em torno do designado *hip hop*, o papel da Europa é mais significativo do que se possa pensar, pois o *graffiti*, quando se dissemina pela Europa, ganha diversidade plástica e conceptual (Waclawek, 2008).

As reinvenções introduzidas pela cultura juvenil europeia encontram na Barcelona dos anos 1990 um revigorante espaço de criação, abrindo caminho para o desenvolvimento da *street art*. As autoridades da capital da Catalunha, na necessidade de controlo do espaço público, põem fim ao desenvolvimento deste processo. Em contraponto, Lisboa, em 2008, veio a desenvolver uma articulação institu-

cional com uma «massa crítica» cultural já existente, que torna esta cidade, em termos globais, foco de atenção não só mediática mas também prática.

A identificação dos valores culturais do objeto de estudo (focado em Lisboa) é, assim, crucial para o entendimento do fenómeno como um todo, não só como elemento marginal de um universo e cultura global, mas também como um dos seus ingredientes essenciais de criação, comunicação e construção.

A partir da pergunta «Como conservar os valores culturais da arte urbana?», delimito na minha tese, tendo como objeto de estudo a arte urbana produzida em Lisboa de 2008 a 2014, objeto informado pela ocorrência de intervenções murais de grande escala posteriores a 1974, pelo *graffiti* de 1980 a 2000 e pela *street art* no início do século XXI.

Na definição do que se entende por arte urbana em Lisboa, de 2008 a 2014, justifica-se a proposta de três conceitos operativos isolados, as tipologias 1, 2 e 3 de interpretação da arte urbana de Lisboa (Neves, 2015):

T1 – Arte urbana como signos visuais (não intencionais e/ou consentidos);

T2 – Arte urbana como *graffiti* e *street art* (não consentidos);

T3 – Arte urbana como *street art murals*, murais de arte contemporânea e/ou arte pública (consentidos e ou comissionados).

É através desta definição e proposta tipológica que se procurará identificar quais os valores culturais implicados (entre outros, os valores estéticos, éticos e socioeconómicos).

## 2. Contextualização do objeto de estudo

No contexto do objeto de estudo, a Antropologia Visual, através da Etnografia e da Etnologia, contribuiu para o entendimento sobre o que é e qual a natureza da arte urbana e ajudou a identificar os seus valores culturais. Em relação à conservação dos valores culturais, recorreu-se às áreas de conhecimento relativas à inventariação, documentação e conservação do património imaterial.

Descrevo aqui, sumariamente, o estado da arte relativo à produção de conhecimento sobre os três conceitos presentes na pergunta de investigação («Como conservar os valores culturais da arte urbana?»): Arte Urbana (2.1.1.), Valores Culturais (2.1.2.) e Conservação do Património Cultural (2.1.3.).

### 2.1. Arte Urbana

Como objeto de estudo, e pelo propósito da investigação, assume-se que a designação Arte Urbana contempla um período que dista entre dois eventos culturais ocorridos em Lisboa, em 2008 e 2014, isto é, entre o evento designado *Qual o futuro das paredes do Bairro Alto*, em julho de 2008, na Galeria Zé dos Bois (ZDB), e a exposição individual de Alexandre

Farto, Vhils, *Dissecação*, em julho de 2014, na Fundação EDP. O primeiro evento pode considerar-se (Ferro, 2011) um momento crucial para a criação do projeto assumido pelo Município de Lisboa que se veio a designar *Galeria de Arte Urbana*. Por outro lado, considerou-se como limite final a exposição individual de A. Farto *Dissecação* por representar o culminar do envolvimento e assimilação do «mundo» da arte urbana pela arte contemporânea e a arte pública (Moore, 2010). Aqui, a expressão «arte urbana» assume um significado análogo à designação que já tinha sido utilizada a propósito do programa de arte no espaço público da Expo 98, distanciando-se assim do que liga a designação Arte Urbana ao *graffiti* e à *street art*.

Um alargado conjunto de áreas disciplinares observa de diferentes ângulos esta problemática, produzindo diferentes pontos de vista que se têm vindo a relacionar e reconhecer mutuamente (Neves, 2014). Para a melhor definição do estado da arte da arte urbana serão também aqui abordados, com maior profundidade, os conceitos de *graffiti* e *street art*.

### 2.2. Estado da arte da análise dos valores culturais

Manifestações artístico-culturais como as que se analisam no âmbito deste estudo não são distintas em grau e nível da multiplicidade de outras formas de património cultural, pois contêm variadas camadas de valores associados, sendo impossível, como é evidente,

existir uma só resposta para a pergunta «qual o valor cultural da arte urbana?». Outro aspeto importante é que as várias respostas possíveis não são sempre as mesmas, elas mudam com o tempo e as circunstâncias. A noção de valor não provém isoladamente do objeto em análise, provém da interação do objeto com o contexto, e este está sempre em mudança, no seu dinamismo essencial.

Para uma abordagem holística em relação aos valores culturais, temos de os observar à luz das referências sociais, históricas e espaciais, tendo em conta o ponto de vista de quem está a proceder à avaliação, porque o faz, porquê naquele momento, porquê naquele local. Com efeito, existem valores intrínsecos aos objetos de estudo e estes são tendencialmente mais estáveis, pelo que procuramos encontrar um caminho de análise intermédia, de reconhecimento da quase imutabilidade de alguns valores (Kubler, 1962) e da observação de valores em constante reposicionamento:

*Value is formed in the nexus between ideas and things.*<sup>2</sup> (Mason, 2008: 8)

A análise de valores culturais segue duas tendências (Mason, 2008): a de permitir que um valor se sobreponha aos restantes e a de considerar que todos os valores são igual-

mente importantes. Ambas as abordagens são questionáveis, a primeira porque, potencialmente, exclui categorias com relevância, e a segunda porque leva a uma dissolução do valor do objeto como um todo. Não é possível analisar de forma objetiva os valores culturais de determinado objeto de estudo de forma pura, à semelhança de um químico, por exemplo, que decompõe as propriedades de um composto para determinar as suas partes constituintes. A subjetividade dos valores culturais torna difícil estabelecer metodologias claras e nomenclaturas estáveis.

Os valores socioculturais estão ligados aos objetos pelo significado que estes detêm para pessoas de distintos grupos, como, entre outros, os geográficos e etários. Por exemplo, analisando um templo, podem a este associar-se valores religiosos pelo culto, que, por sua vez, também podem ser analisados como valores históricos, pela relevância ao longo do tempo, como valores artísticos, pela qualidade dos seus elementos pictóricos, escultóricos e/ou arquitetónicos, ou como valores sociais, pelo seu uso coletivo, se ali também ocorrem encontros não-religiosos, como reuniões de moradores ou festas.

De notar que ao longo da descrição dos diversos valores não existe especificamente nenhum valor político. Seguindo as referências

---

<sup>2</sup> «O valor é formado no nexo entre ideias e coisas» (tradução livre).

que estabelecem o estado da arte (Mason, 2008), este valor está incorporado em todos os outros. Os valores são centrais em termos políticos, pois é com base na articulação de diversos valores que as decisões políticas são tomadas, implicando consequências para com o património cultural.

O valor histórico está na raiz da noção de património. A relação ou reação ao passado que se incorpora no objeto cultural é fundamental para o seu entendimento enquanto património. O valor histórico pode derivar de diversas categorias: a idade material do objeto em análise, a associação a pessoas ou ocorrências, a sua raridade e singularidade, as suas qualidades tecnológicas, o seu potencial de documentação e arquivístico. De referir duas subtipologias de valor histórico: o valor educativo/académico, o potencial para a aquisição de conhecimento sobre o passado projetado no futuro; e o valor artístico, entre outros aspetos, baseado na singularidade do objeto.

O valor cultural e simbólico dimana da importância que a história e o património detêm como elementos centrais das culturas, das ideias, dos materiais e hábitos que nos são transmitidos através dos tempos. Assim, o valor cultural e simbólico (tal como o valor histórico) é parte integrante da noção de património: não existe património sem valor cultural. Este é usado para construir, no presente, relações culturais com dimensões históricas, políticas, étnicas, ou outras manifestações que

refletem a forma como nos organizamos e manifestamos. A forma aqui adotada de valor cultural e simbólico refere-se aos significados partilhados, que não têm de ser necessariamente históricos. Aqui, o valor político (sempre presente) manifesta-se na relação do património com a manutenção ou construção das relações cívicas, na legitimação de governos, no gerar de forças de protesto e causas ideológicas. Estes valores provêm da ligação entre a vida cívica e social com o contexto físico, e a particular capacidade que o contexto físico tem para estimular a reflexão e o comportamento (político) que constrói a nossa sociedade. O valor identitário é, com frequência, um dos aspetos mais importantes do património, projetando-se nas formas de construção, no saber fazer, constituindo também um fator de união entre grupos.

O valor social, próximo do conceito de «capital social» (Mason, 2008), abundantemente usado na área das Ciências Sociais, quando em ligação ao património, permite desenvolver relações sociais, redes e outras relações não necessariamente ligadas aos valores históricos. A relação afetiva com os lugares está aqui incluída; o valor de identidade, a coesão e outros sentimentos de filiação de grupos sociais provêm também de características territoriais. O valor religioso e espiritual surge da relação com crenças e ensinamentos provenientes da doutrinação por parte de religiões organizadas, mas também de processos de envolvimento emocional, até mesmo transcen-

dental, que nos ligam a determinados objetos patrimoniais. O valor estético decorre de um vasto conjunto de qualidades: no que às artes plásticas diz respeito, no seu centro estão as qualidades visuais. As muitas interpretações de beleza, de sublime, constituem desde há muito um dos mais relevantes critérios para a identificação de património. O valor estético inclui, na verdade, todos os cinco sentidos, associando assim a experiência estética a uma experiência sensorial, de bem-estar. O valor de legado foca-se na intenção de garantir a transmissão do património a futuras gerações.

O valor económico é uma das formas predominantes pelas quais a sociedade identifica, avalia e decide o valor das coisas. Sobre-põe-se a quase tudo, categorizando os valores socioculturais descritos (como, por exemplo, os históricos, sociais, estéticos). Associam-se às escolhas do consumidor opções entre utilidade e preço. Porém, nem todos os valores económicos são expressos em termos do seu preço de mercado. Os valores económicos associados à conservação do património são predominantemente entendidos como bem público, refletindo decisões coletivas e não decisões pessoais (associadas à lógica de mercado). Existe uma clara distinção entre os valores que podem ser representados legitimamente em termos de preço (valores privados

que podem ser transacionados como mercadoria) e os fatores que modelam a alocação de recursos coletivos, considerados bens comuns não transacionáveis (Mason, 2008).

O valor do uso, como valor de mercado, é um valor ao qual se pode associar um preço. No âmbito dos valores culturais, o valor do uso refere-se aos bens e serviços associados ao objeto patrimonial. Já ao valor do não-uso, valor que não é transacionável, trata-se de uma forma, do ponto de vista dos valores económicos, de observar os valores socioculturais, pois muitas das qualidades dos valores socioculturais não são quantificáveis ao nível do seu preço (por exemplo, o valor espiritual ou religioso, ou o valor identitário).

### 2.2.1. Valor económico da arte urbana

Abordar a Economia no campo da cultura e das artes não é um tópico fácil (Pereira, 2016). Fernando Pessoa, no conto *O banqueiro anarquista*<sup>3</sup>, fala-nos de um banqueiro que afirma ser o verdadeiro anarquista, enquanto os outros, que usam bombas, são só teóricos, pseudoanarquistas. Este conto tem particular ressonância para o efeito do caso de estudo, pois se é verdade que vivemos tempos onde tudo é tendencialmente medido através do seu impacto económico, a relação entre o conto e esta investigação alicerça-se na «crise» que

==

<sup>3</sup> O único conto que Fernando Pessoa conseguiu publicar em vida, em maio de 1922, no número de estreia da revista *Contemporânea*.

caracterizou o ambiente social e económico entre 2008 e 2014, que teve precisamente origem no sistema bancário e na sua especulação aparentemente desregrada e anárquica.

No período em causa (2010-2014), verificou-se que, ao mesmo tempo que ocorriam comportamentos, no mínimo, reprováveis (se não mesmo ilegais) do sistema bancário, com forte impacto negativo na vida de milhares de pessoas (Alves, 2010), muitos dos participantes das então populares manifestações subculturais do *graffiti* e da *street art*, ainda que enraizados nos padrões de ilegalidade que os caracterizam, encontraram caminhos de rentabilização económica, de forma e impacto até então nunca vistos, através da criação de novos públicos, ou na relação com o(s) mercado(s) da arte já estabelecidos.

Globalmente, sofre-se o impacto de uma tempestade financeira global no fim da primeira década do século XXI. A tendência de queda que já se antevia manteve-se entre 2008 e 2010, concretizando-se com um profundo afundamento económico em 2011, obrigando ao resgate financeiro (pelo FMI), que durou até 2014. Em grande medida, os investimentos ao longo dos anos não se dirigiram para a reabilitação dos edifícios no centro da cidade, existindo muitos prédios devolutos com grande visibilidade, dada a sua localização privilegiada (por exemplo, na Av. Fontes Pereira de Melo).

Em traços gerais, este contexto social, económico e infraestrutural da cidade de Lisboa relaciona-se com uma maturidade do desenvolvimento de atividades do tipo *graffiti* e *street art* (conceito desenvolvido adiante no presente texto).

Aqui, é relevante deixar clara a profunda diferença de disponibilidade de recursos para a produção de elementos de arte no espaço público (como escultura pública ou arte pública). Durante os anos 1990, os orçamentos para este tipo de atividades foram milionários, olhando, por exemplo, para a arte urbana da Expo 98. Já dez anos depois, em 2008, o contexto económico era dramaticamente diferente: existiam, porém, autores e iniciativas (nacionais e internacionais) que demonstravam a conciliação entre a vontade de intervir e pinturas murais de grandes dimensões de forma voluntária (sem honorários para os seus autores, habituados às práticas autopromovidas e propostas do *graffiti* e *street art*). Bastava garantir as condições de produção, plataformas elevatórias e empenas. O facto de haver poucos recursos, juntamente com a vontade de produção gratuita, encontrou nos muitos edifícios devolutos terreno fértil para prosperar.

Foram-se conciliando diversos fatores: a necessidade de gerir os já muitos *graffiti* que caracterizavam a cidade (sobretudo no Bairro Alto, e generalidade do centro histórico); a disponibilidade para intervir; a disponibilidade de espaços. Tudo levou ao aproveitamento

das circunstâncias (sobretudo por parte dos promotores institucionais) para gerar grandes impactos através de muito poucos recursos.

A situação evoluiu em dois sentidos predominantes. O primeiro, relacionado com o turismo, *branding* e imagem da cidade na sua divulgação junto do público estrangeiro, catalisado pela oferta de voos de baixo custo. O segundo sentido consistiu na geração de um «ecossistema» empreendedor de alguma forma ligado à ideia de cidade criativa. São também identificáveis relações entre o turismo e a ideia de cidade criativa. As estadias de curta duração estão fortemente dependentes da visibilidade da oferta (principalmente seguindo os desenvolvimentos das tecnologias de informação), dos aspetos de estabilidade política e segurança e da acessibilidade (rápida e barata) (Turismo de Portugal, 2006).

Será também de considerar a ideia de consumidor que surge com a *internet*, que, resumidamente, representa a mudança de paradigma de consumo protagonizada pela ideia do consumidor que é simultaneamente o produtor dos conteúdos, *prosumer* (Toffler, 1980), passando a oferta (sobretudo *online*) a centrar-se nas características das plataformas. Esta ideia, quando transportada para o espaço público (como meta-plataforma), tem evidentes resso-

nâncias (entre muitas outras) nas práticas de *graffiti* e *street art*.

Habitualmente presente nas rubricas de *life style* ou de turismo – *short breaks*, *graffiti* e *street art* (no período em análise) tornou-se um ingrediente extra para a promoção das cidades, e Lisboa não foi exceção. Iniciativas comerciais como *Lisbon street art tour*, *The real Lisbon street art tour*, *Underdogs tours* e *Street art bike tour* são alguns dos exemplos que se desenvolveram com base na articulação entre criação no espaço público e desenvolvimento de negócio, alinhada com políticas culturais específicas da cidade (de baixo custo).

Analisando o fenómeno com detalhe, verificamos que 30% de todos os trabalhos existentes em Lisboa estão ligados a setores criativos. 47% do valor acrescentado bruto foi gerado por 22.000 empresas do setor criativo, existindo mais de 100 instituições de ensino superior, que, em média, formam 33.000 licenciados por ano.<sup>4</sup>

Destas, são várias as atividades associadas às práticas de *graffiti* e *street art* (arte urbana). Desde 2008, identificam-se como exemplos: 2008 e 2009 – *Visual Street Performance*; 2010 – Projeto CRONO; 2011-2014 – *Writer's Delight*; 2011 – *Book a Street Artist*; 2013 – *Underdogs*; 2013 – APAURB; 2014, 2014-2015

==

<sup>4</sup> Veja-se o *blueprint* sobre a economia criativa da cidade de Lisboa, documento que resulta de uma parceria ativa com os diversos atores do setor criativo da cidade, Câmara Municipal de Lisboa (2013).

– *Mistaker Maker*; 2014 – *Lisbon Street – Art and Urban Creativity*; 2014 – André no MUDE (exposição); 2014 – Vhils na EDP (exposição); 2014 – *Street Art Lisbon* (guia, livro); 2015 – *Lata 65*; 2015 – *Urban-Art* (decoração de interiores).

Olhando para este exemplo, esta amostra de iniciativas, e tendo em consideração o contexto genérico (por exemplo, da promoção de políticas culturais dirigidas a este setor) e ainda o desenvolvimento das iniciativas no período em causa, torna-se possível, sem dúvida, identificar a existência de um conjunto relevante de iniciativas dentro do «setor das indústrias criativas» que está diretamente relacionado com as práticas de *graffiti* e *street art* (arte urbana).

Reconhece-se também que não se trata de uma realidade uniforme, pois o investimento na promoção destas políticas culturais foi uma percentagem muito reduzida do orçamento total dirigido às práticas de *graffiti* e *street art*. Procedendo a uma análise grosseira dos dados publicamente acessíveis (entre 2008 e 2016) relativos ao investimento da Câmara Municipal de Lisboa em arte urbana, identificamos uma média de 28.000 euros por

ano. Mesmo considerando que estes números podem ser maiores,<sup>5</sup> na realidade, dificilmente chegam a 2% do valor total que se prevê estar disponível<sup>6</sup> para a contratação de serviços de remoção de *graffiti*, com um custo estimado de 1.3 milhões de euros por ano.

Agindo de forma aparentemente contraditória, a Câmara Municipal de Lisboa demonstra alguma abertura e investimento através da Vereação e Direção Municipal de Cultura. Porém, através da Direção Municipal de Higiene Urbana, a abordagem infraestrutural delimita esta abertura (através de um investimento 98% superior, dirigido exclusivamente à limpeza de *graffiti* e cartazes). Na realidade, ambas as Direções atuam de forma coordenada, ambas seguem os seus propósitos, em prol de Lisboa como um todo. De notar, porém, que, em termos de comunicação, a Câmara Municipal de Lisboa anuncia a relação entre as Direções, responsáveis pelas ações aparentemente contraditórias de promoção e remoção. No período em análise, 2008-2014, a «imagem» de abertura municipal não é coincidente com o verdadeiro investimento da Câmara de Lisboa na remoção de *graffiti* e *street art*.

—

<sup>5</sup> Muitos dos valores disponibilizados são reduzidos e não obrigam à sua publicação no portal BASE.pt.

<sup>6</sup> «Em abril de 2016, o executivo municipal autorizou o início de um concurso público com publicidade internacional para a “aquisição de serviços de remoção de *graffiti* e cartazes”». Na altura, a autarquia previa gastar 4,2 milhões de euros nesse serviço, por um período de três anos, e outros 719 mil euros na aquisição de «serviços de fiscalização aos serviços prestados pelas empresas contratadas para a remoção» (Moreira, 2018, 19 de fevereiro).

Fica a dúvida sobre quais seriam as consequências de um maior equilíbrio entre o investimento na remoção e o investimento na promoção (se em vez de 98% – 2%, por exemplo, fosse 80% – 20%). Talvez se pudesse proporcionar melhores condições para o trabalho de criação e garantir processos de manutenção mais equilibrados a médio-longo prazo, seguramente não alheios à identificação e conservação dos valores culturais da arte urbana.

### 2.2.2. Valor político da arte urbana

Parece importante fazer também uma breve abordagem ao eventual valor político da Arte Urbana, com uma análise genérica de como se foi relacionando com os diversos graus de poder político, partidário e não partidário.

Os signos visuais, ou inscrições estudadas em arqueologia, como os *graffiti* de Pompeia, têm uma relação simbólica com a localização e relações de poder. Neste caso, constata-se o apoio a determinados gladiadores (Viitanen *et al.*, 2013). As inscrições ou murais, sendo marcas que procuram a visibilidade, detêm a capacidade de ser veículos de ideias que ajudam na organização e gestão das cidades, desde, por exemplo, o mundo urbano das cidades-estado gregas (*pólis*). Daí que a relação entre a política e as já referidas três tipologias de arte urbana se desenvolva desde sempre, sobretudo se considerada na sua dimensão não partidária.

Por outro lado, em diversos momentos, é inegável a influência e relação do comunismo com o muralismo sul-americano de Claudio Portinari, ou os murais políticos mexicanos de Diego Rivera ou David Alfaro Siqueiros na década de 1960 (Harrison e Wood, 2003). Esta adesão ideológica ao movimento comunista internacional, apesar de não linear, torna-se dominante sobretudo para determinadas práticas murais modernistas do pós-Segunda Guerra Mundial.

De referir também as práticas murais desenvolvidas no pós-25 de Abril de 1974, relação que várias vezes será referida, pela multiplicidade de ligações que estabelece com o objeto de estudo. É marcante a transversalidade do envolvimento de determinada geração, que em 1974 teria entre 16 e 40 anos, nas questões políticas e na disseminação das suas ideias, que naquela época passavam necessariamente pela distribuição de folhetos, «comunicados» e a produção de murais. Como elemento de estudo, fazemos referência a um mural de 1976, em que muitos dos envolvidos foram mais tarde altos responsáveis pelo governo do país, englobando parte significativa do espectro político recente, como o antigo Presidente da República Jorge Sampaio (MES, Movimento de Esquerda Socialista) e Durão Barroso<sup>7</sup>, com o MRPP, Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado. Este

---

<sup>7</sup> Primeiro-ministro de Portugal de 2002 a 2004 e 11.º Presidente da Comissão Europeia de 2004 a 2014.

movimento ficou popularmente conhecido por «Meninos Rabinos Pintam Paredes», dada a sua intervenção sistemática no domínio da propaganda visual, em murais quase sempre de grande efeito urbano e visual e mesmo artístico, sendo que alguns dos seus autores provinham justamente da «célula» da ESBAL (Escola Superior de Belas Artes de Lisboa) do MRPP.

A relação desta geração com a pintura mural afetou de forma empática os desenvolvimentos posteriores de aceitação relacionados com a introdução inicial do *graffiti* (tipologia 2) e, posteriormente, com outras formas mais organizadas (tipologia 3).

Novamente, e sem querer aqui aprofundar detalhes que não seguem os propósitos específicos deste estudo, será importante destacar que a pintura mural serviu e serve, como outras formas de arte, de veículo de propaganda e autopromoção política. Talvez a pintura mural, a escultura pública ou a arte pública detenham um valor de maior capacidade comunicativa pela sua grande visibilidade, em contraste absoluto com determinados aspetos da arte contemporânea. Estes, por vezes de um conceptualismo radical, e apenas expostos em museus ou acervos observados por um público restrito, escapam à lógica das peças criadas para a grande visibilidade no espaço público, que são um forte elo de ligação com a política e com a intervenção e a propaganda política.

Em 2008, na reinscrição da designação Arte Urbana associada à reabilitação do Bairro Alto abre-se um novo capítulo relacional entre *graffiti*, *street art*, muralismo, arte urbana, arte pública e política. A abordagem institucional do *graffiti* já existia; porém, era sobretudo caracterizada pela timidez ou o paternalismo. Por exemplo, a entrega dos prémios do concurso de *graffiti* de Oeiras, através do Departamento da Juventude da Câmara Municipal de Oeiras, era feita pelo presidente da Câmara, Isaltino Morais. António Costa, então presidente da Câmara de Lisboa, decide trazer a si (ao gabinete da presidência) a organização da primeira intervenção mural nos painéis do elevador da Glória, em 2008. Este facto, logo à partida, mostrou o peso político que as autoridades municipais atribuíram a uma iniciativa nova e desconhecida. Na realidade, foram convidados diversos vereadores para a inauguração: Manuel Salgado (vereador do Urbanismo), Sá Fernandes (Ambiente e Espaço Público) e Catarina Vaz Pinto (vereadora da Cultura).

Em termos funcionais, as diversas vereações envolvidas fizeram avançar os diferentes aspetos de execução, ficando a responsabilidade política sempre com a presidência da Câmara.

António Costa exerce o cargo de presidente da Câmara de Lisboa desde agosto de 2007 (sucendo a Carmona Rodrigues), notando-se que em julho de 2008 (aquando da inauguração da Galeria de Arte Urbana na Calçada da Glória) ainda não tinha concluído o seu

primeiro ano de mandato. Em novembro de 2014, António Costa é eleito secretário-geral do Partido Socialista, acumulando essas funções com as de presidente da Câmara Municipal de Lisboa até março de 2015, momento em que decide anunciar a sua renúncia a esse cargo, assumindo o vice-presidente Fernando Medina o seu lugar.

Após a eleição como primeiro-ministro de Portugal, em novembro de 2015, a relação de António Costa com a arte urbana continuou, como se viu, por exemplo, no seu encontro (em 11 de outubro de 2016) com Vhils em Macau (divulgado nas redes sociais, onde escreveu «Tive a oportunidade de estar hoje em Macau com Vhils. Uma boa conversa, que soube a pouco. Obrigado @vhils1», Costa, 2016), ou através da encomenda de um elemento escultórico do mesmo autor para os jardins da residência oficial do primeiro-ministro em São Bento, em abril de 2017.

Também Fernando Medina, como presidente do Município, se associa diretamente à exposição de Bordallo II, com a inauguração de uma peça do autor no Cais do Sodré (em novembro de 2017) ou durante os preparativos do festival Iminente de Vhils, que, em 2018, se realizou no antigo restaurante panorâmico do Monsanto.

Para além das decisões mais ou menos referenciadas politicamente, onde se envolveram

o Município de Lisboa e, mais tarde, também os municípios de Loures e da Amadora, entre outros, promovendo iniciativas pontuais e/ou projetos sem inscrição profunda nas estruturas das autarquias (por exemplo, a Galeria de Arte Urbana, que, apesar de se desenvolver há mais de 10 anos, continua com estatuto de projeto, não existindo enquanto departamento na orgânica do Município de Lisboa), também o Turismo de Portugal e a Federação Portuguesa de Futebol usaram a arte urbana como ferramenta promocional, mostrando algum envolvimento e conotação política nesse uso, embora esta seja genericamente bastante diluída e, por vezes, quase irrisória.

Na prática legislativa no período do caso de estudo, a única referência surge na Lei n.º 61/2013 de 23 de agosto (em vigor na data de consulta, em dezembro de 2018), regime aplicável (de enquadramento da punição enquanto crime) «[...] aos grafitos, afixações, picotagem e outras formas de alteração, ainda que temporária, das características originais de superfícies exteriores de edifícios, pavimentos, passeios, muros e outras infraestruturas».

Trata-se de legislação que surge no período em que se sentia uma aparente divergência política entre a governação do Município de Lisboa e a do país, visto a maioria da assembleia ser garantida por uma aliança entre o PSD e o CDS, liderada por Pedro Passos Coelho.

### **3. Considerações finais**

#### *3.1. Hipóteses de resposta à pergunta de investigação*

Visto que a especificidade do objeto de estudo tem uma relação de forte intensidade com o processo (subcultural), e ainda que assumida a indefinição face à durabilidade dos trabalhos – face à preponderância dos valores culturais que apontam para a intangibilidade e não para artefactos materiais que possam vir a ser alvo de processos de restauro material –, optámos aqui por nos focarmos na formulação de respostas à pergunta da investigação na sua vertente intangível (não material, imaterial, performativa, conjunto de ações e comportamentos socioculturais que levam à ocorrência da arte urbana).

Convém, porém, chamar a atenção para o facto de, se os valores principais se encontrarem dentro do que a UNESCO designa por património cultural intangível (cf. UNESCO (s.d.)), isso não significa necessariamente que estejamos perante um fenómeno desmaterializado. Pelo contrário, o estudo e observação da arte urbana (apesar de os seus valores mais relevantes serem de incidência desmaterializada) tem uma indissociável relação com elementos físicos, pintados, construídos, adicionados, removidos, fruto de alterações físicas registadas no meio e momentaneamente presentes no espaço público urbano. O que

não quer dizer, porém, que estes elementos, os de maior preponderância, venham a ser os conservados. Tais elementos (de qualquer uma das tipologias propostas) devem ser tidos como sinais, signos, indícios, provas materiais de algo maior que se pretende conservar. Assim, um bom processo de conservação da arte urbana, na sua intangibilidade, passará necessariamente pela conservação da documentação dos seus testemunhos materiais.

As hipóteses de resposta à pergunta de investigação aqui formulada estão sobretudo relacionadas com a conservação em forma de documentação e não de restauro material. Como verificámos, as práticas de restauro material de arte urbana dirigem-se sobretudo a intervenções da tipologia 3, sendo assim coincidentes com as técnicas de restauro material de murais contemporâneos e outras formas afins de arte pública.

Tendo como objetivo a conservação de valores sobretudo de carácter imaterial (sociais, identitários), dirigimos as hipóteses de resposta a este objetivo em duas direções. A primeira, como referido, consistindo na documentação, e a segunda, na prática alicerçada na educação, na investigação científica, na formação disciplinar a partir das Ciências da Arte (campo expandido), orientada, entre outros, para a prática de projeto, gestão cultural e análise urbana.

## Bibliografia

### Impressa

Harrison, C. e Wood, P. (eds.). (2003). *Art in theory 1900-2000*. Blackwell Publishing. Oxford;

Lei n.º 61/2013, de 23 de agosto. Diário da República n.º 162/2013 – I Série. Assembleia da República. Lisboa;

Mason, R. (2008). Assessing values in conservation planning. Em: G.J. Fairclough (ed.). *The heritage reader*. Routledge. London;

Neves, P.S. (2015). Significado de Arte Urbana, Lisboa 2008-2014. *Convocarte*, n.º 1: *Arte Pública*. FBAUL/CIEBA, Lisboa;

Pereira, J.C. (2016). *O valor da arte*. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Lisboa;

Toffler, A. (1980). *The third wave*. Collins. London;

Turismo de Portugal (IP) (2006). *10 produtos estratégicos para o desenvolvimento do turismo em Portugal – «City Breaks»*. ITP. Lisboa.

### Digital

Alves, N.F.M. (2010). *A transmissão da crise financeira e económica mundial de 2008 a Portugal*. Dissertação de Mestrado em Economia Monetária e Financeira. ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa. 104 pp. Acedido em 8 de agosto de 2018, em <http://hdl.handle.net/10071/6505>;

Câmara Municipal de Lisboa. (2013). *Lisbon creative economy*. (coord. Paulo Carvalho e Susana Corvelo, design João Gaspar e Vítor Pereira). Lisbon City Council. Lisboa. Acedido em 12 de março de 2018, em: [https://issuu.com/camara\\_municipal\\_lisboa/docs/lisbon\\_creative\\_economy/82](https://issuu.com/camara_municipal_lisboa/docs/lisbon_creative_economy/82);

Costa, A. [@Antoniocostapm]. (2016, 11 de outubro). *Tive a oportunidade de estar hoje em*

*Macau com Vhils. Uma boa conversa, que soube a pouco. Obrigado* [imagem anexada] [post]. Twitter. Acedido em 10 de agosto de 2018, em: <https://twitter.com/antoniocostapm/status/785956300832333825>;

Moreira, Cristiana Faria (2018, 19 de fevereiro). Tribunal de Contas rejeita recurso da Câmara de Lisboa sobre ajustes directos para limpeza de *graffitis*. *Público*. Acedido em 12 de março de 2018, em: <https://www.publico.pt/2018/02/19/local/noticia/tribunal-de-contas-rejeita-recurso-da-camara-de-lisboa-sobre-ajustes-directos-para-limpeza-de-graffitis--1803692>;

UNESCO, Intangible Cultural Heritage. (s.d.). *What is intangible cultural heritage?*. [ich.unesco.org](http://ich.unesco.org). Acedido em 25 de maio de 2026, em: <https://ich.unesco.org/en/what-is-intangible-heritage-00003>;

Viitanen, E.-M. et al. (2013). Street activity, dwellings and wall inscriptions in Ancient Pompeii: A holistic study of neighbourhood relations. Em: A. Bokern et al. (ed.). *TRAC 2012, Proceedings of the Twenty-Second Annual Theoretical Roman Archaeology Conference*, Frankfurt, 29<sup>th</sup> March-1 April 2012. pp. 61-80. Acedido em 25 de maio de 2026, em: [https://www.researchgate.net/publication/292103130\\_E-M\\_Viitanen\\_L\\_Nissinen\\_and\\_K\\_Korhonen\\_Street\\_Activity\\_Dwellings\\_and\\_Wall\\_Inscriptions\\_in\\_Ancient\\_Pompeii\\_A\\_Holistic\\_Study\\_of\\_Neighbourhood\\_Relations\\_in\\_A\\_Bokern\\_et\\_al\\_ed\\_TRAC\\_2012\\_Proceedings\\_of\\_the](https://www.researchgate.net/publication/292103130_E-M_Viitanen_L_Nissinen_and_K_Korhonen_Street_Activity_Dwellings_and_Wall_Inscriptions_in_Ancient_Pompeii_A_Holistic_Study_of_Neighbourhood_Relations_in_A_Bokern_et_al_ed_TRAC_2012_Proceedings_of_the);

Waclawek, A. (2008). *From graffiti to the street art movement: Negotiating art worlds, urban spaces, and visual culture, 1970-2008*. Dissertação de Doutoramento em Filosofia. Concordia University. Montreal. 380 pp. Acedido em 8 de agosto de 2018, em: <https://spectrum.library.concordia.ca/976281>.

**O lugar da arte entre os Povos Indígenas  
que reexistem e resistem contracolonialmente<sup>1</sup>**  
**The place of art among indigenous peoples  
who re-exist and resist in a counter-colonial manner**

CASÉ ANGATU

CARLOS JOSÉ FERREIRA DOS SANTOS<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste texto tratarei particularmente do lugar da arte entre alguns dos Povos Originários como resistência e reexistência contracolonial. A ideia também é ponderar sobre a própria palavra «arte» em se tratando dos Povos Indígenas como intrínseca ao cotidiano manejar/fazer/vivenciar como parte da natureza e suas espiritualidades. Por fim, ponderarei sobre a relação do olhar sobre «nossa arte» com os mais de 500 anos do início das invasões europeias, dos constantes etnogenocídio, implantação do colonial capitalismo e da secular reexistência.

**Palavras-Chaves:** Indígenas; reexistência; arte; contracolonialidade.

**Abstracts:** In this text I will particularly deal with the place of art among some of the Original Peoples as resistance and counter-colonial re-existence. The idea is also to consider the word «art» itself when it comes to Indigenous Peoples as intrinsic to their daily handling/doing/experiencing as part of nature and their spiritualities. Finally, I will consider the relationship between looking at «our art» and the more than five hundred years since the beginning of the European invasions, constant ethnocide, implementation of colonial capitalism and secular re-existence.

**Keywords:** Indigenous; re-existence; art; countercoloniality.

==

<sup>1</sup> Este texto é uma modesta homenagem ao irmão Mestre Zito Tupinambá que encantou. Sua sabedoria estará sempre conosco. *Mestre Zito Presente, Agora e sempre! Awêrê Aiêntên.*

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Brasil; Universidade Federal do Sul da Bahia, Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6528-0988>.

Vivemos atuando com uma infinidade de seres no palco da natureza. Não existem roteiros, mas sinais feitos pela encantaria que chegam pelos sonhos. Somos vestidos por Jurema, Ỹara, Ỹanaina, Ka'áipora. Pintados pelo jenipapo, urucum e argila. Iluminados por Ỹacy e Guaracỹ. Sonorizados pelo ybytu, ỹ e gũyrá. Somos memória, arte, patrimônio de nós mesmos e da natureza encantada.  
(Casé Angatu)

## **1. Somos arte e reexistência de nós mesmos em nosso cotidiano manejar a vida, tendo a sabedoria ancestral e a natureza como inspiração e chão**

Este texto é fruto das minhas vivências coletivas como indígena e do aprendizado que procuro mergulhar o tempo todo a partir das sabedorias advindas da ancestralidade originária. Surgiu também dos saberes que sopram através de seres não humanos e das encantarias da natureza. Portanto, não escrevo aqui pelos Povos Indígenas, suas organizações e/ou por um povo específico, mesmo morando com muita honra na Terra Indígena Tupinambá de Olivença (Ilhéus/Bahia).

Neste sentido, sinto que muitos de nós indígenas produzimos naturalmente arte sem necessariamente sabermos os significados dessa palavra. Nessa percepção, o que muitos chamam de «arte indígena», quando visitam uma comunidade ou pensam em Povos Originários, é algo intrínseco ao cotidiano que possuímos junto à natureza e de nossos saberes ancestrais.

Cantamos, dançamos, contamos sonhos, histórias, pintamos nossos corpos e ritualizamos em sintonia profunda com as sabedorias ancestrais presentes na memória, na alma e na natureza. Fazemos colares, cocares, maracás, cachimbos, lanças, cestos, arcos/flechas, culinária como partes de nossas vidas. A sabedoria ancestral e a natureza estão sempre presentes, mesmo quando expomos nossos manejos para serem vistos.

Assim, nossos corpos e vidas seriam a própria arte quando essa palavra não é pensada como algo categorizado pela formalidade de visões tradicionais. Ao mesmo tempo, esses fazeres e manejos indígenas são naturalmente contracoloniais, por resistirem e reexistirem por mais de 500 anos de imposições coloniais e etnogenocídio que tentam transformar e mesmo exterminar nossas formas de sentir, viver o mundo e espoliar nossas terras.

Somos arte e reexistência de nós mesmos em nosso cotidiano manejar a vida, tendo a sabedoria ancestral e a natureza como inspiração e chão. Não precisamos necessariamente de espaços formais para expormos nossa arte, porque é parte de nossa vida.

Existem também indígenas que atuam em diferentes expressões e suas variadas vertentes comumente intituladas como artísticas: artes plásticas, pintura, música, dança, literatura, grafite, artes da cena, performance, cinema, entre outras. Mesmo assim, muitas dessas

pessoas indígenas relacionam o que fazem às suas ancestralidades originárias, por vezes re-significando essas expressões e espaços onde são apresentadas.

Em alguns de meus livros e textos citados aqui na bibliografia, realço que, quando em contato com universos não indígenas, muitos de nós colocamos em primeiro plano a sabedoria ancestral e da natureza. Isto não significa que não existam interações, mas quando ocorrem, é nossa indianidade que dança, fala e canta mais profundamente.

Num texto onde trato da autodeclaração indígena como um direito à retomada da indianidade, saliento o seguinte sobre esse diálogo:

Uma interlocução que ocorre de forma dinâmica, convergindo e divergindo dialeticamente pensamentos, sabedorias e ponderações. Faço então minhas as palavras da União das Nações Indígenas – Unind: Posso ser o que você é sem deixar de ser quem sou! (Angatu, 2021: 14)

Ou seja, se a noção de arte for quadrada, muitos de nós indígenas não nos enquadraremos e nem nossos fazeres/manejos/saberes. Somos circulares como nossos rituais, cirandas, moradias e rodas de conversa. Vivemos de forma por vezes atemporal, como contam algumas de nossas histórias que nos chegam pelos sonhos, e cantam algumas de nossas canções.

Eu subi lá no alto do tempo  
Eu subi lá no alto do tempo

Só pra ver a fundura do mar  
Só pra ver a fundura do mar

Dança homem  
Dança mulher  
E as Encantadas da beira do mar

Dança homem  
Dança mulher  
E as Encantadas da beira do mar  
(canção ritual Tupinambá)

Assim, a arte não indígena é que precisa se tornar circular em outra temporalidade, de(s) colonizando seus princípios, arredondando seus conteúdos e re-significando seus sentidos. Isto acontece porque penso que um dos lugares da chamada arte entre os Povos Originários seria instintivamente o da reexistência e resistência de formas de ver/sentir/entender o mundo, a natureza e os saberes ancestrais.

Insisto que essas maneiras de ser são historicamente combatidas, procurando-se extingui-las ou cooptá-las por serem espontaneamente contracoloniais, representando outro mundo possível de convívio coletivo e respeito à natureza.

Os Povos Originários são os sonhos do passado, presente e futuro. Possuímos naturalmente em nossas cosmologias, lutas e vivências os princípios de que já existe um outro mundo onde cabem vários mundos, de respeito à natureza e igualdade social, respeitando todas as diferenças. Por isto que nossas lutas são de todas e todos que

desejam este outro mundo possível já pulsante. (Angatu, 2022: 124)

Aliás, não é de hoje que os Povos Originários, seus saberes, espiritualidades, manejos, fazeres, vivências cotidianas com a natureza em Pindoretama («Brasil») e Abya Yala («América») interagem de diferentes formas com várias expressões e produções chamadas de artísticas.

Essas interações são diversificadas ao longo da história nesses mais de cinco séculos de contato entre indígena e não indígenas. Conforme os diferentes contextos territoriais e históricos, ocorreram/ocorrem trocas e parcerias quando somos respeitados em nossas alteridades, direitos, maneiras de vivermos e nos relacionarmos com os territórios.

Mas, em muitos casos, volto a salientar, aconteceram/acontecem negações e desapropriações culturais e «artísticas» que constituem o histórico etnogenocídio contra os Povos Originários. Saliento isso porque moro numa comunidade (Tupinambá de Olivença – Ilhéus/BA) onde trocas/parcerias e desapropriações culturais (incluindo as artísticas) ocorreram secularmente e ainda ocorrem.

Porém, até para entender as reexistências e resistências indígenas, penso que é necessário lembrar das diferentes formas de desapropriações feitas em alguns casos em nome da arte. Assim, começo pelas desapropriações e negações também porque ainda pairam muitos si-

lêncios e precisamos visibilizar o que ocorreu para impedir que aconteça novamente.

## **2. As primeiras interações dos Povos Indígenas com as «artes» dos não indígenas**

Sempre é bom lembrar que esse lugar, chamado por muitos como país, foi invadido em 1500. Aos povos que aqui viviam como partes da natureza, foi imposta a colonização, escravidão, esbulho de suas terras, estupros e várias formas de violência.

Ao colonialismo se somou a implantação do capitalismo (colonial capitalismo), tendo ambos como uma de suas principais bases a continuidade da espoliação de nossas terras, violação da natureza, exploração de nossos corpos, almas, trabalho, combate às nossas formas de sermos naturalmente contracoloniais e contracapitalistas.

São ações brutais que ocorrem desde a imposição do sistema colonial (colonialismo) e da cristandade no século XVI até a atualidade. Nos apresentavam (muitos ainda nos apresentam) com palavras que eram/são consideradas negativas por aqueles que as usam quando desejam nos descrever como raça inferior, tais como: «tolos, infantis, selvagens, bárbaros, primitivos, indisciplinados, desregrados, vândalos, rebeldes, descontrolados, desordenados, empecilhos».

Na própria chamada *Carta de Pero Vaz de Caminha*, em 1500, já aparece parte dessa terminologia e o interesse de converter a população indígena à cristandade e à ordem colonial. Como bem explica Manuela Carneiro da Cunha:

Desde Caminha e Vespucci, e, já vulgarizada a idéia, em 1515 na Nova Gazeta Alemã [...], menciona-se com certa ambivalência – seria o éden? seria a barbárie? – a ausência de jugo político e religioso entre os brasis. (Cunha, 1990: 97)

Na década de 1570, esse olhar racista sobre meus ancestrais se expressava no *Tratado da Terra do Brasil e sua História da Província de Santa Cruz*. Escrito por Pero de Magalhães Gândavo, o Tratado abordava a nossa «arte de falar» a partir de um olhar racial, condenando a nossa forma de sermos. Para aquele autor invasor, faltavam algumas palavras em nossa arte linguística, e isso era comparado à forma de sermos como algo negativo para aqueles que desejavam impor sua fé, lei e rei:

A língua deste gentio toda pela costa é, uma: carece de três letras – scilicet, não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem Justiça e desordenadamente (Gândavo, 2008: 65)

Ou seja, desde o início das invasões utilizou-se a desqualificação das nossas formas de viver, falar e fazer. Por isto, em se tratando dos Povos

Originários, acredito que o racismo não deve ser entendido como algo separado. Mas, como uma das bases do estrutural colonial capitalismo, gerou/gera uma longa história de genocídios, etnocídios, escravagismo e violências. Um processo visando a espoliação das nossas terras e violações de nossas vidas para se cometer o ecocídio.

Aqui vale salientar que entendo a colonialidade na atualidade como constituída de várias permanências desse processo de colonialismo, somadas à forma como se impôs o capitalismo nas antigas colônias, como no caso brasileiro. Isto é, a colonialidade agregada ao capitalismo atual se expressa em maneiras de pensar e ações derivadas das imposições coloniais, somadas ao capitalismo, tais como: eurocentrismo, (norte)americocentrismo, etnocentrismo, racismo, escravagismo, latifundiarismo, exclusão de classe, exploração do trabalho, patriarcalismo, machismo, misoginia, homofobia, egocentrismo, conservadorismo, fundamentalismo cristão, punitivismo judiciário, entre outras dimensões.

A colonialidade no capitalismo busca incutir na mente e alma dos que são explorados, humilhados, presos, racializados e desposuídos de poder econômico e político que a dominação de alguns sobre a maioria é algo «normal», bem como a desigualdade socioeconômica, o ideário de inferioridade racial e de gênero.

Como permiti ponderar Frantz Fanon sobre a necessária decolonização dos Povos das antigas colônias [...] surgiram e surgem psicopatologias que tentam introjetar nas subjetividades das pessoas uma rede de culpas pelas doenças por não se adaptarem a «civilização». Uma postura que tira de foco o estrutural processo de colonização, enriquecimento, racismo e desigualdade social. (Angatu, 2022: 124)

Deste modo, logo no início da colonização (invasão portuguesa) temos uma demonstração dessa tentativa de criar entre os Povos Originários psicopatologias tendo as artes como interlocutoras. Penso que as imposições coloniais e da cristandade também usaram das «artes» para o etnogenocídio e espoliação das terras ancestrais.

O padre jesuíta José de Anchieta (1534-1597) utilizou do teatro/música/poesia para catequizar e colonizar Povos Originários no sentido de uma suposta salvação de suas selvagerias. O padre, para isto, recorria mesmo de pessoas indígenas para encenarem seus escritos e poemas, com personagens e temas advindos dos próprios Povos Originários.

Muitos dos roteiros teatrais, poemas e escritos de Anchieta eram baseados num olhar sobre as vivências indígenas e suas espiritualidades. Num verdadeiro exercício de dominação, o jesuíta apresentava as espiritualidades ancestrais como algo vergonhoso e as pessoas ori-

ginárias que resistiam à ordem cristã/colonial como diabólicas.

Um bom exemplo nesse sentido é o *Auto de São Lourenço*. Os indígenas que lutaram contra a ordem colonial/cristã e as entidades espirituais originárias aparecem como caóticos e diabólicos. A intenção era clara: impor o cristianismo e a ordenação colonial sobre os Povos Originários através da arte, negando a forma de viver dos Povos Indígenas.

Eis aqui uma expressiva demonstração da utilização da arte para o etnocídio. Porém, vale lembrar que as biografias, quando descrevem José de Anchieta, o apresentam como um dos primeiros dramaturgos, poetas, teatrólogos, músicos, escritores e linguistas nessas terras. Neste sentido, pergunto: poderíamos também considerar os indígenas que atuaram nas peças de Anchieta como os primeiros atores e músicos nesse país?

Claro que esse questionamento é para provocar inquietações, porque: se assim foi o início do contato dos Povos Originários com as chamadas artes, essa relação ocorreu de forma etnocida. Ou seja. Anchieta promovia uma desapropriação cultural através da arte para que os Povos Indígenas aceitassem suas condições de pecadores a serem salvos.

Neste sentido, os indígenas teriam que negar suas formas de existências, espiritualidade e direito à terra. Deveriam aceitar a cristandade, a Coroa portuguesa e as genocidas «guerras

justas»: autorizações para exterminar, escravizar e violentar povos e pessoas que não aceitassem a colonização e o cristianismo.

### **3. Manejos e corpos indígenas como artes exóticas, objeto de estudo etnológicos/científicos na implantação do racista colonial capitalismo**

A classificação do que é arte ou não e suas variações tem um papel fundamental na definição do que seria a «arte indígena». Pondero que ainda hoje é muito comum encontrarmos manifestações que classificam a «arte» que nós indígenas fazemos como: exótica, pitoresca, primitiva (no sentido desqualificativo dessa palavra), primária e inferior.

Um expressivo exemplo neste sentido foram os sequestros dos Mantos Tupinambá nos séculos XVI e XVII. Tecidos num contexto ritualístico, foram roubados e levados para a Europa. Porém, será que foram levados como peça de arte, museologia e/ou para estudos etnológicos/científicos? Será que os mantos não foram sequestrados possivelmente como comprovação da justeza do domínio colonial e provável demonstração de como éramos «exóticos, rústicos e selvagens» por confeccionarmos aqueles mantos?

A devolução dos Mantos Tupinambá ainda existentes na Europa deveria ser uma obrigação. Isso possivelmente ocorrerá com um dos Mantos em processo de devolução pela

Dinamarca. Talvez ocorra com outros Mantos sequestrados. Porém, só isto não basta, porque os Mantos, para nós indígenas, têm valor ritualístico. Por isto pergunto: após devolvidos, ficarão com o Povos Tupinambá ou serão tratados no Brasil como peça de arte, museologia e/ou para estudos etnológicos/científicos?

Insisto que não basta a devolução do que nos foi roubado e nem o reconhecimento dos erros do colonialismo e da escravidão. Vale lembrar que, em 23 de abril de 2024, o Presidente da República de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, reconheceu os erros cometidos por aquele país em relação ao Brasil e outros países do mundo durante a colonização (invasões).

É evidente que não existe valor ou ato de reparação em relação às violências ocorridas e as vidas ceifadas nesses mais de cinco séculos de espoliações e etnogenocídios constantes. Mas, além da devolução de nossos patrimônios sequestrados e do reconhecimento dos erros cometidos, seria necessário, no mínimo: a imediata devolução de nossos territórios através da demarcação de todas as terras indígenas, garantia das já demarcadas e políticas públicas de restituições coletivas.

Entretanto, vale salientar que a história da espoliação dos fazeres indígenas (também conhecidos como peças de artes originárias) em Pindoretama, Abya Yala e em várias das colônias (agora também chamadas de «ex-colô-

nias») europeias e norte-americanas também era de corpos, e não se resumiu aos séculos XVI e XVII. Na minha compreensão, ainda continua a espoliação dos fazeres indígenas, e um exemplo dessa dimensão cruel da colonialidade são algumas exposições que, por vezes, apresentam imagens e objetos dos Povos Originários sem autorização, interlocução e/ou protagonismo indígena.

Uma outra demonstração neste sentido é a exposição na rede social de imagens (fotográficas e fílmicas) de indígenas sem contato ou que não desejam contato. Entendo que mostrar imagens de pessoas que não querem contato é uma grosseira violação de direitos.

Isto lembra os sequestros de pessoas que eram expostas como «peças de artes, peças exóticas, rústicas, selvagens e/ou objetos de estudos etnológicos/científicos» em palácios, museus, nos jardins zoológicos humanos e/ou como atrações artísticas circenses. Existem relatos que assinalam esses sequestros ocorrendo desde o início da colonização no século XVI.

Os zoológicos humanos perduraram na Europa até 1958, demonstrando a doentia necessidade de justificar a superioridade racial e a colonização. Naqueles lugares, as pessoas eram expostas e obrigadas a «encenarem» seus cotidianos, afazeres e produzirem seus manejos.

Ações racistas e egofrênicas, provavelmente derivadas de frustrações e vergonha dos ex-

positores em serem o que eram, precisando se autoafirmarem. Do mesmo modo, necessitavam justificar o colonialismo capitalista, supostamente «salvacionista por levar a civilização aos selvagens». Demonstrações do exercício civilizatório sobre o mundo.

Como escrevi anteriormente, penso que nossos próprios corpos, formas de sermos e espiritualidade já constituem nossa arte. Claro que isso de forma alguma justifica o sequestro e exposição de indígenas, mas permite percebermos o quanto algumas pessoas das antigas e atuais sedes coloniais e seus herdeiros possuíam/possuem frustrações racistas.

Assim, nesses mais de 500 anos após o início das invasões europeias no Brasil, é possível ouvir e ler relatos de sequestros de fazeres/manejos e pessoas, separadas fisicamente de suas origens. Fazeres/manejos e pessoas levados para Europa, outros lugares do mundo, e dentro do próprio Brasil. Essa é uma dimensão ainda pouco estudada e apresentada da história da brutalidade do colonialismo e da colonialidade, feita em parte em nome da arte e da ciência sobre os Povos Originários.

Nos primeiros meses de 2024, ocorreu um «mal-estar» tendo esse tema como central. Isto foi causado por uma exposição lembrando os «feitos» dos cientistas alemães Johann Baptist von Spix (1781-1826) e Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) em suas viagens ao Brasil. A exposição ocorreu no instituto Zen-

tralinstitut für Kunstgeschichte, em Munique, na Alemanha.

O título da exposição era: *Travelling back: A change of perspective on an expedition from Munich to Brazil in the 19<sup>th</sup> century* («A viagem de volta: Uma mudança de perspectiva sobre a expedição de Munique para o Brasil no século 19»). A jornalista e pesquisadora Nathalia Lavigne da BBC News Brasil conta essa história da seguinte forma:

Os cientistas alemães [...] são conhecidos por uma famosa expedição que fizeram ao Brasil entre 1817 e 1820 [...]. Mas uma parte talvez menos conhecida dessa história é que, entre os milhares de itens transportados para a Europa, estavam também duas crianças indígenas, Juri e Miranha – como ficaram conhecidos em referência ao nome de suas famílias indígenas de origem, da região amazônica. Eles eram de etnias inimigas, não falavam a mesma língua, mas ficaram juntos na Alemanha. [...] Entre junho de 1821 e maio de 1822, Juri e Miranha morreram na Alemanha com cerca de 14 anos, após adoecerem por causas pouco claras. (Lavigne, 2024)

Seguindo o texto de Lavigne, o desconforto entre alguns dos participantes da exposição foi grande em relação a essa história até então pouco conhecida e/ou com versões conflitantes. O incômodo foi maior ainda porque a exposição apresentou uma placa mortuária do túmulo da kuñatã e kurumin indígenas (feita

em 1824, a pedido da rainha Carolina da Baviera) e uma imagem pintada de Miranda.

A discussão escalou durante a conferência que estava prevista durante a exposição. A mesa contou com a presença da historiadora e escritora brasileira Micheline Verunsch, que escreveu um romance (*O som do rugido da onça*, 2021) sobre essa história, tendo como base o possível ponto de vista de uma das crianças sequestradas – Miranda:

Na conferência, comentários na plateia deixavam claro como o episódio ainda provocava reações confrontantes. Houve quem tentasse relativizar, afirmando que também havia rapto de crianças entre povos indígenas inimigos. Ou, ainda, quem justificasse que elas foram trazidas com objetivos científicos. (Lavigne, 2024)

Insisto que, para muitos de nós, esses sequestros em nome da arte e/ou dos estudos etnológicos/científicos foram/são ações etnocidas e racistas, fazendo parte da histórica implantação do colonial capitalismo nesse lugar chamado de país. Assim, podemos ponderar que se utilizou da «arte» e da «etnologia» para o etnogenocídio dos Povos Originários e espoliação de suas terras. Utilizo aqui as palavras «arte» e «etnologia» entre aspas justamente para evitar generalizações indevidas, até porque elas são abrangentes demais.

Por falar em arte: a literatura e o cinema possuem várias produções mostrando «caça-

dores» de obras, pessoas e tesouros ao redor do mundo. Ou seja, os colonizadores sentiam (será que ainda sentem?) orgulho do que faziam, e por isto escreviam, fotografavam, escreviam livros de literatura e realizavam produções fílmicas mostrando seus feitos. Denomino essa produção como «A macabra arte da espoliação do colonial capitalismo».

#### **4. A arte utilizada para decretar o fim dos Povos Indígenas e a arte para fortalecer a reexistência dos Povos Originários**

Ao longo desses mais de cinco séculos se renovou o ideário que assinalava o fim da existência dos Povos Originários como algo necessário para a «implantação de uma sociedade civilizada». Em algumas pinturas, esculturas e filmes feitos por não indígenas, nos mostram como os Povos Originários «caminhavam necessariamente para o desaparecimento», através da morte ou incorporação à chamada «civilização» e cristandade.

Em alguns dos meus textos, assinalo que isto sempre foi (ainda é) a expressão da vontade dos que buscavam (buscam) a espoliação das terras indígenas. Uma espécie de «solução final» para os Povos Originários através do etnogenocídio.

A previsão era de desaparecimento gradual dos Povos Indígenas, como explica o caderno de Capacitação de Conselheiros de Assistência Social: Guia de Estudos, feito pelo Ministério de Desenvolvimento Social

e Combate à Fome – MDS, em 2009: durante séculos os índios foram considerados como uma categoria transitória destinada a desaparecer com o tempo após um processo de assimilação e diluição na sociedade brasileira. Sob regime de tutela e considerados relativamente incapazes, deveriam ser integrados à comunhão nacional, segundo o texto do Estatuto do Índio estabelecido em 1967 e ainda vigente. (Angatu, 2020: 48)

É essa a impressão que fico quando leio algumas obras da literatura brasileira. Uma boa demonstração nesta direção é a trilogia indianista de José de Alencar (1829-1877), escrita entre a primeira e a segunda metade do século XIX: *O guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*. Mesma sensação tenho em relação à ópera *Il guarany* escrita por Carlos Gomes (1836-1896), até porque é baseada na obra de Alencar.

No meu livro *Nem tudo era italiano – São Paulo e pobreza na virada do século XIX/XX* (2017), analiso o quanto a literatura contribuiu para os discursos e ações que procuravam branquear a capital paulista, bem como a sociedade brasileira. Ou seja, a arte se vinculando às práticas e teorias raciais expressando o desejo de extinção da população indígena, negra, cabocla, caipira e/ou não branca.

Em muitas cidades brasileiras podemos ver «monumentos» públicos e privados que também expressam esse desejo. Aqui cito uma delas, que fica localizada diante do Pátio do Colégio na cidade de São Paulo. O «monu-

mento» chama-se *Glória imortal aos fundadores de São Paulo*. É uma «obra» inaugurada em 1925 e feita pelo italiano, artista e professor do Liceu de Artes e Ofícios Amadeu Zani.

Quando olhamos aquela «construção artística», vemos como uma parte dos artistas nacionais se somaram ao projeto colonial e da cristandade, no sentido de retirar os Povos Indígenas de uma suposta barbárie rumo à civilização cristã. Projeto que aparentemente se mantém vivo para alguns na atualidade, até porque o monumento continua lá.

Não obstante, acentuo que, em muitos casos, pessoas não indígenas produzem arte com a participação dos Povos Originários de forma respeitosa, compartilhada e mesmo engajada na luta por nossos direitos. Por vezes, fazem isto em parcerias e trocas, fortalecendo nossa resistência. Vários são os exemplos neste sentido que poderiam ser aqui citados. Porém, precisaria para isto de um texto cuja extensão fosse bem maior, para não cometer injustiças.

Do mesmo modo, poderia também começar a fazer agora um painel sobre a produção artística somente realizada por pessoas originárias. Porém, certamente seria algo repleto de ausências, porque várias são as pessoas indígenas produzindo assumidamente o que se chama de arte.

Existem produções artísticas indígenas em várias áreas das chamadas artes. Algumas pessoas assinalam mesmo que podemos falar de:

arte plástica indígena, pintura indígena, música indígena, dança indígena, literatura indígena, grafite indígena, artes da cena indígena, performance indígena, cinema indígena, entre outras. Sempre lembrando que existem os fazeres cotidianos com a natureza, que muitos também classificam como arte.

Neste sentido, como tentei assinalar até aqui, em grande parte os fazeres indígenas em si são formas de reexistência e resistência de Povos que para alguns não deveriam existir mais. Seja assumidamente como arte ou no cotidiano, vivenciar com a natureza os nossos manejos são reexistências e resistências ao entogenocídio secular através de diferentes maneiras de expressões.

Nos espaços consagrados de arte (galerias, teatros, salas de cinema, palcos) e/ou no cotidiano viver, somos possibilidades de mundos alternativos ao já existente e dominado pelo colonial capitalismo. Nessa direção, reafirmo que nossos fazeres chamados de artísticos se diferenciam naturalmente dos demais.

Essa é minha compreensão como parte dos Povos Originários, morador na Terra Indígena Tupinambá de Olivença (Ilhéus/BA), atuante também no universo das artes, que possui formação acadêmica. O que fazemos de forma consciente, ou não, é autoral, mas também naturalmente repleto de vivências ancestrais atemporais, com a natureza, espiritualidades

e parte dos coletivos que pertencemos, bem como da luta por direitos.

Somos partes desse todo que compõe nossa reexistência, sendo a base para resistirmos aos apagamentos/invisibilizações, espoliações de nossas terras e destruição da natureza. Assinalo isto novamente, porque assim somos quando estamos em nossas comunidades ou distantes delas. Como indígenas, nossa tendência é partimos de nosso chão originário, saberes e espiritualidades.

Tenho ponderado em diferentes espaços que caso fosse obrigado a escolher entre o conhecimento acadêmico e sabedoria ancestral, ficaria com a última (sabedoria ancestral). Penso que o mesmo vale para as artes. Isto é, caso precise escolher entre a arte formal e o que fazemos como indígenas, ficaria com fazeres/manejos cotidianos, porque vão para além do sentido de arte.

Como escrevi no início deste texto, claro que existem interações, mas, quando acontecem, é a indianidade que canta, dança e fala mais alto. Isto acontece porque muitos de nós indígenas não enquadrámos nossas sensibilidades, vivências, temporalidades, ancestralidades e sabedorias nem ao conhecimento acadêmico ou arte formal.

Ao contrário disso: a arte não indígena e o conhecimento acadêmico precisam se tornarem circulares em outra temporalidade, de(s)colonizando seus princípios, arredon-

dando seus conteúdos, re-significando seus sentidos, dançando numa grande roda de toré ou ciranda de coco.

## Bibliografia

### *Impressa*

Angatu, C. (2017). *Nem tudo era italiano – São Paulo e pobreza na virada do século: 1870-1915*. (4.ª ed.) Annablume/FAPESP. São Paulo;

Cunha, M.C. (1990). *Imagens de índios do Brasil: O século XVI*. Editora da USP. São Paulo;

Gândavo, P.M. (2008). *Tratado da Terra do Brasil: História da Província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*. Senado Federal, Conselho Editorial. Brasília;

Verunschck, M. (2021). *O som do rugido da onça*. Companhia das Letras. São Paulo.

### *Digital*

Angatu, C. (2020). Decolonizar o conhecimento e o ensino para enfrentar os desafios na aplicação da lei 11.645/2008: Por uma história e cultura indígena decolonial! Em: Sumaya Mattar et al. (orgs.). *A lei 11.645/08 nas artes e na educação: Perspectivas indígenas e afro-brasileiras*. ECA – USP. São Paulo. Acedido em 17 de maio de 2020, em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/525/463/1803-1>;

Angatu, C. (2021). Tupixuara Moingobé Ñerana: Autodeclaração indígena como retomada da indianidade e territórios. *Revista Espaço Acadêmico*, **231**, 21: 13-24. Acedido em 10 de novembro de 2021, em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/60509/751375152906?fbclid=IwAR1RDNYIDffpT3lPS-ZtSQg5Uq0QcGN3e-4Btu3YpAs5CNskUC7HnIAHOAZc>;

Angatu, C. (2022). Já somos outros mundos possíveis, mas precisamos desarraigar o humano e o capital do centro do universo. Aupaba suí

Possaússub Nhe'enga, suí Ka'aeté T-eté Anga. (Territórios do Sonhar, Falar, das Matas, Corpos e Almas). Em: Ana Lúcia Liberato Tettamanzy *et al.* (orgs.). *Letras e vozes dos lugares*. Zouk. Porto Alegre. Acedido em 20 de novembro de 2022, em <https://www.editorazouk.com.br/pd-909949-letras-e-vozes-de-lugares.html?c-t=308e81&p=1&s=1>;

Angatu, C. (2022). Povos indígenas – Somos um mundo onde cabem muitos mundos: Îandê lané Ara masuí Xukui Amó Ara. Em: Tiago Si-

queira Reis e Monalisa Pavonne Oliveira (orgs.). *Lutas e movimentos sociais no tempo presente: Historiografia, teoria e metodologia*. Editora da Universidade Federal de Roraima. Boa Vista. Vol. I. Acedido em 10 de outubro de 2022, em <https://ufrr.br/editora/ebook-menu>;

Lavigne, N. (2024). O rapto de crianças indígenas por cientistas alemães em expedição pelo Brasil no século 19. *BBC News Brasil*. Acedido em 15 de maio de 2024, em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cll4zdzq3n00o>.

## Génese de Cabo Verde em *Nascimento de um Mundo*, de Mário Lúcio Sousa The genesis of Cape Verde in *Nascimento de um Mundo* by Mário Lúcio Sousa

CARLOS GONGA PASCOAL<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste ensaio aborda-se, de forma comparativa, a génese de Cabo Verde na obra poética *Nascimento de um mundo*, cujo autor é Mário Lúcio Sousa. O escopo principal é o de analisar criticamente a forma e o fundo de alguns textos poéticos da obra acima referida. Para a concretização do fito principal, os objetivos específicos passam por identificar os temas dos diferentes textos poéticos, bem como propor a leitura da obra em função do seu valor histórico-literário e da sua relação com a temática da génese de Cabo Verde. O estudo articula-se em três partes complementares: biografia do autor, forma e fundo dos textos poéticos e, por último, as conclusões sobre a maneira como os «eus» poéticos entoam o nascimento das ilhas cabo-verdianas.

**Palavras-Chaves:** Génese; Cabo Verde; *Nascimento de um Mundo*; Mário Lúcio Sousa.

**Abstract:** This essay addresses, in a comparative way, the genesis of Cape Verde in the poetic work titled *Nascimento de um Mundo* authored by Mário Lúcio Sousa. This study's primary objective is critically analyze the structure and contextual backdrop of selected poetic verses from the aforementioned literary work. To accomplish the primary objective, the particular aims include identifying themes present in various poetry texts, along with the proposition of an interpretative approach to these works based on their historical-literary significance and their connection to the topic of the genesis of Cape Verde. The study is divided into three complementary parts: biography of the author, form, and background of poetic texts, and, finally, the conclusions drawn about how the literary personas express the emergence of the Cape Verdean islands.

**Keywords:** Genesis; Cape Green; *Birth of a World*; Mário Lúcio Sousa.

==

<sup>1</sup> Instituto Superior de Ciências de Educação – Huambo, Angola; Instituto Superior Politécnico Católico do Huambo, Angola; Instituto Superior Politécnico Sol Nascente do Huambo, Angola. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9597-3889>.

Assim, creio eu, sucederam as coisas. / O nascimento de um Mundo é secular / mas foi um parto entusiástico e feliz / – cheio de dor.

(Sousa, 1991: 35)

## 1. Introdução

A epígrafe acima remete o leitor para a temática da génese de Cabo Verde na obra poética *Nascimento de um Mundo* (1991), de Mário Lúcio Sousa (Luís Matias de Sousa Mendes), apesar de o «eu» poético fazer referência ao cosmos universal. Por outro lado, a capa do livro analisado ao longo deste ensaio é bastante sugestiva e comunicativa, tendo em conta a associação entre a imagem do globo terrestre e a do mar, assim como as luzes das estrelas, dando a sensação de três realidades inseparáveis.

De acordo com vários teorizadores, este escritor é um dos representantes da poesia contemporânea do arquipélago de Cabo Verde, dentro da rica tradição do seu país, cujos ingredientes para o novo fazer literário se situam nos idos anos de 1936 a 1960, tendo como marco cultural a revista *Claridade*, fundada pelos jovens escritores Manuel Lopes, Baltasar Lopes da Silva, Osvaldo Alcântara e Jorge Barbosa. Sobre este assunto da moderna poesia cabo-verdiana, escutemos o que advoga Rubem dos Santos,

a moderna poesia cabo-verdiana surgiu em 1936, juntamente com a criação da revista *Claridade*. A poesia claridosa foi o estopim para o nascimento de uma literatura nativista, com temas oriundos das ilhas, que se relacionavam com o sentimento do ilhéu. A revista acolheu – ao longo de uma trajetória que vai de 1936 a 1960 – um grande número de jovens poetas, estabelecendo uma marca divisória bem clara entre o passado e o presente da vida literária cabo-verdiana, a começar pelos próprios fundadores da revista: Manuel Lopes, Baltasar Lopes da Silva/Osvaldo Alcântara e Jorge Barbosa, todos eles poetas preocupados em expressar poeticamente o sentir cabo-verdiano. (Dos Santos, 2012: 116)

Muito distante do tema dos seus antecessores, claridosos e evasionistas, preocupados com a problemática da questão da seca, ou seja, da estiagem nas ilhas cabo-verdianas, Mário Lúcio Sousa, em *Nascimento de um Mundo* – livro que assinala nova viragem na poesia cabo-verdiana –, com versos quentes e frios,<sup>2</sup> denunciativos da mudança temática, exalta, entre outros elementos, nos seus 10 cantos, a origem das ilhas de Cabo Verde. Porém, converge com os claridosos e os evasionistas em proclamar poeticamente o sentimento de cabo-verdianidade.

==

<sup>2</sup> Conforme a certeza do «eu» poético: «Para nós o sol nasceu aqui / porque no fundo dos vulcões / onde o fogo e a água se confundem / está o alimento dos sós, cuja referência / poderia ser esta textura derivada das pedras-pome [...]» (Sousa, 1988: 10).

Uma das características da obra deste escritor, composta no final do século XX, de 35 páginas, é a presença da coda no final de cada canto (os enunciados «coda» e «canto» são pertinentes, pois remetem para elementos da literatura ocidental), servindo, entretanto, de conclusão textual. Desta feita, a obra inicia-se com o texto «Prelúdio», mais nove cantos, cada um deles dedicado a uma ilha, e terminando com o texto denominado «Coda Geral». O tamanho dos cantos é variável. O mais longo é o Canto VI, dedicado à «única ilha com nome de mulher», na qual «a água é água e a sua ausência», Santa Luzia. Nesta ilha, de acordo com o sujeito poético, «a civilização foi anterior ao homem / a música anterior a cultura»; porém, atualmente, esta ilha «ficou entregue à intempérie dos bichos; / porque nasceu antes do tempo / e evoluiu ao invés» (Sousa, 1991: 22-23). O mais curto é o Canto III, designado de «Boa Vista».

Quanto à métrica, ao longo da obra é bastante diversificada. Por exemplo, no poema «São Nicolau» (Canto X), no primeiro dístico é notória a presença de versos livres e heterométricos, o mesmo sendo extensivo à segunda sextilha, assim como ao trístico que antecede os dois monósticos:

Antes de tropeçar com o amor  
tropecei com as arores

2

No tronco de um embondeiro  
resumiu-se para sempre o mundo:

«o Homem libertar-se-á dos animais  
libertar-se-á das armas  
libertar-se-á dos homens  
e caminhará em direcção ao Homem»

3

A terra tinha crescido tanto  
que podia cair de uma árvore  
e agarrar-se às raízes

4

O mar aguenta o peso da lua

5

E os homens, o peso da terra [...]  
(Sousa, 1991: 33).

A obra *Nascimento de um Mundo* pode ser classificada como um documento histórico e de história de Cabo Verde, porquanto o que sobressai de seus versos é o valor poético-documental que celebra a origem do arquipélago. Desta feita, a obra não deve ser tida como os mitos cosmogónicos e antropogénicos, embora os enunciados poéticos resvalam, por vezes, para este sentido. Diferente de ambos os mitos que pretendem sempre demonstrar e explicar, de forma sinóptica, situações históricas ou simbólicas sobre a origem do universo e do homem, ao longo dos enunciados poéticos é visível, em muitas ocasiões, a presença emotiva do autor. Aliás, esta é uma das características do texto lírico.

O nosso objetivo principal consiste em analisar criticamente a forma e o fundo de alguns textos poéticos da obra literária *Nascimento*

*de um Mundo*. Para a concretização do fito principal, os objetivos específicos passam por identificar os temas dos diferentes textos poéticos desta obra, bem como propor a sua leitura em função do seu valor histórico-literário e da sua relação com a temática da génese de Cabo Verde.

Por se tratar de uma análise poético-literária, o nosso campo de ação difere de um estudo de caso. A reflexão cingir-se-á, entretanto, a *Nascimento de um Mundo*. Para tal, adotaram-se os seguintes procedimentos metodológicos: primeiro, fez-se a releitura dos textos poéticos que compõem a obra; segundo, selecionamos apenas alguns, em função dos objetivos do estudo.

Na mesma senda, recorreremos à pesquisa bibliográfica dos diversos críticos cujos estudos versam sobre o tema da nossa investigação, pois a ciência exige a participação e o recurso a outros investigadores. Valemo-nos, igualmente, da biografia do poeta, que nos facilitou o conhecimento da vida e obra de Mário Lúcio Sousa, porquanto o texto literário está, por vezes, relacionado ao contexto do seu autor. Por fim, adotamos uma aproximação hermenêutica, que proporcionou a interpretação histórico-literária da obra.

À luz da obra em estudo, afigura-se importante, neste momento, apresentar, de forma sinóptica, a biografia do autor.<sup>3</sup> Como se sabe, o político, cantor, compositor, escritor e pensador Mário Lúcio Sousa nasceu na vila do Tarrafal de Santiago, Cabo Verde, a 21 de outubro de 1964, e é licenciado em Direito (Sousa, 1991). Dada a sua veia artística e política, é uma das personalidades mais conhecidas, atualmente, no seu país. Recebeu, entre outros, o Prémio do Fundo Bibliográfico da Língua Portuguesa (2000), o Prémio Carlos de Oliveira de Ficção (Portugal, 2010), o Prémio Miguel Torga – Cidade de Coimbra (2015). Foi condecorado, em 2006, juntamente com a rainha da morna, Cesária Évora, com a Medalha de 1.ª Classe da Ordem do Vulcão.<sup>4</sup> O escritor publicou diversas obras de poesia e prosa, tais como: *Nascimento de um Mundo* (1991); *Sob os signos da luz* (1992); *Para nunca mais falarmos de amor* (1999); *Vidas paralelas* (2002); *O novíssimo testamento* (2010); *Biografia do língua* (2015); *O diabo foi meu padeiro* (2019); e a *Última lua de homem grande* (2022).

Para além da atividade artística, exerceu diversos cargos no aparelho governativo de Cabo Verde. Foi deputado (1996 a 2001), conselheiro do ministro da Cultura (1992) e ministro de Cultura e Artes (2011 a 2016).

==

<sup>3</sup> Parte das informações biográficas usadas neste ensaio foram recolhidas no sítio oficial de Mário Lúcio Sousa (cf. Lucio, s.d.).

<sup>4</sup> Normalmente, este reconhecimento é atribuído pelo Presidente da República de Cabo Verde a personalidades nacionais e estrangeiras cujos trabalhos contribuem para elevação da nação cabo-verdiana. Este reconhecimento já foi feito, a título ilustrativo, a João Lopes Filho (2017), Eugénio Tavares (1995), Gil Semedo (2011) e Amélia da Lomba (2012).

Em suma, Mário Lúcio Sousa é um homem multifacetado cuja produção artística e cultural revela um compromisso com a mãe-pátria Cabo Verde. Cantor, pensador e escritor, será sempre tido como um dos grandes representantes da moderna poesia cabo-verdiana, e não só, pois tem uma substancial obra em prosa, repetidas vezes premiada, sem desmerecer os outros escritores da sua geração.

## 2. «Prelúdio»: génese de Cabo Verde

De início, «Prelúdio», poesia de Mário Lúcio Sousa, antecipa de forma assertiva os diferentes temas, apesar de subjetivos, da sua obra, ou seja, o que os diferentes sujeitos líricos irão entoar ao longo de *Nascimento de um Mundo*. Ora, não se trata do nascimento do mundo em si, mas, sim, do nascimento das ilhas de Cabo Verde, donde o autor ter anteposto o indefinido ao substantivo, «um Mundo», como sinal de individualização. O nascimento das ilhas tem vários séculos, porém, resultaram de um parto dor-prazeroso, conforme se pode ouvir na coda geral do livro:

Assim, creio eu, sucederam as coisas.  
O nascimento de um Mundo é secular  
mas foi um parto entusiástico e feliz  
– cheio de dor.  
(Sousa, 1991: 35)

Por outro lado, «Prelúdio» remete para a narrativa da criação do mundo, do primeiro livro hebraico ou cristão: «no princípio, Deus criou

os céus e a terra. [...] Então Deus disse: que as águas debaixo dos céus se juntem num só lugar, e apareça terra seca. E assim aconteceu» (Gn 1, 1 e 9-10).

De acordo com o sujeito lírico, diferente da «terra seca» do cosmos que resulta da junção das águas num único lugar, as ilhas de Cabo Verde nasceram do mar que abriu o barro «como uma boca ou flor» que o fechava:

O prenehe barro que sustinha o mar  
abriu-se como uma boca ou uma flor  
e o sopro de um deus imaginário  
– que já existia antes de Deus –  
fez abrir um pedaço do Mundo  
cuja alma já não cabia no corpo...  
e nasceram as ilhas  
que nadavam e nadavam  
(Sousa, 1991: 7)

Nesta oitava irregular, realça-se o pleonasma do último verso (redondilha maior), «que nadavam e nadavam». O autor pretende com ele expressar melhor a ideia inicial, o nascimento das nove ilhas: Fogo, Sal, Santa Luzia, São Nicolau, Boa Vista, Brava. Na mesma senda, à luz do «eu» poético, as ilhas elencadas «nasceram nadando como as crianças nascem chorando» (Sousa, 1991: 7). O uso do gerúndio dos verbos «chorando» e «nadando», bem como a comparação entre as ilhas e as crianças, denota um estado permanente da sua nascença, ou seja, as ilhas, tal como as crianças, estão em permanente nascimento em cada contexto histórico.

Na segunda quintilha, por meio do uso da conjunção adversativa «mas», o sujeito poético canta o aparecimento das ilhas e das crianças, pese embora estas sejam diferentes:

mas no gérmén tudo é diferente:  
as crianças nadam muito tempo antes de  
chorar  
e as ilhas choram muito tempo antes de  
nadar  
os dois prantos sob o signo de um parto  
mestiço  
de água e fogo. (Sousa, 1991: 7)

O quarto e o quinto versos aludem à criouldade cabo-verdiana, daí o sujeito lírico ter circunstanciado o parto como misto de «água e fogo». Continuando, os substantivos «água e fogo» são elementos representativos dos ilhéus. O tema da criouldade convida o leitor para o pensamento de Sérgio Neto, que, apoiando-se no estudo de António Carreira, *O crioulo de Cabo Verde. Surto e expansão*, postula o seguinte:

Descoberto em 1460, pelos navegadores portugueses, o arquipélago de Cabo Verde, composto por dez ilhas e alguns ilhéus, foi ocupado e colonizado a um ritmo lento que durou vários séculos. Colonos europeus e escravos africanos contaram-se entre os seus primeiros habitantes, dando origem a uma população maioritariamente mestiça. (Neto, 1983: 1)

Atentemos nos seguintes versos, que, cremos, constituem a espinha dorsal do poema, razão

pela qual o autor os destaca em maiúsculas. O poeta concebeu-o com o escopo de, além de mostrar a divisão do seu texto, enumerar os três elementos que estão na base da origem da pátria de Amílcar Cabral:

(a)  
LUZ  
LAVA e  
DOR.  
(Sousa, 1991: 7)

Como se percebe, o sujeito poético diz com muita simplicidade que o nascimento das ilhas é, à luz do presente enunciado, dor-prazeroso. Por outro lado, estes versos monossilábicos e dissilábicos catapultam, novamente, o leitor para o texto sagrado, segundo o qual

Deus disse: que haja luz. Então houve luz. Depois disso, Deus viu que a luz era boa, e Deus começou a separar a luz da escuridão. Deus chamou à luz dia, mas à escuridão chamou noite. E houve noite e houve manhã, primeiro dia. (Gn 1, 3-5)

Ao contrário do texto poético, as Escrituras não fazem referência à lava, nem à dor. O nascimento das ilhas foi especial, diferente do resto da Terra, talvez porque é obra do «sopro de um deus imaginário / – que já existia antes de Deus» (Sousa, 1991: 7), isto é, do Deus inventado por uma parcela da humanidade. Confrontando estes versos com os do poema «Panorama», de Jorge Barbosa, verifica-se que o cântico da origem de Cabo Verde já está

presente entre os seus antecessores. Por meio do «eu» poético, o claridoso procura entoar a origem das ilhas cabo-verdianas; para tal, utiliza frequentemente a interrogação retórica:

Destroços de que continente,  
de que cataclismo,  
de que sismos,  
de que mistérios?...  
Ilhas perdidas  
no meio do mar,  
esquecidas  
num canto do mundo

[...]

Montes àlérta  
nos seus contorcionismos estáticos  
de séculos  
rindo para o oceano gargalhadas  
que ficaram apenas começadas,  
sorrindo para o céu esgares enigmáticos  
como que evocarem o drama milenária...  
(Barbosa, 2017: 9-11)

Continuando, a anáfora dos versos de Mário Lúcio Sousa, «dez embriões num ventre /, dez vozes num parto, dez ilhas no mar e / dez mares para conter a alegria do meu peito [sic]» (Sousa, 1991), traça o mapa geográfico do arquipélago de Cabo Verde, na medida em que ele se estende por cerca de 4033 km<sup>2</sup> e foi formado pela acumulação de rochas, resultantes de erupções na superfície das plataformas submarinas. À exceção das ilhas da Boavista, do Sal e do Maio, o relevo do arquipélago é acidentado, com altitudes que ultrapassam os

1000 metros em algumas ilhas, atingindo os 2.882 m na ilha do Fogo, o ponto mais elevado de todo o país.

Eu assisti ao nascimento de um mundo  
ali onde se gerou o fogo  
que gerou o fogo  
e ficou elevado o umbigo da terra  
ou vulcão  
(Sousa, 1991: 8)

O primeiro verso, «Eu assisti ao nascimento de um mundo», não dialoga com o nascimento das ilhas, porque elas são anteriores ao poeta, ou seja, elas existem muito antes e são independentes do escritor. Logo, entende-se que o tempo proposto pelo enunciado é importante no processo afirmativo do cântico do sujeito poético. Por outro lado, converge com a data de nascimento do escritor, 1964, conforme se percebe neste verso: «e eu mil novecentos e sessenta e quatro anos atrás» (Sousa, 1991: 8). Na mesma narrativa, estes versos evocam as origens mais remotas do poeta.

Em suma, o texto «Prelúdio» catapulta o leitor para a origem das diversas ilhas de Cabo Verde. Segundo o sujeito lírico, as nove ilhas têm a sua génese há milhares de séculos. Ao longo do poema, o «eu» poético socorre-se da associação de diversas imagens e elementos da natureza cabo-verdiana, como a água, o mar, o fogo, o barro, entre outros. Por outro lado, salienta-se a intertextualidade deste texto com o livro do Génesis, bem como a relação temática com o poema de Jorge Barbosa.

### 3. Nascimento da ilha do «Fogo»

Ao contrário do primeiro poema, onde os versos, do ponto de vista da métrica, são mais curtos, porém com bastantes nasalizações e rimas externas, no poema intitulado «Fogo», dividido em duas partes (gestação e nascimento), o sujeito poético tem a intenção comunicativa de cantar, nos seus versos longos e menos nasalizados, o nascimento da segunda ilha cabo-verdiana a ser povoada, desejando que ela «seja ilha e mãe das ilhas» (Sousa, 1991: 10), uma vez que nela se situa o ponto mais alto do país. Para o efeito, no primeiro verso recorre ao herói da mitologia grega, Prometeu, muito amigo de Zeus. Como se sabe, Prometeu, desejando favorecer os homens, rouba o fogo do Olimpo. Daí a associação com a ilha do Fogo, descoberta em maio de 1460:

Prometeu  
prometeu e deu: eis a essência do ícone:  
«O fogo nascerá do sexo das madeiras, da  
sua fricção erótica».  
(Sousa, 1991: 9)

A referência ao mito do Prometeu estende-se a muitos autores da moderna literatura africana de expressão portuguesa. A título ilustrativo, salientamos *Prometeu* (2016), do escritor angolano António Jacinto; Pepetela, em *Mayombe* (1979), também explora este mito. Subentende-se que os autores africanos recorrem à figura deste herói, em função do seu carácter de partilha caritativa com os humanos e, sobretudo, por ter sido o responsável

pela criação, por meio do barro, do cosmos e por desafiar os deuses, roubando-lhes o fogo, um privilégio, para o dar a quem o não tem.

Um dado importante neste poema é a referência à biblioteca da cidade portuária do Mediterrâneo, Alexandria, bem como a evocação dos filósofos gregos Epicuro de Samos e Tales de Mileto, ilustrando o conhecimento que o autor tem da cultura grega.

Realça-se igualmente a tríade autor-texto-contexto, *id est*, todo o texto literário está sempre influenciado pelo contexto do seu autor, pese embora alguns autores advoguem o contrário. No entanto, no texto em análise, o sujeito poético cita, novamente, o ano de nascimento de Mário Lúcio Sousa, o que não autoriza leituras biografistas, nem que o texto possa ser lido e interpretado em outros tempos e latitudes:

e eu que já estava semeado  
para nascer mil novecentos e sessenta e  
quatro vezes  
– até nascer de uma vez  
Já velho na memória das ilhas  
(Sousa, 1991: 9)

De acordo com o sujeito lírico, a ilha do Fogo nasce «ante o silêncio do mar e da terra», pois a «ilha do fogo / queimou-se de véspera / para nascer contra natura / afogada no fogo / – entre a água e o lume» (Sousa, 1991: 9). O oxímoro «afogada no fogo» salienta a força da natureza e a exceção deste espaço,

cujo nascimento resulta da colaboração entre elementos opostos, isto é, incompatíveis.

A sextilha irregular composta de rimas assonantes, «para nós o sol nasceu aqui / porque no fundo dos vulcões / onde o fogo e a água se confundem / está o alimento dos sóis [*sic*], cuja referência / poderia ser esta textura derivada das pedra-pomes» (Sousa, 1991: 10), caracteriza a ilha do Fogo como a área geográfica onde os vulcões são constantes, e isto prejudica bastante o povo ilhéu, pois tem o mar como a sua fonte de alimento. Apesar disto, assiste-se ao cultivo de uvas e café, entre outras culturas. Ao mesmo tempo, este excerto pode ser associado ao mito da criação do sol, em *Antes o Mundo não existia: Mitologia dos antigos Desana – kêhíripõã*,

A Avó do Mundo, vendo que o bastão estava erguido, cumpriu a sua palavra de guiar o seu bisneto. Ela enfeitou a ponta do bastão com penas amarradas, enfeites próprios deste bastão, masculinos e femininos, e esse adorno ficou brilhando de diversas cores: branco, azul, verde, amarelo. Enfeitou-o ainda com um tipo de brincos ou pingentes, de feição masculina e feminina. Ela fez isso no cume da Torre do Mundo. Com esses enfeites, a ponta do bastão ficou brilhando. Aí, transformou-se, assumindo um rosto humano. E deu luz onde havia escuridão até os confins do mundo. Era Abe, o Sol que acabava de ser criado. Assim apareceu o Sol. (Lana e Lana, 1995: 24)

O poema em análise remete o leitor para uma associação de vários elementos do cosmos, tais como: mar, terra, água, fogo, chama, cinzas, luz, sol, noite, dia. A agregação destes elementos torna o poema mais intenso ao longo da sua leitura, permitindo vislumbrar a imagem de um vulcão.

Em suma, logo após a «gestação da ilha», Prometeu ordenou que o fogo «seja ilha e mãe das ilhas», onde «a chama do amor nunca se apaga». Nesta terra, «os homens nasceram queimados / e as mulheres cheirando a fogo: / serão pois felizes os meninos» (Sousa, 1988: 10).

#### **4. Descoberta inesperada: «Boa Vista» e «São Nicolau»**

A descoberta pelos desconhecidos leva-nos à viagem marítima dos portugueses e consequentemente ao encontro com as ilhas, bem como ao surgimento da ilha de São Nicolau, embora esta tenha uma promanação diferente, com base na enunciação do sujeito poético.

Optou-se por se estudar estes dois poemas de forma simultânea, em função das suas similaridades no fundo e na forma, pois ambos são textos carregados de imagens fortes e singulares de Cabo Verde, apesar de o primeiro, «Boa Vista», ser menos longo, com versos, por vezes, mais curtos, mas que encerram, no seu âmago, a visão do «eu».

Em «Boa Vista», na primeira septilha (de versos irregulares), o poeta começa por

abordar a chegada dos portugueses à ilha com este nome por meio da agramaticalidade na construção de certas palavras, «per Dido», «calHAU», «iLHÉU», na medida em que, quanto à ortografia das palavras, as normas da gramática normativa são tão claras quanto as regras. Já o destaque da expressão «per Dido», à luz do sujeito poético e da sua intenção comunicativa, assinala que os portugueses não tinham intenção de atracar na ilha, facto que ocorreu por força do destino, daí o dissilábico «calhou», bem como os enunciados que indicam o tempo («por então», «e de repente») e o substantivo escrito em letras maiúsculas, «Ilha»:

Por então  
Os portugueses estavam perdidos, digo, per  
Dido  
e de repente  
calhou  
calHAU  
iLHéu  
ILHA  
(Sousa, 1991: 14).

A sétima acima pode ser associada às palavras de Roberta Alves, para quem

O arquipélago ficou desabitado até ao século xv, quando exploradores portugueses descobriram e colonizaram as ilhas, estabelecendo assim o primeiro povoamento europeu nos trópicos. Porque as ilhas de Cabo Verde estavam idealmente localizadas para desempenhar um papel no comércio de escravos do Atlântico, tornou-se economicamente próspero durante os séculos

xvi e xvii, atraindo mercadores, corsários e piratas. [...] Em 1951, Cabo Verde foi incorporado como departamento ultramarino de Portugal, mas os seus habitantes continuaram a fazer campanha pela independência, que alcançaram em 1975. (Alves, 2023: s.p.)

Tendo em conta o exposto, vale a pena, de novo, citar o poema «Prelúdio» de Jorge Barbosa. De acordo com o enunciado,

Quando o descobridor chegou à primeira  
ilha  
nem homens nus  
nem mulheres nuas  
espreitando  
inocentes e medrosos  
de trás da vegetação.  
[...]  
Havia somente  
as aves de rapina  
de garras afiadas  
as aves marítimas  
de vôo largo  
as aves canoras  
assobiando inéditas melodias.  
[...]  
Quando o descobridor chegou  
e saltou da proa do escaler varado na praia  
enterrando  
o pé direito na areia molhada  
e se persignou  
receoso ainda e surpreso  
pensando n'El-Rei  
nessa hora então  
nessa hora inicial  
começou a cumprir-se  
este destino ainda de todos nós  
(Barbosa, 2017: 20-23)

Note-se que, quanto ao título, o texto de Jorge Barbosa assemelha-se ao «Prelúdio» de Mauro Lúcio Sousa; porém, divergem no que diz respeito ao fundo. O primeiro texto, tal como se pode ler, evoca a chegada dos portugueses ao arquipélago; o segundo, contrariamente, celebra o nascimento das ilhas cabo-verdianas.

Além disso, importa referir que, com base na voz do «eu» poético, a descoberta dos desconhecidos é-nos apresentada como o encontro de «dois velhos amigos», todavia, «dois novos inimigos» (portugueses e cabo-verdianos), cujos planos haviam sido premeditados. Por quem? Ora, escutemos:

E encontrámo-nos como dois velhos amigos  
como dois novos inimigos – e vice versa –  
e descobrimos as nossas misérias humanas,  
que como dois míseros,  
e como o cego e a sua bengala  
se pressupõem sem ser contrários  
e jamais se prescindem.  
(Sousa, 1991: 14)

Embora o poeta tivesse entoado o hino da igualdade e da inteireza de maneira subjetiva, ao longo da colonização portuguesa nesta ilha – este dado é extensivo para as demais ilhas – assistiu-se à subjugação e humilhação dos cabo-verdianos, vistos como seres irracionais, sem personalidade ético-moral, o mesmo facto podendo ser dito de outros países da África de expressão portuguesa, como Angola, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe.

A metáfora do cego e a sua bengala, «e como cego e a sua bengala / se pressupõem sem ser contrários / e jamais se prescindem» (*Ibidem*), serve de elemento ilustrativo da relação interdependente entre Portugal e Cabo Verde, ou seja, ambos os países precisam um do outro para a construção e edificação das suas nações. Logo, de acordo com o sujeito lírico, é com base na relação de igualdade que os dois países poderão ultrapassar as suas «misérias humanas».

Por sua vez, em «São Nicolau», Canto X, compartimentado em 10 secções interdependentes, com alguns monósticos, dísticos, tercetos, sextilhas, entre outros, o sujeito poético canta (no primeiro dístico) o contacto com esta ilha. Antes de conhecer os habitantes, conheceu-a, por isso, muito «antes de tropeçar com o amor / tropecei com as árvores» (Sousa, 1991: 24). O substantivo «amor» substitui, neste trecho, os habitantes da ilha. De igual maneira, «árvore» refere-se à ilha de São Nicolau.

A imagem do embondeiro (árvore de capital importância nas cerimónias e ritos tradicionais africanos, como o nascimento e a morte, símbolo de unidade entre os seres vivos e os mortais) é o elemento gravitacional de todo o discurso. Por isso, o poeta recorre a ela como símbolo de unidade nacional:

o Homem libertar-se-á dos animais  
libertar-se-á das armas  
libertar-se-á dos homens  
e caminhará em direção ao Homem  
(Sousa, 1991: 33)

Na segunda estância do poema, o «eu» poético revela com bastante sinceridade que conheceu a ilha nascida do «tronco de um embondeiro» (Sousa, 1991: 33) e os seus diferentes grupos étnicos: «o amor encontrei / as árvores também / tro/pe/cei com o amor e as árvores» (Sousa, 1991: 34). Por esta razão, afirma:

Aprendi a contar nos dedos  
e contei quinhentas e quinze luas novas  
para que eu tivesse uma ao alcance da mão  
saí aos sete ventos a cantar o meu júbilo  
[...]  
(Sousa, 1991: 34)

Contudo, com base na coda deste poema, entende-se que a ilha de São Nicolau permaneceu desconhecida nas demais partes do Mundo, pese embora os portugueses já tivessem encontrado a ilha de Boa Vista. De igual modo, as ilhas cabo-verdianas precedem os descobridores portugueses e os filhos da pátria.

## 5. Conclusão geral

Chegados até aqui, somos levados a afirmar que, Mário Lúcio Sousa, ao lado dos seus coetâneos, é um dos expoentes máximos da literatura contemporânea de Cabo Verde. Neste diapasão, e com base nos textos estudados, entende-se que a obra literária e poética *Nascimento de um Mundo* canta, no seu âmago, a génese de Cabo Verde. Por outro lado, sublinha-se o rigor linguístico e gramatical, bem como a coesão e coerência na construção

frásica, tornando a obra mais tensa. Além da intertextualidade com o livro bíblico e com Jorge Barbosa, Mário Lúcio Sousa apresenta diversidade de referências da cultura ocidental com as quais dialoga.

Recomenda-se a leitura da obra deste escritor-político, tendo em conta o seu valor literário e histórico dentro da atual literatura de expressão portuguesa, especificamente cabo-verdiana, pois ajudará na compreensão e interpretação da vida e cosmovisão dos ilhéus. De facto, o escritor advoga, por meio do sujeito lírico, o que «nasceu um Mundo / outro surgiu / sobrevive um desconhecido inda [sic]» (Sousa, 1991: 34). Um Mundo desconhecido pelos próprios cabo-verdianos, africanos e europeus.

## Bibliografia

### *Impressa*

- Barbosa, J. (2017). *Arquipélago*. Pedro Cardoso Livraria. Praia;
- Da Silva, F.F. (2014). Novas tendências da poesia cabo-verdiana: Escritores heterônimos de si próprios. *Contexto*, **25**: 49-79. Rio de Janeiro;
- Lana, F.A. e Lana, L.G. (1985). *Antes o Mundo não existia – Mitologia dos antigos Desana*. UNIRT. São João Batista do Rio Tiquié;
- Santilli, M.A. (2007). *Literaturas de língua portuguesa: Marcos e marcas*. Arte e Ciência. São Paulo;
- Sousa, M.L. (1988). *Nascimento de um Mundo*. Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco. Cabo Verde;
- Sousa, M.L. (2015). *Biografia do língua*. Dom Quixote. Lisboa.

## *Digital*

Alves, R.M.F. (2023, 9 de novembro). A literatura de Cabo Verde. *LiterAfro – O Portal da Literatura Afro-Brasileira*. Acedido em 27 de maio de 2026, em: <https://www.lettras.ufmg.br/literafro/literafricas/literatura-cabo-verdiana/1558-a-literatura-de-cabo-verde-roberta-maria-ferreira-alves>;

Dos Santos, R.P. (2012). Poesia cabo-verdiana contemporânea – A poética de José Luís Tavares. *Via Atlântica*, **13**, 2: 122-126. Acedido em 2 de março de 2023, em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/51685/55751>;

De Oliveira, J.P. (2021). *A utopia no romance Biografia do Língua de Mário Lúcio Sousa*. Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa. 107 pp. Acedido em 3 de março de 2023, em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/115911/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20%28vers%C3%A3o%20corrigida%20-%20pdf%29.pdf>;

Lucio, M. (s.d.). *MarioLucio*. Acedido em 20 de novembro de 2022, em: <https://www.mario-lucio.com>.

## Resistência e interseccionalidade na videoarte de mulheres artistas racializadas<sup>1</sup>

### Resistance and intersectionality in the video art of racialized women artists

TERESA VEIGA FURTADO<sup>2</sup>

**Resumo:** O tema central deste artigo incide nas representações de mulheres videoartistas do seu corpo racializado e objeto de violência, que transformam as mulheres em não-sujeitos, mas também nas figurações da sua identidade e autodeterminação, centradas em narrativas de resistência autorreflexivas, no sentido da criação de si mesmas como sujeitos. Tendo como estudo de caso as peças de vídeo: «Free, white and 21» de Howardeena Pindell (EUA, 1980), «Absolute exotic» de Lilibeth Cuenca Rasmussen (Dinamarca, 2005), e «Insularidade» de Jacira da Conceição (Portugal, 2023), pudemos observar que a videoarte de mulheres é um fenómeno dinâmico que se articulou tanto com os movimentos feministas da Segunda Vaga como se ligou aos da Terceira Vaga, tal como os feminismos negros e chicanos, enquadrados pelo movimento de individualização e pelas transformações sociais mais amplas.

**Palavras-Chaves:** Videoarte; resistência; interseccionalidade; racismo.

**Abstract:** The central theme in this article focuses on women video artists' representations of their racialised bodies and objects of violence, which turn women into non-subjects, but also on figurations of their identity and self-determination, centred on self-reflexive narratives of resistance, towards the creation of themselves as subjects. The case study is the video pieces: *Free, white and 21* by Howardeena Pindell (USA, 1980); *Absolute exotic* by Lilibeth Cuenca Rasmussen (Denmark, 2005), and *Insularity* by Jacira da Conceição (Portugal, 2023); we were able to observe that women's video art is a dynamic phenomenon that was articulated both with the feminist movements of the Second Wave and with those of the Third Wave, like black and chicano feminisms, framed by the individualisation movement and broader social transformations.

**Keywords:** Video art; resistance; intersectionality; racism.

---

<sup>1</sup> Este artigo recorreu a excertos da minha tese de doutoramento em Sociologia, intitulada *Videoarte de mulheres: Nossos corpos, nós mesmas. Corpo, identidade e autodeterminação nas obras de videoartistas influenciadas pelos feminismos* (2014), revista por João Carlos Castro Neves, e que será publicada em breve.

<sup>2</sup> CHAIA, Instituto de Investigação Avançada, Universidade de Évora, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-0802-0589>.

## 1. Abordagem interseccional dos feminismos da Terceira Vaga

Para a escrita deste artigo recorreremos à noção de obrigações globais éticas, cívicas e políticas proposta por Judith Butler:

A ideia de obrigações globais que servem a todos os habitantes do mundo, humanos e animais, está tão longe da consagração neoliberal do individualismo quanto poderia estar, e, no entanto, é em geral descartada como sendo ingénua. [...] obrigações para com os migrantes, para com os ciganos, para com aqueles que vivem em situações precárias, ou mesmo, aqueles que estão sujeitos à ocupação e à guerra, aqueles que estão sujeitos ao racismo institucional e sistémico, os indígenas cujo assassinato e desaparecimento nunca aparecem na sua totalidade no registo público, as mulheres que estão sujeitas à violência doméstica e pública, e ao assédio no local de trabalho, e as pessoas não-conformes de género que estão expostas a danos corporais, incluindo o encarceramento e a morte (Butler, 2020: 42).<sup>3</sup>

No feminismo da Segunda Vaga, a preocupação em combater o sexismo teve primazia sobre a guerra contra a homofobia e o racismo, entre várias outras desigualdades, pois havia o receio de que o destaque das diferenças entre as mulheres reduzisse o feminismo a uma ação não concentrada em volta de questões clara e

incontestavelmente femininas, razão pela qual, de um modo geral, as feministas adotaram, nessa altura, uma categoria única e essencial de mulher, procurando, desse modo, conseguir a união de todas as mulheres em torno de uma mesma causa e de uma mesma luta.

Em meados da década de 1980, verificou-se uma crise no movimento feminista, e teóricas feministas pós-estruturalistas, negras, chicanas, decolonialistas e lésbicas de proveniências geográficas diferentes daquelas das feministas francófonas e anglo-americanas reconheceram a inadequação teórica e as limitações de um conceito de género ancorado na noção de sexo biológico essencialista. Esta crise originou os feminismos antiesencialistas da Terceira Vaga, considerando o género como dinâmico, fluido, de expressões múltiplas, algo que se representa, constrói e reafirma na interação social, e entendendo a desigualdade de género como uma prática ligada de um modo estreito a outras formas de desigualdade, como as suscitadas, em particular, por diferentes grupos étnicos, estatutos socioeconómicos, classes sociais, orientações sexuais, nacionalidades, geografias, ideologias, graus de incapacidade física e gerações. Recorrem, por isso, a uma abordagem pluralista e crítica da cultura ocidental e têm em atenção as mulheres não brancas, um leque

==

<sup>3</sup> Sempre que não haja indicação explícita em contrário, como a indicação existente no caso presente, todas as traduções apresentadas nesta dissertação são por nós efetuadas.

aberto de diversidade sexual, bem como as mulheres desfavorecidas, no que respeita ao seu contexto socioeconómico, julgando, portanto, a desigualdade de género não passível de ser contestada de forma independente e separada dessas outras desigualdades.

Assim, Griselda Pollock lembra-nos que o feminismo

[...] funciona como uma resistência a qualquer tendência para estabilizar o conhecimento ou teoria em torno das ficções do genericamente humano ou do monoliticamente universal ou de qualquer outro mito androcêntrico, racista, sexista ou idadista da cultura ocidental imperial e dos seus (frequentemente não tão) radicais discursos. (Pollock, 2005[1996]: 4-5)

Este é um feminismo adotado pela descendência das feministas da Segunda Vaga, podendo dizer-se que não existe, para o feminismo da Terceira Vaga, um conceito definidor abrangente. Fortemente influenciado pelos feminismos pós-moderno e empregando, de modo crítico e estratégico, as metodologias de vários outros tipos de feminismo, assume as contradições resultantes de uma abordagem pluralista e crítica da cultura ocidental, opressão, masculinidade, feminilidade, classe, «raça» e colonialismo. O feminismo da Terceira Vaga questiona as categorias de género e sexualidade, é antiessencialista ou emprega o essencialismo estratégico e critica o feminismo da Segunda Vaga por ser monolítico e

lidar apenas com as questões da classe média branca.

O reconhecimento desta diversidade levou à adoção, pelo pós-modernismo feminista, do termo «mulheres» no lugar de «mulher», ou seja, conduziu, em particular, a um entendimento da diferença entre as mulheres, não como um modo de divisão e vulnerabilização do movimento feminista, mas sim como um modo de inclusão e união do mesmo, à opção pelo termo plural «feminismos» no lugar de «feminismo», e à rejeição de uma identidade estável, fixa e essencial como a representada na categoria mulher. Os feminismos da Terceira Vaga evidenciam o seu antiessencialismo e antidualismo, considerando o género tanto uma dimensão fluida, dinâmica, de expressões múltiplas, algo que se faz, desfaz, constrói e reafirma na interação social, como uma dimensão intimamente ligada a outras formas de desigualdade – raciais, étnicas, socioeconómicas, de classe, de orientação sexual, geográficas, e geracionais, por exemplo.

Foi também neste período da década de 1980 que os feminismos negro, latino, caribenho, indígena, indiano, entre outros, criticaram profundamente as análises feministas dominantes por refletirem sobretudo as preocupações das mulheres brancas e de classe média, não tomando em atenção as múltiplas desigualdades – de género, classe e etnia, entre outras – vivenciadas pelas mulheres não brancas, enquanto, de modo simultâneo, rejeitavam a ideia de que todas as mulheres

experimentam o mesmo tipo de opressão. Nos anos 1990, o termo pós-feminismo assinala uma mudança nos debates sobre igualdade e diferença, essencialismo e construtivismo, para reflexões sobre a produção transversal de diferenças. A ideia de interseccionalidade é uma conceção cara ao feminismo da Terceira Vaga, e o pensamento crítico das feministas negras foi fundamental para o desenvolvimento das teorias em torno deste conceito. O termo interseccionalidade foi cunhado pela feminista negra Kimberlé Crenshaw em 1989, no artigo «Demarginalizing the intersection of race and sex, A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics», advogando que os sistemas de poder e privilégio estão interligados e têm impacto sobre as oportunidades e vivências das pessoas mais marginalizadas na sociedade, como, por exemplo, as minorias de mulheres, transgénero, negras, entre outras, que não são oprimidas de forma igual. O feminismo negro condenou as análises feministas dominantes por refletirem sobretudo as preocupações das mulheres brancas, de classe média, não tendo em atenção as múltiplas desvantagens – de género, classe, raça e etnia, entre outras – que moldam as experiências das mulheres não brancas. Destacam-se neste âmbito as pensadoras Angela Davis (EUA, 1944), Conceição Evaristo (Brasil, 1946), bell hooks (EUA, 1952-2021), Chandra Mohanty (Índia, 1955), Cheryl Clarke (EUA, 1947), Chimamanda Adichie (Nigéria, 1977),

Gayatri Spivak (Índia, 1942), Gloria Anzaldua (EUA, 1942), Kimberlé Crenshaw (EUA, 1959), Lélia Gonzalez (Brasil, 1935-44), Ochy Curiel (República Dominicana, 1963), Patricia Collins (EUA, 1948), Sueli Carneiro (Brasil, 1950) e Yuderkis Miñoso (República Dominicana, 1967), María Lugones (Argentina, 1944-2022), Rita Segato (Argentina, 1951), entre muitas outras. Estas pensadoras e ativistas originaram um conjunto importante de análises e teorias que contribuíram para a compreensão das desigualdades que cruzam o género e a raça e para a apresentação de propostas para a sua eliminação, conseguindo ganhos importantes para as mulheres em termos de igualdade política e económica. Como advoga bell hooks:

Para mim, o feminismo não é simplesmente uma luta para acabar com o chauvinismo masculino ou um movimento para garantir que as mulheres tenham direitos iguais aos dos homens; é um compromisso para erradicar a ideologia de dominação que permeia a cultura ocidental em vários níveis – sexo, raça e classe social, para citar alguns – e um comprometimento de reorganizar a sociedade dos Estados Unidos de maneira que o autodesenvolvimento das pessoas possa preceder o imperialismo, a expansão económica e os desejos materiais. (hooks, 2019: 142)

Por conseguinte, o feminismo negro rejeitou a ideia de que todas as mulheres experienciam o mesmo tipo de opressão, defendendo que, nesse sentido, cada mulher tinha uma biografia

pessoal única. As forças sociais que moldam as experiências das pessoas não podem ser analisadas de forma isolada e devem ser estudadas de uma forma integrada e inter-relacional. Assiste-se neste período a um deslocamento das posições feministas que assentam numa única noção de diferença sexual e de género – seja esta entendida a partir de uma perspectiva essencialista, marxista ou linguística – para posições que partem de uma análise de natureza transversal. A pós-modernidade rejeitou os paradigmas binários e estáveis da modernidade e abraçou a ambiguidade, a relatividade, a fragmentação e a descontinuidade conceptual.

## **2. O corpo como lugar de projeção de racismo discriminatório**

Ao longo da história das sociedades ocidentais, o corpo é, muitas vezes, lugar de projeção de relações imaginárias e discriminatórias, como as do racismo. No sistema racializado, a história, a cultura e a diferença de cada pessoa desaparecem, dando lugar à ideia de um corpo coletivo, unificado pela ideia geral de «raça» (Le Breton, 1992: 103-104). O termo «raça» é utilizado para classificar os indivíduos ou grupos de pessoas como grupos distintos do ponto de vista biológico, com base em traços físicos. Os diferentes aspetos da vida das pessoas, como o emprego, a educação, a saúde, as relações pessoais, e a representação legal, são moldados e limitados pelas posições que os indivíduos ocupam dentro desse sistema. Em-

bora a «raça» seja um conceito cientificamente desacreditado, as suas consequências materiais ao longo da história são profundas (Giddens e Sutton, 2014: 106-107). Para os sociólogos, o conceito de «raça» é uma construção social, entendido como algo não exatamente material e palpável, mas antes como uma criação dos seres humanos moldada pelas forças sociais presentes no momento e no local da sua conceção. Assim, a «raça», embora inteiramente uma invenção humana, é real nas suas consequências quotidianas nas vidas das pessoas (Morning *et al.*, 2013: 267-268).

Todos os seres humanos são híbridos, combinando cada pessoa em si mesma diferentes características, linhagens ou estirpes daquilo que nos identifica como seres humanos. A «raça» possui semelhanças, mas também diferenças, em relação à sexualidade, na medida em que esta última, aparentemente, existe em duas variedades e tem como base, principalmente, a capacidade de geração da mulher de um novo ser no interior do seu corpo. No respeitante à «raça», inversamente ao que se passa com a sexualidade, há uma grande diversidade de gradações das diferenças físicas que se apresentam ao nosso olhar, em termos de cor da pele e de outros sinais, como a consistência do cabelo e a altura, entre outros que são usados como indicadores do que possa ser uma «raça» diferente. A criação de uma definição clara e consistente de «raça» pode tornar-se uma tarefa de complexidade muito superior à da separação da sexualidade em

feminina e masculina. No decorrer da história, em sociedades e culturas diversas, são reforçadas e reinterpretadas as diferenças físicas, psicológicas, emocionais, fazendo com que estas sejam significativas no universo social, independentemente de serem sustentadas, ou não, por algo realmente significativo em termos fisiológicos. O significado de «raça» tem-se alterado constantemente entre aqueles que, ao longo do tempo, têm procurado estabelecer uma ideia clara sobre esta. Os conceitos e atitudes sociais em relação às diferenças fisiológicas mudam ao longo da história, no entanto, verifica-se um permanente ampliar, objetificar e estereotipar dessas mesmas diferenças (H. Molotch, *in* New York University, 2011).

O racismo assenta num exercício de classificação centrado em traços fisiológicos, clara e inequivocamente de identificação simples, que objetificam o corpo. Aos olhos do racista, a diferença no corpo estrangeiro transforma-se em estigma e, no decorrer deste processo, o Outro é reduzido a um corpo. Nesse sentido, para o racista o corpo não é moldado pela biografia pessoal do indivíduo, mas, inversamente, as suas circunstâncias de vida são produto do seu corpo e o seu ser é consequência da sua anatomia (Breton, 1990: 103-104). Os grupos que possuem poder e recursos estabelecem, frequentemente, diferenças em relação às minorias, nem sempre com base na cor da pele ou em outras características biológicas, mas apegando-se a características, aparentemente coletivas e «naturais», relativas à personali-

dade, como a ociosidade, ou aparentemente associados com a instrução e a socialização, como a «cultura da pobreza», tornando-se estas particularidades razão para justificar a sua exploração e subordinação. Tais explicações servem muitas vezes como forma de legitimar a estigmatização, exploração, repressão ou mesmo eliminação das referidas minorias.

A expressão «dupla consciência» foi utilizada por William Du Bois (EUA, 1868-1963) em *The souls of black folk*, de 1903, para referir a situação dos negros que internalizam o olhar discriminatório dos brancos, os quais classificam os negros como seres inferiores com base na cor da pele (Macionis e Plummer, 2008: 355).

A este respeito, é importante salientar que, com frequência, como defendeu Du Bois, as pessoas negras integram nas suas consciências os juízos depreciativos e as atitudes discriminatórias que as pessoas brancas têm para com elas, constituindo essa discriminação uma fonte de opressão e um duplo fardo para as minorias negras. O pensamento de um indivíduo negro sobre si mesmo, ou seja, a sua autoconsciência, é sempre enquadrado pelas expectativas sociais negativas que as pessoas brancas têm sobre os indivíduos negros. Estes últimos não podem, por conseguinte, possuir uma consciência verdadeira de si mesmos e autoavaliarem-se livremente sem que tenham sempre presente na sua consciência o olhar depreciativo dos brancos. Du Bois denuncia a

situação dos negros que vivem num mundo separado dos brancos como resultante de relações de poder desiguais. Nesse universo social, os brancos são importantes para formarem o sentido de si mesmos dos negros, mas o inverso é falso, na medida em que as pessoas brancas não tomam particularmente em consideração o que as pessoas negras pensam delas (H. Molotch, *in* New York University, 2011).

Se, por um lado, o olhar escrutinador masculino, internalizado pelas mulheres, remete para a ideia advogada pelo interacionismo simbólico de que todas as pessoas necessitam da aprovação das outras para terem um sentido positivo de si mesmas, isto é, para terem dignidade, por outro, revela a profunda assimetria e hierarquia inscrita nas relações de género, na medida em que esse olhar é dominador e controlador. Este olhar escrutinador está também presente nos processos estigmatizantes do racismo e sempre que é internalizado pelas pessoas marginalizadas toma a forma de dupla consciência.

A partir dos anos 1960, numerosas artistas influenciadas pelo movimento feminista atacaram e denunciaram a dominação das mulheres, usando o vídeo para esse fim. De facto, este era um *medium* que havia surgido na década de 1960, não se fundando num discurso estético genderizado masculino, como sucedia com as disciplinas da pintura ou da escultura, nem dando, como estas, forma às categorias

hierarquizadas de homem enquanto mestre-sujeito-ativo que deseja, e de mulher como musa-objeto-passivo de desejo. A reivindicação pelas mulheres do controlo sobre o seu próprio corpo levou a que numerosas artistas recorressem ao vídeo para exprimirem as suas imagens corporais e reclamarem uma posição autoral para a subjetividade feminina, enquanto recusavam as representações tradicionais da mulher na história da arte como alegorias de eventos históricos, religiosos, mitológicos, bem como projeção da sexualidade masculina, e reclamando e inscrevendo os seus corpos e as suas vozes no território da arte, ao mesmo tempo que se tornavam mestres e modelos de si mesmas. Nesse sentido, gostaríamos de sublinhar a natureza transformadora e de crítica social das obras de muitas videoartistas que propõem tanto uma censura social das desigualdades de género que contribuem para a dessubjetivação das mulheres, sobretudo aquelas relativas à violência e às feminilidades normativas, como sugerem novos paradigmas de representação dos seus corpos, sobretudo por meio da utilização dos seus corpos como condutores de mensagens políticas, críticas e reivindicativas, que rompem e questionam os discursos sociais onde se constrói a diferença, a hierarquia e a dominação entre as pessoas.

As artistas lembram ao espectador que o corpo é um lugar de construção do social, regido e edificado de acordo com normas coletivas. O corpo torna-se vulnerável face a este olhar

escrutinador, que o sonda e invade as suas fronteiras, mesmo as mais privadas, transformando-o num objeto; objeto esse alienado do próprio indivíduo. De um ponto de vista bem particular, este é um poder impessoal, resultante da ação de múltiplas forças não centralizadas, que assumem formas particulares ao longo da história e que regulam os elementos mais íntimos e mais ínfimos da corporalidade através de tecnologias meticulosas, que produzem nos agentes os signos da obrigação e da fidelidade, tornando os corpos dóceis e obedientes. Essas figurações múltiplas realizadas por estas videoartistas entre os anos 1960 e a atualidade são articuladas tanto com as diferentes dimensões dos movimentos feministas como com as mudanças sociais da condição feminina que ocorreram na sociedade ocidental, as quais atravessam o período que vai desde os anos 1960 até aos dias de hoje.

### **3. Howardeena Pindell:**

#### **menestrelismo invertido**

A artista, ativista e curadora afroamericana Howardeena Pindell (EUA, 1943), no seu vídeo *Free, white and 21* (EUA, 1980), aborda situações em que, ao longo da sua vida, foi alvo de racismo e sexismo. No referido vídeo, Pindell surge simultaneamente como narradora negra e como mulher ocidental branca, com uma peruca loira e óculos escuros. A mulher negra, representada pela própria artista, vai progressivamente, ao longo do vídeo, sofrendo uma

metamorfose simbólica em mulher branca, ao envolver a sua cabeça em ligaduras de gaze branca até ficar com a cabeça totalmente coberta. Esta metamorfose de pessoa negra em pessoa branca realizada pela artista pode ser compreendida como uma representação de menestrelismo concretizada de forma inversa.

O menestrelismo, que emergiu no início dos anos 1820, era um espetáculo popular de música, dança e comédia. As personagens principais eram artistas brancos com a cara pintada de preto que imitavam, por meio da ironia e do exagero, os traços físicos e psicológicos que se supunha corresponderem à «verdadeira» natureza dos negros. No século XIX, nos EUA, existia a ideia, racista e preconceituosa, de que os negros eram pessoas infantis, simples, preguiçosas e ingénuas, de natureza alegre e divertida, e amantes do lazer e da vadiagem. E, embora a sua música, dança e adornos fossem apreciados pela maioria das pessoas, faltavam-lhes as qualidades que caracterizavam a cultura ocidental, como a racionalidade e a moderação. Por todos estes motivos, os negros eram definidos como fazendo parte do mundo natural e inferiores aos brancos. Deste modo, o menestrelismo ajudava a produzir e reforçar o processo de estigmatização e estereotipia dos negros pelos brancos, e a criar uma identidade branca partilhada entre as audiências da classe trabalhadora, de ascendência irlandesa ou escocesa, que viviam elas mesmas a discriminação nos EUA, embora a um nível bastante

menos acentuado do que os negros (Rothenberg, 2014: 110-111 e 116-117).

As falas da narradora negra no vídeo *Free, white and 21* são constituídas por relatos autobiográficos da sua vida, em que foi sujeita a preconceitos racistas e sexistas, enquanto a personagem branca responde, de modo indignado, às histórias da primeira, acusando-a de ser delirante e mal-agradecida. A artista faz uma crítica feroz ao silêncio a que as mulheres negras são forçadas em diversas esferas sociais, sendo cedo na vida obrigadas a tomar consciência das fortes barreiras que separam o mundo dos brancos do mundo dos negros.

No que concerne às mulheres negras, o princípio de diferenciação sexual acresce ao princípio de diferenciação racial. Ao longo do vídeo, a artista relata incidentes da sua vida em que foi vítima de preconceitos racistas em instituições educacionais, agências de emprego e vários outros contextos sociais, unicamente por ser uma mulher afroamericana. Pindell encontra-se sujeita a um racismo institucional, ou seja, não é privada dos seus direitos devido à ação de uma pessoa preconceituosa, mas, antes de mais, devido a um sistema que automaticamente discrimina as pessoas através de mecanismos institucionais subtis (Molotch, *in* New York University, 2010b).

Enquanto estudante, em favor de um aluno branco, Pindell foi desencorajada de seguir um programa de ensino que lhe permitia

adquirir rapidamente um determinado grau académico, e o seu nome foi retirado de uma lista de elegíveis para um posto académico, considerado inapropriado pela própria instituição. Como potencial trabalhadora na arena social, foram-lhe recusados vários empregos, que eram oferecidos a candidatos brancos. Como conviva de uma festa de casamento, a artista foi segregada pelos outros convidados quando apertavam as mãos entre si, recusando-se a apertar a mão dela. Além disso, nesta festa, foi olhada fixamente pelos demais comensais enquanto comia, transformada no Outro do sujeito branco privilegiado. O vídeo termina com a mulher branca a dizer:

Sua ingrata [...] Após tudo o que fizemos por ti. Não acreditamos nos teus símbolos. Tens de usar os nossos símbolos. Estes só serão válidos após a nossa validação. Deves mesmo estar paranóica. Eu nunca vivi uma experiência como essa, mas está claro que eu sou livre, branca e tenho 21 anos. (Pindell, 1980)

Pindell estudou pintura em Boston e em Yale, mas as suas obras abstratas e colagens de papel não atendiam às expectativas do mundo da arte, que esperava das artistas negras a produção de uma arte de carácter primitivista ou *naïf*, isto é, uma arte de base natural, instintiva, autodidata, e não baseada numa formação académica artística, uma arte que tantas vezes rejeita os preceitos da arte tradicional, apresentando um carácter a um tempo inocente

e, simultaneamente, exagerado e excêntrico. Nos finais dos anos 1970, a artista começou a centrar-se em temas políticos e sociais, como o racismo e o sexismo. Inicialmente, Pindell esteve envolvida no movimento da arte feminista nos EUA, porém, desiluiu-se devido ao foco predominante do movimento nos problemas das mulheres brancas.

No período em que esta peça de vídeo foi realizada, nos anos 1980, a nova esquerda tinha-se fragmentado e o Movimento de Libertação das Mulheres, enquanto movimento coerente, tinha terminado, dividido entre opiniões divergentes quanto a tópicos de sexualidade, «raça» e relações com o Estado. No exterior do movimento, o feminismo confrontava-se com uma oposição forte, vinda da mobilização religiosa contra o direito ao aborto e as liberdades sexuais. Nos EUA, uma reação política mais ampla obstaculizou uma proposta de alte-

ração às leis que pretendiam garantir direitos iguais às mulheres – «Equal Rights Amendment», em 1982 –, e a tendência conservadora então instituída no mundo ocidental levou ao poder as administrações Reagan, Thatcher e Kohl. Em países onde os governos de centro-esquerda foram eleitos na década de 1980, incluindo a França e a Austrália, as aberturas iniciais no sentido do feminismo foram reduzidas em virtude da influência crescente da ideologia de mercado neoliberal (Connell e Messerschmidt, 2005: 42).

#### 4. Lilibeth Cuenca Rasmussen: a Outra étnica

Outra peça de vídeo que trata, tal como a de Pindell, de questões de alteridade, etnicidade e racismo é o vídeo musical *Absolute exotic* (Dinamarca, 2005) (Fig. 1), da artista dinamarquesa de origem filipina Lilibeth Cuenca Rasmussen (n. Filipinas, 1970).



Figura 1 – Lilibeth Cuenca Rasmussen, *Absolute exotic*, Dinamarca, 2005. Fotograma de vídeo, 4:24, cor, som.

Desde a década de 1990 que os feminismos da Terceira Vaga têm empregado metodologias pertencentes a diferentes correntes feministas, como o feminismo pós-moderno e o designado feminismo do Terceiro Mundo, abraçando uma política de hibridismo e de coligação, adotando linguagens e imagens de multiplicidade e diferença e superando contradições de uma forma afirmativa, ou seja, reconhecendo as diferenças, com o fim de alcançar a solidariedade. Estes feminismos são antidualistas e antiessencialistas, rejeitando as categorias fixas de gênero e de sexualidade e apropriando-se dos «media» contemporâneos e da cultura pop para divulgar as suas mensagens, sendo críticos do feminismo da Segunda Vaga e denunciando-o como monolítico, branco, de classe média e heterossexual.

Segundo a artista, este vídeo trata de questões de

[...] exotismo e das circunstâncias complexas da hierarquia de raças existente entre os emigrantes e as minorias étnicas da sociedade. Eu estou a interpretar o papel da rapariga asiática representando-me como um estereótipo exótico, enquanto pronuncio um rap malicioso sobre a popularidade das raparigas negras. A minha inspiração foi o primeiro fenómeno exótico na Europa, a cantora afro-americana Josephine Baker. (Rasmussen, 2005)

Tal como as artistas feministas das décadas anteriores, Rasmussen utiliza material autobiográfico, cruzando as fronteiras entre o es-

paço público e o privado. Nesta peça de vídeo, descalça e vestindo uma saia de folhas e uma coroa de flores, representa a imagem *cliché* da dançarina asiática enquanto Outra étnica, cantando e dançando ao mesmo tempo, inspirada em coreografias da Índia, do Havai e de África. A música é uma estratégia fundamental no seu trabalho e ela constrói este vídeo em torno de uma música cuja narrativa se revela na interação da letra com as imagens. A canção é sobre as relações inter-raciais e as minorias étnicas, sobre o posicionamento da artista enquanto objeto exótico, devido à sua aparência étnica, no seio de uma cultura dinamarquesa pós-colonial e, simultaneamente, devido ao sexismo sofrido pelas mulheres dessas minorias. O vídeo explora a intersecção da dimensão de «raça» com a de gênero e evoca a ideia de orientalismo introduzida por Edward Said na sua obra *Orientalism* (1978). Segundo este autor, o Ocidente criou diversos estereótipos em relação ao Oriente, definindo-o como um lugar misterioso, de pessoas exóticas que se vestem com roupas estranhas e têm o costume de se entreter umas às outras.

Nesse sentido, os orientais são tidos como seres inferiores e o Outro dos brancos. Na medida em que o Ocidente chegou primeiro ao Oriente, e não o inverso, colonizou-o material e intelectualmente através da exploração e do poder militar, atribuindo-lhe um nome que serve os seus interesses e que dá sentido ao que os outros povos representam para si. Este tipo de classificação possui uma natureza in-

trinsecamente redutora e, além do mais, trata regiões muito diferentes do mesmo modo. De certa forma, o orientalismo é equivalente ao sexismo, na medida em que ambos objetificam as pessoas: o primeiro, os povos orientais; o segundo, as mulheres (Molotch, *in* New York University, 2010a).

As feministas, em particular, e as mulheres, em geral, queixam-se, não por serem representadas nas diferentes esferas sociais como seres sexualmente atraentes, mas por ser essa a única e quase exclusiva forma de representar as mulheres.

A letra da canção de Rasmussen refere a sua revolta perante a objectificação das mulheres asiáticas, não só na Europa, mas também no seu país de origem:

(Eu estou) tão cansada de ser um alvo  
Neste supermercado étnico  
Quando eu saio para beber uma cerveja  
Os tipos perguntam-me: De onde és, querida?  
Eu sou uma exportação de Manila  
Metade Filipina  
Senhor – Eu não sou a Miss Saigão  
Qual achas que é a tua missão?  
(Rasmussen, 2010: 52)

Indiretamente, a artista faz referência à prostituição na cidade de Saigão, desencadeada pelas missões militares norte-americanas no período da Guerra do Vietname, de 1965 a 1973. Saigão, desde 1976 Ho Chi Minh, foi quartel-general das tropas norte-americanas,

e nesse período a Tailândia estabeleceu um contrato com os EUA para fornecer serviços de prostituição às tropas norte-americanas aí estacionadas (Kimmel e Aronson, 2012: 340).

O turismo sexual no Extremo Oriente tem também as suas origens no fornecimento de prostitutas para as tropas americanas durante as guerras na Coreia, na década de 1950. Os centros de «repouso e lazer» na Tailândia, Filipinas, Vietname, Coreia e Formosa remontam a estes períodos dos anos 1950 e 1960. Os regimes pós-coloniais são em geral patriarcais e, por vezes, também profundamente misóginos e homofóbicos, sendo os homens das elites locais cúmplices com os empresários da metrópole na exploração do trabalho das mulheres (Connell, 2011[2009]: 149-150). Atualmente, em particular nas Filipinas, os clientes da prostituição são tanto o turismo sexual como os militares instalados no país (Giddens, 2013[2009]: 674-676). Os empresários das indústrias de turismo sexual tiram proveito da alta taxa de desemprego e das atitudes e estereótipos tradicionais em relação às mulheres asiáticas, tidas como dóceis e condescendentes. O suposto exotismo do Oriente também conta, na hora de vender estes serviços aos seus clientes heterossexuais. Por conseguinte, o turismo sexual é consequência tanto das relações desiguais entre os países que vendem o sexo e os países que o podem comprar como das desigualdades de género a nível local e global (Kimmel e Aronson, 2012[2009]: 340).

## 6. Jacira da Conceição: resistência e autonomia

A peça de vídeo *Insularidade* (Portugal, 2023) (Fig. 2) resultou do registo de uma performance ao vivo da ceramista, escultora e artista visual cabo-verdiana Jacira da Conceição<sup>4</sup> (n. Cabo Verde, 1990) para a 4.<sup>a</sup> edição da bienal BoCA, no espaço público de Lisboa. No decorrer da performance, ao deslocar-se pelas ruas de Lisboa com um pesado pote de água sobre a sua cabeça, Conceição evoca o mito de Atlas, o titã da mitologia grega que sustentava o céu. Ao fazê-lo, convida o público a vencer o seu individualismo, indiferença e falta de empatia, e a refletir sobre o modo como a imagem da mulher negra é construída de uma forma hierarquizada, preconceituosa e desvalorizadora nas sociedades eurocêntricas. Este pensamento estereotipado tem a sua génese na escravatura, no colonialismo e no racismo estrutural sistémico, que silenciam, apagam e diminuem o importante papel social das pessoas negras em Portugal, em todas as esferas sociais.

Em Portugal, na atualidade, as mulheres negras têm emprego sobretudo nas limpezas e nos cuidados pessoais, profissões que as mulheres brancas apenas aceitam caso não tenham outra alternativa. De modo depreciativo, estes trabalhos são considerados como exclusivos do foro feminino, muito pouco presti-

giados socialmente e com baixo estatuto na legislação laboral, além de salários reduzidos. Nesse sentido, a artista refere no seu texto «O meu corpo é uma ilha»:

Esta é a minha luta: por isso insisto em processos de valorização, nos acordos coletivos de trabalho, na equidade e nas muitas dúvidas sobre a meritocracia. Afirmo a importância da mulher, da minha utopia de viver na eterna luta que é causa para a revolução cultural e social. Não se ensina a liberdade, mas, incute-se o medo e o perigo do confronto condicionado e sem voz: continuarei a sofrer por todas as mulheres negras condicionadas por todas aquelas impedidas de ousar viver em liberdade de viver a plenitude da sua própria verdade. (Conceição, 2023b)

O racismo e outras formas de desigualdade não se apresentam somente nas interações quotidianas, existindo sob a forma institucional, por meio de mecanismos subtis presentes nas leis, normas, organizações e governos, que não oferecem, de facto, a todos os cidadãos as mesmas oportunidades e liberdades ao nível do trabalho, da educação, da saúde e da família. Estas discriminações micro- e macrossociais têm consequências tanto a um nível material, nas discrepâncias dos salários e nos rendimentos entre as pessoas, como a um nível pessoal, no modo como vivem o

==

<sup>4</sup> Jacira da Conceição é Mestre em Práticas Artísticas em Artes Visuais, pela Universidade de Évora, e frequenta, no presente, o curso de Doutoramento em Belas-Artes, Escultura, na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

dia-a-dia, na sua dignidade e no respeito que têm por si mesmas e os outros. No decorrer destes processos, e na medida em que o princípio de diferenciação e de desigualdade racial acresce ao da desigualdade de género, são frequentemente as mulheres das várias minorias existentes os setores da população mais discriminados.



Figura 2 – Jacira da Conceição, *Insularidade*, Portugal, 2023. Fotograma de vídeo, 5:46, cor, som.

No respeitante ao discurso científico e historiográfico, enquanto lugares de conhecimento

produtores de poder, a historiadora Isabel Castro Henriques refere que:

O fim tardio do colonialismo (1974-1975), a fortíssima ideologização da questão perante a rejeição da comunidade internacional, a premência delirante da expansão portuguesa e a sua identificação como pilar da nação, permitem compreender as dificuldades de organização de um discurso científico e historiográfico liberto da ideologia colonial, que se manteve surdo à recuperação da voz autónoma do Outro, recusando ou dissolvendo-a na história dos descobrimentos e da expansão portuguesa. (Henriques, 2015: 4)

Por sua vez, a imagem do pote de barro que Jacira da Conceição carrega contém uma alusão ao facto de em muitos países o acesso à água potável não ser apenas um problema sanitário, mas também uma questão interseccional de género e raça, resultante das profundas desigualdades provocadas pelo colonialismo no continente africano. A liberiana Saran Kaba Jones, fundadora e diretora executiva da FACE Africa, uma organização de desenvolvimento comunitário que trabalha para reforçar as infraestruturas de água, saneamento e higiene (WASH) na África Subsariana, com destaque para a Libéria, advoga que:

O transporte de água é uma tarefa quase exclusivamente feminina em África. As mulheres e as raparigas gastam 40 mil milhões de horas todos os anos, percorrendo

longas distâncias para ir buscar água. Por isso muitas raparigas não vão à escola. Estão ocupadas com esta e outras tarefas domésticas e não conseguem ser produtivas. (DN, 2018)

Ao longo deste artigo, aborda-se a reivindicação pelas videoartistas não brancas da violência na sua aceção de ferramenta de contestação e como modo de representação metafórica das lesões infligidas às pessoas pela reificação, marginalização, essencialização e agressão por questões de «raça» e de género, bem como a pressão social, a coação e a discriminação sociocultural exercidas sobre as mulheres, conseguidas por meio de vários discursos, entre os quais se encontra o das belas-artes. De igual forma, esta análise centra-se nas subjetividades das mulheres artistas que se afirmam por meio de narrativas autorreflexivas que inscrevem o seu olhar e a sua voz em lugares centrais do espaço social. A representação dos corpos femininos negros envolve sempre riscos para as mulheres, na medida em que esses corpos foram hipersexualizados pelo sistema colonial português. Essas figurações encerram necessariamente em si múltiplos significados no que concerne às dimensões de raça, classe, género, entre outras, que dificilmente podem ser descartados por completo sem reativar as fantasias e imaginários coloniais da mulher negra como a Outra exótica. Não é possível esvaziar o corpo feminino dos significados que lhes estão agregados, transformando-o num sig-

nificante neutro ao qual possam ser exclusivamente associados significados feministas antirracistas. Todavia, os signos e os valores existentes podem ser transformados pelas mulheres artistas de modo a representarem novas subjetividades. Como refere a socióloga Cristina Roldão:

Descolonizar o imaginário sobre as mulheres negras exige que se mobilizem as imagens, textos, acções resultantes do seu agenciamento e auto-determinação. Por outro lado, não será urgente resistir à tendência para apresentar as mulheres (mas também os homens) negras como «outros», pertencentes a espaços longínquos e em trânsito? O trabalho de hooks, como o de muitas outras intelectuais negras, é atravessado por essas preocupações, referenciando e discutindo amplamente o trabalho de outras feministas negras, cerzindo genealogias onde só parecia haver descontinuidade e fragmentação, escavando no passado e no presente figuras e formas de resistência negras e femininas (in)visibilizadas, recontextualizando essas figuras e processos, colocando no centro as ideias construídas, nas margens e nos interstícios da sociedade, por mulheres negras. (Roldão, 2019)

Nesse sentido, consideramos ser fundamental analisar a resistência presente nas obras de artistas negras como Jacira da Conceição e o seu lugar como sujeitos falantes e autodeterminados, recusando um olhar reificador que as percecionem como se fossem meras imagens e

categorias construídas pelo sistema patriarcal racista. Nas palavras da artista:

Sou mulher e percorro as ruas da cidade carregando um pote de barro à cabeça. Será que me vês, será que te desperto a atenção, será que alguém se junta à caminhada? Como te sentes no teu corpo ilha? A insularidade que carregamos como lugar interior, agita a ideia da forma e do corpo, colocando em causa o que é considerado normal. No (des)equilíbrio entre o presente invisível e o futuro imprevisível, existe a mulher libertadora que abre caminho ao porvir. Reinterpretar, reimaginar, redefinir, refazer, e a possibilidade do novo, de outros percursos, sem centros e sem pontos de partida nem de chegada. Criar fábulas para a desterritorialização-reterritorialização do invisível, a partir do pote como objeto simbólico, e do percurso na cidade, como exploração da subjetividade da caminhante. (Conceição, 2023b)

Podemos encontrar nesta ação de rua a vontade de oposição à objetificação e controlo social do seu corpo, de forma a poder construir-se a si mesma como sujeito. De facto, a artista toma o controlo da situação ao convidar os espetadores a carregarem o pote, um objeto simbólico omnipresente na vida de muitas mulheres negras, diluindo assim a fronteira entre o que é próprio do domínio público ocidental e o que está destinado ao espaço privado e à invisibilidade, no que toca à mulher não branca. Ao caminhar pela rua com um pote à cabeça, a artista sublinha e

afirma o seu direito à liberdade ao inscrever a subjetividade da mulher negra no território público da *pólis*, rompendo deste modo com as normas de conveniência daquilo que se é permitido fazer nesse lugar, em particular às pessoas não brancas, as quais devem mostrar grande autocontrolo nas interações sociais quotidianas. E essa necessidade de liberdade e mudança, na nossa opinião, pode também ser encontrada no seu texto *Silêncio e a Voz*, quando a artista afirma:

Pensem na necessidade de transformar sons em sinais. O vento leva as palavras, o mesmo vento, ou talvez outro, também as traz. São compostas por som, as palavras ditas, as escritas são de barro. O ar é o canal por onde se deslocam as palavras, o barro é a matéria que dá corpo ao gesto. (Conceição, 2022)

## 7. Considerações finais

A partir da década de 1970, a videoarte de mulheres constitui-se como um fenómeno relevante do ponto de vista social, na medida em que emerge, se inscreve, contacta e dialoga tanto com o movimento social feminista da Segunda Vaga como com as mudanças sociais mais amplas que alteraram a condição das mulheres, nomeadamente possibilitando conquistas políticas e sociais nas esferas dos direitos reprodutivos, da igualdade salarial e da igualdade no local de trabalho, alicerçando-se, em finais dos anos 1980, no movimento feminista da Terceira Vaga. No feminismo da

Segunda Vaga, a preocupação em combater o sexismo teve primazia sobre a guerra contra a homofobia e o racismo, entre outras possíveis dimensões das desigualdades, pois havia o receio de que o destaque das diferenças entre as mulheres reduzisse o feminismo a uma ação não concentrada em volta de questões clara e incontestavelmente femininas. Se, por um lado, e de um modo geral, as feministas adotaram, nessa altura, uma categoria única e essencial de mulher, pois entendiam que essa simplicidade lhes proporcionava o poder de unir todas as mulheres em torno de uma mesma luta, por outro, compreendiam a desigualdade de género sem procurar estabelecer qualquer relação explícita com outras desigualdades. Por este motivo, foram criticadas pelas feministas da Terceira Vaga, sobretudo as pensadoras feministas negras e não brancas, que adotaram a interseccionalidade e debruçaram-se sobre uma multiplicidade de assuntos que afetam as mulheres e outros grupos oprimidos, como as questões relativas a «raça», imagem corporal, meios de comunicação, sexualidade, prostituição, subcontratação, categorias de género e imperialismo cultural, advogando que cada mulher ocupa no sistema social uma posição singular.

Os vídeos das artistas negras e de outras mulheres de minorias não brancas revelam os sentimentos experimentados pelas artistas, que são estigmatizadas e marginalizadas por questões de «raça». As artistas sujeitas a preconceitos racistas e sexistas, através de relatos

autobiográficos da sua vida ou narrativas ficcionais, fazem uma crítica feroz ao silêncio a que as mulheres não brancas são forçadas em diversas esferas sociais. Por último, é importante acrescentar que em todas as peças de vídeo analisadas se revela, também, a vontade das artistas de afirmarem a sua subjetividade, como pessoas ativas e assertivas, mesmo quando se trata de abordar temas que falam da sua opressão social. Todas elas mostram clara, assertiva e positivamente o seu desejo e direito à liberdade e a vontade de dar voz às suas perspetivas enquanto sujeitos nas diversas esferas da vida social, no contexto de uma afirmação marcada e crescente de um processo de individualização e subjetivação das mulheres não brancas.

## Bibliografia

### *Impressa*

Butler, J. (2020). *The force of nonviolence. An ethico-political bind*. Verso. London;

Connell, R. (2011[2009]). *Gender: In world perspective*. Polity Press. Cambridge;

Furtado, T.V. (2014). *Videoarte de mulheres: Nossos corpos, nós mesmas. Corpo, identidade e autodeterminação nas obras de videoartistas influenciadas pelos feminismos*. Tese de Doutoramento em Sociologia, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa. 868 pp.

Giddens, A. (2013[2009]). *Sociologia*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa;

Giddens, A. e Sutton, P.W. (2014). *Essential concepts in sociology*. Polity Press. Cambridge;

Hooks, B. (2019 [1981]). *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo*. Editora Rosa dos Tempos. Rio de Janeiro;

Kimmel, M. e Aronson, A. (2012[2009]). *Sociology now, Census update*. Pearson. Boston;

Le Breton, D. (1992). *La sociología del cuerpo*. Siruela. Madrid;

Macionis, J. e Plummer, K. (2008[1997]). *Sociology: A global introduction*. Pearson Education Limited. Harlow;

Morning, A. et al. (2013). Race and ethnicity. Em: J. Manza et al., *The sociology project: Introducing the sociological imagination*. Pearson. New York;

Pollock, G. (ed.) (2005[1996]). *Generations and geographies in the visual arts: Feminist readings*. Routledge. London;

Rasmussen, L.C. (ed.). (2010). *Lilabeth Cuenca Rasmussen* [catálogo]. Revolver Publishing. Berlin;

Rechena, A. et al. (eds.). (2019). Género na arte. Corpo, sexualidade, identidade, resistência. *Faces de Eva – Revista de Estudos sobre a Mulher*, n.º extra. Húmus. Vila Nova de Famalicão;

Rothenberg, J. (2014). *Sociology looks at the arts*. Routledge. New York.

### Digital

Conceição, J. (2022). *Silêncio e a Voz* [Texto escrito pela artista Jacira Conceição no âmbito da sua participação na exposição coletiva «O Estado do Mundo: Museu do Atlântico Sul», Galerias Municipais de Lisboa – Pavilhão Branco, 22-09-2022 a 15-01-2023]. Acedido em 5 de novembro de 2023, em: <https://galeriasmunicipais.pt/programa-publico/silencio-e-a-voz>;

Conceição, J. (2023a). *Insularidade* [vídeo]. Facebook (reel do Público). Acedido em 21 de outubro de 2023, em: <https://www.facebook.com/reel/628277512844048>;

Conceição, J. (2023b). *Insularidade*, comunicação pessoal por WhatsApp, em 30 de outubro de 2023;

Connell, R.W. e Messerschmidt, J.W. (2005). Hegemonic masculinity: Rethinking the concept. *Gender and Society*, **19**, 6: 829-859. Acedido em 21 de junho de 2021, em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0891243205278639>;

Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex, A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, **1989**: art. 8. Acedido em 10 de janeiro de 2022, em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>;

DN. (2018, 17 de julho). Acesso à água também é uma questão de género – ativista. *Diário de Notícias*. Acedido em 5 de novembro de 2023, em: <https://www.dn.pt/lusa/acesso-a-agua-tambem-e-uma-questao-de-genero---ativista-9601986.html>;

Henriques, I.C. (2015). *Colonialismo e História*. Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina (CEsA). Acedido em 21 de outubro de 2023, em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/7815/1/WP132.pdf>;

Lilabeth Cuenca. (2011, 2 de fevereiro [2005]). *Absolute exotic* [vídeo de L.C. Rasmussen]. Acedido em 12 de setembro de 2021, em: <https://www.youtube.com/watch?v=q9TXf3ZHw0>;

New York University. (2010a, 21 de dezembro). *Introduction to sociology – Culture and ethnocentrism, Part I* [vídeo, aula 4 de H. Molotch]. YouTube. Acedido em 2 de outubro de 2021, em: [https://www.youtube.com/watch?v=c\\_YFdX2m0mE&list=PL9F1D919FC1D-446D6eindex=3](https://www.youtube.com/watch?v=c_YFdX2m0mE&list=PL9F1D919FC1D-446D6eindex=3);

New York University. (2010b, 21 de dezembro). *Selves and interaction, Part I* [vídeo, aula 7 de H. Molotch]. YouTube. Acedido em 2 de outubro de 2021, em: <https://www.youtube.com/watch?v=y1QIKNBI5Lw>;

New York University. (2011, 3 de janeiro). *Race and ethnicity, Part I*. [video, aula 20 de H. Molotch]. YouTube. Acedido em 2 de outubro de 2021, em: [https://www.youtube.com/watch?v=icJb4N7oL5kelist=PIN\\_L9F1D919FC1D-446D6eindex=18](https://www.youtube.com/watch?v=icJb4N7oL5kelist=PIN_L9F1D919FC1D-446D6eindex=18);

Pindell, H. (1980). *Free, white and 21* [vídeo]. Ubu.com. Acedido em 3 de maio de 2021, em: [https://ubu.com/film/pindell\\_free.html](https://ubu.com/film/pindell_free.html);

Roldão, C. (2019, 18 de janeiro). 40 anos à espera de bell hooks. *Público*. Acedido em 11 de outubro de 2023, em: <https://www.publico.pt/2019/01/18/culturaipsilon/noticia/nao-mulher-portuguesa-1857497>.

# **Artigos Multitemáticos**

**Jerónimo Mascarenhas (c.1611-1672):  
um erudito lusitano *contra o Portugal Rebelde***

**Jerónimo Mascarenhas (c. 1611 – 1672): A Lusitanian Scholar *Against Rebel Portugal***

MASSIMO BERGONZINI<sup>1</sup>

Resumo: Nascido em Lisboa (ca. 1611), sexto filho do Vice-Rei do Brasil, D. Jorge Mascarenhas, na sequência da afirmação da Restauração do Reino Português, em fevereiro de 1641, D. Jerónimo fugiu para Madrid. No respeito da justiça divina e do necessário direito de abandonar a pátria quando esta se mostrasse demasiado «angosta e madrasta», manteve-se sempre um intransigente defensor da devida lealdade ao soberano espanhol Filipe IV. Foi por ele recompensado com honrosos títulos eclesiásticos e prestigiadas posições na corte. Na capital espanhola, também desempenhou funções diretivas na vida espiritual de algumas congregações leigo-religiosas. Em castelhano, para além de publicar diversas obras, dedicou-se também ao trabalho de erudita coletânea e transcrição duma enorme documentação histórico-política, genealógica e hagiográfica, tanto impressa quanto manuscrita (1598-1666), reunida em nada menos que cinquenta e um extensos volumes. Faleceu como bispo de Segóvia em 1672.

Palavras-chaves: Congregações leigo-religiosas; Madrid; Jerónimo de Mascarenhas; Restauração de Portugal.

Abstract: Born in Lisbon (c. 1611), the sixth son of the Viceroy of Brazil, D. Jorge Mascarenhas, D. Jerónimo fled to Madrid in February 1641, following the consolidation of the Restoration of the Portuguese Kingdom. In accordance with his understanding of divine justice and of the legitimate right to abandon one's homeland when it proved excessively harsh, he remained throughout his life an uncompromising defender of the loyalty owed to the Spanish sovereign, Philip IV of Spain. For this, he was rewarded with honourable ecclesiastical titles and prestigious positions at court. In the Spanish capital, he also held leading roles in the spiritual life of several lay-religious congregations. Writing in Castilian, in addition to publishing various works, he devoted himself to the learned task of compiling and transcribing a vast body of historical-political, genealogical, and hagiographical documentation, both printed and manuscript (1598–1666), gathered in no fewer than fifty-one extensive volumes. He died as Bishop of Segovia in 1672.

Keywords: Lay-religious congregations; Madrid; Jerónimo de Mascarenhas; Portuguese Restoration.

==

<sup>1</sup> Investigador independente. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-7938-9631>. Agradeço ao Doutor Porfírio Pinto (Universidade Aberta), pelas sugestões dadas na redação do texto em língua portuguesa.

D. Jerónimo Mascarenhas nasceu em Lisboa. Foi o sexto filho do conde de Castelo Novo, D. Jorge, primeiro marquês de Montalvão, vice-rei do Brasil (m. 1652), e da marquesa D. Francisca de Vilhena.<sup>2</sup>

Tendo passado parte da sua juventude em algumas fortalezas do Norte de África governadas pelo seu pai, doutorou-se em Teologia na Universidade de Coimbra, onde incorporou o Colégio de São Pedro (1631) (Machado, 1747, II: 504-505).

Em 3 de maio de 1633, «antes das vesporas», apresentou ao Capítulo da Catedral de Coimbra «as bullas que foi do conego Manuel Banha de que s. s. de lhe fes m.». No dia 17 do mesmo mês, foram lidas e aprovadas as «inquiricois de genere» que tinham sido confiadas ao escrupuloso reitor da Universidade, D. Álvaro da Costa, e no dia seguinte, ajoelhando-se perante o decano D. Bento Pereira de Melo, jurou os *Estatutos da casa*: «No mesmo dia mes e ano pella menhaã tomou posse o sôr Dõ Hieronymo Mascarenhas tomando seu assento no coro cõ as mais solenidades de direito», para

depois realizar a definitiva «profissão da fé aos 21 de Junho» (Almeida, 1973: 304-308).

Em 12 de abril de 1638, foi eleito para o importante cargo de secretário do Cabido, assumindo efetivamente esta função a partir de 1 de julho do mesmo ano e assinando os registos das reuniões até ao «assento» de 6 de maio de 1639, que tinha por objeto a «Eleição de Procuradores pera o Synodo» (Almeida, 1973: 329, n. 2), convocado pelo bispo de Coimbra, D. João Mendes de Távora (1638-1646). Durante estes trabalhos, o clero local prestou um solene juramento de fidelidade à Imaculada Conceição da Virgem Maria (Almeida, 1968, II: 515)<sup>3</sup>. No terceiro dia desta assembleia eclesiástica, que começou em 8 de maio, Mascarenhas pronunciou uma *Oração Exhortatoria e Panegirica*, inspirada pelas palavras do Apóstolo das Gentes, S. Paulo: «Attendite vobis, et universo gregi, in quo vos posuit Spiritus Sanctus Episcopos regere Ecclesiam Dei, quam acquisivit sanguine suo» [Atos 20, 28], dedicada ao seu pai, D. Jorge, por meio da qual pretendia chamar a atenção dos sacerdotes presentes para as obrigações inerentes ao próprio ministério (Mascareñas, 1640)<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> Segundo anotação de D. Álvaro Ferreira de Vera, em Madrid, a 30 de outubro de 1644: «Os Nobiliarios [...] todos deduzem esta familia de Martin Vaz Mascarenhas que floresceo pelos anos de 1370. Porque foy no Reynado del Rey D. Fernando cujo Vassallo foi [...] o qual lhe coutou hua herdade no termo de Evora onde era morador [...] As Armas de que todos usaõ são em Campo de Sangue tres faxas de ouro, e por timbre un leão ronpente de Vermelho armado de ouro» (BNE, MSS/3264, *Familias de Portugal y Castilla*, I: ff. 82r-90v; *Progenitores dos Condes de Castelnovo Marques de Montalvão* [...]; *Ibidem*: 1r; e também: BNE, MSS/3268, *Nobiliario das linagens do Reino de Portugal*, II: 112). Veja-se o Documento n.º 1, em anexo, sobre os membros da família: Mascarenhas, 1918: XV-XXIII.

<sup>3</sup> Sobre o *Patrocínio de Nossa Senhora da Assunção e da Imaculada Conceição em Portugal*: Bergonzini, 2014: 119-173; Bergonzini, 2022: 279-294; sobre o culto mariano e imaculista da monarquia espanhola: Bergonzini, 2015.

<sup>4</sup> Os elogios dirigidos a dois «prelados modelares» da Igreja Conimbricense, D. Jorge de Almeida e D. Afonso de Castelo Branco, contidos na *Oração*, foram retomados por: Almeida, 1924: 57-64.

Em 20 de junho de 1639, o Dr. António Francisco de Carvalho, atuando como secretário, informou o Capítulo da chegada de uma carta, na qual Mascarenhas declarava que tinha de permanecer em Lisboa devido à morte de sua irmã e à sua nomeação como testamenteiro dela: «E para compor suas cousas estava impossibilitado p<sup>a</sup> voltar a esta cidade, E Em cabido assistir o primeiro dia de julho p<sup>a</sup> venser os cem dias do statuto» (Almeida, 1973: 364). Em 2 de janeiro de 1640, foi examinada uma outra carta sua:

Em que dizia tinha os seus dias do statuto desta Sé acabados, E que por rezaõ do officio de Deputado da mesa da conciencia não podia vir servir seu beneficio, E que p<sup>a</sup> o renunciar tratava de o fazer Em pessoa sufficiente, E que asi ou avia de perder os reditos E fructos da sua conisia, ou o Cabido lhe avia de cometer alguns neg.os com que licitam.te E com boa conciencia os podesse vencer. (Almeida, 1973: 369)<sup>5</sup>

À dita missiva, os prelados reunidos responderam confiando-lhe uma missão final relativa ao «negocio das iugadas, E vistoria que por mandado de s. mg.de, se mandara fazer

Em os lugares de Ribaldo E mata», ao final da qual ele poderia considerar-se isento de seu officio de cónego:

E finda nesta forma esta dita causa o dito Sõr Dom Hier<sup>o</sup> não sera mais contado, pois não ha neg<sup>o</sup> Em que se occupe [...] E não sera mais contado o dito sõr Dom Hier<sup>o</sup> mascarenhas, E de nehuã maneira nem elle, nem Erdeiros seus em algum tempo poderaõ pedir alguã cousa do tempo que correr cõ esta causa, porque nesta forma o Cabido lha cometia. E elle a aceitava, como de dita carta se via. (Almeida, 1973: 370)<sup>6</sup>

Eclodida a revolta do 1.<sup>o</sup> de dezembro de 1640, com a Restauração da Independência de Portugal e a aclamação do rei D. João IV, Mascarenhas foi um dos nobres que fugiram para Espanha «em hum barquo biscainho de remos», juntamente com o irmão D. Pedro, que era «Veador da cassa del Rej», no dia 8 de fevereiro de 1641, sexta-feira<sup>7</sup>. Informando o pai, D. Jorge, «aos Estados do Brazil», sobre o andamento da viagem, em 9 de fevereiro, ele escrevia de Ayamonte:

==

<sup>5</sup> Em Lisboa, em 1639, ele tinha-se tornado membro da Mesa da Consciência e Ordens, eficaz instrumento de controle régio sobre a jurisdição eclesiástica, criado pelo rei D. João III em dezembro de 1532 (Almeida 1925, III: 11).

<sup>6</sup> Fornecendo uma longa lista de suas composições (Mascareñas, 1650: *Razon de otros escritos del Autor*), D. Jerónimo referia ter redigido uma *História da Cidade de Coimbra*: «Su principal assumpto es lo tocante a lo Ecclesiastico; si bien de lo antiguo se tocan algunas materias con espacio, y novedad. Este es mi primer escrito». Edições mais recentes dessa obra, que, no entanto, sempre permaneceu em forma manuscrita: Mascareñas, 1956: 235-285; Mascareñas, 2023.

<sup>7</sup> «E se embarquaraõ a meia noite em belem» (Almeida, 1940: 74 e CXXIII).

Desde o dia, que o traidor do Duque de Bragança se Levantou con Portugal, nos determinamos, eu, e meu Irmão, passarmos a Castella, e Lansarmo nos aos péz de El Rey Fellipe, e seguirmos a fortuna a thé a morte; e só a dificuldade que da minha parte havia, éra o ficar minha Mãy só: Porem a isto acodio Deos; porque sem ella o saber o que intentavamos, me chamou, e me persuadió a que eu, e meu Irmão nos passassemos a Castella. Con isto, nos declaramos con ella; e nos Lançou muitas bençaõs por saber de nossa rezoluçaõ; acodindo-nos con tudo o que foy necessario para a jornada [...] O Duque, e o Marquez, nos tem feito extraordinarias honras; e empenhando se em que se nos fassão assignalladas mercêz: E parece que não há dũvida; porque soaraõ no Mundo as que se nos faraõ por esta acçaõ (Madahil, 1940: 59)<sup>8</sup>.

No «Manifiesto que hiçieron los cavalleros Portugueses que se passaran a la obediencia del Rey luego que se Rebeló aquel Reyno», em que estes últimos reivindicavam a «obrigação» da decisão tomada, em relação a «Don Geronimo Mascareñas», declarava-se e confirmava-se que:

haviendo tomado desde el primer punto la firme Resoluçion de largar todo lo que tenia en esse Reyno y benirse a los pies de su Mg.d, en el tiempo que se detuvo aguardando ocassion de haçerlo, publicase en todos los lugares con grande libertad y notorio peligro lo detestable de aquella traición llegando su çelo al extremo de que en el Sermon que hiço en la Capilla Real en la Octava de los Reyes en presencia del Duque de Bergança le desengañase con tan claras palabras que sentido y convensido dellas dixo al capellan mayor que no le diese otro Sermon en aquel Pulpito y a que se deliberasse a no açaer de su mano çedula del titulo de diputado del Consejo de Consciencia y ordenes ni largar la que tenia despachada por su Mg.d que a conservado y traydo a esta Corte contra la Orden que ymbiolablemente observaron todos los otros ministros (BNE, MSS/2373, 1641: ff. 196r-196v)<sup>9</sup>.

Chegado a Madrid, juntamente com os outros portugueses que declararam a sua lealdade ao monarca espanhol<sup>10</sup>, já em 22 de maio de 1641, D. Jerónimo foi recompensado com a concessão do hábito de *Cavallero de la Orden*

---

<sup>8</sup> «Fogimos em hum Bergantim Castelhana, eu, e meu Irmaõ, D. Lopo da Cunha, e seu Filho, e [D. Pedro] Luiz da Sylva, e o Conde de Tarouca [D. Duarte de Meneses], e seus Filhos, e Mulher, e D. João Soares [de Alarcão], com seus Filhos, e Mulher» (Madahil, 1940: 59-60); também: Ericeira, 1945, l: 146-149).

<sup>9</sup> Para um resumo das obras propagandísticas escritas por ambos os lados sobre a Restauração, entre 1640 e 1668, veja-se: Bouza Álvarez, 2007: 371-407. Obra de referência sobre a *Rebelión de Portugal* (1640-1680): Valladares: 1998.

<sup>10</sup> «Aos quais Fidalgos recebeu el rey de Castella fazendolhe entrada: na qual se acharam muitos grandes de Hespanha [...] beijaram a mão a El Rey; o qual fez mercês de Titulos: ao Conde de Tarouca, de Marquez da mesma Terra; a D. João Soares, de Conde de Torres Vedras; a D. Lopo da cunha, Conde de Assentar; a D. Pedro Mascarenhas, Conde de Castello novo: e a Luiz da Sylva, Conde de Vayos»; *Noticia do Recebimento que tiveram de El Rey Fellipe 3º os tais Fidalgos Portuguezes assim fogidos para Castella, e das mercêz, que o mesmo Rey fez a alguns delles* (Ms. 38 - f. 287) (Ericeira, 1945, l: 490). Sobre a condição de suspeita social em que se encontraram a viver

de Calatrava e de uma «plaza» de *Deputado del Consejo de Ordenes* (AHNM, *Consejo de Órdenes*, Om-Expedientillos, N.10224)<sup>11</sup>.

Foi nomeado *Sumiller de cortina*<sup>12</sup>, *Prior de Guimarães* (1644)<sup>13</sup> e, posteriormente, *Obispo electo de Leyria* (1648)<sup>14</sup>; e, nesse ano, enquanto *Capellán Mayor y Limosnero Mayor* da futura rainha, ele fez parte da delegação diplomática que chegou a Viena para acompanhar à corte D. Mariana de Áustria, segunda esposa de Filipe IV, relatando isso em *Viage de la Serenissima Reyna* [...] (Mascarenhas, 1650)<sup>15</sup>.

==

esses fidalgos: Bouza Álvarez, 1994: 83-104. Sobre a genealogia como instrumento de legitimação política e identitária no século XVII ibérico: Rêgo, 2015: 49-64.

<sup>11</sup> Na qualidade de *Definidor General*, no *Convento de San Martin de la Orden de San Benito*, em 23 de dezembro de 1652, ele tinha escrito e participado no juramento solene em defesa da pureza de Maria, proferido por todos os membros da Ordem; texto integral impresso (ASCDF, *Acta in Controversia Conceptionis*, SO/St. St./M 6 b, *Forma del Juramento, y Voto que por el Misterio de la Immaculada Concepcion de la Virgen nuestra Señora hizo la Religion, y Cavalleria de Calatrava* [...]: ff. 342r-342v, e 345r-345v); a versão latina da *Formula Iuramenti Praestiti, ac Voti Nuncupati a Nobilissima, et Illustrissima Religione Equitum de Calatrava* (Vega, 1653: 145-147). Entre as suas obras relacionadas com a Ordem: *Apologia Historica, por la Illustrissima Religion, y Inclita Cavalleria de Calatrava: su antiguedad, su extension, sus grandezas entre los Militares de España*, 1651; *Raymundo Abad de Fitero, de la Orden de Cister, Fundador de la Sagrada Religion, y Inclita Cavalleria de Santa Maria de Calatrava* [...], 1653a; *Difiniciones de la Orden, y Cavalleria de Calatrava, conforme al Capitulo General celebrado en Madrid año M.DC.LII*, 1661.

<sup>12</sup> «Eclesiástico destinado en palacio para asistir a los reyes cuando iban a la capilla, correr la cortina del camón o tribuna, y bendecir la mesa real en ausencia del capellán y del procapellán mayor de palacio» (*Diccionario de la lengua española*, 2001); e também: Hortal Muñoz, 2015: 609-613.

<sup>13</sup> «Dignidad de mucha estima, y de no poca renta, quando Dios se sirva» (Seyner, 1644: 138). Substituiu no cargo eclesiástico a D. Bernardo de Atayde (ca.1599-1656), nomeado por Felipe IV para o bispado de Astorga (1644-1654) e posteriormente para o de Ávila (1654-1656) (Luxán Meléndez, 1988: 533 e n. 95).

<sup>14</sup> Após a morte do bispo D. Pedro Barbosa de Eça (1636-1648), também fugido para Madrid, irmão do Secretário de Estado do governo espanhol, Miguel de Vasconcelos, tragicamente assassinado no movimento restauracionista (Seyner, 1644: 136; *Couseiro ou Memórias do Bispado de Leiria*, 2011: 154-155). Para uma breve e atualizada exposição das contraditórias questões políticas e eclesiásticas e dos vários interesses particulares envolvidos na controvérsia jurisdicional sobre a legítima *Provisão dos Bispados* portugueses, veja-se: Paiva, 2006: 56-65. Entre os manuscritos perdidos de D. Jerónimo, haveria um intitulado: *Noticias de la Ciudad de Leiria; descripcion de su Obispado, y elogios de sus Obispos* (Mascareñas, 1650: *Razon de Otros Escritos del Autor*).

<sup>15</sup> «El primer Libro (de los que he escrito) que aparece en publico, por medio de la Estampa, y el que por la materia correrà mas mundo», prevendo também um: «*Itinerario* deste mesmo *Viaje*, en que se escribiràn las antiguedades, y grandezas de las Ciudades, y Pueblos del transito» (Mascareñas, 1650: *Razon de otros Escritos del Autor*). Dados biográficos e menção das obras que permaneceram em forma manuscrita [31], em: Machado, 1747, II: 504-507; e Mascareñas, 1947: 17-28; Mascareñas, 1949: 43-57.

Por meio da oposição conceitual perda/fortuna, além do que tinha acontecido ao bem-aventurado, também lembrava ao irmão outros exemplos de ilustres personagens que se tornaram famosas ao deixarem a sua terra natal:

Fue echado de Sinope Diogenes, y ultrajavanle sus vezinos, con acordarle el destierro. El respondia: Mis paysanos me han condenado a no entrar en Sinope, y yo los he condenado a ellos a no salir de Sinope. Entendia Diogenes, y bien, que mas bandidos eran ellos, pues echados del restãte del mundo, tenian por confines los muros de una Ciudad, que no el, que excluido de ella, tenia al mundo todo por patria. Lexos de Sinope la mirava [...] y mirando aquella eminencia el naufragio de los otros, llama venturosa su desgracia (Mascareñas, 1653b: *A D. Pedro Mascareñas*)<sup>16</sup>.

Em Coimbra, Mascarenhas tinha também participado ativamente na organização de obras de caridade e de assistência social estabele-

cidas na cidade universitária, como demonstra o mandato e o financiamento concedidos para a publicação do *Compromisso da Sancta Misericordia da Cidade de Coimbra*, que orgulhosamente assinalava a sua eleição ao cargo de *Provedor da Mesa* para o ano de 1635 (Mascarenhas, 1636). Resulta, portanto, perfeitamente compreensível que, em Madrid, ele entrasse em relações com a *Irmandade de Santo António dos Portugueses*, que se institucionalizou em 1622 (*Libro 1º en el que se anotaba el ingreso de los Hermanos [...] Primero tambien de las actas de sus Juntas*) dentro do hospital homónimo (1604-1668), que desde 1624 foi posto debaixo do «amparo y proteccion del Patronazgo Real»<sup>17</sup>. Instituição também fundada, declaradamente, segundo o espírito imitador das confrarias dedicadas à Nossa Senhora da Misericórdia existentes em Portugal<sup>18</sup>. A 2 de julho de 1647, já como *Prior de Guimarães* e membro do *Consejo de las Ordenes*, Mascarenhas aprovava com elogios a *Epitome de la vida*,

==

<sup>16</sup> Do sentimento de lealdade à coroa espanhola surgiu também a redação da *Historia de la Ciudad de Ceuta, sus sucessos Militares, y Politicos; memorias de sus Santos, y Prelados, y Elogios de sus Capitanes Generales* («única Plaza de Portugal, y sus conquistas, que conserve la debida obediencia al Rey N.S.»), iniciada em 1648, mas ficando inacabada: BNE, MSS/3033; BNE, MSS/18028; também publicada em português sob a direção de Afonso de Dornelas, 1918; e ainda: Introd. e trad. do pref. de Alberto Baeza Herrazti, 1995. Entre outras biografias devocionais, mas permanecendo manuscrita: *Vida de Dña. Juana, Princesa de Portugal, hija de Alfonso V [...]*; e perdidas: *Vida de D. Beatriz de Sylva Irmaã do B. Amadeo [...]*; *Vida de Santa Isabel Raynha de Portugal*; bem como uma *Vida de D. Leonor Mascareñas, Dama da Emperatriz D. Izabel, Aya de Filippe II [...]*.

<sup>17</sup> Veja-se: Bergonzini, 2024a: 213-215; Pulido Serrano, 2004: 299-319. Como rei de Portugal, Felipe IV era considerado «o decimo septimo Governador, & perpetuo Administrador da Ordem de Christo»: «Pella União do Mestrado da nossa Ordem à Coroa Real, ficarão os Reys deste Reyno Governadores, & perpetuos Administradores della» (*Definições e Estatutos [...]*, 1628: 66-67).

<sup>18</sup> Sobre a fundação e a evolução histórica em Portugal das *Irmandades e Confrarias sob o título e nome e invocação de Nossa Senhora, a Madre de Deus, Virgem Maria da Misericórdia* a partir da que foi estabelecida, em agosto de 1498, na Capela de Nossa Senhora da Piedade da Terra Solta na Sé catedral de Lisboa «por um grupo de bons e fiéis cristãos [...] por premissa e consentimento e mandato» da rainha D. Leonor (1458-1525): Basto, 1934; Correia, 1999; e, em particular, a vasta coleção documental e crítica em 10 volumes: *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, 2002-2010.

*acciones, y milagros de San Antonio natural de la ciudad de Lisboa, que vulgarmente se llama de la de Padua*, escrita pelo padre maestro Miguel Pacheco, «Regular de la Orden de N.º S.º Jesu Christo, y Administrador» [1631-1660] «por Su Mag.ª del Hospital Real de S. Antonio de los Portugueses de Madrid» (Pacheco, 1648)<sup>19</sup>. Contudo, as referências à sua presença nos *Livros de Assentos* da *Cofradía*, e sobretudo o facto de ter assumido uma posição relevante na mesma, só podem ser encontradas a partir da sua eleição como *Provedor da Mesa*:

Em 2 de nov.re de 1653 havendose juntado em Mesa os Irmãos abayxo assinados e vindo a ella o Sr. Bispo de Leyria, que no dia antecedente foy eleyto, por ella por novo Provedor, en lugar do S.º Conde de Figueyro, que Deus aja, aceytou o dito cargo, e se lhe deu possessão delle na forma costumada (ARHRM, Legajo 517, Num. 001: ff. 455-457 (cc. 231r-232r).

Para além da devida condução das reuniões da *Irmandade* até 12 de julho de 1654, quando

entrou efetivamente no cargo o novo «Provedor, o S.º Marques de Trucifal Conde de Torresvedras» (D. António Soares de Alarcão)<sup>20</sup>, da presença nas eleições realizadas em 27 de junho do ano seguinte, e em duas *Juntas* particulares entre fevereiro e março de 1656, verifica-se que a participação de Mascarenhas na vida institucional e devocional do *Hospital de Santo António* cessa completamente após esta última data<sup>21</sup>.

No período seguinte, porém, a sua adesão a outras congregações laico-religiosas parece aumentar: de facto, a partir da *Elección de Officios* realizada na sexta-feira, dia 27 de dezembro de 1658, e ratificada no *Capitulo Annual* que se reuniu no dia 1 de janeiro de 1659, ele foi, todos os anos, repetidamente nomeado para o superior cargo de *Ministro da Venerable Orden Tercera de Penitencia del Padre San Francisco*, até 1665<sup>22</sup>. Em 1666, quando foi eleito D. Diego de Cordova y Cardona, *Marques de Santillana*, na *Tabla de Oficios*, o nobre português era indicado na lista de membros com a prerrogativa de *Botos perpetuos* nas *Juntas*,

---

<sup>19</sup> Veja-se o Documento n.º 2 em anexo. O retrato impresso foi realizado em 1649, «mediante grabado calcográfico al buril», por Pedro de Villafranca Malagón (Bassegoda I Hugas, 1996: 175-180). A evidente relação com este «grabador», também testemunhada pelos retratos de Filipe IV, no interior das *Difniciones*, e de *fray Juan Pecador*, do mesmo artista, deveu-se provavelmente ao gosto e interesse de D. Jerónimo pela pintura: «tuvo tambien, con excelencia, este loable exercicio, que acompañò con otras muchas virtudes, y aciertos de su gobierno» (Palomino de Castro y Velasco, 1715, l: 161).

<sup>20</sup> Filho do nomeado D. João Soares de Alarcão e primo de Mascarenhas (Rêgo, 2015: 57).

<sup>21</sup> Entre 1639 e 1648, participou também ativamente na vida da *Irmandade* o famoso sacerdote e jurista português Agostinho Barbosa, que faleceu como bispo de Ugento, em 1649; sobre a sua intensa atividade espiritual em Madrid: Bergonzini, 2024b.

<sup>22</sup> Do mesmo ano: *Copia de Cartta escripta por Don Geronimo Mascareñas Obispo electo de Leyria del Consexo Supremo de Portugal y su miller de Cortina de su Mag.ª al Duque de medina Çeli dandole quentta de la enfermedad muerte y entierro del Rey n.º Señor Don Phelipe 4º, que aia gloria sucedida, Jueves 17 de septiembre 1665* (BHR/A-031-130 (62): 16 h.; também: RAH, N-75: ff. 154r-164v).

juntamente com o *Patriarca de las Indias*, D. Alonso Pérez de Guzmán<sup>23</sup>. Em 1667, foi proposto pela última vez para o cargo de *Ministro*, mas pelos «hermanos» eleitores foi escolhido D. Iñigo López de Zarate. Em 1668, ano em que participou nas sumptuosas celebrações organizadas «para colocar el Santo Christo de los Dolores en su nueva Capilla», que começaram em 3 de maio, Mascarenhas já constava nas *Actas* com a sua nova menção episcopal:

La tarde de este día que fue el primero del Nobenario y se celebró la fiesta por la mañana en la Iglesia del Convento diciendo la Misa el Ill.mo S.or D. Geronimo Mascareñas electo Obispo de Segobia nuestro Hermano (y Ministro que ha sido con gran estimacion y aprovacion de nuestra Orden siete años continuados) (AVOTM, *Libros de Acuerdos*, IV: f. 316r).

Da mesma forma, nos primeiros meses de 1660, é possível realçar as suas relações com a nova Congregação do Oratório de São Filipe Néri, fundada pelo sacerdote valenciano Diego de Liñán<sup>24</sup>, sendo chamado para celebrar a primeira missa, que ocorreu em 25 de fevereiro, no estreito espaço adaptado para «Iglesia cuja puerta principal caía a la calle

del Prado [...] y lo mas acomodado del hacia testero a la plazuela del Angel». Durante vários anos, dado o pequeno número de padres congregados, ele também continuou a exercer a função diretiva de *Diputado*:

A la fama de la nueva fundacion, e Iglesia acudieron a informarse de ella y de su Instituto algunas personas graves Eclesiasticas de autthoridad y credito como el ya nombrado Ill.mo Sr. Don Geronimo de Mascareñas; El Sr. Don Francisco de Borja, Arcediano Mayor de la Santa Iglesia de Valencia y Capellan Maior del Convento de las Señoras Descalzas Reales de esta Corte [1651-1674]; El Dr. Don Domingo de Colavida [Matute], Capellan Maior tambien del Convento Real de la Encarnacion; y Don Constantino Jimenez cuio consejo, experiencia y direccion, consultado siempre del Sr. Marques de Aitona y del Dr. Don Diego de Liñán, influió mucho para el acierto, logro y egecucion de esta obra. Estos Señores por adelantarla se ofrecieron al gobierno de la Casa y fundacion haciendose, con beneplacito del Sr. Cardenal [D. Baltasar de Moscoso y Sandoval] Diputados della en conformidad de sus Constituciones, aunque sin vivir en la Casa de la Congregacion que por corta no lo admitia, ni por entonces estava en estado que pudiesse vencer las

---

<sup>23</sup> Do ano de 1666 é também a sua *Censura alla Vida I Virtudes del Ill.mo I Exc.mo Señor D. Iuan De Palafox I Mendoza* escrita por González de Rosende. Uma recapitulação de suas *Aprobaciones* de mais diversas obras, em: Simón Díaz, 1984, XIV: 384.

<sup>24</sup> A biografia do *Fundador unico de la Congregación de Madrid*, in: Bergonzini, 2013: 47-51; Liñán foi também *Uno de los Primeros Presbiteros de la Congregación del Oratorio de Valencia su Patria*; sobre a sua fundação: Bergonzini, 2017.

dificultades que a tales personas se podían ofrecer para tomar tal dicha resolución<sup>25</sup>.

Do ponto de vista político, Mascarenhas foi ainda o imediato e entusiasta cronista redator da *Campaña de Portugal por la parte de Estremadura el año de 1662. Executada por el Serenissimo Señor Don Juan de Austria* [...] de cuja cuidadosa narração emergia a sua satisfação para a retoma do esforço de guerra e, sobretudo, a evidente esperança da submissão definitiva do *Rebelde* rei português, D. João IV, ao legítimo e divino império da coroa espanhola:

Los [acontecimientos] desta Campaña que publico, aunque fueron grandes en el efecto, son mayores por el fin a que miraron; pues en el dictamen de todos los que discurren sin passion, y con noticias, no se pudieron elegir puestos, que mas miren al todo de aquella Conquista, que los que con tanta

reputacion han ocupado en la Provincia de Alentejo las Reales Armas de V.M. (Mascarenhas, 1663: *Al Rey Nuestro Señor*)<sup>26</sup>.

Em castelhano, D. Jerónimo dedicou-se a um trabalho ininterrupto de recolha e transcrição de uma enorme documentação histórico-política, genealógica e hagiográfica, impressa e manuscrita (entre 1598 e 1666), reunida em 51 extensos volumes preservados na BNE, MSS/2343-2393, intitulada *Colección de Sucesos* (Paz Espeso, 1938), proveniente da biblioteca do IV Duque de Uceda, D. Juan Francisco Pacheco Téllez-Girón (1649-1718), *Virrey de Sicilia*, posteriormente incorporada na Biblioteca Real em 1711<sup>27</sup>.

Do dia 23 de dezembro de 1665, era ainda uma *Minuta*, elaborada por ele na sua qualidade de titular da «plaza eclesiástica» do

---

<sup>25</sup> Todos importantes membros da *Congregación llamada de Christo Jesus*, fundada (1646/1653) pelo padre oratoriano messinense Giovanni Battista Ferruzza (1602-1658); para uma completa biografia dele, que viria a falecer como bispo de Trivento: Bergonzini, 2023a: 33-59; Bergonzini, 2025a; sobre a clara influência exercida pela espiritualidade do Oratório romano sobre a *Escuela de Christo de Madrid*: Bergonzini, 2023b: 21-72; para as semelhanças com as congregações penitenciais da Itália meridional espanhola: Bergonzini, 2024b: 537-564; sobre as *Constituciones* escritas em 1653, por Don Juan de Palafox, e o peculiar exercício penitencial praticado semanalmente *el Jueves*: Bergonzini, 2025b: 27-51.

<sup>26</sup> Sobres estas vitórias militares: BNE, MSS/2389, *Sucesos del año 1662*: ff. 1-150. Sobre a inerente controvérsia com Antonio de Solís y Rivadeneyra: Cid Martínez, 1999: 73-97. No entanto, as sortes da guerra começaram a mudar com a vitória das tropas portuguesas sobre as do Duque Juan José de Austria na *Batalha do Ameixal, ou do Canal*, não longe de Estremoz, em 8 de junho de 1663, que pôs fim à invasão espanhola do Alentejo e permitiu também a reconquista estratégica da cidade de Évora, em 26 de junho de 1663. Finalmente, o combate de Montes Claros – «a última das seis batalhas, que os Portuguezes ganharaõ aos castelhanos depois da aclamação venturosa dElRey D. João IV», uma vitória obtida em 17 de julho de 1665, graças à capacidade estratégica do *Marquez de Marialva*, D. António Luís de Meneses, sobre as tropas inimigas comandadas pelo ilustre e experiente *Marquez de Caracena* – revelou-se, no desgaste do longo conflito, substancialmente decisivo na perspetiva de uma possível resolução pacífica (Ericeira, 1759, IV, Parte 2.ª: 330-336); também: Serrão, 1996, vol. 5.

<sup>27</sup> Veja-se: Fernández Pomar, 1976: 475-518; Martín Abad, 1989: 144-145; e Martín Velasco, 2009. Um estudo mais recente sobre a organização interna dos volumes da coleção pode encontrar-se em: Megiani, 2023: 1-23.

*Consejo de Portugal*<sup>28</sup>, relativa a uma *Consulta a la Reyna nuestra Señora, representandole la necesidad de continuar la guerra de Portugal, y los grandes ynconvenientes, que se le ofrecen en la voz, que corre de las treguas con aquel Reyno*, em que, além de destacar a evidência geográfica, o direito e a conveniência política de reconstituir a unidade peninsular sob o domínio espanhol, os representantes portugueses insistiam particularmente, na absoluta necessidade de continuar os esforços de guerra levados a cabo durante 25 anos por Filipe IV, desde sempre com o objetivo de salvaguardar a fundamental «Reputación» da Monarquia no contexto internacional. O *Consejo* achava que, como tutora do jovem soberano Carlos II, Dona Mariana da Áustria não deveria admitir «la menor platica de ajuste con los rebeldes» e que a reconquista portuguesa era necessária em vista de uma possível nova ameaça francesa, atribuindo ainda a razão das der-

rotas mais recentes principalmente à falta de uma campanha militar contínua e coordenada entre as várias frentes de guerra, o que permitia a um inimigo com grandes dificuldades financeiras ter tempo para reorganizar a sua defesa. Por fim, recordando também a atitude sempre mantida pela Santa Sé: «no queriendo admitir, ni conocer jamas aquel Tirano», os súditos portugueses expressavam a sua grande preocupação com as notícias que circulavam sobre acordos de tréguas ou de paz, em relação aos quais, tendo em conta o fiel serviço sempre prestado à Coroa e como partes mais interessadas, achavam ter o direito de serem os primeiros a ser legitimamente consultados (BNE, MSS/8686: ff. 61v-65r)<sup>29</sup>.

Apesar de tal declarada oposição do *Consejo de Portugal*, com a mediação e garantia do rei Carlos II de Inglaterra, em 13 de fevereiro de 1668, no *Convento do Santo Elói* de Lisboa,

---

<sup>28</sup> Na sequência dessa nomeação, Mascarenhas foi exonerado das suas funções no *Consejo de Órdenes de Castilla*. Veja-se a *Copia del Decreto de su Magestad de 27. de Noviembre de 658. para la nueva formacion del Consejo de Portugal*, em: RAH, M-RAH 9/685. Sobre as origens, o funcionamento e os membros do *Consejo de Portugal* (1583-1640), a sua transformação em *Junta* (1639), restauração (1658) e sua extinção (1668): Luxán Meléndez, 1988. Após a paz entre os dois reinos e a consequente abolição do *Consejo de Portugal*, «por cuya direccion corrian las cosas pertenecentes al Hospital de San Antonio», em 12 de outubro de 1668, o Secretário de Estado Blasco de Loyola comunicava ao *Provedor* Conde de Linhares, D. Fernando de Noronha, que a jurisdição da instituição de caridade passaria para a *Camara de Castilla*. A tentativa feita pelo Conde de Miranda, novo embaixador português em Madrid, de reivindicar o «Patronazgo» da coroa portuguesa sobre a originária fundação resultou vã (BNE, MSS/8686: ff. 106r-111r). Por decreto de 27 de agosto de 1689, D. Mariana da Áustria refundou a instituição de caridade com o nome de *Santo Antonio de los Alemanes*, concedendo a posse da Igreja e do Hospital, bem como a renda de outras residências, ao seu *mayordomo mayor*, D. Antonio Sebastian de Toledo, Marquês de Mancera (ARHRM, *Legajo* 516, Num. 001, ff. 0010-0011). Com a *Real Cedula* de 10 de fevereiro de 1702, Felipe V concedeu definitivamente a administração dos edifícios do hospital à *Hermanidad de Nuestra Señora del Refugio* (ARHRM, *Legajo* 515\_1, Num. 001-033, ff. 0003-0005), criada em março de 1615 pelo padre jesuíta Bernardino de Antequera (1572-1626); sobre a história desta última instituição caritativa: Pulido Serrano, 2016: 13-24; sobre os aspetos construtivos e artísticos da *Iglesia de San Antonio*: Pajarón Sotomayor, 1977; Fernández Peña, 2006: 883-898.

<sup>29</sup> Para mais exemplos de opiniões expressas sobre a situação do conflito português e sobre a oportunidade de uma trégua e paz com o reino rebelde, podem ler-se também a *Respuesta que dió cierto ministro a Felipe IV sobre las cosas de Portugal* (BNL, Ms. 11319-26; Ms. 11033; Ms. 11306, [1663]); o anónimo *Discurso en razón de las treguas con Portugal* (BNL, Ms. 2373, ff. 61-68, ampliado no Ms. 3553, ff.1-22, [1665]); e o *Papel de D. Fernando de Noroña, Conde de Linares, contradiciendo las treguas de Portugal* (BNL, Ms. 2373; Ms. 3583:26-35), recolhidas por: JOVER, 1950: 104-170.

entre o *Plenipotenciario* da Coroa espanhola, D. Gaspar de Haro Guzmán y Aragón, *Marqués del Carpio*<sup>30</sup>, e os representantes do rei lusitano D. Afonso VI, foi assinado um *Tratado de paz, perpetua, buena firme, è inviolable*, ratificado em Madrid por Doña Mariana de Austria e por Carlos II cinco dias depois (*Tratado de Paz ajustado entre la Corona de Castilla y de Portugal*, 1668). O oitavo dos XIII artigos do acordo, que devia regular «todas las privaciones de herencias» e a restituição dos bens pertencentes aos nobres portugueses que se mantiveram fiéis à Espanha, não obstante não prever a confirmação das nomeações civis e eclesiásticas relativas ao Reino de Portugal concedidas por Felipe IV, não só lhes causou mais problemas económicos, como também levou muitos deles a requerer a naturalização castelhana, mantendo, de facto, a posição ideológica assumida à época da Restauração de 1640, recusando-se a: «ir á rendir vassalaje á Portugal»<sup>31</sup>. Essa foi também a convicta opção do próprio D. Jerónimo Mascarenhas, que, tendo perdido todos os direitos aos títulos e relativos benefícios eclesiásticos, após ter recusado veementemente os termos de paz, até mesmo voluntariamente excluídos da sua vasta coleção histórico-documental, encontrou recompensa definitiva pela contínua dedicação demonstrada à monarquia espa-

nhola na bula do Papa Clemente IX, de 9 de abril de 1668 (AGS, *Patronato Real*, PTR, LEG, 63, DOC.131), pela qual o rei Carlos II o investia com a mitra de Segóvia.

Nessa diocese, ele dedicou-se particularmente à busca dos restos mortais do apóstolo ateniense São Ieromeo, mestre de São Dionísio, o Areopagita, também considerado o primeiro bispo daquela comunidade religiosa, sendo além disso: «tradición antiquíssima y constante que predicó en esta Cyudad el Misterio de la puríssima Concepción de nuestra Señora» (Cueto Ruiz, 1984: 133), nela falecendo no «Jueves Santo del 1672»<sup>32</sup>.

Da *Oracion Funebre Panigyrica, Afectuosa, e Immortal Pyra*, dedicada ao irmão D. Pedro Mascarenhas, *Marques de Montalvan*, construída sobre a «thema: Bonum certamen certavi, cursum consummavi, fidem servavi. In reliquo reposita est mi corona iustitiae (2.Tim.4.)», foi retoricamente celebrada a sua infinita caridade:

No ay que buscar causas à la muerte del señor Obispo, no ay que imputarla à la hydropesia; de misericordioso murió. Fuelo en el efecto siempre que pudo, crecieron sus empeños viðse obligado a mudar de misericordia; padeciala en el afecto, creció tanto la compassion, que le vino à acabar la vida [...] Siete dias estuvo peleando con

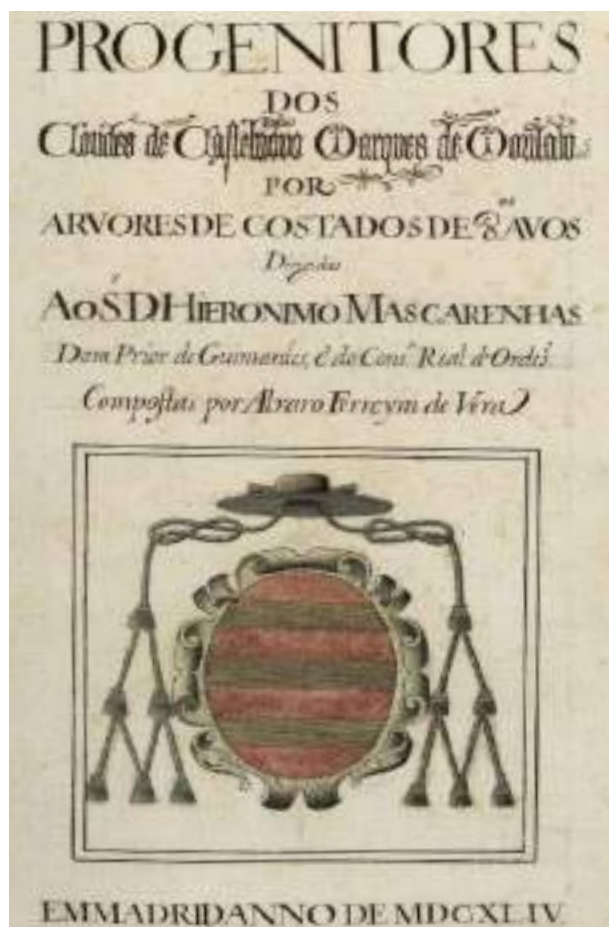
<sup>30</sup> Veja-se a *Carta descifrada del marqués del Carpio á S.M., fechada en Lisboa á 14 de Febrero de 1668* (Cánovas Del Castillo, 1888: 367-369).

<sup>31</sup> *Consulta original del Consejo de Estado, fecha en Madrid á 9 de Agosto de 1668, sobre la forma que se ha de tomar con los caballeros portugueses que se hallan en estos Reynos* (Cánovas Del Castillo, 1888: 370-375); também: Bouza Álvarez, 1994: 100-102.

<sup>32</sup> O seu *Testamento* foi redigido no dia 6 de abril (Archivo Histórico Provincial de Segovia [AHPS], Prot. 1781).

la muerte, casi vencido de su guadaña [...] Muriò en fin à las primeras horas del lueves Santo, con que por el forçoso rito, que observa en aquel dia, y en sigiiente la Iglesia, no pudo darse sepultura à su cuerpo hasta el Sabado Santo despues de la Missa, y publicacion de las Aleluyas (Ioseph De Madrid, 1672: 17-22)<sup>33</sup>.

DOCUMENTO N.º 1.



BNE, MSS/3264, *Familias de Portugal y Castilla*, Vol. I: ff. 82r-90v;

<sup>33</sup> «Consérvase en su sepulcro una inscripción y el escudo de armas de la Casa de Mascareñas: tres fajas de oro en campo de gules, que está en cima de la Cruz de Calatrava» (Mascareñas, 1944: 439). A preocupação de salvaguarda linhagista, destinada a impedir a fácil concessão de investiduras e rendimentos também a *cristãos-novos*, já era evidente na *Aprovacion (Madrid en tres de Octubre de 1644)* anterior à tradução para o espanhol do *Nobiliario del Conde de Barcelos* [...], 1646, realizada pelo erudito português D. Manuel de Faria e Sousa (1590-1649), *Cavallero de la Orden de Christo i de la Casa Real*; nela, Mascarenhas indicava como principal importância da depurada e autêntica edição do autor, «sacada del original que se conserva en el Archivo del Reyno», o facto que: «en los Tribunales se dà tal credito a este Nobiliario [...] i para que lo Ministros [...] por medio de la impresion puedan examinar, si las alegaciones son verdaderas, como conviene en cosas tan importantes, quales son las de hazienda, i honra». Esse interesse genealógico aparece manifesto nas numerosas notícias impressas e manuscritas por ele recolhidas, que se podem consultar em: BNE, MSS/3264, *Familias de Portugal y Castilla*, Tomo I; BNE, MSS/3265, *Nobiliario de Linages de Portugal*; BNE, MSS/3266-3267, *Familias de Portugal*, Parte I-II; BNE, MSS/3268, *Nobleza de Portugal y Familias de Castilla*, Tomo II; BNE, MSS/3276-3277-3278, *Familias Diferentes*, Vols. 1-2.



Progenitores [...]; *Ibidem*: 1r.



BNE, MSS/3268, *Nobiliario* [...], Vol. II.

DOCUMENTO N.º 2.



Pedro de Villafranca y Malagón (ca.1615-1684), *Retrato de Jerónimo de Mascareñas*, 1649, Barcelona, Colección privada; Bassegoda I Hugas, 1996: 177-178.



Archivo de la Santa, Pontificia y Real Hermandad del Refugio y Piedad de Madrid, Legajo 515\_3, Num. 001-0042.

## Bibliografia

### Manuscrita

Archivio della Sacra Congregazione per la Dottrina della Fede di Roma [ASCDF];  
Archivo de la Santa, Pontificia y Real Hermandad del Refugio y Piedad de Madrid [ARHRPM];  
Archivo de la Venerable Orden Tercera de Madrid [AVOTM];  
Archivo General de Simancas [AGS];  
Archivo Histórico Nacional de Madrid [AHNM];  
Archivo Histórico Provincial de Segovia [AHPS];  
Biblioteca del Hospital Real de Granada [BHR];  
Biblioteca Nacional de Madrid [BNE];  
Real Academia de la Historia de Madrid [RAH].

### Impressa

Almeida, F. de. (1924, fevereiro). D. Jorge de Almeida e D. Afonso de Castelo Branco, Bispos de Coimbra. *O Instituto*. **71**, 2: 57-64;  
Almeida, F. de. (1968). *História da Igreja em Portugal*. Livraria Civilização Editora. Porto/Lisboa. Vol. II;  
Almeida, M.L. de. (1940). *Notícias da aclamação e de outros sucessos*. Tip. Atlântida. Coimbra;

Almeida, M.L. de. (1973). *Acordos do Cabido de Coimbra 1580-1640*. Biblioteca Municipal. Coimbra;

Bassegoda I Hugas, B. (1996). Jerónimo de Mascarenhas retratado por Pedro de Villafraanca. *Locus Amoenus*. **2**: 175-180;

Basto, A. de M. (1934). *História da Santa Casa da Misericórdia do Pôrto*. Santa Casa da Misericórdia. Porto. 2 Vols.;

Bergonzini, M. (2013). *Compendio de las vidas de los padres que han florecido en virtudes y letras en la Real Casa de S. Felipe Neri de Valencia*. Citcem. Porto;

Bergonzini, M. (2014). Il culto dell'Immacolata Concezione in Portogallo, in 'Percorsi' di spiritualità alla corte portoghese in Età Moderna. *Archivio italiano per la storia della pietà*. **27**: 119-173;

Bergonzini, M. (2015). *Il culto mariano e immaculista della Monarchia di Spagna: L'ambasciata romana di D. Luis Crespi de Borja (1659-1661)*. Citcem. Porto;

Bergonzini, M. (2017). *Storia della fondazione della Congregazione dell'Oratorio di San Filippo Neri di Valencia*. Citcem. Porto;

Bergonzini, M. (2022). Il Patrocinio della Vergine Immacolata sul Regno di Portogallo. Em: M. Merluzzi, G. Sabatini e F. Tudini (eds.). *La Vergine contesa. Roma, l'Immacolata Concezione*

- e l'universalismo della Monarchia Cattolica (secc. XVII-XIX). Viella. Roma;
- Bergonzini, M. (2023a). Il padre oratoriano messinese Giovanni Battista Ferruzza (1602-1658). Fondatore della Escuela de Christo a Madrid, e vescovo di Trivento. *Archivio Storico Messinese*. **104**: 33-59;
- Bergonzini, M. (2023b). L'influenza della spiritualità oratoriana sulla Escuela de Christo de Madrid. *Annales Oratorii*. **21**: 21-72;
- Bergonzini, M. (2024a). *Agostinho Barbosa. L'attività spirituale del giurista e sacerdote portoghese nella Villa e Corte di Madrid*. Libreria Editrice Vaticana. Roma;
- Bergonzini, M. (2024b). L'Escuela de Christo di Madrid e le Congregazioni penitenziali dell'Italia meridionale spagnola. *Mediterranea: Ricerche Storiche*. **62**: 537-564;
- Bergonzini, M. (2025a). *Giovanni Battista Ferruzza (C.O.) Vescovo di Trivento (1655-1658)*. Vescovato di Trivento/Tipolito Matese. Isernia;
- Bergonzini, M. (2025b). L'Esercizio penitenziale della Escuela de Christo de Madrid. *Libros de la Corte*. **30**: 27-51;
- Bouza Álvarez, F. (1994). Entre dos reinos, una patria rebelde. Fidalgos portugueses en la monarquía hispánica después de 1640. *Estudis: Revista de Historia Moderna*. **20**: 83-104;
- Bouza Álvarez, F. (2007). Papeles y público barrocos. En torno a la publicística hispana durante la guerra de Restauração portuguesas de 1640 a 1668. Em: A. Merola, G. Muto, E. Valeri e M. A. Visceglia (eds). *Storia sociale e politica. Omaggio a Rosario Villari*. Editore Franco Angeli. Milano. pp. 371-407;
- Cánovas Del Castillo, A. (1888). *Estudios del reinado de Felipe IV, Revolución de Portugal*. Imprenta de A. Pérez Dubrull. Madrid. T. 1;
- Cid Martínez, J.A. (1999). Historia, razón de estado y burocracia: Antonio de Solís contra Jerónimo Mascarenhas (1662-1663). *Nueva Revista de Filología Hispánica*. **47**, 1: 73-97;
- Correia, F. da S. (1999). *Origens e formação das Misericórdias Portuguesas*. Livros Horizonte. Lisboa;
- Couseiro ou Memórias do Bispado de Leiria*. (2011). Transcrição da 2.<sup>a</sup> ed. de 1898. Texti-verso. Leiria;
- Cueto Ruiz, R. (1984). *Pánfilos y "Cucos": Historia de una polémica segoviana*. Fundación Universitaria Española. Madrid;
- Definições e Estatutos dos Cavalleiros & Freires da Ordem de N. S. Iesu Christo, com a historia da origem, & principio della*. (1628). Pedro Craesbeeck. Lisboa;
- Ericeira, Conde da. [Menezes, L. de]. (1759). *Historia de Portugal restaurado [...]*. Oficina de Ignacio Nogueira Xisto. Lisboa. T. 4.<sup>o</sup>. Parte 2.<sup>a</sup>;
- Ericeira, Conde da. [Menezes, L. de]. (1945). *História de Portugal restaurado [...]*. Civilização. Porto. Vol. I;
- Fernández Peña, M.R. (2006). La Santa, Pontificia y Real Hermandad del Refugio y Piedad de Madrid en la iglesia de San Antonio de los Alemanes: una institución de caridad dentro de un recinto de arte. Em: F. J. Campos e F. de Sevilla (coords.). *La Iglesia Española y las instituciones de caridad: Actas del simposium 1/4-IX-2006*. Ediciones Escorialenses. San Lorenzo de El Escorial. pp. 883-898;
- Fernández Pomar, J.M. (1976). La colección de Uceda de la Biblioteca Nacional. Nueva edición del catálogo de manuscritos. *Helmantica: Revista de Filología Clásica y Hebrea*. **27**, 84: 475-518;
- González de Rosende, A. (1666). *Vida I Virtudes del Ill.mo I Exc.mo Señor D. Iuan De Palafox I Mendoza [...]*. Iulian de Paredes. Madrid;
- Hortal Muñoz, J.E. (2015). Los sumilleres de cortina. Em: J. M. Millán, J. E. H. Muñoz (dirs.). *La Corte de Felipe IV (1621-1665): Reconfiguración de la Monarquía católica*. Polifemo. Madrid, T. 1. Vol. 1;
- Ioseph De Madrid. (1672). *Afectuosa, e Immortal Pyra [...]*. Melchor Sanchez. Madrid;

- Jover, J.M. (1950, Enero-Marzo). Tres actitudes ante el Portugal restaurado. *Hispania: Revista Española de Historia*. **10**, 38:104-170;
- Luxán Meléndez, S. de. (1988). *La revolución de 1640 en Portugal: sus fundamentos sociales y sus caracteres nacionales: el Consejo de Portugal, 1580-1640*, Tesis Doctoral. Universidad Complutense de Madrid. Madrid;
- Machado, D.B. (1747). *Bibliotheca lusitana historica, critica, e cronologica* [...]. Officina de Ignacio Rodrigues. Lisboa. T. II;
- Madahil, A.G. da R. (1940). *Cartas da Restauração*. Of. Gráf. da Coimbra Editora. Coimbra;
- Martín Abad, J. (1989). *Manuscritos de España: Guía de catálogos impresos*. Arco Libros. Madrid;
- Martín Velasco, M. (2009). *La colección de libros impresos del IV Duque de Uceda en la Biblioteca Nacional de España*. Calambur/Centro de Estudios Europa Hispánica. Madrid;
- Mascarenhas, C.E. (1944). D. Jerónimo Mascarenhas. Historiador de la campaña de Portugal en Extremadura (1662). *Revista de Estudios Extremeños*. **18**: 437-439;
- Mascarenhas, C.E. (1947). El Obispo de Segovia D. Jerónimo Mascarenhas y sus obras de Historia. *Revista Bibliográfica y Documental*. **1**, 1-2: 17-28;
- Mascarenhas, C.E. (1949). Cartas de D. Jerónimo Mascarenhas. *Brotéria: Revista Contemporânea de Cultura*. **48**: 43-57;
- Mascarenhas, J. (1636). *Compromisso da Sancta Misericórdia da Cidade de Coimbra, sua instituição e cathalogo dos Provedores & Escrivães que até o presente tem servido nella*. Impreso por mandado e a custa de [...]. Officina de Diogo Gomez de Loureyro. Coimbra;
- Mascarenhas, J. (1640). *Oração Exhortatoria e Panegirica*. Dissea [...]. Antonio Alvarez. Lisboa;
- Mascarenhas, J. (1650). *Viage de la Serenissima Reyna Doña Maria Ana de Austria Segunda Muger de Don Phelipe Quarto* [...] *Hasta la Real Corte de Madrid desde la Imperial de Viena* [...]. Diego Diaz de la Carrera. Madrid;
- Mascarenhas, J. (1651). *Apologia Historica, por la Ilustrissima Religion, y Inclita Cavalleria de Calatrava: su antiguedad, su extension, sus grandezas entre los Militares de España*. Diego Diaz de la Carrera. Madrid;
- Mascarenhas, J. (1653a). *Raymundo Abad de Fitero, de la Orden de Cister, Fundador de la Sagrada Religion, y Inclitya Cavalleria de Santa Maria de Calatrava* [...]. Diego Diaz de la Carrera. Madrid;
- Mascarenhas, J. (1653b). *Amadeo de Portugal, en el Siglo luan de Meneses de Silva, Religioso de la Orden de S. Francisco de la Observancia: y Fundador de la Ilustrissima Congregacion de los Amadeos en Italia* [...]. Diego Diaz de la Carrera. Madrid;
- Mascarenhas, J. (1661). *Difiniciones de la Orden, y Cavalleria de Calatrava, conforme al Capitulo General celebrado en Madrid año M.DC.LII*. Diego Diaz de la Carrera. Madrid;
- Mascarenhas, J. (1663). *Campaña de Portugal por la parte de Estremadura el año de 1662. Executada por el Serenissimo Don Iuan de Austria* [...]. Diego Diaz de la Carrera. Madrid;
- Mascarenhas, J. (1918). *História de la ciudad de Ceuta. Sus sucessos militares, y politicos; memorias de sus santos y prelados, y elogios de sus capitanes generales*. (Escrita em 1648 por [...]) Publicada [...] sob a direcção de Afonso de Dornelas [...]. Academia das Ciências. Lisboa;
- Mascarenhas, J. (1956). *História da cidade de Coimbra. Manuscrito do século XVII*, (Leitura e pref. de José Pires da Silva). *Arquivo Coimbrão*. Sept. **14**: 235-285;
- Mascarenhas, J. (1995). *História de la ciudad de Ceuta*. (Introd. e trad. do pref.: Alberto Baeza Herrazti). Algazara/Instituto de Estudios Ceutíes. Málaga/Ceuta;
- Mascarenhas, J. (2023). *História da cidade de Coimbra* (Introd. e notas de Mário Araújo Torres). Edições Ex-Libris. Lisboa;
- Megiani, A.P.T. (2023, set./dez.). A coleção Mascarenhas da Biblioteca Nacional de Espanha: notícias, relatos e memórias de um clérigo

- português na corte de Madrid (1611-1671). *Acervo*. 36, 3: 1-23;
- Pacheco, M. (1647). *Epitome de la vida, acciones, y milagros de San Antonio natural de la ciudad de Lisboa, que vulgarmente se llama de la de Padua*. [...]. Iulian de Paredes. Madrid;
- Paiva, J.P. (2006). *Os Bispos de Portugal e do Império (1495-1777)*. Imprensa da Universidade. Coimbra;
- Paiva, J.P. (coord.). (2002-2010). *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*. União das Misericórdias Portuguesas, Lisboa. 10 Vols.;
- Pajarón Sotomayor, M. (1977). *San Antonio de los alemanes*. Real Hermandad del Refugio. Madrid;
- Palomino de Castro y Velasco, A. (1715). *El Museo pictorico, y escala optica: Theorica de la pintura* [...]. Lucas Antonio de Bedmar. Madrid. T. 1;
- Paz Espeso, J. (1938). *Catálogo de "Tomos de varios"*. Blass. Madrid;
- Pulido Serrano, J.I. (2016). La caridad al encuentro de la pobreza. Razones e hitos históricos de la Hermandad de Nuestra Señora del Refugio y Piedad de Madrid. Em: *La Hermandad del Refugio y Piedad de Madrid (1615-2015): cuatro siglos de historia*. Fundación Universitaria Española. Madrid. 13-24;
- Rêgo, J. de F. (2015) «Não pode alguém negar limpeza, antiguidade & parentesco». A genealogia como instrumento de legitimação política e identitária (Portugal versus Castela – Século XVII). Em: D. M. Marcos, José M. Lñurritegui e Pedro Cardim (coords.). *Repensar a identidade. O mundo ibérico nas margens da crise da consciência europeia*. Cham. Lisboa;
- Serrão, J. Veríssimo. (1996). *História de Portugal: A Restauração e a monarquia absoluta, 1640-1750*. Verbo. Lisboa. Vol. 5;
- Seyner, A. (1644). *Historia del Levantamiento de Portugal* [...]. Pedro Lanaja y Lamarca. Zaragoza;
- Simón Díaz, J. (1984). *Bibliografía de la literatura hispánica*. Instituto Miguel de Cervantes. Madrid. T. 14;
- Sousa, A.C. de. (1745). *História genealógica da Casa Real Portuguesa* [...]. Regia Officina Sylviana. Lisboa. T. 11;
- Tratado de Paz aiustado entre la Corona de Castilla y de Portugal*. (1668). Imprenta de Domingo Garcia Morràs. Madrid;
- Valladares, R. (1998). *La rebelión de Portugal: guerra, conflicto y poderes en la Monarquía Hispánica (1640-1680)*. Consejería de Educación y Cultura. Valladolid;
- Vega, C. de. (1653). *Theologia Mariana. Hoc est Certamina Litteraria de Beatissima Virgine Dei Genitrice Maria* [...]. Sumpt. Philp Borde L. Arnaud & Cl. Rigaud. Lugduni.

## O Proto-Plano Escolar Pombalino: Origens da escola pública na Madeira The Pombaline School Plan: The origins of public education in Madeira

LUCIANA PAREDES<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa os primeiros 50 anos de desenvolvimento do ensino régio na Madeira, entre 1772 e as primeiras décadas do século XIX. A criação das cadeiras de primeiras letras na Madeira obedeceu sobretudo a critérios administrativos, não populacionais, e o estabelecimento de escolas enfrentou dificuldades de provimento, financiamento e consolidação. Conclui-se que, apesar de desorganizado e limitado, este proto-sistema escolar assinala o início de uma rede pública de instrução primária na Madeira. O caso insular evidencia as dificuldades da aplicação da reforma pombalina fora do Continente, mostrando como a educação elementar foi inicialmente concebida como instrumento de modernização administrativa, antes de ser afirmada, no quadro liberal, como direito universal.

**Palavras-Chaves:** Ilha da Madeira; História do Ensino Primário na Ilha da Madeira; Proto-Plano Escolar Pombalino; ensino oficial.

**Abstract:** This article analyzes the first 50 years of the development of public education in Madeira, between 1772 and the early decades of the 19<sup>th</sup> century. The establishment of primary school positions in Madeira followed mainly administrative, rather than population-based, criteria, and the creation of schools faced challenges in teacher provision, funding, and consolidation. It is concluded that, despite being disorganized and limited, this proto-educational system marks the beginning of a public primary education network in Madeira. The insular case highlights the difficulties of implementing the Pombaline reform outside the mainland, showing how elementary education was initially conceived as a tool for administrative modernization before being established as a universal right in the liberal context.

**Keywords:** Madeira Island; History of Primary Schooling in Madeira Island; Pombal's Proto-School Plan; public education.

---

<sup>1</sup> Escola Superior de Educação João de Deus; Centro de Investigação e Estudos João de Deus; Universidade Aberta, Centro de Estudos Globais, Portugal.

## 1. Introdução

Por vezes, a história local e regional é narrada como mera miniaturização da história nacional, assumindo-se um ritmo evolutivo comum e características idênticas para todas as áreas geográficas do país. Tal abordagem, embora útil para uma visão de conjunto, tende a omitir realidades próprias. Este artigo incide particularmente sobre os primeiros 50 anos de desenvolvimento do sistema escolar régio na Madeira, procurando evidenciar essas especificidades.

A escassez de documentação referente à instrução pública, entre o final do século XVIII e o início do século XIX, torna difícil uma análise completa do processo de estabelecimento do ensino público. Os municípios rurais apresentam um volume reduzido de documentação anterior a 1830. Efetivamente, apesar de ter sido com o Estado pombalino e, na sequência deste, com o Estado mariano, que o concelho se torna uma estrutura administrativa e social de referência, só depois da implementação definitiva do Liberalismo é que passa a ser possível encontrar nos arquivos dos municípios rurais alguma documentação com referências à instrução pública. Já no caso do Funchal – zona urbana, capital de província, onde se concentrava o poder administrativo de toda a Ilha –, existe documentação em quantidade até em períodos anteriores ao século XVIII. O Índice de Lamedo revelou-se essencial nesta pesquisa, permitindo localizar docu-

mentos relativos à instrução pública e possibilitando a reconstituição da execução da reforma pombalina dos estudos na Madeira.

Esta investigação assentou em duas operações complementares de método historiográfico: uma de natureza heurística, centrada na identificação e seleção de documentos no Índice de Lamedo, e outra de carácter hermenêutico, dedicada à interpretação desses mesmos documentos no contexto da reforma pombalina do ensino na Madeira. Os critérios adotados na transcrição da documentação implicaram um respeito integral pelo texto original, nomeadamente quanto à ortografia e à pontuação, apenas atualizando a separação e união de palavras e substituindo-se as maiúsculas que se encontravam no meio das palavras, para facilitar a leitura. Utilizou-se o símbolo [?] para assinalar texto ou palavras ilegíveis ou obliteradas, nomeadamente por deterioração do suporte.

## 2. A reforma pombalina dos estudos menores na Madeira

Durante os séculos XVI, XVII e no início do século XVIII, o ensino na Madeira foi assegurado pela Igreja Católica, nomeadamente pelos Jesuítas: «A sua presença contribuiu para um elevado grau de alfabetização de certos grupos [...]. Permitiu, também, a continuidade de estudos daqueles que frequentaram as escolas paroquiais ou os mestres particulares» (Sousa, 2019: 270).

A 12 de janeiro de 1759, os Jesuítas foram expulsos de todo o território português e os seus bens confiscados pela Coroa. Com a saída da Companhia de Jesus e o consequente encerramento dos seus colégios, o Marquês de Pombal deparou com uma escassez de instituições capazes de receber os estudantes que ali frequentavam as aulas. Para colmatar essa carência, D. José I promulgou, em 28 de junho de 1759, uma «reforma geral».

A reforma dos estudos pombalina realizou-se em duas fases, a primeira, entre 1759 e 1771, limitando-se àquilo que hoje se designa como ensino secundário. A segunda fase, iniciada em 1772, ocupou-se dos três níveis de ensino até então existentes (primeiras letras, estudos menores e estudos superiores), incluindo o ensino primário, as chamadas *escolas de ler, escrever e contar*.

Note-se que o estabelecimento de escolas régias primárias não procurava unicamente suprir a carência de instrução resultante do exílio dos padres da Companhia. De facto, a obra educativa dos Jesuítas situava-se especialmente nos níveis médio e superior, não sendo o ensino elementar considerado como parte indispensável do seu programa educativo. O capítulo xiii das Constituições da Companhia de Jesus indicava o grau de empenhamento neste primeiro ensino: «Ensinar a ler e a escrever seria também obra de caridade, se a Companhia tivesse tanta gente que pudesse acudir a tudo. Mas, por falta de pessoal, ordi-

nariamente não se ensinará» (Adão, 1997: 20). Ainda que na Madeira os Jesuítas assumissem o ensino das primeiras letras, a sua ação educativa esteve essencialmente associada ao Colégio dos Jesuítas, localizado no Funchal.

Já as escolas régias criadas por Marquês de Pombal procuravam responder às novas necessidades de escrituração associadas às prerrogativas do poder camarário. De facto,

o Marquês do Pombal, através da Real Mesa Censória, em Portugal como no Brasil, sentiu necessidade de criar uma rede de ensino, um «proto-sistema» escolar (em parte porque era preciso suprir a saída dos Jesuítas, mas, sobretudo, porque não era possível modernizar a administração sem recurso à escrita) (Belusso e Luchese, 2020)

A escrita foi o alicerce do Estado Iluminado e desempenhou um papel central no processo de modernização administrativa. Os concelhos, enquanto órgãos de poder local, passaram a relacionar-se intimamente com a escrita, que funcionava como memória institucional, instrumento de ordenação e de ação. A ampliação do uso da escrita contribuiu para a especialização e a profissionalização das práticas administrativas, que se alargaram também aos concelhos rurais. Por essa razão, as cadeiras régias não foram todas colocadas na cidade, mas quatro das primeiras seis escolas régias criadas pela lei de 6 de novembro de 1772 foram estabelecidas em concelhos rurais – Machico, Santa Cruz, Ponta do Sol e

Calheta; já as duas restantes encontravam-se no Funchal.

Segundo Magalhães (2014: 49), os critérios estabelecidos para a criação de cadeiras de primeiras letras foram os seguintes: «ter estatuto jurídico e administrativo – existência de um Juiz de Fora, Juiz Ordinário ou mesmo um Juiz Pedâneo; ser núcleo urbano e sede administrativa; apresentar um determinado quantitativo de população; poder constituir centro educativo-escolar». Magalhães (2014) afirma ainda que os Censos da População pombalino e joanino permitiram a aplicação do critério populacional em Portugal continental, tomando como referência o número de 200 fogos para a criação de uma cadeira de primeiras letras. Talvez por não terem sido incluídas nestes Censos, as ilhas acabariam por ser menos beneficiadas. O único critério aplicado para estabelecer cadeiras de primeiras letras na Madeira parece ter sido o critério administrativo. Efetivamente, as primeiras cadeiras criadas foram colocadas nas vilas existentes, e, inicialmente, os concelhos do Porto Santo e de São Vicente não foram contemplados.

A manutenção e a consolidação desta rede de escolas públicas gratuitas exigia meios financeiros. Para o efeito, o alvará de 10 de novembro de 1772 instituiu o subsídio literário, isto é, um imposto sobre o vinho, a aguardente e o vinagre produzidos, cujo valor revertia para a remuneração dos professores. No entanto, «o facto de a Madeira, como região produtora de

vinho, pagar o imposto do Subsídio Literário [...], contrastava com a evidente insuficiência de instituições oficiais de ensino no arquipélago» (Fernandes, 1992: 3). Concretamente, o subsídio literário criado pelo alvará de 10 de novembro de 1772 consistia em um real por cada canada de vinho, quatro réis por canada de aguardente, 160 réis por pipa de vinagre. A conclusão do historiador madeirense Alberto Vieira é que, especificamente no caso da Madeira, terra produtora de vinho, o dinheiro coletado por via desse subsídio não foi utilizado na promoção do ensino na Ilha:

Tenha-se em conta que em 1772 o Estado assegurava apenas a manutenção de seis professores, que perfazia uma despesa anual de 780\$000. Já as rendas do subsídio literário desde 1776 andariam pelos 40 mil réis, o que quer dizer que quase nada era gasto desta soma na ilha. (Vieira, s.d.)

### **3. Criação e provimento das primeiras cadeiras de primeiras letras na Madeira**

«No primeiro ano da sua aplicação efectiva (1773), a reforma pombalina encontrou sérias dificuldades de concretização» (Fernandes, 1994: 76). De facto, a partir da consulta de dois mapas citados na *Lista dos professores régios de filosofia racional, retórica, língua grega e gramática latina e dos mestres de ler, escrever e contar despachados pela Resolução de S. Majestade de 10 de novembro deste presente ano de 1773, em consulta da Real Mesa Censória de oito*

do mesmo mês e ano, Fernandes (1994) conclui que um ano depois de criadas as primeiras escolas régias madeirenses nenhuma tinha sido ainda provida. Desconhecem-se as razões para tal acontecimento – será que não tinham aparecido candidatos às cadeiras? Ou será que as autoridades locais não tinham feito as diligências necessárias para publicitar estas vagas? Certo é que o problema se verificou em todo o país (em 1773, apenas 33% das cadeiras de primeiras letras estavam providos), mas nas ilhas a situação era mais grave.

O *Elucidário madeirense* indica que, em 1793, 20 anos depois da criação das primeiras escolas régias na Madeira, foi estabelecida uma outra no Campanário (freguesia que pertenceu ao Funchal até 1835), «sendo dotadas mais tarde com o mesmo benefício as vilas de S. Vicente e Porto Santo» (Silva e Meneses, 1940, I: 404). Em 1799 foi criada uma terceira cadeira de primeiras letras no Funchal, na zona de Santa Luzia, a pedido do professor Henrique José dos Santos Guimarães:

[...] Diz Henrique José dos Santos Guimarães, que elle por hum anno exercera huá Cadeira de primeiras Letras nesta Cidade por auzencia de João Vieira de Andrade seu proprietario, aprovado pelo Exsselectissimo Governador como mostra junto, o que preencheo com honrra, e zello, e proveito dos Meninoz Como Se ve das Atestacoins de Seus Pais a Sertidão do Reverendo Parrocho da freguezia de Nossa Senhora do Calhaó Vezinho do Suplicante, tanto assim

que vindo o ditto proprietario, ficou ensinando, como ensina varioz Meninoz, que seus Pais só querem confiar do Suplicante, que conta das ditas Atestacoins Como todas as Escollas Regias desta mesma Cidade se achão cheias com demasiada Sorte que os Mestres se vem impecbelitados de Servirem todoz com eficacia, e o Suplicante se veja com mulher, e filhos que deva, e que bem não pode sustentar por ser pobre, portanto recorre a V.<sup>a</sup> Ex.cia e Senhores se sirvão criar huá Cadeira para a freg.<sup>a</sup> de Santa Luzia em dstricto desta Cidade visto não aver na ditta freguezia Escolla alguá, e nas outras trez se acha em cada huá Sua, e estas cheias Como mostra dos Documentoz, motivo porque hé indispensavel, e conferi lla ao Suplicante. (ARM, CMFUN, liv. 1224: fls. 82 e 82v)

Em abril de 1799 é registado o despacho favorável a este pedido:

Estabeleça se a cadeira na Freguezia de Santa Luzia, conferindo se ao Suplicante a Serventia della com o ordenado estabelecido aos Professores precedindo para isto consentimento da Junta da Arrecadação e Admenistração deste Estado. (ARM, CMFUN, liv. 1224: fl. 82v)

Segundo Rogério Fernandes (1994), a documentação existente na Torre do Tombo indica que em 1801 todos os concelhos tinham pelo menos uma escola primária (os concelhos de Câmara de Lobos, Santana e Porto Moniz só foram criados em 1832) e o Concelho do

Funchal tinha três escolas na cidade e uma na Freguesia do Campanário.

Devido à falta de documentação, é muito limitado o conhecimento sobre estas escolas — onde se localizavam? Quantos alunos tinham? Quem eram as crianças que as frequentavam? Que formação tinham os professores? Havia algum tipo de inspeção às escolas? São perguntas que ficam por responder. Ainda assim, os Tomos da Câmara do Funchal, que contêm alguns registos de ofícios e despachos relacionados com a instrução primária, permitem perceber um pouco mais acerca do ensino nesta época.

Curiosamente, verifica-se que existiam professores continentais que se disponibilizavam para ir ensinar na Madeira, como foi o caso de Bernardo José da Fonseca e Almeida, que, em 1781, embarcou em Lisboa com destino ao Funchal para ocupar uma vaga de professor nessa cidade:

Dona Maria [...] Faço saber aos que esta minha Provisão virem: Que eu foi Servida fazer mercé a Bernardo Joze da Fonceça e Almeida do emprego de Substituto de huma das Escollas de ler, Escrever, Contar, e de Cathesismo da Cidade do Funchal da Ilha da Madeira, o qual emprego Servirá por tempo de seis annos, e vencendo o ordenado annual de cento e Sincoenta mil reis pagos a quarteis, adiantados desde o dia que Mostrar que embarcou no Porto desta Cidade de Lisboa para fazer viagem para a Cidade do Funchal, e que delle tomou poçe

e tem Sua Escola aberta (ARM, CMFUN, liv. 1224: fl. 11v).

A confirmação de que este indivíduo era natural de Portugal Continental encontra-se numa provisão de 1793 resultante do despacho favorável da rainha D. Maria, em resposta ao pedido deste professor para se ausentar e ser substituído na sua escola por José da Costa e Silva:

Diz Bernardo Joze d'Afonsequa e Almeida que elle obteve de V.º Mag.de pella Real meza da Comisão Geral a Provizaõ Junta e porque Se quer aubsentar durante o tempo da dita Lisença e reconhece em Joze da Costa e Silva qualidade para bem poder disimpenhar as oubrigasoins de mandar Sempre a dita Provizam e haver por bem que o ditto Jose da Costa Silva fique substituindo dorante o tempo de licença do Suplicante e recebera merse [...] Dona Maria [...] Faço saber aos que esta minha Provizam virem que Bernardo Joze da Afonsequa Almeida substituto de huma escola de ler escrever da cidade do Funchal me apresentou que para puder hir a sua Patria tomar entrega de alguns bens que lhe ficaram por morte de Seus Pais lhe era muito preciso ausentar se da sua Escolla por alguns tempos [...] Hei por bem conceder lhe Licença para que o posa fazer por tempo de hum anno deixando na escola substituto aprovado ao qual Pagará e que guardará as minha Riaes detriminasoins (ARM, CMFUN, liv. 1224: fl. 32v).

Outra informação que merece destaque nos documentos acima transcritos está relacionada com os ordenados dos docentes. Segundo Adão (1997: 287), a Real Mesa

na sua consulta de Agosto de 1772, propôs a gratuidade do ensino, estabelecendo um vencimento régio anual de 90\$000 réis para os mestres de Lisboa, 60\$000 rs. para os que exerciam nas cabeças de comarca e 40\$000 rs. para os restantes localidades [...]. A lei de 6 de Novembro foi, porém, omissa quanto aos valores dos ordenados. Mas, dois anos depois, quando os primeiros pagamentos pelo Cofre do Subsídio Literário, aplicaram-se os montantes e os critérios propostos pela Mesa [...].

Nesta época, os professores do Funchal eram mais bem pagos que os seus colegas no continente português. Na cidade do Funchal auferiam 300\$000 e nos restantes concelhos madeirenses 130\$000 (*O Patriota Funchalense*, 1821, n.º 45: 2). Enquanto professor substituto no Funchal, Bernardo José Afonseca e Almeida auferiu metade do valor devido ao titular da cadeira, durante seis anos. É provável que ao fim desse tempo tenha permanecido como efetivo, passando a auferir os 300\$000 réis previstos para os titulares das cadeiras do Funchal. A razão para a disparidade de ordenados entre a Madeira e o Continente parece estar no facto de o custo de vida ser muito superior ao do Continente, pois os principais produtos de consumo alimentar eram importados (Fernandes, 1992). Não foi possível encontrar uma

lista dos preços de mercado que permitisse avaliar o nível de vida dos professores, mas devia ser bom o suficiente para haver quem se dispusesse a mudar-se para a Ilha. Curiosamente, os professores substitutos nas zonas rurais tinham direito a um salário de 80\$000 réis, e não apenas de 65\$000, que corresponde à metade do ordenado de um professor efetivo (130\$000 réis). Veja-se a provisão que colocou José António Mendy como substituto na escola do Campanário, em 1793:

Faço saber aos que esta minha Provisão virem que foj servida fazer merse a Joze Antonio Mendy do Imprego de Substituto da escolas de ler escrever, e contar e do Catecismo da freguezia do Campanario Lemite da Ilha da Madeira uencendo de Ordenado annual oitenta mil reis pagos a quarteis adiantados desde o dia que mostrar tomou pose do Referido emprego em virtude deste provimento; e que tem sua escola aberta; pelo Cofre do Rendimento do Subsidio Literario [...]. O qual emprego Sirvira por tempo de trez anos. (ARM, CMFUN, liv. 1224: fl. 30v)

Por um requerimento de 1801 do mestre régio Henrique José Guimarães, conclui-se que nas zonas rurais o ordenado atribuído aos professores não era suficiente para viver apenas do ensino:

Diz Henrique José dos Santos Guimarains Mestre Regio de huá Cadeira das primeiras Letras da villa de Santa Cruz [...] q'elle foi m.to tempo Substituto no ditto exercicio

nesta Cidade por Avizo que obteve João Vieira de Andrade que nella herá Professor, e depois foi o Sup.te Professor de outra nesta Cidade a qual ele requereu se criasse como effectivam.te Se lhe concedeo o que tudo mostra dos decomentos juntoz, e pondo se as Escollas em concurço foi o m.mo Ex.mo Governo Intrino servido nomiar ao Sup. te Professor para a ditto villa onde lhe hé m.to dificoltozo viver por lá não ter outro estabelecim.to, que Supra o limitado ordenado, que só aos daquela villa pode fazer conta como tambem naquele Pais padece com excesso Moléstia, Cauza porque está á mezes nesta cidade com substituto pago á Sua Custa por Licença que se lhe concedeo. (ARM, CMFUN, liv. 1224: fls. 100 e 100v)

Portanto, Henrique Guimarães deixara a cadeira de Santa Cruz para vir substituir o professor João Vieira de Andrade. O seu desempenho fora tão bom que lhe fora concedida a criação de uma escola em Santa Luzia em 1799. No entanto, tendo sido nomeado em concurso público para a cadeira de Santa Cruz, o professor colocara em seu lugar um substituto a quem pagava, e continuava na cidade. Para além de um ordenado superior, a cidade oferecia a possibilidade de desempenhar funções noutro estabelecimento, de modo a aumentar os seus rendimentos, o que afirma ser impossível em Santa Cruz, salvo para os naturais da vila (decerto por aí possuírem outros meios de sustento). Por essa razão, o professor Guimarães informava que iria requerer vacatura da cadeira de Santa Cruz e pedia

para «conceder lhe outra vez para esta Cidade pasage para a Cadeira q'ocupou o Suplicante a qual Se dis estar vaga por na ocazião do ditto Concorssso não chegar o Dinheiro p.<sup>a</sup> ella» (ARM, CMFUN, liv. 1224: fl. 100v). Acrescentava ainda que «são todas nesta Cid. quatro escollas, como consta das Instrusoins da Real Meza Sensoria, e Se achão as trez escollas a 80, e 90 Discipoloz cada huá Como hé publico, e mostra da atestação» (ARM, CMFUN, liv. 1224: fl. 100v). Donde se depreende que: (i) no centro do Funchal havia procura pelo ensino, e (ii) havia uma escola fechada por falta de dinheiro – o que não deixa de ser curioso, pois, sendo os professores remunerados com as verbas do Subsídio Literário e pagando a Madeira avultados valores de subsídio, como se justificava a inexistência de fundos para pagar ordenados aos professores?

O despacho associado a esta petição pergunta se existia outro professor aprovado nas primeiras letras na vila de Santa Cruz, mas não existe qualquer registo de resposta. Apenas num registo de 10 de janeiro de 1805, quatro anos depois, se volta a encontrar referência ao professor Guimarães – por despacho de 25 de novembro de 1804, Henrique José dos Santos Guimarães foi transferido para a cadeira de Santa Luzia, ainda recebendo como professor substituto:

Faço saber que tendo Conclideraram ao que me apresentou Henrique Joze de Santos Mestre de primeiras Letras na aula de Santa

Cruz, o qual me auia requerido o Remoueça desta Capital, para exercer o mesmo Magistério, na freguesia de Santa Luzia onde já tinha exercido, o que concedi por meu Despacho de vinte e hum de Janeiro deste anno, e Requerendo me Sua Carta: Hey por bem de o nomiar Mestre de primeiras Letras, na freguezia de Santa Luzia por tempo de tres annos, emcinando aos seus discipulos alem dos bonz costumes, ler, escrever, Contar, Catecismo, Gramatica Portugueza uencendo de ordenado em cada anno Cento e Sincoenta mil reis, pagos a quarteis pello Cofre do Subsidio Literario, Com certidam annual da Secretaria do Governo, e desde o dia vinte e hum de Janeiro do presente anno, em que por meu Despacho o mandey Remover daquella villa para esta Capital. (ARM, CMFUN, liv. 1224: fl. 149)

Já Manuel José Vieira de Andrade, nomeado para outra cadeira de primeiras letras na cidade, meses antes, em maio de 1804, recebia os 300\$000 réis fixados para os professores:

Faço saber aos que a prezente Carta virem, que vendo me confiada por Sua [?] Alteza Real, a Suprema Inspeção dos Estudos Publicos nesta Collonia, e achar se vaga a Cadeira de Primeiras Letras nesta Cidade por falecimento de João Vieira d'Andrade, e a me requerer Manuel Vieira d'Andrade para effeito de o prover na mencionada Cadeira, ao que attendendo, e ás informações, a que procedi da sua aptidão, e Documentos, que me apresentou: Hei por bem de o nomear como por esta nomeio p. Proffessor das Primeiras Letras nesta Cidade por tempo de trez annos, se no emtanto Sua Alteza Real

não mandar o contrario; ensinando a seus discipulos nos dias, horas, que se achão distintas, tudo a que a este respeito se tem estabelecido, e o que mais se determinar a beneficio desta applicação, vencendo de ordenado em cada anno os mesmos trezentos mil reis, que vencia o seu Antecessor, pagos a quarteis adiantados pelo Cofre do Subsidio Literario, com certidão annual da Secretaria do Governo, porque conste ter satisfeito os seus deveres. (ARM, CMFUN, liv. 1224: fls. 142 e 142v)

Note-se que Manuel Vieira de Andrade, de que não há registo de ter sido professor e parece estar a iniciar-se na lecionação da cadeira, recebe de imediato o ordenado completo, enquanto Henrique Guimarães, que já exercia a profissão havia anos, continuava a receber apenas metade desse valor. Não se encontrou documentação que permitisse compreender esta situação.

#### **4. Exames de acesso à profissão**

A historiadora Áurea Adão (1997) afirma que a Real Mesa Censória considerava de grande importância que os candidatos fossem avaliados antes de iniciarem a sua atividade, para garantir que tinham capacidade para desempenhar a função a que se candidatavam com «desembaraço, certeza, e perfeição» e, «por esta razão, a selecção dos mestres era feita por meio de exames realizados unicamente em Lisboa, Coimbra, Porto e Évora» (Adão, 1997: 296-297). Em maio de 1773 foram realizados os primeiros exames, e em novembro

desse ano foi feita a primeira nomeação coletiva de professores; nenhuma das cadeiras da Madeira foi preenchida, possivelmente por falta de candidatos. Teria este acontecimento influenciado o aumento substancial dos ordenados dos professores na Madeira?

Adão afirma não ter encontrado notícia de concursos após 1774, ainda que tenha havido novas nomeações. Já na década de 1780, as Câmaras passaram a ter a responsabilidade de anunciar as vagas por intermédio de editais, sendo frequente a falta de candidatos para lugares distantes e de difícil acesso, como era o caso dos municípios rurais madeirenses: «Quando isso acontecia os critérios usados na selecção nem sempre seriam muito claros» (Adão, 1997: 300).

No caso da Madeira, não se encontrou indicações sobre se os professores chegaram ou não a realizar exame junto da Real Mesa Censória, sendo provável que poucos o tenham feito. Bernardo José da Fonseca e Almeida, originário do continente português, embarcou para a Madeira em 1781, depois de ter sido nomeado professor de primeiras letras no Funchal. Neste caso, é possível que tenha sido examinado. No entanto, verifica-se que vários indivíduos que tinham substituído professores proprietários, durante um período, acabaram por conseguir ser nomeados para outra cadeira de primeiras letras vaga, sem que lhes tenha sido exigida a realização de qualquer exame.

Já no século XIX, deixou de ser obrigatória a deslocação ao continente português para a realização de exames de acesso à profissão. Em junho de 1805, a Câmara Municipal do Funchal recebe um ofício com instruções sobre a forma como os exames dos mestres de primeiras letras deveriam ser realizados:

1. O Menistro a quem for derigida a Comisam destes exames, chamara perante creterio della ao Escrivam da Camara [...] e por elle mandara pacar auizo aos examinadores com asignação do dia hora, e lugar, em que se hao de achar para os ditos exames [...].
2. Os Examinadores Seram dois Mestres das mesmas primeiras Letras [...] nam os avendo tais na terra nem nas circunvezinhas Seram chamados dois Profecores de Latim [...];
3. Tanto ao Secretario, Como aos examinadores, dara o Juramento de bem e fielmente cumprirem o que hé do Seu offiçio [...]
4. O Secretario fara o termo do Exame, que Sera aSignado pello Prizente e pellos examinadores, e nelle sera a de clarazam do nome, Patria, domicilio, Jdade, estado, e ocupasam actual do examinado, e da Habilitação de folha corrida e atestação de vida e costumes, [...]
5. Os Examinadores, não gastaram tempo, em perguntas minuciozas, mas faram aquellas que forem proprias para se explorar a inteligencia fundamental das matérias do Exame, por que não basta Sabe llas, mas hé necisario que as saibam encignar [...]
6. Depois diso Hum dos examinadores, lhe fara Ler algum lugar de hum autor Clacico em prosa, e de outro em uerso [...] pasara a fazer lhe as perguntas que se lhe oferecerem Sobre

a Regencia e analyse Grammatical [...], e dali pasara finalmente ao Exame da Doutrina Christam [...]. 7. Outro examinador lhe dara para ler alguns manuscritos de Semelhantes Letras do uzo actual, e de letras antigas ao menos dois de cada especie; [...], e ao mesmo tempo lhe fara nutar os erros de orthografia que nelles ouver, ajuntando as perguntas que vierem a prepozito para averiguar o Conhecimento que elle tem das regras Gerais da mesma Orthografia, e depois diso pazara ao Exame de Arithmetica Theorica [...] 8. Para o Exame por escrito assignar lhe há, o Prezidente [...] hua das formulas de Catesismo que elle escrevera em meia folha de papel; e em meza Separada ajuntando lhe por baixo o Alfabeto em letras maiusculas e minusculas com os algarismos vulgares, e hum dos examinadores lhe dictara para escrever no Alto de outra meia folha de papel duas questoins Arithmeticas [...], e logo que concluir cada huma das ditas prouas aSignara e trará a meza do Prezydente, para ser vista, e aSignada tambem por elle, e pellos examinadores; Declarando se o tempo que nella gastou [...] 9. Acabado o Exame, o Prezidente e examinadores Sem conferir de forma alguma entre Sy, qualificaram os deferentes artigos delle [...] as qualificasoins seraõ de optimo, muito bem, bom, suficiente, mediocre, Nada e qualquer dellas poderá ter alguma modificasam [...] 10. E o Comisario Remetera todo o sobredito Juntamente com a Sua Informasam particular sobre as qualidade politicas, morais e Christans do examinado fazendo a ese respeito todas as indagacoins possíveis [...]. (ARM, CMFUN, liv. 1224: fls. 155-156v)

Apesar destas instruções terem sido enviadas em 1805, o único registo de exame que se encontrou verificou-se ter sido realizado quase 20 anos depois, em 1823. Sabe-se que não foi criada nenhuma cadeira nesse tempo, mas será que, neste espaço de tempo, nenhuma cadeira vagou? Será que estas instruções se applicavam apenas ao preenchimento de novas cadeiras? Não foi possível perceber.

Em março de 1822, o plenário das Cortes Constituintes aprovou o parecer da Comissão de Instrução Pública:

a Comissão era de parecer que se devia mandar criar cadeiras de Primeiras Letras nas freguesias de Porto Moniz, Ponta Delgada, S. Jorge, Santa Anna, Faial, Porto da Cruz, Cama de Lobos e Estricto de N. S. da Graça, com o ordenado anual de 130 000 réis atribuído aos mestres de Primeiras Letras da Província. (Fernandes, 1992: 11)

Quase um ano depois, a 21 de fevereiro de 1823, o rei D. João VI pôs a concurso as referidas cadeiras:

Dom Joaõ [...] Mando a vós Corregedor da Commarca da Ilha da Madeira: Que fazendo affixar sem perda de tempo os Editaes juntos nos sítios mais publicos dessa Cidade do Funchal, e nas Freguezias do Porto do Moniz, da Ponta Delgada, de S. Jorge, e de Santa Anna, do Faial, do Porto da Cruz, de Camara de Lobos, e do Estreito de Nossa Senhora da Graça, todos dessa Ilha, para provimento das Cadeiras de primeiras Letras

mandadas crear para estas Freguezias pela Ordem das Cortes Constituintes de 15 do Mez de Março de 1822 [...]; ubrais perante Vós o Concurso ás referidas Cadeiras no dia, que nos mesmos Editaes assignareis, e pelo espaço nelles declarado, admittindo todos os concorrentes ao Exame respectivo na forma da Instrucção, que vai incluza. E que findo o tempo do mencionado Concurso, Me envieis pela referida Junta os Exames dos Oppositores às sobredittas Cadeiras, ou Conta de não os ter havido [...]. (ARM, CMFUN, liv. 1226: fl. 114v)

O exame (para o qual foram enviadas instruções) aparenta ter seguido as diretrizes indicadas no ofício de 1805. Foram examinadores o juiz de fora, servindo de corregedor, Francisco de Assis Saldanha, que serviu de presidente, e dois professores de primeiras letras, José da Costa Silva e Francisco de Paula Medina e Vasconcelos. O escrivão da Câmara redigiu o termo do exame, registando as informações devidas sobre o concorrente. Os três examinadores atribuíram individualmente notas a cada uma das disciplinas definidas nas instruções:

= Qualificações [...] Joaquim Vicente Ferreira Drommund = do Oppostior á Cadeira de primeira Letras da Freguesia do Porto Moniz, natural desta Ilha, morador nesta Cidade, rua das Mercês, Freguezia de São Pedro, de vinte e cinco annos de Idade, Solteiro, Emanuense do Escriptorio da Camara desta Cidade. Primeiro sobre o Methodo pratico de ensinar a Ler, a Escrever a Contar

= Bom= Segundo Em Leitura de Prosa de Verso, de Letra de mão, de Letras antigas Bom Terceiro, Em Regencia e Analyse Grammatical Bom Quarto Em Escrita, Forma da Letra Orthografia, Regras geraes della = Muito bom. Quinto Em Arithmetica, Pratica das Operações, Razões, e uso dellas = Bom. Sexto Em Doutrina Christã - Bom = O Juiz de Fora Servindo de Corregedor Francisco de Assis Saldanha. Primeiro Sobre Methodo pratico de ensinar, a Ler, a Escrever a Contar = Optimo. Segundo Em Leitura de Prosa de Verso, de Letra de mão, de Letras antigas = Bom = Terceiro. Em Regencia e Analyse Grammatical = Muito bom. Quarto Em Escrita. Forma da Letra, Orthografia práctica, Regras geraes della Muito bom = Quinto Em Arithmeca Pratica das Operações, Razão, e uso dellas = Optimo = Sexto Em Doutrina Christã= Bom. José da Costa Silva. Primeiro [...] Sufficiente. Segundo [...] Sufficiente – Terceiro [...] Sufficiente = Quarto [...] Bom = Quinto [...] Bom – Sexto [...] Bom. O Professor Francisco de Paula Medina e Vasconcellos. He quanto se contem na referida Provisão e Auto, e Qualificações, que aqui fiz Registrar. (ARM, CMFUN, liv. 1226: fls. 115 e 115v)

Infelizmente, não é possível saber quantas pessoas foram a concurso, pois não ficou registado em ata: «Pela pessoa, com que o Corregedor pedio os exames, não houve tempo de os registar todos» (ARM, CMFUN, liv. 1226: fls. 115 e 115v). Certo é que estas cadeiras nunca chegaram a funcionar, o regresso do regime absolutista assim o determinou.

## 5. Conclusão

No final do século XVIII e início do século XIX foram lançadas as bases do sistema escolar oficial na Madeira, caracterizado por uma implantação desorganizada, confusa e limitada. Ainda que a instrução não constituísse prioridade para as autoridades locais, nacionais ou para a população, este período assinala o início da construção de uma rede de escolas régias gratuitas que se estendeu, embora de forma desigual, ao Funchal e a alguns concelhos rurais.

No caso madeirense, a criação das primeiras cadeiras de primeiras letras obedeceu sobretudo a critérios administrativos, não populacionais, e ficou marcada por dificuldades financeiras acrescidas, uma vez que as receitas do subsídio literário – geradas localmente – eram, em larga medida, canalizadas para fora da Ilha. As disparidades salariais e a concentração de oportunidades na cidade do Funchal acentuaram as assimetrias entre meio urbano e meio rural, refletindo as condições próprias de uma sociedade insular.

Estas especificidades revelam que a aplicação da reforma pombalina nas ilhas não se traduziu numa simples réplica do modelo continental, mas assumiu contornos próprios, determinados pela economia, pela administração e pela geografia. Ao mesmo tempo, mostram como o ensino elementar, ainda longe de ser concebido como universal e obrigatório, foi pensado sobretudo como instrumento de mo-

dernização administrativa e de formação de recursos humanos para o funcionamento do aparelho de Estado.

Só no quadro histórico-pedagógico do Liberalismo a escolaridade obrigatória se afirmará como princípio, associando o progresso social e económico do país à instrução da população. O estudo do caso da Madeira permite, assim, compreender não apenas os limites do proto-sistema escolar português, mas também os caminhos particulares seguidos por uma região insular na lenta construção de um sistema público de ensino.

## Bibliografia

### *Manuscrita*

Arquivo Regional da Madeira, Câmara Municipal do Funchal, Registo geral, Tomo 13.º, liv. 1224;

Arquivo Regional da Madeira, Câmara Municipal do Funchal, Registo geral, Tomo 15.º, liv. 1226.

### *Impressa*

Adão, A. (1997). *Estado absoluto e ensino das primeiras letras: As escolas régias (1772-1794)*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa;

Fernandes, R. (1992). *Educação e ensino popular na Madeira (século XVIII-1840)*. Universidade de Coimbra. Coimbra;

Fernandes, R. (1994). *Os caminhos do abc: Sociedade portuguesa e ensino das primeiras letras do pombalismo a 1820*. Porto Editora. Porto;

*O Patriota Funchalense*. (1821), n.º 45;

Silva, F. e Meneses, C. (1940). *Elucidário madeirense*. (2.ª ed.). Junta Geral do Distrito do Funchal. Funchal. Vols. 1 e 3;

Sousa, J. (2019). Alfabetização. Em: J.E. Franco (dir.) e C. Trindade (coord.), *Madeira global:*

*Grande dicionário enciclopédico da Madeira.* Theya Editores. Lisboa.

### *Digital*

Belusso, G. e Luchese, T. (2020). Entrevista com o catedrático Justino Magalhães: Os municípios na educação em pauta. *Revista História da Educação*, 24. Acedido em 2 de junho de 2026, em: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/96723>;

Magalhães, J. (org.). (2014). *Do Portugal das luzes ao Portugal democrático. Atlas-repertório*

*dos municípios na educação.* Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Lisboa. Acedido em 1 de janeiro de 2025, em: *Do Portugal das Luzes ao Portugal Democrático: Atlas-Repertório dos Municípios na Educação*;

Vieira, A. (s.d.). *O ensino público e particular na Madeira. A propósito do colégio lisbonense.* Acedido em 1 de dezembro de 2024, em: [https://www.academia.edu/7867766/Ensino\\_e\\_Hist%C3%B3ria\\_na\\_Madeira](https://www.academia.edu/7867766/Ensino_e_Hist%C3%B3ria_na_Madeira).

**Da inocência à consciência: A evolução da bondade  
em Dostoiévski — Míchkin e Aliócha como arquétipos éticos**  
**From innocence to consciousness: The evolution of goodness  
in Dostoevsky – Myshkin and Alyosha as ethical archetypes**

LARA PASSINI VAZ-TOSTES<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo propõe uma leitura comparativa das figuras do príncipe Míchkin, de *O idiota*, e de Aliócha Karamázov, de *Os irmãos Karamázov*, como dois modos de encarnação da bondade no universo dostoiévskiano. Enquanto Míchkin representa a inocência luminosa e a pureza inata que sofre por não compreender o mal, Aliócha expressa a maturidade espiritual daquele que, conhecendo o sofrimento, escolhe permanecer no bem. A análise parte de uma perspectiva hermenêutica e filosófica, inspirada em Paul Ricoeur e Emmanuel Levinas, para examinar a passagem da bondade como graça passiva à bondade como escolha ética e consciente. Essa transição revela, em Dostoiévski, uma pedagogia do amor e da vulnerabilidade moral que supera o heroísmo retórico, transformando a compaixão em escuta ativa e em responsabilidade pelo outro.

**Palavras-chaves:** Dostoiévski; bondade; ética; Míchkin.

**Abstract:** This article offers a comparative reading of Prince Myshkin, from *The idiot*, and Alyosha Karamazov, from *The Brothers Karamazov*, as two distinct embodiments of goodness within Dostoevsky's moral universe. While Myshkin represents luminous innocence and innate purity that suffers from not understanding evil, Alyosha embodies spiritual maturity – the one who, aware of suffering, consciously chooses the good. Drawing on a hermeneutic and philosophical approach inspired by Paul Ricoeur and Emmanuel Levinas, the paper examines the transition from goodness as passive grace to goodness as an ethical and conscious choice. This movement reveals, in Dostoevsky, a pedagogy of love and moral vulnerability that transcends rhetorical heroism, transforming compassion into active listening and responsibility for the Other.

**Keywords:** Dostoevsky; goodness; ethics; Myshkin.

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0007-1954-0452>.

## 1. Introdução

Em toda a obra de Fiódor Dostoiévski, a questão da bondade é mais do que um tema moral: é uma experiência ontológica, uma tentativa de compreender o que resta de divino no humano quando tudo parece corrompido. O autor não concebe o bem como virtude moral abstrata, mas como presença viva – um modo de ser diante do sofrimento do outro. O bem, em Dostoiévski, não é uma ideia, mas uma ferida que respira. É a carne do espírito tocada pela alteridade. Por isso, a bondade em seus romances não é uma perfeição, e sim um risco: o risco de permanecer humano em um mundo em ruínas.

No centro dessa travessia estão duas figuras que condensam, de modos distintos, a vocação espiritual de Dostoiévski: o príncipe Liev Nikoláievitch Míchkin, de *O idiota* (1869), e Aliócha Karamázov, de *Os irmãos Karamázov* (1880). Míchkin encarna a graça inocente – a bondade como dom natural, pura, não mediada pela consciência; Aliócha, por sua vez, manifesta a bondade amadurecida, que nasce do reconhecimento do mal e da escolha ativa de permanecer no bem. Ambos são, à sua maneira, «figuras cristológicas» (Frank, 2010: 297), mas em tempos distintos da alma humana: Míchkin é o Cristo sofredor, impotente diante do mal que não compreende; Aliócha é o Cristo pedagogo, que transforma a dor em comunhão.

Segundo Berdiaev (1972: 134), a literatura dostoiévskiana é a mais alta revelação da «li-

berdade moral como experiência de abismo». Para ele, o bem só pode ser entendido quando passa pela liberdade e pelo sofrimento. Míchkin é o símbolo desse paradoxo: sua inocência angelical, incapaz de julgar, o torna vulnerável à corrupção dos outros – sua pureza é também sua perdição. Em *O idiota*, a bondade não salva o mundo; é o mundo que crucifica a bondade. A tragédia de Míchkin consiste em encarnar o amor absoluto num espaço que só reconhece a força, a ironia e o cálculo. Sua vida é uma tentativa de fazer o impossível: permanecer puro entre os impuros, amar sem distinção.

Em *Os irmãos Karamázov*, porém, Dostoiévski parece ter alcançado outra etapa da consciência do bem. Aliócha já não é a pureza inconsciente, mas a consciência compassiva. Ele vê o mal, reconhece a queda e, ainda assim, escolhe a escuta. A fé de Aliócha é madura, porque nasce do encontro com o desespero de Ivan, com o cinismo de Fiódor Pávlovitch e com o sofrimento dos inocentes. O que nele permanece luminoso não é ingenuidade, mas discernimento. Como observa Nussbaum (1990: 412), em Dostoiévski «o bem é sempre relacional»: ele se constitui entre rostos, na vulnerabilidade mútua. Aliócha encarna esse amor que escuta e permanece – um amor que compreende a impossibilidade do mundo e, ainda assim, o escolhe.

A transição entre Míchkin e Aliócha é, portanto, mais do que uma sucessão de personagens: é uma evolução espiritual da própria ideia de

bondade. Ricoeur (1990: 202) descreve a ética como o desejo de «vida boa, com e para os outros, em instituições justas». Míchkin deseja o bem como pureza individual, enquanto Aliócha o realiza no vínculo – o bem deixa de ser inocência isolada e se torna convivência, reciprocidade, ato educativo. A bondade de Míchkin é presença contemplativa; a de Aliócha, presença transformadora. Nesse sentido, Dostoiévski antecipa o que Levinas (1988: 95) chamaria de *responsabilidade infinita*: a bondade como resposta ao apelo silencioso do outro, mesmo quando o outro destrói.

A literatura dostoievskiana, em sua dimensão ética, é também uma crítica ao heroísmo retórico moderno – aquele que fala do bem sem vivê-lo. Figuras como Ivan Karamázov ou Verkhóvenski, em *Os demônios*, encarnam a inteligência moral que se perdeu em discurso: falam da justiça, mas produzem abismo. Em contraste, Míchkin e Aliócha representam o herói silencioso – o que não prega o bem, mas o sofre e o faz. Como observa Girard (1996: 54), Dostoiévski desloca o eixo do heroísmo: «seus verdadeiros heróis são vítimas da bondade, não da glória».

Assim, a presente investigação propõe compreender como, entre *O idiota* e *Os irmãos Karamázov*, Dostoiévski constrói uma pedagogia da bondade. A leitura aqui proposta parte de uma hermenêutica literária e filosófica inspirada em Ricoeur e Levinas, articulando o

pensamento da alteridade e da narrativa com a experiência do bem como presença encarnada. O objetivo é demonstrar que, ao passar da inocência à consciência, Dostoiévski não abandona a pureza – ele a educa. Míchkin é a semente; Aliócha, o fruto maduro.

Como lembra Cassedy (2005: 41), «a religião de Dostoiévski não é doutrina, mas atenção». Essa atenção – o olhar e o escutar – constitui o verdadeiro gesto ético em sua obra. É o olhar de Míchkin sobre Nastássia Filíppovna, o toque silencioso de Aliócha sobre as crianças, o perdão que não se anuncia. Dostoiévski, assim, constrói uma teologia da presença e uma filosofia da vulnerabilidade. Em ambos os personagens, a bondade é o oposto da retórica: é o silêncio que sustenta o humano.

A passagem de Míchkin a Aliócha é, em última instância, a passagem do ser puro ao ser ético – do amor contemplativo ao amor responsável. É também o percurso de Dostoiévski enquanto pensador da alma: da perplexidade diante do bem inoperante à descoberta de uma ética ativa e terna, que faz do sofrimento um lugar de comunhão. A bondade inocente de Míchkin se dissolve no caos; a bondade consciente de Aliócha se torna o germe de uma comunidade espiritual. Entre ambos, Dostoiévski ensina que a verdadeira santidade não é a perfeição, mas a permanência no bem, mesmo quando tudo parece perdido.

## 2. A figura do homem bom em Dostoiévski: da retórica à presença

A literatura de Dostoiévski é uma vastidão moral onde o bem e o mal não se opõem de forma maniqueísta, mas se entrelaçam como forças em tensão contínua. Nesse campo de forças, a figura do homem bom emerge como o verdadeiro paradoxo ético: ele não vence, não persuade, não domina – apenas permanece. Sua força é o desamparo; seu poder, a vulnerabilidade. Em um mundo corrompido pela vaidade e pela racionalização do egoísmo, o bem dostoiévskiano aparece como um tipo de silêncio ontológico: o modo como o humano resiste à sua própria ruína.

Dostoiévski compreende a bondade como um acontecimento e não como uma qualidade moral. Ela não é atributo, mas presença. Sua manifestação não depende de preceito nem de convicção, mas do encontro entre um eu e um outro – encontro no qual o eu é desarmado e, ao mesmo tempo, convocado. O bem, para Dostoiévski, só pode existir na relação; e toda relação autêntica é risco. Assim, o «homem bom» não é aquele que domina os códigos da virtude, mas aquele que aceita ser afetado pelo sofrimento alheio. Ele é, portanto, um ser permeável, um ser que não se fecha diante da dor. É nessa permeabilidade que reside sua grandeza e sua tragédia.

A diferença fundamental que atravessa o universo dostoiévskiano é a que separa o discurso do bem da presença do bem. Essa distinção é

o coração ético de sua obra. Os que discursam – Ivan Karamázov, Verkhóvenski, Raskólnikov – articulam teorias do bem e da justiça; são racionais, eloqüentes, brilhantes. Mas, como observa Girard (1996: 54), «sua palavra é desprovida de carne». O discurso, em Dostoiévski, tende ao demoníaco quando se afasta da experiência concreta da alteridade. O verbo que não encarna é vaidade.

Por outro lado, os que vivem o bem – Míchkin, Aliócha, Zóssima – não falam quase nada sobre ele. Sua bondade é acontecimento encarnado: gesto, olhar, presença. É o que Ricoeur (1990: 289) chamaria de «ética como modo de ser e não como sistema normativo». Dostoiévski desloca o eixo da moral moderna, que se funda no discurso e na norma, para uma ética da relação, fundada na resposta silenciosa. É aqui que a filosofia da alteridade de Levinas (1988: 95) encontra em Dostoiévski sua expressão literária mais profunda: o bem nasce quando o rosto do outro me obriga a responder, mesmo que eu não saiba como.

### 2.1. O herói retórico e a falência da palavra moral

Dostoiévski diagnostica em seu tempo uma crise espiritual que é, antes de tudo, uma crise da palavra. A modernidade, para ele, substituiu a fé pela ideia e a compaixão pela argumentação. Ivan Karamázov, em *Os irmãos Karamázov*, é o retrato desse impasse: sua inteligência filosófica, embora luminosa, o conduz à desesperança. Ao formular o célebre protesto

«não aceito o bilhete de entrada» (Dostoiévski, 2014: 341), Ivan nega a possibilidade de justificar o sofrimento inocente – e, ao fazê-lo, destrói também a possibilidade da fé. Ele é o homem que ama a justiça, mas não o justo; o que ama a ideia do bem, mas não o outro. Seu heroísmo é retórico, não ético.

O mesmo se observa em Piotr Verkhóvenski, de *Os demônios*. Ele fala pela revolução, pela liberdade, pela causa humana – mas suas palavras são apenas máscaras da ambição. Verkhóvenski é o orador demoníaco: o que transforma o verbo em arma. Berdiaev (1972: 141) o identifica como símbolo da modernidade sem alma: «o homem que perdeu Deus e substituiu o espírito pela oratória». Ao lado dele, Stávroguin representa o abismo do niilismo puro – a ausência total de fundamento ético.

O mesmo drama se repete em Raskólnikov, de *Crime e castigo*. Seu raciocínio moral é impecável, mas seu ato – o assassinato – revela o colapso entre pensamento e ser. Ele mata em nome de uma tese, não por maldade. Sua tragédia não é o crime, mas o raciocínio que o antecede. Como observa Frank (2010: 214), «Raskólnikov é a inteligência desligada da carne». A bondade discursiva, em todos esses casos, converte-se em desespero porque não se ancora na alteridade concreta.

Dostoiévski, portanto, denuncia o que poderíamos chamar de a falência da palavra moral. O verbo perdeu o corpo, e a ética perdeu o

rostro. O «homem bom», ao contrário, recupera o verbo na carne: sua palavra é ato, seu silêncio é linguagem. Míchkin, quando diz a Nastássia «você não é culpada» (Dostoiévski, 2013: 198), não pronuncia uma tese – ele a ressuscita simbolicamente. Seu dizer é performativo: cria mundo, devolve dignidade.

## 2.2. A bondade como escuta encarnada

A bondade dostoiévskiana, portanto, é inseparável da escuta. Ouvir, em seus romances, é o mais alto ato moral. O homem bom é aquele que escuta até o que não é dito – o que está entre as palavras, nos silêncios, nas lágrimas e nas pausas. Aliócha é o exemplo mais luminoso disso. Ele não convence ninguém pela lógica, mas pela atenção. Ele é, como diria Levinas (1988: 99), «a orelha aberta do mundo».

Míchkin também escuta, mas sua escuta é inocente, não crítica. Ele se confunde com o que ouve, não estabelece fronteiras. É o santo anterior à experiência. Já Aliócha escuta com discernimento: é o santo pedagogo, que ouve e traduz. Essa diferença marca o amadurecimento da bondade: do ouvir passivo ao ouvir ativo. É o mesmo percurso que Ricoeur (1990: 287) descreve entre a ética da intenção e a ética da sabedoria prática – entre o «desejar o bem» e o «fazer o bem com os outros».

A escuta é também o oposto da retórica. Enquanto o herói moderno fala para afirmar-se, o homem bom escuta para compreender. Sua ética é dialógica, não monológica. Por isso, a

bondade em Dostoiévski é frágil, mas fecunda: não convence, mas transforma. O starets Zósima, ao ouvir as confissões de seus discípulos, não argumenta, apenas acolhe. Seu silêncio tem densidade teológica – ele é a palavra que cede espaço ao outro. Cassedy (2005: 58) interpreta essa atitude como o «gesto teológico da humildade»: a substituição do saber pela escuta.

### 2.3. *Do discurso ao testemunho: a transfiguração do bem*

A passagem da retórica à presença é, em última instância, uma transfiguração espiritual. O bem que antes era conceito torna-se testemunho. Míchkin e Aliócha não «sabem» o que é o bem – eles o encarnam. A sabedoria, aqui, não é lógica, mas sintonia. Por isso, a bondade é muitas vezes descrita por Dostoiévski em termos de luz, calor, vibração: «era como se uma luz saísse dele e aquecesse os outros» (Dostoiévski, 2013: 220). O bem é radiação ontológica.

Essa forma de bondade é teologicamente radical porque desloca o sagrado do dogma para a relação. Como lembra Berdiaev (1972: 145), «em Dostoiévski, Deus não está na lei, mas no rosto do outro». Míchkin vê esse rosto e se comove; Aliócha o contempla e se compromete. A passagem do primeiro ao segundo é o amadurecimento da própria consciência religiosa do autor. Em *O idiota*, o bem é a inocência ferida; em *Os irmãos Karamázov*, é a comunhão restaurada.

Essa transformação também implica uma nova ideia de heroísmo. O herói clássico é aquele que vence por força; o herói moderno, o que afirma sua vontade; o herói dostoiévskiano, o que se oferece. Girard (1996: 58) chama essa inversão de «revolução cristológica do heroísmo»: a glória é substituída pela compaixão. Míchkin e Aliócha são, nesse sentido, anti-heróis luminosos: seres que revelam que o bem verdadeiro é desarmado.

A «presença» de que fala Dostoiévski não é mera coexistência física, mas presença espiritual – o estar que sustenta, o olhar que vê, o silêncio que compreende. O homem bom é aquele que se torna espaço habitável para o outro. Ricoeur (1990: 203) definiria isso como «a hospitalidade da alma». É por isso que Míchkin é visto como louco: ele não tem defesas. E é por isso que Aliócha é visto como santo: ele tem consciência do risco e, mesmo assim, o aceita.

### 2.4. *O bem como caminho e não como posse*

Em Dostoiévski, o bem não é um estado, mas uma travessia. Ninguém é bom «de uma vez por todas»; a bondade é sempre um processo em movimento. Mesmo Aliócha, que parece realizado, está em constante aprendizado. Ele é discípulo, nunca mestre. A pureza de Míchkin é ponto de partida, não de chegada. Como diz Ricoeur (1990: 284), «a ética é uma narrativa inacabada do ser». Essa incompletude é o que mantém o bem vivo.

A figura do homem bom, portanto, não é modelo, mas convite. Ela não se propõe a ser imitada, mas compreendida. Míchkin e Aliócha mostram que o bem não se transmite por doutrina, mas por contágio – pela vibração moral de um ser presente. E é justamente essa vibração que o mundo moderno, com seu culto à eficácia e à razão, perdeu. Dostoiévski escreve para reabrir esse espaço de vibração. Sua literatura é, ao mesmo tempo, denúncia e oração: denúncia do vazio ético e oração pelo retorno da presença.

A passagem da retórica à presença é, assim, o núcleo ético e teológico de sua obra. O «homem bom» é aquele que restitui o sagrado ao cotidiano, o que devolve ao verbo a espessura da carne. Em sua bondade silenciosa, ele encarna o que Levinas (1988: 107) chama de *proximidade infinita*: uma relação que não se fecha em reciprocidade, mas permanece aberta, assimétrica, vulnerável. Essa abertura é a própria definição de amor em Dostoiévski – o amor que escuta, sofre e perdoa sem recompensa.

Em suma, o homem bom em Dostoiévski é o contrário do herói triunfante. Ele não é solução, é ferida aberta. Sua bondade é um tipo de sabedoria sensível, uma teologia vivida no corpo. Ele é aquele que, mesmo esmagado pelo mal, se recusa a deixar de amar. E é nesse gesto silencioso – no não desistir – que Dostoiévski encontra o verdadeiro sentido do humano. O bem, afinal, não é a vitória sobre o

mal, mas a decisão de continuar sendo bom mesmo quando o mal vence. Essa é a forma mais alta de heroísmo e a mais discreta.

### 3. Míchkin: o inocente trágico e a graça que sofre

O príncipe Liev Nikoláievitch Míchkin é o mais arriscado experimento ético de Dostoiévski: a tentativa de imaginar um homem absolutamente bom inserido em um mundo incapaz de acolher o bem. Sua presença em *O idiota* (1869) é a de uma luz deslocada, um corpo espiritual introduzido num espaço que desconhece o idioma da pureza. Ele chega de trem, vindo da Suíça, como quem retorna de um outro tempo: pobre, sem posses, sem ambição, portando apenas a estranha serenidade de quem nunca aprendeu a se defender (Dostoiévski, 2013: 31). Desde o início, Dostoiévski o caracteriza como «homem sem máscaras», expressão que, em Berdiaev (1972: 138), define a essência da graça: a transparência que antecede a queda. Míchkin não tem camadas; ele é toda superfície vulnerável.

Sua bondade não é construída, nem deliberada: é uma disposição ontológica, uma espécie de respiração natural. Ele não busca ser virtuoso – apenas é. Essa inocência, no entanto, contém o germe da tragédia. O mundo em que entra, dominado por dinheiro, vaidade e ressentimento, reage a ele como o corpo reage a uma ferida aberta: com rejeição. Míchkin funciona como espelho moral de todos ao seu redor. Sua simples presença desmascara os outros,

pois reflete aquilo que perderam – a capacidade de sentir sem cálculo. Ao aproximar-se de Nastássia Filíppovna, por exemplo, ele a vê com uma ternura que não deseja, um amor sem objeto, que não procura salvar, mas reconhecer. O escândalo de Míchkin é amar sem querer possuir. Ninguém o entende porque ninguém mais conhece o amor gratuito.

Dostoiévski, com seu olhar de psicólogo teológico, constrói nesse personagem a pergunta que sustenta todo o romance: é possível existir bondade absoluta no mundo real? O próprio autor duvida da resposta. «O príncipe é belo demais para o mundo», parece sussurrar cada página – e o mundo, incapaz de suportar a beleza, o destrói. Míchkin não se opõe à maldade; ele a atravessa, como quem caminha dentro de um incêndio sem saber que o corpo queima. Quando Rogójin tenta assassiná-lo, ele o perdoa de imediato, dizendo: «Eu compreendo você» (Dostoiévski, 2013: 418). Essa compreensão não é racional, é ontológica: nasce da empatia como conhecimento. Berdiaev (1972: 140) chama esse modo de saber de «gnose do coração» – uma sabedoria que não analisa, mas acolhe.

A compaixão, em Míchkin, é sua forma de inteligência. Ele conhece o outro por contágio afetivo, não por juízo. Nisso, aproxima-se da ideia levinasiana de *responsabilidade infinita*, segundo a qual o sujeito não escolhe o outro, mas é escolhido por ele (Levinas, 1988: 95). Míchkin não decide perdoar: o perdão sim-

plesmente o atravessa, como respiração involuntária. Por isso, sua bondade é pura e, ao mesmo tempo, devastadora. Não tendo fronteiras entre si e o mundo, ele acolhe tudo – o belo e o cruel – e acaba consumido por aquilo que deveria transformar. Sua pureza é o dom e o castigo.

Dostoiévski o desenha com traços paradoxais: «O príncipe era pálido e de expressão infantil; algo nele lembrava a doçura de Cristo, mas também a fragilidade de um enfermo» (Dostoiévski, 2013: 57). A doença – a epilepsia – não é apenas dado biográfico, mas símbolo da tensão entre o humano e o divino. Os ataques, descritos com lirismo quase místico, funcionam como momentos de revelação: «Sentia-se inundado por uma paz indescritível; era como se compreendesse o sentido de tudo» (Dostoiévski, 2013: 219). Nesse instante de lucidez iluminada, o corpo não suporta a verdade. A epilepsia é a metáfora fisiológica da graça – contato com o absoluto que o organismo não aguenta. Como observa Frank (2010: 303), Míchkin é «o Cristo que toca o infinito e desaba sob o peso da luz».

Sua santidade é, portanto, trágica. Ele não é santo porque domina a si mesmo, mas porque se perde nos outros. A sociedade o chama de «idiota», não por ignorância, mas por perceber que seu modo de existir desorganiza a ordem estabelecida. Míchkin não compete, não julga, não deseja; e isso o torna ilegível. O bem, em seu estado mais puro, se torna escândalo.

Ricoeur (1990: 217) afirmaria que «a bondade autêntica é escandalosa porque recusa a reciprocidade da violência». Míchkin recusa toda reciprocidade – inclusive a do amor que espera retribuição.

Sua relação com Nastássia Filíppovna exemplifica o destino paradoxal da graça. Ele tenta libertá-la do desespero, mas seu amor a destrói, pois ela não suporta ser vista sem julgamento. A compaixão dele lhe devolve um espelho em que aparece sem culpa – e é justamente essa inocência devolvida que a enlouquece. O bem de Míchkin, ao contrário do que desejaria, não redime: revela a impossibilidade de redenção quando o outro não aceita ser amado. O gesto de salvá-la transforma-se em catástrofe simbólica. Ele sofre não por fracasso moral, mas por excesso de pureza.

No fundo, Míchkin não compreende o mal, e é isso que o destrói. Ele não entende o ódio porque não o possui. Sua lógica é a da inocência: ele acredita que o sofrimento purifica, que o perdão cura, que o amor basta. Mas Dostoiévski, já em plena maturidade trágica, sabia que o amor puro não basta – é preciso consciência. Míchkin é o amor sem consciência, o Cristo sem ressurreição. Sua compaixão é tão imediata que o impede de agir com discernimento. Ele vê a dor, mas não sabe o que fazer com ela. E por não saber, apenas sofre.

Essa impotência ética é também sua grandeza espiritual. Dostoiévski faz dele o mártir

do sentir, a figura que antecipa o Aliócha de *Os irmãos Karamázov*, mas sem a sabedoria do aprendizado. Enquanto Aliócha escolherá o bem apesar do mal, Míchkin o encarna sem saber o preço. A pureza de um é o prelúdio da consciência do outro. Entre ambos, Dostoiévski delinea a evolução espiritual do bem: da graça inata à graça escolhida. Míchkin representa o primeiro tempo da bondade – o da inocência que sofre; Aliócha, o segundo – o da consciência que age.

Ao final do romance, o príncipe é vencido não por inimigos, mas pelo próprio excesso de luz. O mundo não o mata – ele simplesmente o consome. A cena final, em que é encontrado ao lado do corpo de Nastássia, mergulhado em um silêncio quase inumano, encerra a tragédia da bondade absoluta: ela não pode coexistir com a lógica do mundo. Berdiaev (1972: 142) observa que «em Dostoiévski, a santidade é inseparável da dor; o santo é aquele que carrega o peso do impossível». Míchkin carrega esse impossível até o fim. Seu destino não é o fracasso, mas a crucificação simbólica: a vitória da pureza em forma de ruína.

O «idiota» de Dostoiévski é, assim, o mártir da empatia, o santo da vulnerabilidade. Ele demonstra que a bondade, quando levada ao limite, se transforma em loucura – não porque se corrompa, mas porque o mundo não a suporta. Frank (2010: 301) descreve-o como «o Cristo que viveu no século XIX e enlouqueceu». Essa loucura, porém, é reveladora: ela mostra

o quanto o mal está normalizado, e o quanto o bem se tornou anômalo. Míchkin é o diagnóstico espiritual de uma era que perdeu o sentido do sagrado.

No limite, o príncipe representa o que Levinas (1988: 107) chamaria de *proximidade infinita*: uma disposição de amar que não se mede, que não cessa. Sua bondade é presença radical, e a presença é, em Dostoiévski, a forma mais alta de fé. Míchkin não prega, não doutrina, não converte – apenas está. E é esse «estar», tão simples e tão raro, que o torna espelho do divino. Se a literatura moderna quis criar o homem consciente de sua liberdade, Dostoiévski cria o homem consciente de sua compaixão. Míchkin é essa consciência encarnada: o humano em estado de transparência.

Ao encerrarmos sua trajetória, o que resta é o silêncio. O silêncio de quem viu o bem e não conseguiu traduzi-lo em linguagem. O silêncio como testemunho do indizível. O silêncio que antecipa o Aliócha que virá – aquele que aprenderá a falar sem perder a pureza. Míchkin é a infância do amor; Aliócha, sua maturidade. Em ambos, o bem é uma forma de presença, e a presença, uma forma de salvação.

#### **4. Aliócha Karamázov: o discípulo do amor encarnado**

Se Míchkin representa o escândalo da pureza em um mundo incapaz de acolhê-la, Aliócha Karamázov simboliza o passo seguinte da consciência moral em Dostoiévski – o instante em que a inocência se torna sabedoria e a compaixão se transforma em caminho. Em *Os irmãos Karamázov* (1880), Aliócha surge como figura de transição: o homem que, tendo conhecido o sofrimento, escolhe o bem com lucidez. Ele é, ao mesmo tempo, herdeiro de Míchkin e resposta a seu fracasso. Onde o príncipe foi destruído pela graça, Aliócha aprende a sustentá-la no cotidiano; onde o primeiro amou com pureza ingênua, o segundo ama com discernimento silencioso. É como se Dostoiévski, ao final de sua vida, tivesse reencontrado no jovem Karamázov uma forma de santidade possível – não mais a do êxtase, mas a da permanência.

A narrativa o introduz como «monge noviço, ainda sem votos» (Dostoiévski, 2014: 29), uma definição simbólica: Aliócha vive na fronteira entre o mundo e o mosteiro, entre a pureza contemplativa e a ação concreta. Ele é o mediador entre o espiritual e o humano, entre a fé e a carne. Ao contrário de Míchkin, que desconhece o mal, Aliócha o vê de perto – na crueldade do pai, na dúvida de Ivan, na amargura de Dmitri –, e, no entanto, não se contamina. Ele não nega a sombra; aprende a caminhar ao lado dela. Como escreve Berdiaev

(1972: 161), «Aliócha é o homem que não foge do mal, mas o atravessa com serenidade; sua fé é a coragem de permanecer puro no meio do abismo».

A bondade de Aliócha é uma forma de consciência, não de ingenuidade. Ele não é o santo que paira sobre o mundo, mas aquele que o habita com ternura. Seu aprendizado espiritual começa no convívio com o starets Zóssima, cuja pedagogia da humildade o ensina que a fé verdadeira não é a crença em dogmas, mas o reconhecimento da fragilidade humana. O starets diz-lhe: «A cada instante, e em toda criatura, vê o reflexo de Deus» (Dostoiévski, 2014: 74). Essa frase condensa a ética de Aliócha: olhar o outro é já rezar. É pela atenção que ele se aproxima do divino – a atenção como forma de amor. Cassedy (2005: 63) interpreta essa relação como a transposição literária de uma espiritualidade da escuta: em Dostoiévski, o sagrado não fala, escuta.

Ao contrário de Míchkin, que vive uma bondade passiva, Aliócha atua. Sua compaixão é movimento, gesto, partilha. Ele se torna guia espiritual não por autoridade, mas por exemplo silencioso. Sua presença, como a do mestre, cura o desespero não com respostas, mas com convivência. Quando se aproxima das crianças após a morte de Ilhucha, não lhes oferece consolo metafísico, mas companhia. O que comunica é simples e inquebrável: «Lembremo-nos de Ilhucha e amemo-nos uns aos outros» (Dostoiévski, 2014: 782). Essa

frase, tão singela, contém a síntese da ética dostoiévskiana: o amor é memória ativa, permanência na presença do outro mesmo após a ausência. Aliócha ensina que o bem não se impõe – permanece.

Sua bondade, porém, não é fácil. Dostoiévski a submete à prova da dúvida e da carne. Aliócha sente a tentação de abandonar o mosteiro, de entregar-se ao amor humano e às paixões terrenas. Ele vive a tensão entre o espírito e o corpo, entre o ideal e o desejo, e essa tensão o humaniza. Sua santidade é feita de ambivalência e reconciliação, não de pureza intocada. Ele aprende que a fé não elimina a dúvida, mas a atravessa. Ricoeur (1990: 226) afirma que «a verdadeira ética é a do conflito interpretado, não da pureza imaculada». É exatamente esse tipo de ética que Aliócha encarna: uma bondade que não ignora o mal, mas o transforma em matéria de compaixão.

Levinas (1988: 102) chamaria essa disposição de «proximidade responsável»: o ato de se manter voltado para o outro mesmo quando o outro ameaça o próprio equilíbrio. Em Aliócha, essa responsabilidade se expressa pela escuta. Ele não tenta convencer Ivan de que Deus existe; apenas o ouve. Esse ouvir é seu modo de amar. Enquanto o intelectual busca razão, o santo oferece presença. «Você não respondeu à minha pergunta», diz Ivan. «Talvez», responde Aliócha, «porque o amor não responde, apenas permanece» (Dostoiévski, 2014: 480). A cena é um dos momentos mais sublimes do

romance, pois mostra o deslocamento do eixo da verdade: da palavra para o olhar. A fé, em Dostoiévski, é relação, não dogma.

A trajetória de Aliócha pode ser lida como uma pedagogia da graça. Tudo o que em Míchkin era espontâneo e inconsciente torna-se, nele, aprendido e escolha. Sua bondade é a segunda etapa do mesmo movimento espiritual: o bem que amadureceu. Ele compreende que amar o mundo é também servir a ele, e que o sagrado só se realiza no gesto humano. Por isso, deixa o mosteiro, indo ao encontro das dores concretas da vida. Essa saída simboliza a descida da fé à Terra – o amor que não se refugia, mas se compromete. Como escreve Frank (2010: 442), «em Aliócha, Dostoiévski encontra a encarnação da fé possível: uma santidade prática, que vive o divino no humano».

A diferença entre Míchkin e Aliócha, portanto, não é de natureza, mas de grau de consciência. O primeiro é a bondade que sofre; o segundo, a bondade que age. Míchkin é a pureza antes da queda; Aliócha, a pureza depois do conhecimento. Um representa a graça inocente, o outro, a graça lúcida. A transição entre ambos é a passagem da compaixão como êxtase à compaixão como ética. É, também, o percurso do próprio Dostoiévski: do espanto místico ao amor como compromisso humano. Berdiaev (1972: 164) observa que «Aliócha é o filho espiritual de Zóssima, mas também o filho da experiência: nele, a fé se torna ação, e o milagre, pedagogia».

É significativo que Aliócha termine o romance entre crianças, e não entre adultos. Sua missão não é converter o mundo, mas ensinar a ternura. A infância, para Dostoiévski, é metáfora da pureza possível – não a pureza de quem nunca errou, mas a de quem recomeça. Ao pedir que as crianças nunca se esqueçam de Ilhucha, Aliócha inaugura uma ética da memória e da esperança. O bem, nele, é sempre comunitário. Ele compreende que a santidade isolada se torna ineficaz; que a pureza precisa de partilha. Seu amor é o que Ricoeur (1990: 203) chamaria de *vida boa com e para os outros*: o bem como convivência.

Dostoiévski, através de Aliócha, responde à pergunta que o perseguia desde *O idiota*: o que acontece com o Cristo se ele voltar ao mundo? A resposta, agora, é menos trágica. O Cristo encarnado em Míchkin enlouqueceu; o Cristo encarnado em Aliócha sobrevive, porque compreendeu que o bem absoluto precisa ser humilde. Ele aprendeu o que o príncipe não sabia: que amar não é dissolver-se, mas permanecer inteiro para poder sustentar o outro. A inocência amadureceu em responsabilidade. O bem, que antes era luz sem fronteiras, tornou-se calor que aquece sem cegar.

Assim, Aliócha representa o estágio mais alto do itinerário ético de Dostoiévski: o herói que realiza o impossível – ser puro sem ser ingênuo, compassivo sem ser passivo, santo sem ser inumano. Sua bondade não é espetáculo, é presença. Ele vive a espiritualidade como es-

cuta e a fé como hospitalidade. É, no sentido de Levinas (1988: 110), o homem que «acolhe o rosto do outro como revelação». Essa acolhida é seu milagre silencioso.

No fim do romance, quando se despede das crianças sob o céu russo, Aliócha não promete paraísos nem certezas; apenas esperança. «Seremos bons, lembraremos de Ilhucha e nos amaremos» (Dostoiévski, 2014: 783). É a última palavra do livro – e talvez a mais simples de toda a obra de Dostoiévski. Depois de tantos gritos, crimes e filosofias, o autor encerra sua travessia com um convite à ternura. O bem, afinal, não é uma teoria, mas uma permanência. E Aliócha é essa permanência: o discípulo do amor encarnado, aquele que aprendeu a transformar a fé em gesto e o gesto em escuta.

## **5. Da inocência à consciência: a pedagogia da bondade**

Entre Míchkin e Aliócha desenha-se o arco espiritual mais amplo da literatura dostoiévskiana: a travessia da inocência à consciência, da graça natural ao amor aprendido. Essa passagem, longe de marcar uma ruptura, expressa uma continuidade evolutiva da alma – a mesma luz em dois estágios de maturação. O primeiro, luminoso e trágico, é o da pureza que sofre; o segundo, sereno e fecundo, é o da pureza que compreende. Dostoiévski parece sugerir que o bem absoluto, se permanecer ingênuo, se autodestrói; mas, se aprender o discernimento sem perder a compaixão, torna-se

força transformadora. Essa é a pedagogia silenciosa que atravessa sua obra: o bem precisa ser educado para permanecer vivo.

A inocência de Míchkin é graça que desce do alto – um dom, não uma conquista. A consciência de Aliócha, ao contrário, é graça que se ergue do chão – fruto do convívio, da escuta e da escolha reiterada. Essa diferença, que pode parecer sutil, é o que marca a maturidade ética em Dostoiévski: a passagem da bondade como estado para a bondade como decisão. Míchkin é o Cristo que sofre o mundo; Aliócha é o Cristo que o sustenta. Entre ambos, o autor traça o percurso da fé que amadurece ao tocar a dor. Berdiaev (1972: 166) afirma que «a bondade inocente é um fogo que ilumina, mas consome; a bondade consciente é uma chama que aquece e permanece». O primeiro tipo de bem é êxtase; o segundo, sabedoria.

Em *O idiota*, o bem aparece como experiência de assombro. Míchkin não compreende a si mesmo: ele age como quem é movido por algo maior do que a razão. Sua pureza é imediata, desarmada, e por isso mesmo trágica. Ao final, sua presença revela o abismo entre a graça e o mundo: ele não consegue existir entre os homens sem enlouquecer. Já em *Os irmãos Karamázov*, o bem deixa de ser epifania e se torna pedagogia. O amor, agora, é aprendido, convivência e permanência. Aliócha compreende que a bondade não é um dom, mas um trabalho diário de atenção e renúncia. Ricoeur (1990: 203) descreve essa passagem

como a evolução da *vida boa* – o movimento da intenção ética à sabedoria prática. Em termos simbólicos, é o amadurecimento da luz: o instante em que ela deixa de cegar e começa a iluminar sem ferir.

Dostoiévski não abandona, com Aliócha, o ideal de santidade que experimentara em Míchkin; ele o encarna de modo mais humano. O príncipe é o anjo que desce e se desfaz; Aliócha é o homem que sobe e permanece. O primeiro ama sem fronteiras, o segundo ama com responsabilidade. Essa diferença ecoa o pensamento de Levinas (1988: 102), para quem a ética começa quando o eu assume o outro sem perder o si-mesmo. Míchkin dissolve o eu no outro – e por isso se destrói. Aliócha mantém o eu em abertura – e por isso floresce. O amor, em sua forma madura, não é fusão, mas presença relacional: o encontro em que cada um sustenta o outro sem devorá-lo.

Essa pedagogia da bondade é também uma pedagogia da atenção. Em Dostoiévski, escutar é o primeiro gesto ético e o mais divino. Tanto Míchkin quanto Aliócha são personagens da escuta – mas o modo como escutam define sua diferença. Míchkin ouve com o coração aberto demais: tudo o atravessa, tudo o fere. Ele é o ouvido do mundo. Aliócha, ao contrário, aprende a ouvir com discernimento: filtra, acolhe, traduz. Ele é o ouvido da comunidade. O que no primeiro era absorção, no segundo torna-se comunhão. O bem, assim, aprende a modular sua sensibilidade. Cassedy

(2005: 58) observa que «a espiritualidade de Dostoiévski amadurece quando a escuta deixa de ser passiva e se torna presença ativa». A bondade, quando educada, se transforma em sabedoria do cuidado.

Essa sabedoria, contudo, não é intelectual. Ela nasce da convivência com o sofrimento e se alimenta do concreto. Em *Os irmãos Karamázov*, Aliócha torna-se o centro irradiador de uma fé horizontal, terrena, onde o amor não se separa da realidade. Ele descobre que o sagrado não está na fuga do mundo, mas na atenção a cada rosto. O bem, aqui, deixa de ser transcendência e se torna imanência. Ricoeur (1990: 227) chamaria isso de *ética do próximo*: a fé que se realiza no gesto. O que em Míchkin era milagre torna-se método; o que era iluminação torna-se cuidado. Essa transformação não é uma perda, mas um ganho: é o amadurecimento da luz que aprende a permanecer.

Dostoiévski parece dizer, através dessa transição, que o amor puro só pode salvar o mundo quando desce à Terra. O príncipe é a visão mística do bem; Aliócha, sua realização pedagógica. Um é a revelação; o outro, a continuidade. É como se o primeiro dissesse: «o bem existe», e o segundo completasse: «e pode ser ensinado». Entre ambos há um caminho: o da formação da consciência pela compaixão. A pedagogia da bondade é, portanto, a transformação da graça em aprendizado, a tradução do dom em método espiritual. Berdiaev (1972: 169) vê nesse movimento o coração da obra

de Dostoiévski: «a santidade, para ele, não é dádiva estática, mas vocação dinâmica; o homem santo é o que aprende a amar melhor».

Essa pedagogia, entretanto, não é racional nem doutrinária; ela se transmite por presença, por contágio de alma. O verdadeiro mestre em Dostoiévski – seja Zóssima, seja Aliócha – não ensina por conceitos, mas por convivência. O aprendizado se dá na relação viva, na experiência da ternura e da escuta. Essa forma de ensino é ética e teológica ao mesmo tempo: é o que Levinas (1988: 110) chamaria de *ensino pelo rosto*. O outro é o professor que não fala – é o que sofre, o que silencia, o que pede cuidado. Em Míchkin, esse ensino aparece como epifania; em Aliócha, como pedagogia da compaixão.

O ponto culminante dessa ética está na cena final de *Os irmãos Karamázov*, quando Aliócha fala às crianças sobre Ilhucha. Ali, o amor deixa de ser ideia e se torna comunidade. Ele não oferece respostas metafísicas, mas um pacto de memória e afeição: «Não esqueçamos uns aos outros e seremos felizes» (Dostoiévski, 2014: 783). É a última linha do romance – e também o desfecho simbólico de toda a filosofia moral de Dostoiévski. O bem não se impõe nem se explica: ele se transmite pela lembrança compartilhada. Aliócha transforma a dor em vínculo, a ausência em permanência. Ele não apaga o mal – ele o integra ao circuito da ternura. A pedagogia da bondade é, nesse sentido, uma pedagogia da esperança.

Em contraste com o heroísmo retórico que atravessa os demais romances, a lição de Aliócha é discreta, mas revolucionária: a verdadeira força está em permanecer no bem quando o bem parece inútil. Ele realiza o que Míchkin apenas pressentia – a possibilidade de viver o amor sem sucumbir a ele. O mundo não o destrói porque ele aprendeu a ser suave sem ser frágil. A consciência lhe deu o que faltava à inocência: estrutura. Ricoeur (1990: 240) chamaria isso de *ética da firmeza doce*: o equilíbrio entre fidelidade e vulnerabilidade.

Assim, o itinerário que une Míchkin e Aliócha não é apenas literário, mas espiritual: é a narrativa simbólica do amadurecimento da bondade no ser humano. Dostoiévski mostra que o bem não nasce pronto – ele se educa, se lapida, se reinterpreta diante do mal. A inocência é a origem da luz; a consciência, sua sustentação. O amor que apenas sente é belo, mas o amor que compreende é fecundo. Entre o êxtase e a permanência, o escritor russo descobre a essência da ética: amar não é ascender, é permanecer.

Por isso, a pedagogia da bondade em Dostoiévski não é uma doutrina sobre o bem, mas um modo de existir. Ela ensina que a pureza sem sabedoria é estéril, e que a sabedoria sem pureza é fria. Somente a união entre ambas produz o gesto moral que redime – o gesto que olha o outro e diz: «permaneço». Nesse olhar repousa o sentido último da travessia dostoiévskiana. O bem não é feito de vitória,

mas de fidelidade. É o instante em que, diante do desespero, o ser humano ainda escolhe cuidar. E é exatamente nessa escolha silenciosa – humilde, mas infinita – que Dostoiévski reconhece a salvação possível.

## **6. Conclusão – A bondade como forma de presença: entre inocência e consciência**

A trajetória da bondade em Dostoiévski é a narrativa da alma humana em sua tentativa de permanecer íntegra diante do mundo. De Míchkin a Aliócha, o autor descreve a metamorfose de uma luz: da transparência inocente à lucidez compassiva. Ambos os personagens nascem do mesmo gesto divino – o gesto de amar sem cálculo –, mas se diferenciam pela forma como sustentam esse amor no tempo. Míchkin é a pureza que se oferece e se desfaz; Aliócha, a pureza que permanece e educa. Entre um e outro, Dostoiévski inscreve a mais profunda das lições éticas: o bem não se define por sua força, mas por sua fidelidade ao outro.

Em *O idiota*, a bondade é um evento: irrompe como graça, fulgura como relâmpago e se consome no próprio brilho. O príncipe é o ser que ama sem compreender o preço do amor; ele não conhece o mal e, por isso, não pode se defender dele. Sua santidade é pura, mas cega – e o mundo, incapaz de suportar essa transparência, a destrói. Em *Os irmãos Karamázov*, a bondade se torna processo: ela se faz consciente, pedagógica, incorporada à vida.

Aliócha vê o mal, dialoga com ele, e ainda assim o escolhe como campo de amor. Onde Míchkin é o bem crucificado, Aliócha é o bem que aprende a respirar. Ambos são sagrados, mas em registros distintos: o primeiro como vítima, o segundo como mestre.

Dostoiévski compreende que a bondade pura é insustentável se não se tornar sabedoria. O príncipe, como uma chama sem moldura, se apaga no vento do mundo; Aliócha, como um lampadário protegido, mantém acesa a mesma chama dentro da vida cotidiana. É o mesmo fogo, mas agora domesticado pela consciência. O bem, para o autor, não é um êxtase a ser alcançado, mas uma presença a ser cultivada. E essa presença – silenciosa, vulnerável, mas firme – é o que ele reconhece como a verdadeira força espiritual. Berdiaev (1972: 171) observa que «em Dostoiévski, a santidade amadurece quando o amor deixa de ser visão e se torna fidelidade». Essa fidelidade é o que Aliócha representa: a continuidade do bem quando já não há milagre.

A pedagogia da bondade que o escritor formula, portanto, é uma pedagogia da escuta. Em um mundo saturado de vozes e de ideologias, Míchkin e Aliócha são os que ouvem. Ouvir, em Dostoiévski, é o modo mais radical de amar – é reconhecer no outro não o objeto do meu discurso, mas o limite da minha compreensão. A escuta é a forma ética do silêncio. Ela transforma a presença em abrigo e a vulnerabilidade em força. Essa é a verdadeira

revolução do bem: não uma vitória, mas uma hospitalidade. Levinas (1988: 110) chamaria esse gesto de «acolhimento infinito» – o movimento pelo qual o eu se abre ao outro sem desejar compreendê-lo totalmente.

Míchkin ouve o mundo e se desfaz; Aliócha ouve o mundo e o sustenta. Um se entrega sem forma, o outro transforma a entrega em cuidado. A diferença é de estrutura interior, não de amor. A pureza inicial precisava aprender o contorno da responsabilidade para não se dissolver. Ricoeur (1990: 236) descreve essa passagem como a educação da consciência moral: o momento em que o sentimento ético se torna escolha refletida. Essa é a passagem da graça ao *ethos*, da inocência à consciência – o caminho que faz da bondade uma virtude madura, capaz de se manter mesmo na escuridão.

Dostoiévski, ao final de sua vida, compreendeu que o heroísmo não se encontra mais na palavra que convence, mas no gesto que permanece. Seus heróis mais profundos são anti-heróicos: eles não vencem, não discursam, não dominam – apenas resistem no amor. Contra o heroísmo retórico dos Ivan, Raskólnikov ou Verkhóvenski, o autor contrapõe o heroísmo da presença, uma coragem sem espetáculo, feita de ternura lúcida e paciência. O bem, em sua forma mais elevada, não brilha: escuta. É discreto como uma vela, mas seu calor impede o mundo de congelar.

A partir dessa perspectiva, Míchkin e Aliócha não são apenas personagens religiosos, mas modelos de humanidade radical. O primeiro mostra a impossibilidade da pureza isolada; o segundo, a possibilidade da pureza compartilhada. Ambos expõem o paradoxo central da condição humana: para permanecer bom, o ser precisa deixar de ser inocente. É preciso ver o mal e, ainda assim, escolher o bem. Essa é a maturidade espiritual – a consciência que não elimina o sofrimento, mas o transforma em escuta. Cassedy (2005: 67) resume com precisão: «Dostoiévski ensina que a graça não está em não cair, mas em continuar a amar depois da queda».

Há, portanto, uma pedagogia da queda em sua obra: o bem não se realiza sem o mal, a fé não se purifica sem a dúvida, o amor não amadurece sem o limite. Míchkin e Aliócha não se opõem – se completam. O primeiro revela a origem do bem, o segundo sua permanência. A travessia entre eles é o itinerário da alma que aprende a amar o mundo sem perder o céu. E é nesse equilíbrio, delicado e quase impossível, que se inscreve a ética dostoiévskiana: amar não como exceção mística, mas como exercício contínuo de presença.

Ao encerrar *Os irmãos Karamázov*, Dostoiévski devolve à humanidade a palavra final: «Ame-mo-nos uns aos outros» (Dostoiévski, 2014: 783). É um gesto de despojamento e de confiança – a literatura, depois de tanto sofrimento, termina em uma promessa simples.

Essa frase contém toda a teologia laica de seu pensamento: não há transcendência sem alteridade, nem redenção sem memória. Amar, aqui, é lembrar, permanecer, não abandonar o outro mesmo quando tudo desaba. É a fidelidade silenciosa que faz do humano um espelho do divino.

A bondade, em Dostoiévski, não é uma virtude moral: é uma forma de ser. Ela é presença que escuta, olhar que acolhe, gesto que sustenta. Entre Míchkin e Aliócha, o bem encontra seu próprio corpo, aprende a respirar no mundo. O primeiro o revela; o segundo o torna habitável. A inocência é o amanhecer; a consciência, o meio-dia. A noite virá, mas a luz permanecerá – não como clarão, mas como calor. E talvez seja isso que o escritor mais quis dizer: que o bem não se impõe pela força, mas se perpetua pela ternura.

Em tempos de escuridão, a lição dostoiévskiana ainda ressoa: o verdadeiro milagre não é o da redenção, mas o da permanência. O santo não é o que sobe ao céu, mas o que

continua humano depois de tocar o abismo. A bondade, quando consciente, não é fraqueza – é resistência luminosa. E é essa resistência silenciosa, essa fidelidade ao que há de mais vulnerável no humano, que faz da ética de Dostoiévski não apenas uma filosofia do amor, mas uma ontologia da presença.

### **Bibliografia**

- Berdiaev, N. (1972). *O espírito de Dostoiévski*. Perspectiva. São Paulo;
- Cassedy, S. (2005). *Dostoevsky's religion*. Stanford University Press. Stanford;
- Dostoiévski, F. (2013). *O idiota*. (Trad. de Paulo Bezerra). Editora 34. São Paulo;
- Dostoiévski, F. (2014). *Os irmãos Karamázov*. (Trad. de Paulo Bezerra). Editora 34. São Paulo;
- Frank, J. (2010). *Dostoevsky: The mantle of the prophet, 1871-1881*. Princeton University Press. Princeton;
- Girard, R. (1996). *A violência e o sagrado*. (Trad. de Martha Conceição Gambini). Paz e Terra. Rio de Janeiro;
- Levinas, E. (1998). *Ética e infinito*. (Trad. de João Gama). Edições 70. Lisboa;
- Ricoeur, P. (1990). *Soi-même comme un autre*. Seuil. Paris.

## Hidrodiplomacia e hidro-hegemonia chinesa no rio Mekong Chinese hydro-diplomacy and hydro-hegemony on the Mekong River

JOÃO SIMÕES<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho procura analisar as dinâmicas geopolíticas e hidropolíticas em torno do rio Mekong, centrando-se particularmente no papel da China como potência hidro-hegemónica. A investigação examina o impacto dos projetos de infraestruturas chineses, como a construção de barragens, na governação do rio e nas relações regionais, particularmente no condicionamento do fluxo de água para o Laos, Camboja e Vietname, quer através de iniciativas hidrodiplomáticas como o Fórum de Cooperação Lancang-Mekong e a Iniciativa da Sub-Região do Grande Mekong. Adicionalmente, o estudo ressalta ainda as consequências ambientais, económicas e políticas destes desenvolvimentos, com especial destaque para os impactos negativos nas comunidades locais e nos ecossistemas.

**Palavras-chaves:** China; hidrodiplomacia; hidro-hegemonia; Mekong.

**Abstract:** This paper seeks to analyze the geopolitical and hydro-political dynamics surrounding the Mekong River, focusing particularly on China's role as a hydro-hegemonic power. The research examines the impact of Chinese infrastructure projects, such as the construction of dams, on the governance of the river and on regional relations, particularly in conditioning the flow of water to Laos, Cambodia and Vietnam, both through hydro-diplomatic initiatives such as the Lancang-Mekong Cooperation Forum and the Greater Mekong Subregion Initiative. The study also highlights the environmental, economic and political consequences of these developments, with special emphasis on the negative impacts on local communities and ecosystems.

**Keywords:** China; hydro-diplomacy; hydro-hegemony; Mekong.

---

<sup>1</sup> CEJEIA, Universidade Lusíada, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7859-4668>.

## 1. Introdução

No que diz respeito à distribuição dos rios internacionais, estes estão espalhados por todos os continentes, sendo quase omnipresentes. Em concreto, existem cerca de 263 bacias fluviais internacionais, estando a maior parte

concentrada no continente europeu, com 69 bacias internacionais. Segue-se o continente africano com 59, o continente asiático com 57 (Fig. 1), a América do Norte com 40 e a América do Sul com 38 (Baranyai, 2020; Simões, 2025).



**Fig. 1:** Bacias hidrográficas fluviais internacionais da Ásia.  
Fonte: Transboundary Freshwater Dispute Database (s.d.).

A maior parte dos rios asiáticos nasce no Planalto Tibetano, tratando-se de uma região uniforme do ponto de vista geográfico e que se estende ao longo de 2.500.000 km<sup>2</sup>, correspondentes a 1/4 do território terrestre chinês (Chellaney, 2007; Leal, 2019).

De relevar que as bacias hidrográficas dos grandes rios originados no Planalto Tibetano (Fig. 2) constituem a fonte de vida de cerca de 50% da população mundial, neste caso distribuída pela China, Índia, Butão, Nepal, Bangladesh, Paquistão, Camboja, Laos, Vietname e Tailândia (Chellaney, 2007; Leal, 2019; Simões, 2024).



**Fig. 2:** Maiores rios com origem no Planalto Tibetano. Fonte: Leal (2019).

Nesse sentido, não obstante a existência de vários outros rios importantes, são de destacar, a título de exemplo, o rio Amarelo, o rio Yangtzé, o rio Salween, o rio Indo, o rio Brahmaputra e o rio Mekong.

Importa-nos, em particular, analisar o rio Mekong. Com início no Planalto Tibetano, estende-se ao longo de 4.200 km, atravessando seis Estados, a República Popular da China, Myanmar, o Laos, o Camboja, o Vietname e a Tailândia (Simões, 2024). Adicionalmente,

as águas das suas bacias hidrográficas são fonte de vida para cerca de 60 milhões de pessoas, razão pela qual, cada vez que um dos Estados ora mencionado, desenvolve planos que possa criar efeitos adversos nos outros, acaba por inflamar os ânimos e gerar disputas políticas frequentes entre

estes atores do sistema político internacional. (Leal, 2019: 17)

Apesar de o Planalto Tibetano ser o grande berço dos rios asiáticos, o continente asiático sofre com a escassez de água, tendo «menos água doce – 3.920 m<sup>3</sup> por pessoa – do que qualquer outro continente para além da Antártida» (Chellaney, 2007: 1).

As tensões e iminentes disputas hídricas na Ásia podem ser atribuídas a diversas causas. Desde logo, têm sido promovidas pelo desenvolvimento e a expansão da agricultura de regadio, bem como pela existência de indústrias com utilização intensiva de água, e ainda por uma crescente classe média, com maiores expectativas face a confortos que levam ao consumo de muita água, como por exemplo na utilização de máquinas de lavar loiça. São igualmente de registar as alterações climá-

ticas e a degradação ambiental (Chellaney, 2007; Simões, 2024).

As alterações climáticas contribuem para o degelo, o que, por sua vez, como referem Overland *et al.* (2017: 9),

pode tornar o caudal dos rios mais dependente da precipitação anual e, por conseguinte, mais instável. Este facto, por sua vez, pode obrigar as comunidades locais das zonas rurais a jusante a alterarem os seus padrões tradicionais de produção alimentar, podendo conduzir à migração e afetar as relações entre países.

Desde 2019, tem-se assistido no Mekong a uma maior tendência para períodos de seca extremos. De acordo com Eyler (2020) e Simões (2024), este fenómeno está associado à ausência de monções, aspeto que resultou em significativos impactos a nível social e ecológico, como o aparecimento, em charcos, de cardumes mortos, que tinham ficado isolados, afetando tanto os rendimentos das comunidades locais como a sua segurança alimentar (Eyler, 2020; Grumbine, 2017; Haefner, 2013).

Importa ainda salientar que uma das preocupações associadas a esta questão diz respeito ao comportamento da China, especialmente no que concerne à sua política de construção e/ou tentativa de construção de barragens e ao redirecionamento de cursos de água que nascem no Planalto Tibetano e atravessam o seu território (Chellaney, 2007; Simões, 2024).

Adicionalmente, como referem Gerlak e Haefner (2017: 894), «o Mekong tem uma importância estratégica como centro de alimentação e de emprego, e desempenha um papel crucial no desenvolvimento futuro dos países da bacia».

Na região do Mekong, o desenvolvimento implica a exploração de diversos recursos naturais, como a madeira, a água e minerais. Esta prática visa satisfazer os interesses dos mais importantes meios urbanos regionais, bem como as aspirações de uma classe média em crescimento acelerado (Cronin, 2011).

Não obstante o facto de, durante as últimas décadas, as autoridades regionais do Mekong terem sido capazes de retirar milhões de pessoas de situações de pobreza, verifica-se que mais de 72 milhões continuam a depender diretamente do Mekong para executarem as suas atividades profissionais, e mais de 300 milhões de pessoas dependem dos produtos aí originados (Lim, 2020).

Importa por isso salientar as estimativas do Banco de Desenvolvimento Asiático, elencadas por Lim (2020): cerca de 1.7% a 24.8% da população na região do Mekong até à data de 2018 vivia em situação de pobreza extrema, acentuando-se a desigualdade em função da gestão desadequada e injusta dos recursos naturais.

Assim, de acordo com Simões (2024: 123),

a desigualdade manifesta-se a vários níveis. Se por um lado, os governos, empresas privadas, centros urbanos e os Estados a montante, são beneficiados pela exploração dos recursos naturais, por outro lado, as comunidades rurais, ribeirinhas, florestais e os Estados a jusante, e dentro destas particularmente as mulheres, as crianças, os pobres e as minorias étnicas, são particularmente afetadas pelos impactos negativos a nível económico, ambiental e cultural.

Tendo em consideração, por um lado, a crise hídrica que decorre no Planalto Tibetano, e, por outro lado, a importância regional do rio Mekong para o Laos, o Camboja e o Vietname, temos como objetivo procurar compreender as principais implicações regionais da construção chinesa de barragens hidroelétricas no curso do rio e as principais implicações do Fórum de Cooperação Lancang-Mekong e da Iniciativa da Sub-Região do Grande Mekong no condicionamento da governança deste rio. Para tal, o autor socorre-se da análise bibliográfica

O presente trabalho divide-se em dois capítulos, a par da introdução e das conclusões. No primeiro, o autor procura caracterizar a República Popular da China como um ator hidro-hegemónico. No segundo, é analisado o comportamento hidrodiplomático chinês, de forma a enquadrar o condicionamento da governança do rio Mekong. Ainda neste segundo capítulo, e tendo em consideração a importância do rio Mekong, o autor discute as principais implicações da construção de bar-

ragens no rio e as implicações do Fórum de Cooperação Lancang-Mekong e da Iniciativa da Sub-Região do Grande Mekong.

## **2. A China como um poder hidro-hegemónico**

A discussão sobre a ascensão da China tem-se focado em diversos domínios, como as crescentes ambições marítimas, a expansão da capacidade de projetar forças militares, o aumento da força económica e comercial e a pressão para se tornar a maior potência regional. Porém, um aspeto crítico tem frequentemente escapado à discussão: a ascensão da China como poder hidro-hegemónico.

Como refere Chellaney (2013), nenhum outro Estado conseguiu alcançar uma posição de proeminência ribeirinha incontestável num continente através do controlo do fluxo e percurso de diversos rios internacionais. A China, no centro da Ásia, partilha fronteiras terrestres com 14 Estados, 13 dos quais são seus co-ribeirinhos, pelo que se compreende as preocupações dos seus vizinhos face à construção de infraestruturas de hidroengenharia nos segmentos a montante dos rios internacionais.

De facto, a China detém as capacidades necessárias para transformar a água numa arma política e

nenhum rival pode neutralizar, por exemplo, o domínio da China sobre as nascentes dos principais rios transnacionais da Ásia e a sua capacidade de atuar como controlador

a montante, reestruturando os fluxos transfronteiriços através de barragens e outras estruturas. (Chellaney, 2013: 230)

Ao controlar a «torneira» de uma grande parcela dos recursos hídricos asiáticos, a China tem vindo a desenvolver grande influência sobre os seus vizinhos, num continente que enfrenta uma severa crise hídrica.

O mapa dos recursos hídricos asiáticos sofreu alterações significativas com a vitória das forças comunistas na China em 1949. Este país tornou-se então a principal fonte de fluxos fluviais internacionais a nível global, abrangendo uma área que vai desde a península da Indochina até ao Cazaquistão e à Rússia. A maior parte dos rios internacionais da Ásia continental originam-se em territórios que foram anexados pela, à data, recém-formada República Popular da China (Chellaney, 2013).

Uma das áreas anexadas foi o Planalto Tibetano, a principal reserva global de água potável após o Ártico e a Antártica, sendo frequentemente referido como o terceiro polo.

O controlo chinês deste enorme incubador de grandes rios asiáticos, combinado com o projeto de construção de barragens, garante à China uma significativa vantagem em termos hídricos, quando comparada com os seus vizinhos. Nesse sentido,

a China é, assim, a fonte de fluxos de água transfronteiriços para mais países do que

qualquer outra potência a montante no mundo. A sua hidro-hegemonia regional é claramente muito superior à dos Estados Unidos, do Brasil, da Turquia, de Israel, do Egito, do Uzbequistão ou de qualquer outra potência ribeirinha regionalmente dominante, quer esteja localizada a montante ou a jusante (Chellaney, 2013: 231)

e

a China controla as nascentes de mais de uma dúzia de grandes rios, que são a força vital de quase metade da população mundial. (Chellaney, 2013: 231)

Importa ainda referir que a China rejeita as ideias de cooperação institucionalizada ou partilha de recursos hídricos, pelo que não participa em nenhum tratado internacional sobre partilha de recursos hídricos, contrariamente ao que se verifica na Ásia Meridional, no Sudeste Asiático e mesmo na Ásia Central.

### **3. As consequências da infraestruturção e da hidrodiplomacia chinesa no Mekong**

Como relembra Leal (2019), a República Popular da China é um ator central quando analisamos a gestão e/ou as disputas em torno de recurso hídricos na Ásia Meridional e no Sudeste Asiático. É justamente neste sentido que a sua decisão de não ratificar tratados multilaterais, como a Convenção das Nações

Unidas sobre os Cursos de Água de 1997, adquire particular relevância.

Importa também referir que diversos Estados asiáticos, entre os quais a República Popular da China, têm adotado práticas de agricultura intensiva e insustentável, fortemente dependentes do consumo intenso e do desperdício de água, e da utilização intensiva de produtos como pesticidas e herbicidas, contribuindo assim para que se foquem mais nos vastos recursos hídricos do Planalto Tibetano (Leal, 2019; Simões, 2024).

De acordo com Simões (2024: 107),

a República Popular da China, reclama para si, quer naturalmente pela sua posição geográfica, quer artificialmente através do seu comportamento político, o estatuto de poder hegemónico do complexo hídrico do Planalto Tibetano, influenciando, ou melhor, condicionando os fluxos de água nos principais rios da Ásia Meridional e do Sudeste Asiático.

Osborne (2000) salienta que é justamente em função da sua posição geográfica, a montante dos principais rios do complexo hídrico do Planalto Tibetano, que se compreende o vasto número de projetos hidroelétricos que a China tem desenvolvido no seu território.

Em termos práticos, a influência e condicionamento das práticas políticas e, particularmente, da governança dos recursos hídricos do Mekong, por parte da China, ocorre funda-

mentalmente por duas vias (Simões, 2024): (i) infraestruturação no sector da hidroenergia; (ii) iniciativas minilaterais ou bilaterais não abrangentes à gestão dos recursos hídricos.

No que diz respeito à primeira vertente do condicionamento hidropolítico do Mekong, começamos por referir que a China foi o primeiro Estado do Mekong a desenvolver projetos de represamento neste rio, com o lançamento, em 1986, da barragem de Manwan, a primeira de oito grandes projetos hidroelétricos em cascata ao longo do rio (Simões, 2024).

No mesmo sentido, o ano de 2009 marca o início da construção da quarta barragem – Xiaowan –, e a primeira com influência global no que diz respeito ao sistema hidrológico do Mekong (Simões, 2024; Weatherbee, 2008; Wirsing *et al.*, 2013).

À data de 2013, cinco barragens estavam concluídas, com outras 8 em curso e 23 planeadas. Esta intensa construção de barragens em cascata tem ocorrido sem uma avaliação técnica adequada de impactos ambientais, sem consulta aos países a jusante e sem respeito pelos princípios da Comissão do rio Mekong, já que, apesar de ser uma parceira de diálogo, a China não participa formalmente na Comissão (Chellaney, 2013; Simões, 2024; Weatherbee, 2008 e 2014).

A construção destas barragens tem implicações para os Estados a jusante em três domínios principais (Biba, 2012, 2016 e 2018):

(i) ecológico; (ii) económico; (iii) político. Implicações essas que vão desde a possibilidade do aumento de deslizamento de terras, da degradação dos ecossistemas e da redução dos caudais, até à perda de biodiversidade de espécies aquáticas, que representam um importante elemento da pesca e, conseqüentemente, um importante sector de subsistência de diversas comunidades, como por exemplo no caso da região do lago Tonle Sap no Camboja (Biba, 2012; Mydans, 2003). Ou, ainda, no domínio político, no controlo da quantidade de água libertada para jusante, pelo que, como defendem Goh (2004) e Simões (2024), «as barragens constituem um importante instrumento de poder, que a nosso ver permitem solidificar a posição chinesa como poder hegemónico na bacia do Mekong» (Simões, 2024, p.111).

Apesar de a China ser a principal potência do rio e a grande promotora da infraestruturação do seu sector hidroenergético, também o Laos, o Camboja e o Vietname participam neste processo de infraestruturação, em certos casos, numa forma agressiva, contribuindo para o agravar da crise hídrica regional (Overland *et al.*, 2017; Simões, 2024). Não só porque as barragens nos seus territórios contribuem sucessivamente para a degradação ambiental, como para a redução do caudal do rio até à sua foz, através dum efeito de bola de neve (Simões, 2024).

Aliás, quando comparada com o Laos, concluimos que a China tem um muito menor número de barragens construídas na parte supe-

rior do Mekong, já que o Laos possuía, à data de 2020, um total de 64 barragens. Também o Camboja e o Vietname têm apostado no desenvolvimento da infraestruturação no sector hidroenergético (Eyler, 2020).

É justamente neste sentido que devemos ainda atentar num não menos importante aspecto relativo às iniciativas chinesas de infraestruturação do sector hidroenergético. De facto, e pese embora diversos destes Estados, em particular o Laos e o Vietname, exportem também energia para a China, verifica-se que diversas das suas barragens são não só construídas por empresas chinesas como são operacionalizadas por essas mesmas empresas, antes de serem transferidas para as autoridades nacionais (Urban *et al.*, 2017; Urban *et al.*, 2018; Simões, 2024; Weatherbee, 2014).

Esta prática é particularmente observável no Camboja, onde se tem verificado uma multiplicação dos contratos de Construção-Operacionalização-Transferência, que garantem o controlo das barragens às empresas chinesas por um período de 20 a 40 anos, durante o qual as autoridades cambojanas ficam limitadas na sua capacidade de controlo dos impactos ambientais das suas barragens (Biba, 2016 e 2018; Hou, 2022; Simões, 2024; Urban *et al.*, 2017; Urban *et al.*, 2018).

O segundo domínio identificado diz respeito às iniciativas de cooperação minilateral ou bilateral desenvolvidas pela China no sentido de

condicionar a governança do Mekong. Assim, é importante esclarecer que as iniciativas minilaterais são aquelas que, envolvendo o número mínimo de Estados necessários, conseguem gerar o maior sucesso ou impacto na resolução de um problema. Essas iniciativas são caracterizadas por um grau menor de formalismo, sendo mais limitadas e focadas em questões securitárias específicas (Lee-Brown, 2018; Naim, 2009; Simões, 2024; Tow, 2018).

Nesse mesmo sentido, começamos por referir que nenhum acordo relativo à bacia do Mekong inclui os seus seis Estados ribeirinhos (Zeitoun *et al.*, 2020). Assim, são de destacar iniciativas desenvolvidas pela China, como sejam o Fórum de Cooperação Lancang-Mekong e a Iniciativa da Sub-Região do Grande Mekong (Busbarat, 2020; Gong, 2020; Morada, 2020; Wu, 2020).

Como referem Morada (2020) e Simões (2024), o Sudeste Asiático tem sido historicamente caracterizado por diversos conflitos e instabilidade político-social. A região do Mekong destaca-se justamente nesse sentido, não só em função das disputas em torno da construção de grandes projetos hidroenergéticos, mas também das dinâmicas e disputas entre a China e os EUA para a consolidação de esferas de influência na região (Morada, 2020; Simões, 2024).

O Mekong não se pode dissociar destas dinâmicas de disputa pela consolidação de influência na região, pelo que é de sublinhar a competição entre o Fórum de Cooperação Lancang-Mekong, promovido pela China em associação com a Belt and Road Initiative e, por outro lado, a Parceria de Washington para o Mekong Inferior de 2009, substituída em 2020 pela Parceria EUA-Mekong (Busbarat, 2020; Morada, 2020; Sothirak, 2021; Simões, 2024).

A estas duas iniciativas somam-se várias outras que visam promover a influência norte-americana na região, e principalmente mitigar a presença regional da China, sendo de destacar as cimeiras realizadas com o Japão ou com a Coreia do Sul, respetivamente designadas como cimeiras Japão-Mekong e ROK-Mekong (Morada, 2020; Simões, 2024).

Importa ainda referir que o Fórum de Cooperação Lancang-Mekong tem por principal objetivo não meramente consolidar a posição da China no sector da infraestruturização, mas também alavancá-la no sector económico e securitário (Simões, 2024). Adicionalmente, esta iniciativa reproduz os pilares identitários da ASEAN nos sectores económico, securitário e sociocultural, por forma a desvalorizar a presença da instituição na região. Tudo isto enquanto, simultaneamente, países como o Camboja e o Laos se têm aproximado economicamente da China (Busbarat, 2020; Simões, 2024).

Por sua vez, a Iniciativa da Sub-Região do Grande Mekong, estabelecida em 1992 pelo Banco de Desenvolvimento Asiático, engloba o Camboja, a China, o Laos, Mianmar, a Tailândia e o Vietname (Cronin, 2011; Hensengerth, 2009). Ora, como refere Simões (2024), ainda que esta iniciativa inclua todos os Estados ribeirinhos do Mekong, não se trata de uma iniciativa ou de um acordo orientado para a bacia do rio, mas antes de um projeto orientado para a facilitação do desenvolvimento económico regional e a aproximação política (Cronin, 2011). Adicionalmente, serve como plataforma de projeção da influência chinesa, tendo possibilitado a sua emergência como principal economia regional e servindo de instrumento de *soft power* (Saunders, 2008 e 2014; Simões, 2024).

Importa ainda salientar que fora do âmbito desta iniciativa ficam as negociações relativas à preservação e utilização dos recursos do Mekong, pelo que a China pode operar livremente no quadro da construção e exploração do sector hidroenergético (Simões, 2024).

Apesar dos significativos efeitos negativos, quer a nível da promoção da dependência no domínio da infraestruturação, por exemplo no Camboja, quer a nível da degradação ambiental, não podemos deixar de considerar os avanços industriais, económicos e comerciais que têm vindo a ser promovidos na região da Indochina, pelo seu envolvimento com a

China, desde logo através das duas iniciativas aqui identificadas.

#### 4. Conclusões

No essencial, o estatuto de potência hidro-hegemónica, as iniciativas hidrodiplomáticas desenvolvidas e os esforços de infraestruturação no sector hidroenergético têm tanto aspetos positivos como aspetos negativos. Desde logo, a história e a expansão territorial permitiram que a China controlasse recursos hídricos importantes para a subsistência de diversas comunidades. A sua capacidade de controlar e alterar o fluxo de água para jusante faz do país, inevitavelmente, o poder hegemónico de diversos rios asiáticos, entre os quais o Mekong.

As iniciativas de infraestruturação do sector hidroenergético, quer a nível interno, entendida-se, em território chinês, quer a nível externo, na Indochina, são porventura o principal instrumento de condicionamento do regime hidropolítico do Mekong, já que iniciativas como o Fórum de Cooperação Lancang-Mekong e a Iniciativa da Grande Sub-Região do Mekong não condicionam necessariamente o regime hidropolítico do rio. Antes moldam e condicionam a sua utilização como plataforma de expansão comercial, por forma, talvez, tanto a satisfazer os interesses económicos chineses, como a contribuir para o desenvolvimento regional, numa lógica de *win-win*.

Ainda assim, os Estados do Mekong inferior veem-se em grande medida reféns da de-

pendência de empresas chinesas para a sua infraestruturação, mesmo quando procuram atenuar a influência chinesa por meio de iniciativas próprias.

Fundamentalmente, a China, através do conjunto de esforços de que temos vindo a falar, consegue assegurar para si recursos hídricos a montante, com a construção de diversas barragens, e ainda que colocando em causa o acesso à água por parte de comunidades a jusante. Simultaneamente, consegue garantir oportunidades de investimento e desenvolvimento nos Estados a jusante, de maneira a garantir a sua incontornabilidade na bacia do Mekong.

Não significa, contudo, que não haja contestação do seu estatuto, mas tanto as queixas relativas aos significativos impactos ambientais como as iniciativas de outros atores com vista a mitigar a sua presença parecem, até ao momento, não ser suficientes para abalar o seu estatuto hidro-hegemónico regional.

Sem dúvida, e não obstante os ganhos em termos de desenvolvimento regional, é necessário olhar para os efeitos das consequências de degradação ambiental da bacia do rio. A exploração descontrolada de padrões de qualidade tem o potencial de despoletar consequências profundamente negativas, desde a redução dos recursos disponíveis para consumo até à perda de biodiversidade e à deslocação forçada de populações.

Por isso mesmo, consideramos que, para uma mais acentuada defesa destas comunidades, tanto a ASEAN como a Comissão do Rio Mekong, instituições aqui não analisadas, deverão promover uma maior consciencialização dos efeitos negativos da hiperpredação dos recursos do rio Mekong.

## Bibliografia

### *Impressa*

- Baranyai, G. (2020). *European water law and hydropolitics: An inquiry into the resilience of transboundary water governance in the European Union*. Springer. Cham;
- Biba, S. (2012). China's continuous dam-building on the Mekong River. *Journal of Contemporary Asia*, **42**, 4: 603-628;
- Biba, S. (2016). The goals and reality of the water-food-energy security nexus: The case of China and its Southern neighbours. *Third World Quarterly*, **37**, 1: 51-70;
- Biba, S. (2018). China's «old» and «new» Mekong River politics: The Lancang-Mekong Cooperation from a comparative benefit-sharing perspective. *Water International*, **43**, 5: 622-641;
- Busbarat, P. (2020). Engagement and strategic competition in mainland Southeast Asia. *Journal of Greater Mekong Studies*, **2**: 35-42;
- Chellaney, B. (2007). China-India clash over Chinese claims to Tibetan Water. *The Asia-Pacific Journal*, **5**, 7: 1-5;
- Chellaney, B. (2013). *Water, peace, and war: Confronting the Global Water Crisis*. Rowman & Littlefield. Plymouth;
- Cronin, R.P. (2011). The environment and development: Greater Mekong Subregion dynamics considered. Em: J. Clad *et al.* (eds.), *The borderlands of Southeast Asia: Geopolitics, terrorism, and globalization*. National Defense University Press. Washington, D.C.;

- Cuppari, R. (2017). *Water diplomacy*. International Centre for Water Resources and Global Change.
- Eyler, B. (2020). Why isn't the drought crisis driving regional cooperation in the Mekong basin? *Journal of Greater Mekong Studies*, **2**, 1: 11-16;
- Gerlak, A.K., & Haefner, A. (2017). Riparianization of the Mekong River Commission. *Water International*, **42**,7: 893-902;
- Gong, X. (2020). Lancang-Mekong Cooperation: Minilateralism in institutional building and its implications. Em: B. Singh e S. Teo (eds.), *Minilateralism in the Indo-Pacific: The Quadrilateral Security Dialogue, Lancang-Mekong Cooperation Mechanism, and ASEAN*. Routledge. Oxon;
- Grumbine, R.E. (2017). Using transboundary environmental security to manage the Mekong River: China and South-East Asian Countries. *International Journal of Water Resources Development*, **34**, 5: 792-811;
- Haefner, A. (2013). Regional environmental security: Cooperation and challenges in the Mekong subregion. *Global Change, Peace & Security*, **25**, 1: 27-41;
- Hensengerth, O. (2009). Transboundary river cooperation and the regional public good: The case of the Mekong River. *Contemporary Southeast Asia*, **31**, 2: 326-349;
- Hou, A.M.Y. (2022). Addressing the environmental and social externalities of Chinese state-owned enterprise investment in Cambodia's hydropower. *Journal of Greater Mekong Studies*, **6**: 29-38.
- Leal, J.L.R. (2019). A água como fator de conflitos político-militares no Sul e Sudeste Asiático: Planalto do Tibete e Rio Brahmaputra. *Revista Lusíada. Política Internacional e Segurança*, **17**, 18: 9-30;
- Lee-Brown, T. (2018). Asia's security triangles: Maritime minilateralism in the Indo-Pacific. *East Asia*, **35**, 2: 163-176;
- Lim, S. (2020). The Mekong Subregion's growth paradigm and commitments to reduce inequalities. *Journal of Greater Mekong Studies*, **4**: 17-28;
- Morada, N.M. (2020). ASEAN centrality and atrocities prevention in the Mekong: Mainstreaming protection of vulnerable populations. *Journal of the Greater Mekong Studies*, **4**: 31-39;
- Osborne, M. (2000). The strategic significance of the Mekong. *Contemporary Southeast Asia*, **22**, 3: 429-444;
- Saunders, P.C. (2008). China's role in Asia. Em: D. Shambaugh e M. Yahuda (eds.), *International relations of Asia*. Rowman & Littlefield Publishers. Laham;
- Saunders, P.C. (2014). China's role in Asia: Attractive or assertive. Em: D. Shambaugh e M. Yahuda (eds.), *International relations of Asia*. Rowman & Littlefield Publishers. Laham;
- Simões, J.C.M. (2025). O Ródano: Cooperação e competição nas relações franco-suíças. *Lusíada. Política Internacional*, **29**: 51-80;
- Sothirak, P. (2021). The essence of the Mekong-US Partnership. *Journal of Greater Mekong Studies*, **5**: 11-14;
- Tow, W.T. (2018). Minilateral security's relevance to US strategy in the Indo-Pacific: Challenges and prospects. *The Pacific Review*, **32**, 2: 232-244;
- Urban, F. et al. (2017). China's dam-builders: Their role in transboundary river management in South-East Asia. *International Journal of Water Resources Development*, **34**, 5: 747-770;
- Urban, F. et al. (2018). Transboundary river management in Southeast Asia: The role of Chinese dam-builders. Em: H. Zhang e Z. Li (eds.), *China and transboundary water politics in Asia*. Routledge. New York;
- Weatherbee, D.E. (2008). *International relations in Southeast Asia: The struggle for autonomy*. Rowman & Littlefield.;
- Weatherbee, D.E. (2014). *International relations in Southeast Asia: The struggle for autonomy*. Rowman & Littlefield.;

Wirsing, R. *et al.* (2013). *International conflict over water resources in Himalayan Asia*. Palgrave Macmillan. London;

Wu, S.-S. (2020). Lancang-Mekong cooperation: The current state of China's hydro-politics. Em: B. Singh e S. Teo (eds.), *Minilateralism in the Indo-Pacific: The Quadrilateral Security Dialogue, Lancang-Mekong Cooperation Mechanism, and ASEAN*. Routledge. Oxon;

Zeitoun, M. *et al.* (2020). *Water conflicts: Analysis for transformation*. Oxford University Press. Oxford;

Zhang, L. e Zhang, H. (2021). Water diplomacy and China's bid for soft power in the Mekong. *The China Review*, **21**, 4: 39-75.

### *Digital*

Goh, E. (2004). China in the Mekong River Basin: The regional security implications of resource development on the Lancang Jiang. *Singapore: Institute of Defense and Strategic Studies*, **69**. Acedido em 2 de junho de 2026, em: <https://www.rsis.edu.sg/wp-content/uploads/rsis-pubs/WP69.pdf>;

Mydans, S. (2003, 28 de abril). Kompong Phluk Journal; Where a lake is life itself, dam is a dire word. *The New York Times*. Acedido em 31 de janeiro de 2025, em: <https://www.nytimes.com/2003/04/28/world/kompong-phluk-journal-where-a-lake-is-life-itself-dam-is-a-dire-world.html>;

Naim, M. (2009, 21 de junho). Minilateralism: The magic number to get real international action. *Foreign Policy*. Acedido em 11 de dezembro de 2024, em: <https://foreignpolicy.com/2009/06/21/minilateralism>;

Overland, I. *et al.* (2017). *Impact of climate change on ASEAN international affairs: Risk and opportunity multiplier*. Norwegian Institute of International Affairs/Myanmar Institute of International and Strategic Studies. Acedido em 31 de janeiro de 2025, em: [https://www.researchgate.net/publication/320622312\\_Impact\\_of\\_Climate\\_Change\\_on\\_ASEAN\\_International\\_Affairs\\_Risk\\_and\\_Opportunity\\_Multiplier](https://www.researchgate.net/publication/320622312_Impact_of_Climate_Change_on_ASEAN_International_Affairs_Risk_and_Opportunity_Multiplier);

Simões, J.C.M. (2024). *Conflitos de água no sudeste asiático: Segurança humana e a importância estratégica do Rio Mekong*. Dissertação de Mestrado em Segurança e Justiça. Universidade Lusíada de Lisboa, Faculdade de Direito. Lisboa. 175 pp. Acedido em 2 de junho de 2026, em: <http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/7636>;

TFDD. (s.d.). *International River Basins of the World – 2018*. OregonStateUniversity – Program in Water Conflict Management and Transformation. Acedido em 11 de dezembro de 2024, em: <https://transboundarywaters.ceoas.oregonstate.edu/gallery-image/international-river-basins-world-2018>.

# Entrevista

**FABRICE D'ALMEIDA**

historien français et président  
du Département des Sciences  
de l'Information et de la Communication  
de l'Université Paris-Panthéon-Assas

French historian and Head  
of the Department of Information  
and Communication Sciences  
at Paris Panthéon-Assas University

## Entretien avec Fabrice d’Almeida, historien français et président du Département des Sciences de l’Information et de la Communication de l’Université Paris-Panthéon-Assas



Entretien mené par  
**Celso João Carminati**<sup>1</sup>



### L’art de repenser l’histoire

Fabrice d’Almeida est l’un des historiens français les plus innovants, produisant un savoir historique dans une perspective interdisciplinaire, en dialogue avec la littérature, la sociologie, les sciences de la communication et la science politique.

Sa formation s’est déroulée dans des institutions académiques prestigieuses. Il fut étudiant à la Sorbonne (Université Paris I), puis à l’École Normale Supérieure de la rue d’Ulm (Paris) et, après avoir réussi le concours de l’agrégation d’histoire, il devint membre de l’École française de Rome. Ce parcours explique les importantes réseaux académiques de recherche qu’il a développés en Italie, notamment avec les universités de Bologne, de Milan et de Viterbe (Università della Tuscia).

==

<sup>1</sup> Université de l’État de Santa Catarina, Brésil; Universidade Aberta, Centre Études Globales, Portugal. ORCID ID <https://orcid.org/0000-0002-3638-5489>.

Dans ce contexte, il fut boursier de la prestigieuse Fondation allemande Alexander von Humboldt Foundation à la Freie Universität de Berlin, avant de travailler pendant deux ans au Centre Marc Bloch dans cette même ville.

Docteur en histoire et habilité à diriger des recherches, sa carrière académique s'est développée dans des universités de premier plan. Il fut d'abord maître de conférences à l'Université Paris Nanterre avant d'être nommé directeur de l'Institut d'Histoire du Temps Présent (CNRS), puis professeur d'histoire contemporaine à l'Université Paris-Panthéon-Assas, où il occupe aujourd'hui les fonctions de vice-président.

Ce parcours académique remarquable est enrichi par de nombreuses publications. Dans le monde intellectuel, Fabrice d'Almeida est un pionnier ayant ouvert plusieurs champs de recherche devenus depuis des références dans le travail historique et dans les sciences humaines et sociales. Dès 1991, il participe à la création du groupe d'études sur les images fixes et publie ensuite *Images et Propagande*, en français et en italien, chez Casterman et Giunti. Ce travail pionnier montre comment les images industrielles ont été intégrées dans l'histoire de la propagande depuis le XIX<sup>e</sup> siècle.

Cette réflexion fut approfondie dans *Histoire des médias en France* (Flammarion) et *Propagande – Une histoire mondiale* (La Martinière). L'objectif de ces travaux est de mon-

trer comment les imaginaires populaires se construisent et quels sont les effets de ces représentations mentales dans l'évolution des sociétés politiques.

Sur le plan méthodologique également, son apport est particulièrement novateur. Il fut l'un des premiers auteurs à proposer une méthode d'histoire comparative appliquée aussi bien à la vie politique italienne et française (*La Politique au naturel*, Presses de l'École française de Rome) qu'aux logiques des partis français et allemands. Fabrice d'Almeida a également introduit l'histoire contrefactuelle en France comme moyen heuristique d'interroger les dynamiques et structures sociales, avec Anthony Rowley, dans *Et si on refaisait l'histoire ?* (Odile Jacob).

Ces travaux lui ont valu plusieurs distinctions académiques, notamment le Prix Augustin Thierry pour ses recherches sur *Les Gardiens de camp de concentration et leurs loisirs* (Fayard), ainsi que des invitations dans de nombreuses universités étrangères : Université de Milan, Université LUISS Guido Carli, Universität So-gang University, Institut de recherche sociale de Hambourg, Royal Holloway, University of London et University of Minho.

Avec l'Universidade Aberta, Fabrice d'Almeida a établi de profondes relations de recherche. Il y a joué un rôle déterminant dans la création du programme de doctorat en Études globales ainsi que dans l'approbation de la Chaire UNESCO en Études globales, à travers l'établissement de

réseaux académiques intercontinentaux garantissant son indispensable internationalisation.

Il collabore activement à l'écosystème scientifique des Études globales en consolidation autour du nouveau Centre d'Études Globales de l'Universidade Aberta, en intégrant son conseil scientifique international et en promouvant des projets de recherche et d'édition à l'échelle internationale. Il convient de souligner son rôle auprès du Collège international de philosophie pour soutenir le projet du «Dictionnaire global des droits humains».

Au cours des deux dernières années, il s'est engagé dans l'articulation entre le Département de Communication de l'Université Paris II et le Centre d'Études Globales de l'Universidade Aberta afin de créer un «Dictionnaire essentiel des Études globales», réunissant des chercheurs de différents pays et systématisant les principaux champs de recherche et concepts de ce domaine. Il s'agit d'un projet inédit, puisqu'il n'existe à ce jour aucun outil comparable permettant d'identifier les grands auteurs et les problématiques d'un champ en pleine expansion.

Au Portugal, il convient de signaler la publication de son ouvrage *História Global dos Ricos* (Lisbonne, Cultura Editora, 2025), ainsi que la parution prochaine, cette année, dans la même maison d'édition, de *História Global do Mal*.

Parallèlement, Fabrice d'Almeida a mené un important travail de commentaire et de diffusion

des connaissances dans les principaux médias français et internationaux, notamment à la télévision et à la radio. Pendant sept ans, sur la chaîne France 5, il a présenté des documentaires historiques dans son émission «La Case du Siècle». Il a également écrit et réalisé lui-même des dizaines de documentaires télévisés.

Il fut conseiller historique de la série documentaire canadienne «Amour, haine et propagande» (Radio-Canada, 12 épisodes), et a également présenté et coécrit la série «Les grands menteurs de l'histoire». À cela s'ajoute un travail important pour de grandes radios nationales. Sur France Culture, il fut chroniqueur mensuel dans «La Fabrique de l'Histoire», tout en animant une émission quotidienne sur Europe 1, «C'est historique !». Depuis deux ans, il signe une chronique hebdomadaire sur France Info.

Toute cette activité médiatique lui a valu une large reconnaissance publique. Plusieurs distinctions lui ont été attribuées pour les services rendus à l'Université, à la Science, à la Culture et à la Société. Il a été décoré de l'Ordre des Arts et des Lettres par la ministre française de la Culture, Roselyne Bachelot, et distingué de l'Ordre national du Mérite par l'ancien président de la République française François Hollande.

Sur le plan international, il a été distingué du titre de docteur honoris causa par l'University Euro-Balkan ainsi que de la Médaille d'or de l'Cairo University.

**Monsieur le Professeur, merci d'avoir accepté l'invitation du Center for Global Studies pour cette interview. Ainsi, nous vous demandons de vous présenter, en racontant votre formation, votre carrière de chercheur et de professeur dans les principales institutions françaises ainsi que vos projets et publications de recherche les plus récents.**

Le point central de ma carrière est que je suis un historien qui s'intéresse au monde et qui a une sympathie pour les sources non-écrites. Et cela remonte à loin. Quand j'étais enfant, mon oncle, Roland Topor, était dessinateur. Ses gestes me fascinaient. J'aimais le regarder travailler. Ma mère, elle, écrivait, mais cela paraissait moins magique que de voir apparaître une forme, un animal, un être, un objet, sur la page blanche.

Quand j'ai commencé à travailler en histoire, il m'a paru comme une évidence que les images devaient contribuer à notre connaissance du passé et pas seulement les archives, comme celle du Parti socialiste sur lesquelles j'ai travaillé pendant une décennie. J'ai rencontré différents historiens, conservateurs de Musée, eux aussi passionnés par les images de masse. Nous avons fondé le Groupe d'étude des images fixes. Dans ce cadre, il y avait des spécialistes du dessin comme Christian Delporte, ou de la propagande communiste, tel Philippe Buton. Et Laurent Gervereau et Laurence Bertrand-Dorléac donnait une impulsion internationale à notre réflexion qui m'allait bien puisque je faisais ma thèse en

histoire comparée, entre la France et l'Italie. Cela m'a amenée à écrire mon premier livre *Images et propagande* (1995) publié en France et en Italie par Casterman et Giunti. Il est paru avant ma thèse. Et cette perspective mondiale s'est ainsi imposée à moi, avant que le champ de l'histoire globale ne devienne vraiment expérimental.

A cette époque, je voyais plutôt cela dans une perspective universelle. C'est à Berlin entre 2002 et 2005 que j'ai commencé à toucher du doigt le concept de mondialisation dans le séminaire de Jürgen Kocka et Hartmut Kaelble. C'est là que j'ai rencontré Sebastian Conrad et d'autres jeunes chercheurs, tel Jakob Vogel qui, comme moi, cherchaient un cadre plus large que la comparaison.

Nous avons avancé dans cette direction quand j'ai pris la tête de l'Institut d'histoire du temps présent (IHTP, CNRS), un laboratoire de recherche. Avec mon directeur adjoint Christian Ingrao nous avons poussé en avant le concept d'histoire partagée, c'est-à-dire une plus grande intrication des thèmes et des équipes de recherche. A ce moment, j'ai rencontré Lim Jie-Hyun, un des meilleurs historiens coréens, à Séoul. Il a été notre véritable introducteur à l'histoire globale, car il remettait en cause toutes les logiques nationales comme obsolètes et pleines de préjugés dangereux pour le travail objectif sur le passé. A la même époque, j'ai rencontré José Eduardo Franco qui cherchait aussi à mettre au point

un concept d'histoire globale au Portugal. Pour cela, il commençait d'établir une équipe internationale et diversifiant les continents et les disciplines scientifiques. Lentement, cette approche du monde est devenue notre outil, presque notre réflexe, alors même que nous voyons aujourd'hui cet outillage contesté par les populistes et les nationalistes. Leur opposition spontanée, presque naïve montre leur inconscience d'être une fraction des processus que nous sommes justement en train de mettre au jour.

---

**De plus, pourriez-vous parler un peu des partenariats internationaux que vous développez et de leur importance pour vos institutions ?**

Au fil des ans, les liens se sont renforcés et internationalisés avec tous ces historiens. Il y a eu les multiples accords d'échanges européens (Erasmus, Socrates), avec les Italiens Alceo Riosa et Maurizio Ridolfi, passionnés d'images. Les colloques organisés avec la LUISS de Gaetano Quagliariello. Ou en Allemagne les accords avec Markus Behmer et l'université de Bamberg. Au Royaume-Uni Stephen Gundle a aussi contribué à construire un réseau d'internationaliste européen. Et Corey Ross, rencontré quand j'étais à Berlin à l'Alexander von Humboldt Stiftung puis au Centre Marc Bloch a été un partenaire de discussions fertiles.

Faire voyager des étudiants, rencontrer des collègues est la base de ce travail d'histoire partagée dans lequel je me situe. Sur le plan

institutionnel global, avec l'IHTP nous avons participé à l'université volante mise au point par Lim Jie Hyun. Puis nous avons fondé avec José Eduardo Le centre d'études globale avec l'Université Paris-Panthéon-Assas. Ce centre a obtenu une reconnaissance internationale en devenant chaire UNESCO. Cela nous a permis d'associer de nouveaux partenaires comme Jordan Plevnes, le recteur de l'université Europa Prima, à Skopje, en Macédoine.

Toutes ces expériences débouchent sur la création de la revue d'études *Global*, une revue internationale, entre France et Portugal sous la direction de José Eduardo Franco et de Valérie Devillard.

Ma grande difficulté a été de garder vivante cette activité tout en commençant une carrière médiatique. Car à force d'étudier ces sources, j'ai fini par passer de l'autre côté du miroir et par faire moi aussi des documentaires et des émissions consacrées à l'histoire. Or, dans ce cadre l'histoire est très fortement située, dans le national voire le local. Il faut donc exercer la pensée globale comme une dialectique pour interroger toutes les histoires.

Vu de loin, une forme de déconnexion se fait jour entre l'histoire destinée au grand public et celle échangées entre universitaires. Il est possible de les réconcilier mais en utilisant les codes attractifs des médias pour soutenir la pédagogie. C'est une question qui me semble essentielle de nos jours, alors que se

multiplie les « experts » et « influenceurs » en histoire, dont beaucoup n'ont pas une connaissance réelle des sources de premières mains, archives, ou autres.

---

**En tant que directeur du Département des sciences de l'information et de la communication de votre université, pourriez-vous nous dire quels sont les plus grands défis auxquels les médias sont confrontés aujourd'hui, dans votre pays et dans le monde, compte tenu des différentes réalités, cultures démocratiques, autocraties et États totalitaires ?**

La situation actuelle est très pénible pour les médias. Surtout par contraste avec le monde dont nous venons. En 30 ans la presse écrite a reculé comme jamais à l'échelle mondiale, même s'il existe encore des pays où elle reste puissante, tels le Brésil ou l'Inde. Dans le monde occidental, l'effondrement de la presse locale et de la presse nationale a pour effet une fragilisation de la démocratie et des logiques de vote rationnel des électeurs. C'est une révolution civique qui s'est jouée avec le basculement vers le numérique puis les réseaux sociaux. Même la télévision, naguère le média de masse par excellence, est dépassée. Elle tient encore quelques grands événements comme les jeux olympiques, les coupes du monde de football et certains moments politiques comme le couronnement de grands souverains, tel Charles III, mais sa place au quotidien est amoindrie. On se rend rétrospectivement compte du rôle fondamental qu'elle a joué pour l'extension de la démocratie dans

les années 1980 et 1990. Son éclipse laisse un monde moins objectivement visible par l'ensemble de la population d'un pays ou d'une région du monde.

Et il y a ce paradoxe des outils numériques dans lesquels l'adéquation au réel n'est pas un gage de succès. Pour l'historien, les phrases de sociologues des années 1960, comme Edgar Morin sonnent cruellement. Morin évoquait la mentalité contemporaine comme une sorte de Moyen Age moderne, avec des rumeurs absurdes prises au sérieux par un public prompt à suivre ses émotions. Nous en sommes encore là, avec pourtant un espoir que les outils numériques et l'IA puisse trouver à un moment un usage civique amélioré. Car leur état actuel illustre la formidable régression suscitée par la peur de la mondialisation. Les usages propagandistes, mensongers ou fantasmatiques correspondent à un moment de cette mise à disposition d'instruments qui vont connaître de nouveaux emplois, pas forcément pour le pire. Des indices témoignent de cette mutation à l'œuvre de manière discrète. Ce sont par exemple les nouveaux usages des applications téléphoniques et de la Block Chain qui permettent de basculer une partie de l'activité administrative sur les portables. La carte d'identité, le permis de conduire, l'état civil par exemple sont dématérialisés dans plusieurs pays d'Europe, de la Lettonie à la Macédoine en passant par l'Ukraine. Ces « super apps » deviennent des outils sérieux de communication entre l'État et le citoyen

et participent d'une forme de « Serious Turn » alors que tout allait vers le jeu, la facilité et le faux ludique ou manipulateur... Autre indice, le succès de médias de référence produits par des universités. On cite souvent les commentaires d'information d'Oxford, notamment en géopolitique. Mais quantité de cours et de diplômes accompagnent ce mouvement qui replace le savoir au centre de la pensée collective. Ce sont de petits signaux, mais qui montrent l'émergence d'une autre logique capable de limiter le puissant mouvement de tensions et de repli identitaire à l'œuvre dans de nombreux pays.

---

**Avec l'avancée des technologies numériques et de l'intelligence artificielle, considérez-vous qu'il soit possible de continuer à construire des sociétés plus ouvertes, notamment dans le contexte des grands conglomérats de communication, qui prônent l'initiative illimitée de leurs médias, sans aucun contrôle ni régulation ? Pourriez-vous nous expliquer quelle importance cela a pour le débat dans les institutions de recherche et de formation académique ?**

Le mouvement actuel est contradictoire dans le monde académique. Il y a visiblement un mouvement de fermeture avec des appels et des pétitions de collègues qui voient cette innovation comme un risque cognitif pour le cerveau de nos enfants. Ils regardent l'IA comme un outil à désapprendre, comme un support saisissant des compétences qui seront définitivement perdues pour les plus jeunes. Ils en-

visagent aussi le risque qu'une de ces entités deviennent si puissante qu'elle décide de se passer des humains ou de les asservir, même si pour l'instant l'IA n'a pas les outils d'interaction avec le réel pour garantir leur survie en toute autonomie. Certains professeurs réclament l'interdiction de l'usage de l'IA pour les étudiants, voire pour les enseignants afin de garantir la qualité de pesanteur intellectuelle de nos étudiants.

Face à eux un autre mouvement, plus nombreux me semble-t-il, constate que l'IA a déjà tout envahi. Elle est présente dans les entreprises, en particulier dans le journalisme et la communication ou des médias réclament de leurs employés qu'ils en fassent usage pour corriger des dépêches ou rédiger articles ou discours, en particulier pour des produits en ligne. Impossible donc d'y échapper. Il faut donc trier entre les usages acceptables, dangereux ou inadaptés à l'acquisition de savoir et de méthodes. Cela suppose de faire ce que de nombreuses universités ont commencé à établir : des chartes éthiques. On peut ainsi définir le cadre qui correspond l'exigence qui est la nôtre pour amener nos étudiants à une bonne capacité d'analyse et à des usages de l'IA qui soit maîtrisé suivant la nécessité des exercices et des enseignements.

Cette voie comporte, certes, des risques, comme lors de toutes les grandes révolutions techniques. Elle laisse aussi planer l'hypothèque écologique qu'entraîne ces outils qui

demandent toujours plus d'énergie et d'espace de stockage pour devenir plus efficient. Mais le rejet pur et simple constituerait une forme de démission alors que nos étudiants entrent dans un monde où ces outils seront présents partout sur la planète.

Enfin, gardons présent que toutes les activités ne peuvent être faites par une IA ou un robot, car cela n'aurait aucun sens. Ainsi une IA ne peut pas méditer à votre place. Une IA ne peut pas aimer à votre place. Ni éprouver la même joie spontanée devant le vol d'un papillon, le rire d'un enfant ou la caresse d'un chien. L'histoire nous apprend que tout n'est pas structures, récurrences. C'est une des rares disciplines qui réserve sa place à l'irréductible singularité de chaque moment, de chaque événement.



**La formation éthique des professionnels des médias reste une ligne directrice ou l'impact et la force du marché dans la recherche de profits dans le monde des affaires ont sapé et dilué ces frontières ?**

L'éthique professionnelle est fondamentale dans le monde des médias. D'autant plus à l'heure des *Fake News*, des *Deep Fake*. Les journalistes ont tôt compris l'importance de leur déontologie. La première charte de bonne conduite en France remonte à 1918. Elle a été modifiée et ajustée plusieurs fois, mais elle repose uniquement sur l'honneur professionnel. Elle n'établit pas de sanctions en cas de man-

quement. Seul le jugement des pairs compte. Aujourd'hui il y a des chartes dans la plupart des médias et des journalistes-déontologues occupent aussi des postes de médiateurs avec le public. Cela a amélioré les choses.

Dans le relativisme ambiant, ce travail est difficile et il est rendu encore plus difficile avec la montée en puissance des critiques par le ressenti. La subjectivité de la douleur, voire de la colère, que provoque une information et/ou la manière de la présenter met à mal les notions clé de « vérité » et « d'objectivité ». L'information est ainsi soumise au risque de poursuites judiciaires bien au-delà de la simple diffamation. Cela fait peser un risque sur les fondements mêmes du métier de journalistes, en l'occurrence apporter des nouvelles vraies, et cela risque aussi de réduire la liberté d'information. Cette question est d'autant plus sensible que les grandes institutions ont les moyens d'effectuer un harcèlement judiciaire pour empêcher les critiques à leur encontre et gêner l'émergence de lanceurs d'alerte en leur sein. Le travail d'investigation journalistique est donc fragilisé. Le risque à terme est que les médias ne deviennent des supports de communication et de publicité.

Les journalistes s'appuient peu sur la recherche et l'université pour défendre leurs capacités d'action. Au mieux ils participent à la formation, mais il n'y a pas de continuité entre le monde du savoir sur les médias et les médias eux-mêmes. Rares sont les chaires fi-

nancées par des médias. Nous en avons une à Assas, fondée par Nathalie Sonnac. Je l'ai dirigée pendant 6 ans, la chaire Audiovisuel et numérique, financée par le groupe Newen, un des plus grands producteurs français. Nous avons fait trois colloques internationaux qui permettaient de discuter la montée puissance des plateformes et leurs effets sur les grands groupes européens. Déjà, la question de la concentration des médias et de leur faiblesse face aux grands acteurs du numérique et de la finance était sensible. Lors du premier colloque en décembre 2017, la ministre de la Culture, Françoise Nyssen, avait défendu l'investissement dans des médias nationaux et européens, alors que les plateformes prenaient la part du lion des ressources publicitaires. Mais le même jour, le président de la République déclarait que « l'audiovisuel public, c'est une honte pour nos concitoyens ». Les intervenants à notre colloque, dont Delphine Ernotte, présidente de FranceTV, et Mathieu Gallet, président de Radiofrance ont préféré ne pas répondre à cette violente critique. C'est un des rares moments où le monde académique et celui des médias étaient prêts à faire front contre l'exécutif. Mais l'occasion a été perdue. Chacun a tracé sa route. Les universitaires ont vu l'intérêt de travailler sur les plateformes qui ont désormais de grosse capacité de financement de la recherche. Pour les historiens de la globalisation, ce moment d'alliance manquée montre que les outils transnationaux doivent être pris au sérieux. La puissance du

numérique réside dans sa déterritorialisation. Les États le savent qui veulent les enfermer dans des frontières, faire peser sur eux la souveraineté.

---

**Quels sont les rôles que jouent les grands agents de la communication dans les universités, dans la formation et la recherche aujourd'hui ? Considérez-vous un élément essentiel ou différentiel dans le contexte de la fin du siècle dernier aux premières décennies du XXI<sup>e</sup> siècle ?**

A l'IFP nous avons une forte contrainte d'intégration de nos étudiants dans l'emploi. Nous avons donc fortement rapproché nos formations des milieux professionnels. D'abord en incitant les étudiants à faire des stages ou des formations en alternance. Ensuite en ouvrant les portes au monde de l'entreprise et des administrations, en matière de communication. Nous invitons des dirigeants, des responsables, et toutes sortes d'acteurs de la communication à présenter des facettes de ces métiers. Nous avons ainsi pendant dix ans reçu le pape de la publicité Jacques Séguéla, qui présentait les marques à nos étudiants. Nous lui avons remis un diplôme d'honneur de l'université, son premier en communication, car il a reçu une formation de pharmacien, dans sa jeunesse ! Sont venus aussi Stéphane Fouks, chez Havas, Gauthier Piquet chez Publicis... Ou encore Blanca Juti, la formidable directrice de la communication de L'Oréal. Et encore récemment, la directrice de la communication Europe de Microsoft, Alexandra Laferrière... Pas

une semaine ne se passe sans qu'un opérateur du secteur ne soit dans nos murs.

A chaque fois, cela permet aux étudiants de voir concrètement ce que recouvre vraiment leur activité, leurs outils, les contraintes d'analyse et aussi leurs jugements sur les évolutions de la communication et des médias. Cela enrichit aussi les contenus de nos travaux de recherche, car nous voyons au jour le jour les transformations de la médiatisation au sens large, en l'occurrence la mutation entre les espaces médiatiques et numériques sous l'effet des innovations et des inventions. Et des usages sociaux, bien sûr.

---

**Quelles contributions les dynamiques récentes de la mondialisation, notamment dans un marché ouvert, où la mobilité des capitaux et des biens déplace leurs frontières d'origine, en chevauchant des intérêts et influences sur les décisions politiques dans différents pays, peuvent-elles apporter au monde des affaires et aussi aux institutions de communication publique ?**

Nous traversons une phase paradoxale de la globalisation. Le repli du commerce international est flagrant depuis 2007/2008. Il ne représente plus que le quart de ce qu'il était. L'OMC s'est progressivement mise en échec depuis l'entrée de la Chine en 2000. Ce pays a obtenu tant d'avantages que les autres ont multiplié les litiges pour essayer d'équilibrer. Résultat, l'organisation est paralysée. A cela s'ajoute la montée en puissance des re-

vendications populistes et nationalistes. Le mouvement est si fort que certains parlent de démondialisation. Le processus se serait retourné. Nous verrions la fin d'un siècle d'ouverture comme l'annonce le journaliste/économiste français François Lenglet dans *La fin de la mondialisation* (2013) et dans *Qui sera le prochain maître du monde ?* (2025). Ce sont des livres dont j'ai été l'éditeur et qui me marquent beaucoup. Car la géopolitique a des implications profondes sur le monde des médias.

La logique qui prévalait dans les années 1980-1990 consistait à élargir les audiences en établissant des supports de diffusion destinés au plus grand nombre. Les entreprises de téléphonie et d'électronique ont ouvert des tuyaux sur l'ensemble de la planète pour y diffuser ce que l'on a appelé « des contenus ». Ce n'était pas forcément de l'information, au contraire. Le divertissement, la musique, la fiction : tous les produits susceptibles d'attirer n'importe quel public. L'essentiel était de trouver l'audience la plus large possible. Le même raisonnement s'est appliqué avec l'émergence des réseaux sociaux. Cette fois, ce n'était même plus du divertissement mais du quotidien, de petites émotions avec un chat ou un chien. Le contenu est devenu basique et la circulation mondiale. Ces évolutions ont transformé les qualités des contenus pour être diffusable. Nous sommes passé des émissions de variété des années 1980-90 avec des chanteurs et des comiques, voire du sport, à des programmes de fiction internationale, les

séries, qui encore aujourd'hui rassemblent une audience mondiale, même quand ils viennent d'un petit pays d'Asie comme la Corée. *Squid Game* est un modèle de cette intégration globale. Une série qui dénonce les riches et les capitalistes et qui met la survie au-dessus de tout. Même ces séries paraissent en voie d'être dépassées par les contenus addictifs des réseaux sociaux et leurs vidéos courtes. Le paradigme du tuyau à remplir avec le plus de contenu possible montre une logique de changement de la culture populaire.

Difficile dans ce cadre d'utiliser les anciennes notions de la création culturelle. Pourtant, elles survivent. De grandes expositions internationales existent encore avec un immense succès. La fondation LVMH à Paris, le Moma à New York ou la fondation Gulbenkian à Lisbonne sont parmi ces lieux qui font vivre l'art, la création dans sa dimension classique. Tous parviennent à peser sur les médias et s'adaptent aux nouveaux médias pour diffuser leur activité. Et dans ce cadre, le monde scientifique a encore un impact suffisant pour établir chaque artiste à sa juste place et contribuer au débat sur la culture, voire le culturel. Et pour sortir de l'ombre des personnalités oubliées. Ce sont encore des scientifiques qui effectuent le travail d'authentification, de catalogage... Les sciences de l'information et de la communication ont leur place dans cet univers, comme l'histoire et l'histoire de l'art.

La survie de la qualité de pensée et de recherche suppose que les scientifiques tiennent aussi bien ces bastions anciens de la culture que les nouveaux outils, dont l'IA qui modifie l'espace de la pensée.

---

**Comment évaluez-vous l'importance de l'opinion publique et de la presse libre, dans le contexte de la constitution de mouvements capables de construire et d'avoir un impact positif sur les décisions des agents politiques dans les pays ?**

Où se trouve la rationalité aujourd'hui ? La question que vous posez postule que l'opinion publique et la presse libre serait mieux à même de résoudre les difficultés que les dirigeants politiques. Comme s'ils étaient les messies de la vérité. Mais la presse a aussi ses engagements et ses préjugés. Il suffit de lire les articles sur le conflit au Moyen-Orient pour mesurer combien l'objectivité est difficile à tenir pour la « presse libre ». Elle est souvent engagée, à gauche ou à droite, pour ou contre les Palestiniens ou les Israéliens... Les dirigeants politiques, aussi médiocres soient-ils, ont un degré d'information supérieur. Ils bénéficient de toutes sortes d'administrations qui leur donnent un avantage sur l'opinion publique ou les journalistes : services de renseignements, agences diplomatiques, services statistiques etc... Comme souvent, il n'y a pas d'un côté les chevaliers blancs et de l'autre les dragons. Mais une zone grise dans laquelle les choix sont évalués avec plus ou moins d'adéquation au réel. L'exemple de Trump est frap-

pant. Des décisions objectivement absurdes et illogiques voisinent avec des choix très rationnels sur le plan économique. Il cherche parfois à avantager des catégories d'Américains (compagnie pétrolières et gazières) et d'autres fois orientent les financements vers d'autres (mesure pour ses agriculteurs). Le jeu de l'intérêt contredit parfois le réel et toujours les opinions adverses. Le New York Times est un excellent journal, mais il a aussi ses préjugés antirépublicains qui lui font perdre de vue l'ambivalence des choix présidentiels.

Il faut donc conserver notre distance critique même par rapport à des acteurs comme ceux des médias, dont nous apprécions le travail. Souvent cette même presse de qualité occulte des sujets qui exercent un poids électoral considérable. Un exemple ? En France, l'annonce en 2018 de l'abaissement de la vitesse sur les routes départementales à 80 km/h était rationnel pour sauver des vies. Mais pour ceux qui vivent à la campagne, c'était insupportable, car cela remettait en cause leur sentiment de liberté de mouvement. Cette décision a déclenché - à la surprise de la presse de référence - un mouvement social d'une ampleur inégalée depuis mai 1968. La difficulté pour l'historien réside donc dans le choix des sources pour comprendre le temps présent. L'opinion publique est diffractée à travers tant de récits. Au Portugal, comment lire l'actualité et l'apparition en quelques années sur le premier plan de Chega ? A travers les sources internes de ce mouvement, se dessine

une épopée. Vu par de nombreux spécialistes, ce serait un retour des nostalgiques du salazarisme. Mais en élargissant la focale à l'Europe et aux Etats-Unis, en regardant la composition des thématiques de campagne, ce parti se situe dans la ligne des mouvements populistes nationalistes comme le Rassemblement national. Le changement de focal donne une autre indication. Ce n'est pas une tradition politique du XXe siècle qui revit, mais bien une dynamique antimondialisation du XXIe siècle.

---

**Le monde est de plus en plus complexe et confus, avec des tensions, des guerres et un commerce prédateur, etc. Mais on dit que « la publicité est l'âme de l'entreprise ». C'est ainsi que l'industrie, le commerce, les gouvernements, et surtout ceux qui les utilisent comme ressource pour se perpétuer au pouvoir, survivent. On peut imaginer des pays où les États autoritaires manipulent la population comme un moyen de gérer et de défendre leurs intérêts ou privilèges. Comment évaluez-vous la machine de propagande, coordonnée par le nazisme comme moyen de contrôler les atrocités, et comment les politiques actuelles des pays qui font la guerre aujourd'hui, comme Israël, les États-Unis d'Amérique, la Russie, l'Iran et d'autres, l'utilisent-elles comme une stratégie hégémonique de domination et de contrôle des populations ?**

Le retour du concept de propagande aujourd'hui nécessite des éclaircissements. Il avait été largement discrédité depuis les années 1960 au point que l'expression « communication politique » l'a remplacé, même dans les anciens pays communistes, après 1990.

Les dictatures aussi ont lâché ce mot pour celui de *Public Relations* et de communication. L'extension du nombre d'États démocratiques à cette époque explique largement la victoire intellectuelle sur une terminologie largement exploitée dans les régimes totalitaires du XXe siècle. Cette conception restrictive de la propagande comme sous-produit du totalitarisme faisait fi de la longue histoire de cette notion, née dans l'Église catholique pour signifier la « propagation » de la foi. Ensuite, elle est devenue synonyme d'éducation doctrinale, dans la vie publique. Lénine l'entendait comme cela.

Après son éclipse au profit de la communication, le terme commence à revenir à la faveur de l'invasion de l'Irak en 2003. Brusquement, le monde constate que le mensonge et la manipulation font retour dans la grande démocratie américaine. Le contrôle imposé aux journalistes « embedded » fait douter de la qualité de la communication militaire. Le mot de propagande revient dans le débat. Aujourd'hui, il signifie une communication stratégique (StratCom, chez les Britanniques), à savoir un usage de l'information et de la communication coordonné et global, hiérarchisé et aligné sur les intérêts civilo-militaires, dans le contexte de la guerre informationnelle. Cela ressemble fort à la propagande telle que la menait les démocraties au moment des guerres mondiales. Les analogies et les comparaisons favorisent ainsi le retour de ce vocable et de cette perspective dans le débat public.

Pourtant, presque rien n'a changé et les États continuent de faire face à des oppositions, des blocages et des pertes de crédibilité. La perspective du recul des démocraties et de décrédibilisation de la communication est générale. Les mensonges d'État ont une durée de vie très faible. Les populations feignent de les croire mais n'en pensent pas moins. Le régime iranien manifeste cette tension entre une minorité d'intérêt et de croyance qui n'a plus aucun crédit sur le reste de sa population soumise par la terreur davantage que par le consensus.

Dans l'entreprise, un changement similaire est à l'œuvre. Il ne s'agit pas seulement de faire de la publicité, un travail d'image et de marques inséré, cadré, dans une réputation elle-même mise en œuvre lors de grands événements. Non, il s'agit aussi de se situer par rapport à des grandes valeurs universelles qui sont le socle sur lequel les produits reposent. Les grandes marques ont leur mythologie : la liberté ce sont les jeans Levi's ; l'estime de soi serait L'Oréal ; ou encore la tradition est portée par Louis Vuitton ; l'artisanat non reproductible est le gage de Hermès... Pourtant le public oublie un peu ces notions. Elles s'inscrivent dans un nuage de sens qui mélange des images de produit, des articles de marque, des morceaux de vidéos et des fragments de discours. En somme, il existe un brouillard de l'économie, comme il existe un brouillard de la guerre quand se multiplient les tensions et que la concurrence conduit à des pertes de

repères, tant la communication se démultiplie à travers une multiplicité de supports et de contenus. La publicité n'est donc plus vraiment une consolation. Elle constitue un facteur supplémentaire de doute, voire une provocation pour une partie du public qui lui manifeste son hostilité. Notre temps n'est plus celui des masses abêties. Nous sommes au temps des individus actifs et des citoyens avides de participation et d'action.

---

**Professeur, puisque la revue s'appelle « e-Letras com Vida », en tant que professeur d'histoire, pourriez-vous nous dire quels sont les principaux enjeux qui vous préoccupent aujourd'hui ? Pourquoi ?**

On l'aura compris, je pense que nous sommes dans une époque de confusion des genres différente de celle des années 1980, pour lesquelles il existe une très forte nostalgie. L'actualité est très différente de notre lointain passé. Le monde européen a été marqué par la vieille tripartition qui s'est imposée depuis la haute antiquité jusqu'à l'époque moderne, nous a expliqué Georges Dumézil (*L'idéologie tripartite des Indo-Européens*, 1958) et Georges Duby (*Les trois ordres ou l'imaginaire du féodalisme*, 1978). L'imaginaire social était structuré en trois classes : les oratores, les bellatores et les laboratores ; ceux qui prient, ceux qui combattent et ceux qui travaillent. Le début de l'époque moderne ouvre une autre classification. Le monde de la prière se dilate dans celui de la culture qui englobe l'éducation ;

le monde des combattants s'élargi à la politique ce qui revient à inverser la formule de Clausewitz : la politique c'est la poursuite de la guerre par d'autres moyens, comme le pointait l'ethnologue Marc Abélès (*Un ethnologue à l'Assemblée*, 2000). Enfin, ceux qui travaillent, l'environnement économique, devient le premier en ordre. Ces trois secteurs, l'économie, la politique et la culture étaient fortement séparés encore au début du XXe siècle. Chacun d'eux avait ses propres critères de réussite et ne pouvait les imposer aux autres. Ils constituaient autant de principes de justice.

Les États totalitaires ont remis en cause ces cloisons virtuelles pour concentrer dans les mains des dirigeants politiques l'ensemble des activités, alors que les sociétés libérales tendaient à les laisser prospérer séparément. Le néolibéralisme des années 1980 a aussi rompu cette séparation en sommant l'économie de tous diriger, au nom de son efficacité. Ce mouvement a conduit à l'ouverture mondiale et à la puissance accrue des entrepreneurs.

Le retournement actuel voit la poursuite de ce mouvement mais avec un changement : l'économie est asservie à la politique souveraine. La puissance l'emporte sur la souveraineté entendue comme un ensemble de limites posées à la politique pour l'exercice des libertés. Le monde des affaires est maintenant soumis aux États, au nom de la tradition culturelle.

Le risque est donc un nouvel asservissement de la culture au moment où son expression même est troublée par l'émergence de nouveaux moyens de penser (IA) et de communiquer (réseaux, plateformes). L'enjeu est de maintenir un outil académique fort et stable. Or, les finances publiques sont aussi aspirées par le jeu de puissance. Il faut donc sans cesse prouver l'efficacité des travaux universitaires pour trouver des ressources financières privées. En somme, la pensée libre et gratuite, celle que l'on nomme fondamentale, risque de disparaître. Notre génération doit faire face à ce combat. Elle doit montrer qu'une aile de papillon n'est pas seulement utile pour comprendre l'aérodynamisme, ou encore la météorologie, mais qu'elle possède une poésie et une esthétique qui méritent notre attention. Notre créativité est ainsi soumise à un défi sans précédent à l'heure où la question des ressources limitées de la planète et du réchauffement climatique impose ses contraintes.

---

**L'exploitation des ressources naturelles a engendré de nombreux conflits et intérêts économiques dans les sociétés, entraînant le déplacement de populations en quête de survie et l'augmentation de la pauvreté dans le monde. Quelle est votre analyse des politiques des pays du capitalisme central, tels que les États-Unis d'Amérique et l'Europe, en matière d'immigration ?**

Nos pays ont été pionniers dans l'établissement du diagnostic. Ils ont inventé des techniques de lutte pour la réduction du taux de

CO2 dans l'atmosphère, avec les énergies renouvelables. Ils ont cherché des méthodes de réduction de la dépense énergétique. Le discours sur l'environnement a été très puissant au point d'engendrer une sorte de complexe de culpabilité et de réaction hostile dans la population. De fait, les classes populaires périurbaines, voire rurales, ont été frappées de plein fouet par les mesures environnementales. Ces travailleurs modestes circulent en voiture et les coûts de transports ont explosés, autant que les coûts de chauffage. Pour ces ménages pauvres, l'écologie est une contrainte économique forte. Leur mal être a ouvert la voie à des contestations et des projets politiques hostiles aux politiques environnementales à l'instar de Trump qui a pris le sujet du climat-scepticisme pour le convertir en voix. Son accession au pouvoir a conduit à une hausse de la place des hydrocarbures dans l'économie et la croissance américaine. Son but était de baisser le coût de l'énergie pour favoriser l'expansion. Mais ses choix géopolitiques ont finalement eu l'effet inverse. Dans un pays comme la France, le mouvement des gilets jaunes est issu de cette résistance aux politiques environnementales trop brutalement appliquées.

Dans le contexte des guerres actuelles, depuis l'invasion de l'Ukraine par la Russie, les sujets écologiques sont relégués au second plan. La montée des rivalités entre puissance impose un agenda de réarmement qui nécessite une réindustrialisation. Certes, on peut espérer que ces nouvelles armes et usines soient

plus éco-responsables, mais la pression russe, chinoise et américaine fait peser sur l'Europe ces investissements. Le danger d'une perte de souveraineté de l'Union européenne fait donc reculer les options environnementales, au point que dans le débat politique ces questions se sont éclipsées.

Pour un scientifique, cette posture n'est pas satisfaisante. L'horloge climatique continue de tourner, tout comme les risques sur la biodiversité. L'affirmation du droit international est la seule alternative pour lutter contre la renaissance des logiques impérialistes. La division entre puissances et leur course vers des marchés contrôlés par elles dégrade à terme les conditions de vie de l'humanité. C'est absurde. Notre engagement qui vise à maintenir des relations internationales et à introduire un regard global dans la pensée contemporaine a donc une valeur politique, car il réintroduit dans le débat les nécessités impérieuses de notre planète. Et cela vaut, bien sûr, sur la pauvreté et la famine à l'échelle mondiale. On oublie souvent de dire que l'ouverture de l'économie dans les années 1980 a permis de sortir près d'un milliard d'humains de la faim. Une régression sur ce terrain leur serait fatale.

---

**António Guterres, secrétaire de l'ONU, a déclaré que « l'humanité a ouvert les portes de l'enfer. En tenant compte de la richesse accumulée entre les mains de quelques personnes dans le monde, de l'exploitation du travail humain, qui est mal rémunéré, et de l'augmentation de l'extrême pauvreté dans de nombreux pays, que**

**considérez-vous nécessaire et possible pour inverser cette réalité et éviter l'épuisement de la nature dans le monde ?**

Cette phrase prononcée voici deux ans soulignait l'indifférence au risque planétaire déjà forte. Mais la question que vous posez va plus loin. Elle soulève une interrogation sur le modèle social et organisationnel des humains. Depuis que Deng Xiaoping a ouvert la Chine à l'économie de marché et que l'Union soviétique a éclaté, le modèle libéral a imposé sa marque en économie. Tous les pays ou presque reposent désormais sur une logique d'investissements entrepreneuriaux et sur le modèle d'une économie capitaliste. Et de fait, l'accumulation des richesses s'effectue sur les plus riches depuis cette époque. Ce sont eux dont les fortunes ont explosé à l'échelle mondiale. Aucun africain n'était milliardaire dans les années 1980, il y en a plus de 20 aujourd'hui. Et les quatre plus riches africains possèdent plus de 57 milliards d'euros soit plus que 750 millions d'habitants du continent. Les milliardaires concentrent une grande part de l'inversement. Et ce modèle se retrouve en Chine qui a déjà eu plus de milliardaire que les Etats-Unis. Ce tournant lié à la mondialisation depuis les années 1980 reflète un changement de mentalité. Là où le XXe siècle pensait que l'État était le meilleur agent pour concentrer et orienter les sommes les plus importantes, désormais s'impose le modèle de l'entrepreneur prophète censé détenir les clés de l'avenir. Et ces personnalités de premier plan tels Steve

jobs, Bill Gates, Larry Page, Elon Musk, Peter Thiel pour citer les Américains concentrent sur leur personne des sommes phénoménales. On est sorti, dirait les marxistes, du capitalisme monopolistique d'État pour entrer dans l'ère du capitalisme monopolistique patronal. Car tous cherchent l'exclusivité dans leur secteur et comptent sur l'innovation pour imposer leur projet et leur pouvoir. La nouveauté réside bien dans le fait que tous exercent une influence sur les pouvoirs publics et veulent même devenir des décideurs pour toute la société. Chacun connaît l'exemple de Silvio Berlusconi qui a osé faire en Italie, ce dont chacun d'eux rêve.

Le problème est que la confusion des pouvoirs économiques, culturels, et politiques baisse l'efficacité de chacun de ces secteurs et risque de créer les conditions d'une tyrannie... La séparation des pouvoirs n'est pas seulement une question de souveraineté démocratique. Il implique l'organisation sociale. La présence de plusieurs principes de justice dans une société est la seule qui garantisse un minimum de liberté aux individus. La féodalité s'est effondrée sur le constat de son faible rendement et du poids des contraintes que les élites faisaient peser sur les masses. Le risque serait de voir se reconstituer de tels entité politico-économico-culturelles au XXIe siècle.

---

**Est-il encore possible de parier sur le rêve de la Fraternité, de l'Égalité et de la Liberté, en tant qu'utopie de coexistence dans l'humanité ?**

**Y a-t-il des exemples où cela se produit aujourd'hui ?**

En fait, l'égalité et la liberté ne sont pas des utopies. Ce sont des objectifs très concrets et la fraternité aussi. Cette dernière est même entrée dans le droit constitutionnel français comme une obligation de secours à nos semblables. Ces notions éclairent des droits d'accès, des protections sanitaires et sociales. Elles incluent aussi des questions culturelles comme la préservation de mode de vie ou les pratiques religieuses.

De nombreux pays acceptent ces principes même s'ils sont moins nombreux qu'auparavant à le faire. Aujourd'hui encore, la moitié de la population mondiale vit en démocratie. Certes les atteintes aux principes sont nombreuses, mais le cadre est encore présent. Et la population de certains régimes autoritaires aspire à jouir de telles valeurs. Tout n'est pas perdu. De surcroît, quelques lieux imposent une vision de la fraternité avec une solidarité. On le voit bien dans des lieux de souffrance comme les hôpitaux. Des bénévoles sont prêts à aider les médecins. Et dans de nombreuses professions du *care*, du secours, ou dans des associations caritatives, les ressources de générosité paraissent infinies. Les liens numériques ne sont pas si distendus. La preuve, des cagnottes solidaires ont parfois atteint l'échelle planétaire. La Croix rouge l'a compris et a adapté son modèle aux nouveaux outils, signe que les donateurs ne sont pas moins généreux

qu'avant. Le drame aujourd'hui réside dans le désengagement de l'État qui sous la pression des besoins militaires réduit les aides aux associations de secours social.

---

**Avec les guerres en cours, peut-on dire que nous faisons face à la fin de l'ancien ordre mondial, démocratique, constitutionnel et justicier ? Pas selon votre évaluation, l'avenir des nations sera-t-il d'investir dans des armes pour la défense des « ennemis » internes et externes ?**

Le changement est plus lent et moins radical qu'il apparaît. Comme le changement d'atmosphère a été furtif avant d'être manifeste à la fin du XIXe siècle. Dans les années 1890, d'abord, le libre échange est remis en cause. Puis les rivalités reprennent et se fixent sur quelques points comme le Maroc ou les Balkans. Des conflits secondaires se développent dans le même temps, telle la guerre des Boers. Finalement un assassinat politique, celui de l'archiduc François-Ferdinand, le prince héritier d'Autriche-Hongrie, rompt le cours de cette lente dérive en déclenchant le conflit. Ce n'était pourtant pas le premier assassinat de ce type. L'impératrice Elisabeth d'Autriche avait aussi été victime d'un meurtre, mais cela n'avait pas engendré de réaction en chaîne. La mort de son fils et de sa belle-fille, au contraire, produisent une série d'événements presque mécaniquement jusqu'à la guerre. Nous n'en sommes pas exactement à ce moment, pourtant nous voyons bien que la Russie prépare une armée à l'horizon 2029-2030 avec 1,9

millions d'hommes (la plus grande d'Europe) avec la plus grande réserve de chars (7000) et la plus grande flotte aérienne. « On peut imaginer que Putin ne fait pas tout cela pour rien », me confiait un ambassadeur... D'autant plus que, selon Putin, l'OTAN est fragilisée par Trump et les désaccords entre alliés. Seule notre préparation peut nous éviter de se retrouver face à une déferlante. Le paradoxe est que l'historien sait que rien n'est écrit. Mais qu'il voit les tendances et donc les risques se dessiner de manière plus précise chaque jour. En Russie, rien n'est simple non plus. Vu par Putin, son propre État et son propre peuple sont aussi fatigués par les efforts demandés depuis 2014 et surtout depuis le 24 février 2022. Ils subissent la répression et leur lassitude peut faire trembler le système militaire en place. Nos démocraties sont parfois fragiles, parfois solide comme l'exemple ukrainien le démontre encore chaque jour. La faiblesse apparente actuelle des démocraties masque des structures de solidarité forte qui se réactivent dans les phases d'agression, comme l'a illustré la crise terroriste de 2015-2016.

---

**Dans ce contexte, comment évaluez-vous les attaques et le déclin des droits humains fondamentaux, des libertés et de la démocratie ? Les valeurs des Lumières peuvent-elles encore être considérées comme constitutives de la réalisation du projet humain ?**

Nous avons vécu avec une illusion, celle de la dynamique de l'Occident, telle que Norbert Elias (*La Dynamique de l'Occident*, Pocket, 2003) la pensait. Nous étions destinés à vivre dans des systèmes de plus en plus larges nous offrant de plus en plus de droit. Ce progrès continue devait conduire à un gouvernement du monde avec des peuples et des individus émancipés et libres, autant que responsables de leurs actions. Mais ce schéma se heurte à la réalité de recul de droits, inégaux selon les régions, et de progrès juridique dans quelques pays. Je pense aux transgenres ou aux homosexuels dont les droits ont progressé dans les grandes démocraties. Alors que dans le même temps les droits des immigrés ont reculé. La leçon est que les modèles sociologiques simplistes prévisionnistes ne fonctionnent pas. Les rapports de force varient et imposent une réévaluation constante de ce qui se joue sous nos yeux. Et alors s'impose l'évidence des mouvements contradictoires que suscite la globalisation sur la logique des identités sociales, ethniques et politiques. Le *Choc des Civilisations* dont Huntington a été le théoricien s'inscrit aussi dans cette logique de travail inégal des droits. Car, si les civilisations s'appuient sur une base religieuse, elles ont aussi une expression politique. Or chaque civilisation évolue avec sa propre échelle de valeurs et, parfois, en contradiction avec l'horloge des droits humains dont nous pensions qu'ils étaient mondiaux, mais qui, à l'évidence, ne sont pas partout respectés. Un historien

devine que ces formes d'organisation tendent malgré tout à s'aligner, car les peuples aussi font des comparaisons et essaient de trouver des modèles qui assurent leur survie et celle de l'humanité.

---

**Le professeur considère que les téléphones portables, les téléviseurs et les réseaux sociaux peuvent être considérés comme des ressources pour la construction d'un nouvel ordre mondial ?**

Les objets techniques ne suffisent pas à définir un régime politico-médiatique. Il faut encore des usages, un imaginaire et des représentations qui aillent dans ce sens. Les réseaux sociaux de nos jours sont dans une ambivalence. D'un côté, ils peuvent être une opportunité de savoir et d'information. Et de l'autre, des supports de fausses informations, de propagande et d'addictions régressives. Le téléphone portable est une bénédiction pour passer outre certains défis de la géographie. Il fait partie de ces outils qui rendent la terre plus petite. Il rapproche les familles et permet le travail à distance comme l'appel au secours en situation d'urgence. Mais le téléphone intelligent est déjà en passe d'être dépassés par les agents IA qui vont orienter nos comportements voir suppléer nos actions. La manipulation pourra entrer au cœur de nos foyers, si nous ne faisons pas le nécessaire pour entraver les usages abusifs ou dangereux. Cela renvoie donc à l'éducation et à ses principes fondateurs. Bien préparer les cerveaux de nos enfants et éviter une catastrophe cognitive

doit être aujourd'hui le but de tous les pédagogues. Et donc restreindre les usages des objets techniques pour les adapter aux besoins des sociétés.

---

**Pourriez-vous nous dire s'il existe des différences entre la propagande et les actes concrets des dirigeants dont les pays sont impliqués dans des guerres ?**

La communication a progressivement tout envahi dans l'action publique et dans la politique. Pour nombre de dirigeants aujourd'hui : dire, c'est agir ; communiquer, c'est décider. Les gouvernements ont donc un usage massif des outils de communication pour soutenir leur décision, contrer le discours de leurs adversaires et rendre plus efficace leurs actions. Les démocraties ont toutes cette manière de faire qui repose sur l'idée que le rôle des élus consiste à donner des orientations à leurs concitoyens, à modifier leur comportement. On a pu parler à propos de ces formes douces de manipulation de « paternalisme libéral » (Richard Thaler et Cass Sunstein, *Nudge*, 2008).

Les États autoritaires font de même. Mais avec la capacité décuplée de pouvoir faire taire leurs adversaires. La censure est leur arme absolue. Ils peuvent couper les services numériques, bloquer les plateformes, les réseaux sociaux et lancer des campagnes par tous les instruments de communication. En ce sens, la propagande est incontestable dans un

système où seul le gouvernement peut s'exprimer, sans opposition ni contestation.

Si bien que les démocraties, dans le contexte de guerres hybrides, pensent nécessaire parfois de réduire les libertés publiques face aux terroristes, aux franges radicalisées de la politiques et aux puissances rivales. Elles attaquent aussi les plateformes. La France a coupé Tik Tok en Nouvelle-Calédonie lors des émeutes indépendantistes, acte sans précédent dans notre démocratie. Cela revient à censurer un média légal. Nous ne l'avions pas fait depuis la guerre d'Algérie.

La Russie, certes, fait plus : elle coupe internet, ferme radios et télévisions, assassine les journalistes... Mais ce n'est pas la différence de degré de censure qui importe. C'est bien la différence de principe : dans ce pays, il n'y a pas de concurrence autour du pouvoir. La « démocratie souveraine », comme l'appelle les doctrines russes est avant un souverain sans démocratie, une monarchie qui s'est dégradée en tyrannie. Elle n'a rien à voir avec la démocratie et sa pratique communicationnelle est dans la droite ligne des pratiques autoritaro-totalitaires. On est donc bien en face d'une propagande qui n'hésite pas à mentir, désinformer et effectuer des opérations d'intoxication pour atteindre ses objectifs. La Chine se situe dans la même dynamique, l'Iran aussi, et tant d'autres...

Quand les démocraties emploient des procédés malhonnêtes comme le mensonge ou la tricherie, leurs gouvernements finissent par en payer le prix par la défaite et même des poursuites. Tony Blair, le premier ministre britannique qui a couvert le mensonge sur l'existence d'armes de destruction massive lors de l'invasion de l'Irak, en 2003, a vécu cette punition par la perte de confiance et l'obligation de se retirer. La différence est donc énorme entre la situation démocratique et celle des autocrates.

La plus grande menace sur l'information et la liberté intellectuelle réside pour les démocraties dans les exigences de la guerre. Clairement, si un conflit à haute intensité éclate en Europe, les gouvernements seront conduits à prendre des mesures d'exception et à instaurer un contrôle strict des libertés publiques et, en particulier, de la liberté d'expression. La population acceptera ces mesures avec une forme de consensus, comme elle a admis la suppression des sites terroristes et le blocage des accès digitaux pour lutter contre Daesh. Nous serons alors entrés en régime de propagande de guerre, comme nous l'avons vécu plusieurs fois au XXe siècle.

La difficulté de la période actuelle réside dans le fait que le conflit n'est pas encore ouvert, sauf sur le théâtre informationnel. Ici, la lutte pour la crédibilité et la cohésion nationale fait rage. D'où l'envie des gouvernements de prendre des mesures d'exception. Mais les

peuples y sont rétifs, car ils ne pensent pas cette action nécessaire ou honnête. Nul ne croit plus dans la bonne volonté des hommes politiques. Le retard se creuse donc entre démocraties et État autoritaires.

---

**En tant qu'analyste et historien, quels sont les scénarios que vous envisagez aux niveaux européen et international pour l'avenir de l'ONU ? Pensez-vous pouvoir encore exercer un pouvoir décisionnel sur les conflits et les destins de l'humanité ?**

L'ONU a connu des hauts et des bas. Elle traverse aujourd'hui un creux avec le risque d'être submergée par la vague suivante. Sa crédibilité s'est dégradée à cause de prises de position décalées qui favorisent les États non-démocratiques traditionnellement avers à son encontre et peu respectueux du droit. Cette erreur tient à sa structure même qui donne une place aux États sans tenir compte de leur système politique. Pourtant, nous devons la défendre car elle demeure le fondement du droit et que nous avons besoin d'une instance de discussion avec des règles claires, connues de tous. Ce qui n'est pas le cas des G 5, 7, 20 etc... Ces instances qui réunissent des chefs d'États et de gouvernement se déroulent avec des logiques très différentes et sans règles véritables sinon la présidence tournante et l'accord sur les sujets abordés. Le destin de l'humanité dépend donc de cadres qui sont inadaptés car incapables de prendre en compte les instances scientifiques prévi-

sionnelles. La grandeur de l'ONU est d'avoir su se hisser au niveau des exigences scientifiques sur le climat. Le GIEC a ainsi pu devenir un acteur international et unifier le constat sur la situation mondiale. Il faudrait élargir ce type de pratique pour restaurer une pensée collective nécessaire à notre survie.

---

**Quelle est votre évaluation des récentes attaques contre le droit international, qui ont conduit aux guerres actuelles ?**

Le droit du plus fort n'a jamais totalement disparu. En réalité, le droit international a pu prospérer parce que pendant environ vingt ans, l'hyperpuissance américaine a garanti ce système. La concurrence de la Chine pour le leadership mondial a fait éclater ce consensus mondial autour du plus fort. La concurrence entre les deux géants empêche la survie de l'ancien cadre juridique et crée une incertitude avant l'émergence d'un nouveau cadre légal global. Sans doute le verrons-nous dans quelques décennies. Son apparition lente explique les tensions actuelles et le retour à la loi du plus fort, du mieux équipé ou du plus habile. La puissance tient lieu de justification.

---

**Au-delà de la téléologie essentialiste, que peuvent nous dire les grands canons de la civilisation, en ces temps de pensée et de politique liquides ? Sommes-nous à la fin d'un cycle entre l'humain utopique et la prédominance des dystopies ?**

Le monde est divers. Aujourd'hui encore, toute la planète n'est pas affectée de la même manière par la hausse du cours du baril de pétrole, une crise agroalimentaire, voire un risque sanitaire. Toute la planète n'avance pas au même rythme, avec les mêmes espoirs ou les mêmes peurs. Le concept de globalisation n'éclaire pas un processus constant ou uniforme. L'idée de société liquide de Bauman est valide dans le monde occidental, mais à l'échelle universelle, elle n'est pas adaptée. Ce concept est aussi mis à mal par la revitalisation de structures traditionnalistes comme les religions. Ces dernières favorisent une stabilité qui remet en cause ce concept pensé dans le déploiement de l'individualisme et de la mondialisation. Or, la remontée des frontières et les réaffirmations identitaires questionnent cette lecture.

Et votre question laisse entendre que depuis un demi-siècle nous aurions connu un monde apaisé. Ce n'est qu'en partie vrai. Depuis les années 1980, il y a eu les famines au Darfour, au Soudan, en Éthiopie ; il y a eu le génocide du Rwanda, la guerre en ex-Yougoslavie avec son effroyable épuration ethnique, les crimes contre l'humanité au Kivu, au Sierra Leone, d'innombrables crises de réfugiés... Pour toute une fraction de l'humanité le monde était une vaste dystopie. Sans compter ceux qui ont péri noyés dans la Méditerranée en espérant rejoindre une poche de prospérité. L'historien voit de faibles oscillations mais ne peut

prendre au sérieux les slogans des dirigeants sur la paix mondiale, la fin de la pauvreté ou de la famine. Il sait que tout ne peut avancer que par des efforts longs, lourds, volontaires, et que les vrais changements ne sont pas de l'ordre du virtuel. La course spatiale qui s'engage en est la preuve. Elle engendre une nouvelle course technologique et scientifique pour la maîtrise des planètes et de leurs satellites. C'est une source d'espoir et d'inquiétude à la fois. Mais elle porte un horizon universel.

---

**Si ni le capitalisme ni le communisme n'étaient capables d'atteindre la plénitude humaine, que pouvons-nous attendre des sociétés du futur ?**

Heureusement que l'histoire de l'humanité ne se limite pas à deux formes d'organisation économiques et sociales. Même Marx pense que d'autres ont précédé : l'esclavage et la féodalité. Non, il reste de multiples formes d'organisation à imaginer et sans doute plusieurs viendront. Nous avons à peine connu des technocraties réelles, ni un gouvernement scientifique et, encore moins, une vraie démocratie directe d'une population vraiment éduquée. Et ces formes seraient sans doute imparfaites. Car les êtres humains sont des créatures au programme génétique incomplet. Ils ont une marge de manœuvre, un libre arbitre sur leur organisation, contrairement aux abeilles qui reproduisent mécaniquement le même schéma comportemental suivant leur fonction et leurs caractéristiques physiques. Le point à garder à l'esprit est que nous venons de très loin.

La grande histoire humaine, qui inclut les phases premières de notre évolution, depuis les lointaines petites souris qui sont nos ancêtres jusqu'au premier hominidé, suppose le développement d'intelligences hors normes dans des espèces que nous imaginons à la manière de Descartes comme des mécaniques sans émotion. Or, pour en arriver à nous, il a fallu que des individus en grand nombre sortent de la programmation que leurs gènes prévoient. Cela doit nous pousser à envisager différemment notre avenir. D'autres mutations sont possibles qui adapteront nos descendants à leur milieu, dans un modèle évolutionniste classique.

---

**Avec la fin des grands récits, peut-on dire, comme l'a dit Francis Fukuyama, que l'histoire est finie ?**

La vieille thèse de Fukuyama n'est plus guère défendue, si ce n'est comme une lecture philosophique et dialectique de la vie publique internationale, comprise comme une entreprise progressiste. Pour la gauche, cette thèse n'était pas tenable dès les années 1990, car elle supposait que la fin de l'histoire se jouerait dans un monde inégalitaire. Or, seule une égalité assumée peut faire cesser les soubresauts de l'histoire et faire des femmes et des hommes de simples organes à bonheur, sans conflits ni oppositions. Nous en sommes très loin.

Quant à la fin des grands récits, rien n'est moins sûr. D'autres récits s'imposent dans le débat et les esprits. Le cas le plus flagrant est celui issu

du film *Matrix*. Ce film de 1999, est maintenant pris au sérieux dans la sphère numérique. Est-il vraiment possible que nous vivions dans une simulation numérique contrôlée par une Intelligence Artificielle ? D'autres récits sur les extraterrestres gagnent aussi en profondeur. Les statistiques en ce sens ne cessent de croître. Surtout, c'est une erreur de croire que les populistes ne produisent pas de grands récits. L'adhésion à leurs idées repose largement sur une conception de l'évolution du pays et de la nation. Enfin, le récit libéral continue de prospérer. Tout cela indique que l'histoire n'est pas seulement dépendante de l'organisation socio-économique mais qu'elle embrasse aussi les croyances et la culture. Et sur ce terrain la conflictualité est loin de s'éteindre, provoquant une écriture nouvelle de l'évolution de notre temps.

---

**Et pour conclure, pour vous, l'avenir réside-t-il dans l'adaptation à l'ordre « économique » actuel de la « guerre », ou dans la réaction et la continuation de la construction d'un monde civilisé, comme une affirmation de nouvelles utopies ?**

Depuis Toynbee la question de l'histoire cyclique fait toujours retour. Les civilisations, selon lui, suivaient un cycle naturel de naissance d'expansion et de déclin. Sa théorie du *Challenge and Response* impliquait qu'une civilisation ne peut répondre à tout, car elle s'est forgée sur un défi qui lui a donné des caractéristiques durables. Elle doit donc mourir pour qu'un nouvel ordre civilisationnel

puisse répondre à ce nouveau défi. Tout cela est très théorique et vu de loin. Dans les faits les hommes passent d'une civilisation à une autre avec de longs cycles d'adaptation et des phases d'hésitation. C'est un regard rétrospectif. Nous voyons bien comment depuis le XIXe siècle plusieurs ordres se sont succédé et comment la notion même de civilisation a trouvé une utilité puis a été rejetée avant un renouveau autour de la question religieuse au début du XXIe siècle. Notre avenir n'est aucunement soumis à l'économie de guerre que nous voyons poindre, si ce nous représente l'humanité. L'Amérique latine, par exemple, a une stabilité sur ce plan, en dépit des crises économiques et sociales qui la ravage. En revanche, l'Europe a un impérieux besoin de se repositionner sur le plan militaire et stratégique si elle ne veut pas être lentement rayée de l'histoire. Et sur une échelle plus vaste, les Etats-Unis ne peuvent pas continuer ce jeu de puissance incontrôlée, s'ils ne veulent pas que bientôt leurs anciens alliés ne leur tournent le dos et choisissent l'autocratie chinoise qui finit par leur paraître plus fiable.

Et ces choix ne suffiront bien sûr pas à esquisser notre futur. Car une chose est sûre pour un historien : rien n'est écrit à l'avance et l'application des théories de sciences humaines et sociales ne permet d'entrevoir que des possibles, de donner des indications voire des prévisions. Mais ce ne sont jamais des prédictions ni des prophéties comme en énonce

des religieux et des politiques qui ont pour but de façonner l'avenir à leur main.

Les écrivains et les cinéastes s'amuse à imaginer un avenir. Leurs visions et images façonnent nos représentations. Mais nul ne sait laquelle de ces histoires du futur peut éclore, d'autant moins depuis que les récits se multiplient à travers une pluralité de médias.

---

**Merci beaucoup pour cet entretien. Quel message final aimeriez-vous laisser aux lecteurs ?**

Une chose me préoccupe. Comme historien, la préservation des choses les plus précieuses de notre passé me tient à cœur. J'aime fréquenter les musées, les sites archéologiques, les villes anciennes... chercher des traces du passé dans

des espaces très contemporains J'aime aussi rechercher les récits qui ont précédés ou inspirés ceux que j'entends de nos jours. Je suis toujours émerveillé devant une création originale et une nouveauté dans la combinaison d'une intrigue. J'apprécie les créateurs qui font revivre d'anciennes narrations avec de nouveaux outils ou qui en forgent de nouvelles adaptées à ces nouveaux supports. Je suis émerveillé de voir que plusieurs dizaines de milliers avant notre ère, des femmes et des hommes ont effectué des dessins. Je crois fondamentalement que notre créativité doit être préservée et ne pas se limiter à reproduire des modèles existants. Je compte sur cette aptitude des êtres humains pour que continue cette aventure unique.

## Interview with Fabrice d'Almeida, French historian and Head of the Department of Information and Communication Sciences at Paris Panthéon-Assas University



Interview conducted by  
**Celso João Carminati**<sup>1</sup>



**Fernando Coelho**<sup>2</sup>

<sup>1</sup> State University of Santa Catarina, Brazil; Universidade Aberta, Centre for Global Studies, Portugal. ORCID ID <https://orcid.org/0000-0002-3638-5489>.

<sup>2</sup> Translation into English by Fernando Coelho. Postdoctoral Fellow at Sorbonne University, France. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-2177-7017>.

Tuscia). In this context, he was awarded a fellowship by the prestigious Alexander von Humboldt Foundation at the Freie Universität Berlin, before working for two years at the Centre Marc Bloch.

Holding a PhD in History and qualified to supervise doctoral research, his academic career has unfolded in leading universities. He first served as Associate Professor at Paris Nanterre University before being appointed Director of the Institut d'Histoire du Temps Présent, and later becoming Full Professor of Contemporary History at Paris-Panthéon-Assas University, where he currently serves as Vice-President.

This remarkable academic path is further enriched by his numerous publications. In the intellectual world, Fabrice d'Almeida is a pioneer who has opened several fields of research that have since become central references in historical scholarship and in the humanities and social sciences. Since 1991, he has contributed to the creation of the fixed-image studies group and subsequently published *Images et Propagande* in French and Italian with Casterman and Giunti. This pioneering work demonstrates how industrial images were integrated into the history of propaganda from the nineteenth century onwards.

This line of inquiry was further developed in *Histoire des médias en France* (Flammarion) and *Propagande – Une histoire mondiale* (La Martinière). The aim of these works is to show

how popular imaginaries are constructed and what effects these mental representations have on the evolution of political societies.

Methodologically, his contribution has also been highly innovative. He was among the first scholars to propose a comparative historical method applied both to Italian and French political life (*La Politique au naturel*, Presses de l'École française de Rome) and to the internal logics of French and German political parties. Fabrice d'Almeida also introduced counterfactual history in France as a heuristic means of questioning social dynamics and structures, together with Anthony Rowley, in *Et si on refaisait l'histoire?* (Odile Jacob).

These works earned him several academic distinctions, including the Augustin Thierry Prize for his research on *Les Gardiens de camp de concentration et leurs loisirs* (Fayard), as well as invitations from numerous foreign universities: the University of Milan, LUISS Guido Carli, Sogang University, the Hamburg Institute for Social Research, Royal Holloway, University of London, and the University of Minho.

With the Universidade Aberta, Fabrice d'Almeida established deep research ties. There, he played a decisive role in the creation of the PhD Programme in Global Studies and in the approval of the UNESCO Chair in Global Studies, through the establishment of intercontinental academic networks that ensured its necessary internationalization.

He actively collaborates in the scientific ecosystem of Global Studies currently being consolidated around the new Centre for Global Studies at Universidade Aberta, serving on its international scientific advisory board and promoting research and publishing projects on the international stage. Particularly noteworthy is his role with the Collège international de philosophie in supporting the project of the “Global Dictionary of Human Rights”.

Over the last two years, he has been involved in strengthening cooperation between the Department of Communication at Paris II University and the Centre for Global Studies at Universidade Aberta in order to create an “Essential Dictionary of Global Studies”, bringing together scholars from different countries and systematizing the main research fields and concepts of this expanding area of study. This is an unprecedented project, as no comparable tool currently exists for identifying the leading authors and central issues of a field in full expansion.

In Portugal, special mention should be made of the publication of his work *História Global dos Ricos* (Lisbon, Cultura Editora, 2025), and this year the same publisher will release *História Global do Mal*.

Alongside his academic career, Fabrice d’Almeida has carried out significant work in

public commentary and the dissemination of knowledge through major French and international media, particularly television and radio. For seven years, on France 5, he presented historical documentaries in the programme «La Case du Siècle». He also wrote and directed dozens of television documentaries himself.

He was historical consultant for the Canadian documentary series «Love, Hate and Propaganda» (Radio-Canada, 12 episodes), and also presented and co-wrote the series «The Great Liars of History». In addition, he has carried out important work for major national radio stations. On France Culture, he was a monthly resident commentator on «La Fabrique de l’Histoire», while also hosting the daily programme «C’est historique!» on Europe 1. Over the last two years, he has written a weekly column for France Info.

This extensive media activity has earned him broad public recognition. He has received several distinctions for his outstanding services to the University, Science, Culture, and Society. He was awarded the Order of Arts and Letters by the French Minister of Culture, Roselyne Bachelot, and the National Order of Merit by former French President François Hollande.

Internationally, he has been awarded an Honorary Doctorate by the University Euro-Balkan and the Gold Medal of Cairo University.

**Professor d'Almeida, thank you for accepting the invitation of the Center for Global Studies to this interview. Thus, we ask you to introduce yourself, by telling us about your training, your career as a researcher and professor in the main French institutions as well as your most recent research projects and publications.**

The central point of my career is that I am a historian who is interested in the world and has sympathy for unwritten sources. And that goes back a long way. When I was a child, my uncle, Roland Topor, was a cartoonist. His gestures fascinated me. I loved watching him work. My mother used to write, but it seemed less magical than seeing a shape, an animal, a being, an object, appear on a blank page.

When I started working in history, it seemed obvious to me that images should contribute to our knowledge of the past and not only archives, such as those of the Socialist Party, on which I worked for a decade. I met various historians and museum curators, who are also passionate about mass images. We founded the Study Group of Fixed Images. In this context, there were specialists in drawing such as Christian Delporte, or in communist propaganda, such as Philippe Buton. And Laurent Gervereau and Laurence Bertrand-Dorléac gave an international impetus to our reflection, which suited me well, since I was doing my thesis in comparative history, between France and Italy. This led me to write my first book, *Images et Propaganda* (1995), published in France and Italy by Casterman and Giunti.

It was published before my thesis. And so this global perspective imposed itself on me, before the field of global history became truly experimental.

At that time, I saw it rather from a universal perspective. It was in Berlin between 2002 and 2005 that I began to explore the concept of globalization in the seminar of Jürgen Kocka and Hartmut Kaelble. It was there that I met Sebastian Conrad and other young researchers, such as Jakob Vogel, who, like me, was looking for a broader framework than comparison.

We moved in this direction when I took over as head of the Institute for the History of the Present Time (IHTP, CNRS), a research laboratory. With my deputy director Christian Ingraio, we have pushed forward the concept of shared history, i.e. a greater entanglement of themes and research teams. At that time, I met in Seoul Lim Jie-Hyun, one of the best Korean historians. He was our true introducer to global history, because he questioned all national logics as obsolete and full of prejudices dangerous for objective work on the past. At the same time, I met José Eduardo Franco who was also trying to develop a concept of global history in Portugal. To do this, he began to establish an international team, diversifying continents and scientific disciplines. Slowly, this approach to the world has become our tool, almost our reflex, even though we see today this tool being challenged by populists

and nationalists. Their spontaneous, almost naïve opposition shows their lack of awareness of being a fraction of the processes that we are bringing to light.

---

**In addition, could you talk a little about the international partnerships you are developing and their importance for your institutions?**

Over the years, the links with all these historians have been strengthened and internationalized. There have been multiple European exchange agreements (Erasmus, Socrates), with the Italians Alceo Riosa and Maurizio Ridolfi, who are passionate about images. The colloquiums organized with the LUISS of Gaetano Quagliariello. Or in Germany, the agreements with Markus Behmer and the University of Bamberg. In the United Kingdom, Stephen Gundle has also helped to build a network of European internationalists. And Corey Ross, whom I met when I was in Berlin at the Alexander von Humboldt Stiftung and then at the Centre Marc Bloch, was a partner in fertile discussions.

Getting students to travel and meeting colleagues is the basis of this work of shared history in which I am situated. On the global institutional level, with the IHTP we participated in the flying university developed by Lim Jie Hyun. Then we founded the Center for Global Studies together with José Eduardo with the University of Paris-Panthéon-Assas. This centre has gained international recogni-

tion by becoming a UNESCO Chair. This has allowed us to bring together new partners such as Jordan Plevnes, the rector of Europa Prima University, in Skopje, Macedonia.

All these experiences led to the creation of the study journal *Global*, an international journal, between France and Portugal, under the direction of José Eduardo Franco and Valérie Devillard.

My great difficulty was to keep this activity alive while starting a media career. Because by means of studying these sources, I ended up going to the other side of the mirror and making documentaries and programs dedicated to history myself. However, in this context, history is very strongly situated, in the national or even the local. It is therefore necessary to exercise global thinking as a dialectic in order to question all histories.

Seen from afar, a form of disconnection emerges between the history intended for the general public and that exchanged between academics. It is possible to reconcile them, but by using the attractive codes of the media to support pedagogy. This is a question that seems essential to me nowadays, as there is an increase in the number of «experts» and «influencers» in history, many of whom do not have a real knowledge of first-hand sources, archives, or others.

---

**As director of the Department of Information and Communication Sciences at your university, could you tell us what the biggest challenges facing the media today are, in your country and around the world, given the different realities, democratic cultures, autocracies and totalitarian states?**

The current situation is very painful for the media. Especially in contrast to the world we come from. In 30 years, the written press has declined like never before on a global scale, even if there are still countries where it remains powerful, such as Brazil or India. In the Western world, the collapse of the local and national press has had the effect of weakening democracy and the rational logic of voters. It is a civic revolution that has been played out with the shift to digital and then social networks. Even television, once the mass media par excellence, is outdated. It still holds some major events such as the Olympic Games, the football World Cups and certain political moments such as the coronation of great sovereigns, such as Charles III, but its place in daily life is diminished. In retrospect, we realize the fundamental role it played in the spread of democracy in the 1980s and 1990s. Its eclipse leaves a world less objectively visible to the entire population of a country or region of the world.

And there is this paradox of digital tools in which the adequacy of reality is not a guarantee of success. For the historian, the phrases of the sociologists of the 1960s, such as Edgar Morin, sound cruel. Morin evoked his contem-

porary mentality as a kind of modern Middle Ages, with absurd rumors taken seriously by a public ready to follow its emotions. We are still there, with the hope that digital tools and AI will be able to find an improved civic use at some point. Because their current state illustrates the tremendous regression caused by the fear of globalization. Propagandistic, lying or fantastical uses correspond to a moment in this provision of instruments that will be used again, not necessarily for the worse. There are signs of this transformation at work in a discreet way. For example, it is the new uses of telephone applications and the Block Chain that make it possible to switch part of the administrative activity to mobile phones. Identity cards, driving licenses, civil status, for example, are dematerialized in several European countries, from Latvia to Macedonia and Ukraine. These «super apps» become serious tools of communication between the State and the citizen and participate in a form of «Serious Turn», when everything was moving towards play, ease and playful or manipulative fake... Another indication is the success of reference media produced by universities. Oxford news commentaries are often quoted, especially in geopolitics. But a number of courses and diplomas accompany this movement, which puts knowledge back at the center of collective thought. These are small signals, but they show the emergence of another logic capable of limiting the powerful movement of

tensions and identity withdrawal at work in many countries.

---

**With the advancement of digital technologies and artificial intelligence, do you think it is possible to continue to build more open societies, especially in the context of the large communication conglomerates, which advocate unlimited initiative in their media, without any control or regulation? Could you explain to us what importance this has for the debate in research and academic training institutions?**

The current movement is contradictory in the academic world. There is clearly a movement to close it, with calls and petitions from colleagues who see this innovation as a cognitive risk for our children's brains. They see AI as a tool to be unlearned, as a striking support for skills that will be definitively lost for the youngest. They also consider the risk that one of these entities will become so powerful that it decides to do without humans or to enslave them, even if for the moment AI does not have the tools to interact with reality to guarantee survival in complete autonomy. Some professors are calling for a ban on the use of AI for students, or even for teachers, in order to guarantee the quality of our students' intellectual capabilities.

Faced with them, another movement, more numerous it seems to me, notes that AI has already become pervasive. It is present in companies, particularly in journalism and communication, where the media require their

employees to use it to correct news stories or write articles or speeches, especially for on-line products. So, there is no escaping it. It is therefore necessary to sort out the acceptable, dangerous or unsuitable uses for the acquisition of knowledge and methods. This means doing what many universities have begun to establish: ethical charters. We can thus define the framework that corresponds to our requirements to bring our students to a good capacity for analysis and to uses of AI that are mastered according to the needs of the exercises and teachings.

This path certainly involves risks, as with all major technical revolutions. It also carries the ecological cost that these tools entail, which require more and more energy and storage space to become more efficient. But outright rejection would be a form of resignation as our students enter a world where these tools will be present all over the planet.

Finally, let's keep in mind that not all activities can be done by an AI or a robot, because it would make no sense, so an AI cannot meditate on your behalf. An AI can't love for you. Nor can we experience the same spontaneous joy at the flight of a butterfly, the laughter of a child or the caress of a dog. History teaches us that not everything is structure, recurrence. It is one of the few disciplines that reserves its place for the irreducible singularity of each moment, of each event.

---

**Does the ethical training of media professionals still serve as a guiding principle, or have market pressures and the pursuit of profit undermined these boundaries?**

Professional ethics are fundamental in the world of media. Even more so in the age of *Fake News* and *Deep Fake*. Journalists quickly understood the importance of their ethics. The first charter of good conduct in France dates to 1918. It has been modified and adjusted several times, but it is based solely on professional honor. It does not establish penalties for non-compliance. Only the judgment of peers counts. Today, there are charters in most media outlets and journalists-deontologists also hold positions as mediators with the public. It has improved things.

In the prevailing relativism, this work is difficult and it is made even more difficult with the rise of criticism by feeling. The subjectivity of the pain, or even anger, caused by information and/or the way it is presented undermines the key notions of «truth» and «objectivity». Information is thus subject to the risk of legal proceedings far beyond simple defamation. This poses a risk to the very foundations of the journalistic profession, in this case providing true news, and it also risks reducing freedom of information. This issue is all the more sensitive because the major institutions have the means to carry out judicial harassment to prevent criticism against them and to hinder the emergence of whistleblowers

within them. Journalistic investigative work is therefore weakened. The risk in the long term is that the media will become communication and advertising media.

Journalists rely little on research and academia to defend their ability to act. At best they participate in training, but there is no continuity between the world of knowledge about the media and the media themselves. Few chairs are funded by the media. We have one in Assas, founded by Nathalie Sonnac. I directed it for 6 years, the Audiovisual and Digital Chair, financed by the Newen group, one of the largest French producers. We held three international conferences that discussed the rise of platforms and their effects on large European groups. Already, the issue of media concentration and their weakness in the face of the major digital and financial players was sensitive. At the first symposium in December 2017, the Minister of Culture, Françoise Nyssen, defended investment in national and European media, while the platforms took the lion's share of advertising resources. But on the same day, the President of the Republic declared that «public broadcasting is a disgrace for our fellow citizens». The speakers at our conference, including Delphine Ernotte, president of France TV, and Mathieu Gallet, president of Radio France, preferred not to respond to this violent criticism. It was one of the rare moments when the academic and media worlds were ready to stand up against the executive. But the op-

portunity was lost. Everyone has traced their own path. Academics have seen the value of working on platforms that now have a large capacity to fund research. For historians of globalization, this moment of failed alliance shows that transnational tools must be taken seriously. The power of digital technology lies in its deterritorialization. States know this, and they want to confine them within borders, to make them feel sovereignty.

---

**What are the roles played by the major communication agents in universities, in training and research today? Do you consider them an essential or distinguishing element in the context of the end of the last century to the first decades of the twenty-first century?**

At IFP, we have a strong focus on the integration of our students into employment. We have therefore brought our training courses closer to professional circles. Firstly, by encouraging students to do internships or work-study programmes. Secondly, by opening the doors to the world of business and administration, in terms of communication. We invite CEOs, managers, and all kinds of communication actors to present aspects of these jobs. For ten years, we received one of the leading figures in advertising, Jacques Séguéla, who presented the brands to our students. We gave him an honorary diploma from the university, his first in communication, because he studied pharmacy in his youth! Stéphane Fouks, from Havas, Gauthier Piquet from Publicis... Or Blanca Juti,

the formidable director of communications at L'Oréal. And even recently, Microsoft's director of communications for Europe, Alexandra Laferrière... Not a week goes by without a major figure from the sector being within our walls.

Each time, this allows students to see concretely what their activity really covers, their tools, the constraints of analysis and also their judgments on the evolution of communication and the media. It also enriches the content of our research work, because we see on a daily basis the transformations of media coverage in a broad sense, in this case the mutation between media and digital spaces under the effect of innovations and inventions. And social uses, of course.

---

**What contributions can the recent dynamics of globalization, especially in an open market, where the mobility of capital and goods shifts their original borders, overlapping interests and influences on political decisions in different countries, bring to the business world and to public communication institutions?**

We are going through a paradoxical phase of globalization. The decline in international trade has been evident since 2007/2008. It is now only a quarter of what it used to be. The WTO has gradually failed since China's entry in 2000. This country has obtained so many advantages that the others have multiplied disputes to try to balance. As a result, the organization is paralyzed. Added to this is the rise of populist and nationalist demands. The

movement is so strong that some are talking about deglobalization. The process would be reversed. We would see the end of a century of openness as the French journalist/economist François Lenglet announces in *La fin de la mondialisation* (2013) and *Qui sera le prochain maître du monde?* (2005). These are books that I edited and that make a big impression on me. Because geopolitics has profound implications for the world of media.

The logic that prevailed in the 1980s and 1990s was to broaden audiences by establishing broadcasting media intended for the greatest number of people. Telephone and electronics companies have opened pipes all over the world to broadcast what has been called «content». It wasn't necessarily information, on the contrary. Entertainment, music, fiction: all products that can attract any audience. The main thing was to find the widest possible audience. The same reasoning has applied with the emergence of social networks. This time, it was not even entertainment but everyday, small emotions with a cat or a dog. The content has become basic and circulation worldwide. These developments have transformed the qualities of content to be worth broadcasting. We have gone from the variety shows of the 1980s and 90s with singers and comedians, even sports, to international fiction programmes, series, which still today attract a global audience, even when they come from a small Asian country like Korea. *Squid Game* is a model of this global integration. A series

that denounces the rich and capitalists and puts survival above all else. Even these series seem to be on the way to being overtaken by the addictive content of social networks and their reels. The paradigm of communication channels needing to be constantly filled with as much content as possible shows a logic of change in popular culture.

In this context, it is difficult to use the old notions of cultural creation. Yet they survive. Major international exhibitions still exist with immense success. The LVMH Foundation in Paris, the MoMA in New York and the Gulbenkian Foundation in Lisbon are among the places that bring art and creation to life in their classical dimension. All of them manage to influence the media and adapt to the new media to spread their activity. And in this context, the scientific world still has enough impact to establish each artist in his or her rightful place and contribute to the debate on culture, or even the cultural. And to get out of the shade of forgotten personalities. There are still scientists who carry out the work of authentication, cataloguing... Information and communication sciences have their place in this universe, as do history and art history.

The survival of the quality of thought and research requires scientists to hold these old bastions of culture as well as new tools, including AI, which is changing the space of thought.



**How do you assess the importance of public opinion and the free press, in the context of the creation of movements capable of building and having a positive impact on the decisions of political agents in countries?**

Where is rationality today? The question you ask postulates that public opinion and the free press would be better able to solve the problems than political leaders. As if they were the messiahs of truth. But the press also has its commitments and prejudices. One only has to read the articles on the conflict in the Middle East to measure how difficult objectivity is for the «free press». It is often committed, on the left or the right, for or against the Palestinians or the Israelis... Political leaders, however mediocre, have a higher level of information. They benefit from all kinds of administrations that give them an advantage over public opinion or journalists: intelligence services, diplomatic agencies, statistical services, etc. As is often the case, there are not the white knights on one side and the dragons on the other. But a grey area in which choices are evaluated with more or less adequacy to reality. Trump's example is striking. Objectively absurd and illogical decisions rub shoulders with very rational choices from an economic point of view. It sometimes seeks to benefit certain categories of Americans (oil and gas companies) and other times directs financing towards others (measures for their farmers). The game of interest sometimes contradicts reality and always the opposing opinions. *The*

*New York Times* is an excellent newspaper, but it also has its anti-republican prejudices that cause it to lose sight of the ambivalence of presidential choices.

We must therefore maintain our critical distance even from actors such as those in the media whose work we appreciate. Often this same quality press obscures subjects that carry considerable electoral weight. An example? In France, the announcement in 2018 of the lowering of the speed limit on departmental roads to 80 km/h was rational to save lives. But for those who live in the countryside, it was unbearable, because it called into question their feeling of freedom of movement. This decision triggered - to the surprise of the leading press - a social movement on a scale not seen since May 1968. The difficulty for the historian therefore lies in the choice of sources to understand the present time. Public opinion is divided through so many narratives. In Portugal, how can we read the news and the appearance in a few years on the foreground of Chega? Through the internal sources of this movement, an epic emerges. Seen by many specialists, it would be a return of those nostalgic for Salazarism. But by broadening the focus to Europe and the United States, by looking at the composition of the campaign themes, this party is in line with nationalist populist movements such as the *Rassemblement national*. The change of focus gives another indication. It is not a political tradition of the twentieth century that is being revived,

but rather an anti-globalization dynamic of the twenty-first century.

---

**The world is increasingly complex and confused, with tensions, wars and predatory trade, etc. But they say that «advertising is the soul of the business». This is how industry, commerce, governments, and especially those who use them as a resource to perpetuate themselves in power, survive. One can imagine countries where authoritarian governments manipulate the population as a means of managing and defending their interests or privileges. How do you assess the propaganda machine, coordinated by Nazism as a means of controlling atrocities, and how do the current policies of countries that are waging war today, such as Israel, the United States of America, Russia, Iran and others, use it as a hegemonic strategy of domination and control of populations?**

The return of the concept of propaganda today requires clarification. It had been widely discredited since the 1960s to the point that the expression «political communication» replaced it, even in the former communist countries, after 1990. Dictatorships have also dropped this word on behalf of *Public Relations* and *Communication*. The expansion of the number of democratic states at this time largely explains the intellectual victory over terminology widely exploited in the totalitarian regimes of the twentieth century. This restrictive conception of propaganda as a by-product of totalitarianism ignored the long history of this notion, which originated in the Catholic Church to signify the «propagation» of the faith. Then, it became synonymous with

doctrinal education in public life. Lenin understood it like this.

After its eclipse in favor of communication, the term began to return thanks to the invasion of Iraq in 2003. Suddenly, the world sees that lies and manipulation are making a comeback in the great American democracy. The control imposed on *embedded* journalists raises doubts about the quality of military communication. The word propaganda comes up in the debate. Today, it means strategic communication (StratCom, for the British), i.e. a coordinated and global use of information and communication, hierarchical and aligned with civil-military interests, in the context of information warfare. This is very similar to the propaganda carried out by democracies at the time of the world wars. Analogies and comparisons thus encourage the return of this term and this perspective to the public debate.

However, almost nothing has changed and states continue to face opposition, blockages and loss of credibility. The prospect of the decline of democracies and the discrediting of communication is general. State lies have a very short lifespan. People may pretend to believe them, but they continue to think for themselves. The Iranian regime manifests this tension between a minority of interests and beliefs that no longer has any credit over the rest of its population, which is subjugated by terror rather than by consensus.

In the private sector, a similar change is underway. It is not just a question of advertising, a work of image and brands inserted, framed, in a reputation that is itself implemented during major events. No, it is also a question of situating oneself in relation to the great universal values that are the foundation on which the products are based. The big brands have their mythology: freedom is Levis jeans; self-esteem would be L'Oréal; or tradition is carried by Louis Vuitton; non-reproducible craftsmanship is the guarantee of Hermès... However, the public forgets these notions a little. They are part of a cloud of meaning that mixes product images, branded items, video clips, and fragments of speech. In short, there is a fog of the economy, just as there is a fog of war when tensions multiply and competition leads to a loss of bearings, as communication multiplies through a multiplicity of media and content. Advertising is therefore no longer really a consolation. It constitutes an additional factor of doubt, even a provocation for a part of the public who show their hostility to it. Our time is no longer that of the dumb masses. We are in the era of active individuals and citizens eager for participation and action.

---

**Professor, since the journal is called «e-Letras com Vida», as a history teacher, could you tell us what are the main issues that concern you today? Why?**

As you can see, I think we are in a different era of gender confusion than in the 1980s,

for which there is a very strong nostalgia. The current situation is very different from our distant past. The European world has been marked by the old tripartition that has imposed itself from high antiquity to the modern era, Georges Dumézil (*L'idéologie tripartite des Indo-Européens*, 1958) and Georges Duby (*Les trois ordres ou l'imaginaire du féodalisme*, 1978) explained to us. The social imaginary was structured into three classes: the *oratores*, the *bellatores* and the *laboratores*; those who pray, those who fight and those who work. The beginning of the modern period opens up another classification. The world of prayer expands into that of culture which includes education; the world of combatants expands to include politics, which amounts to reversing Clausewitz's formula: politics is the continuation of war by other means, as the ethnologist Marc Abélès pointed out (*Un ethnologue à l'Assemblée*, 2000). Finally, those who work, the economic environment, become the first in order. These three sectors, the economy, politics and culture, were still strongly separated at the beginning of the twentieth century. Each of them had their own criteria for success and could not impose them on the others. They were in fact principles of justice.

Totalitarian states have challenged these virtual partitions to concentrate all activities in the hands of political leaders, whereas liberal societies tended to let them prosper separately. The neoliberalism of the 1980s also broke this separation by requiring the economy to run

everything, in the name of its efficiency. This movement has led to global openness and the increased power of entrepreneurs.

The current reversal sees the continuation of this movement but with one change: the economy is subservient to sovereign politics. Power prevails over sovereignty, understood as a set of limits placed on politics for the exercise of freedoms. The business world is now subservient to the States, in the name of cultural tradition.

The risk is therefore a new enslavement of culture at a time when its very expression is disturbed by the emergence of new ways of thinking (AI) and communication (networks, platforms). The challenge is to maintain a strong and stable academic tool. However, public finances are also sucked into the power game. It is therefore necessary to constantly prove the effectiveness of academic work in finding private financial resources. In short, free and gratuitous thought, considered fundamental, is in danger of disappearing. Our generation must face this fight. It must show that a butterfly wing is not only useful for understanding aerodynamics, or meteorology, but that it has poetry and aesthetics that deserve our attention. Our creativity is thus subject to an unprecedented challenge at a time when the issue of the planet's limited resources and global warming imposes its constraints.

**The exploitation of natural resources has given rise to many conflicts and economic interests in societies, leading to the displacement of populations in search of survival and the increase in poverty around the world. What is your analysis of the immigration policies of the countries of central capitalism, such as the United States of America and Europe?**

Our countries have been pioneers in establishing the diagnosis. They have invented techniques to reduce the level of CO<sub>2</sub> in the atmosphere, with renewable energies. They looked for methods to reduce energy expenditure. The discourse on the environment has been very powerful to the point of generating a kind of guilt complex and a hostile reaction in the population. In fact, the peri-urban and even rural working classes have been hit hard by environmental measures. These modest workers travel by car, and transport costs have exploded, as well as heating costs. For these poor households, ecology is a strong economic constraint. Their malaise has paved the way for protests and political projects hostile to environmental policies, such as Trump, who took the subject of climate-skepticism and converted it into a voice. His rise to power has led to an increase in the place of hydrocarbons in the American economy and growth. Its purpose was to lower the cost of energy to promote expansion. But his geopolitical choices have eventually had the opposite effect. In a country like France, the yellow vest movement is the result of this

resistance to environmental policies that are too brutally applied.

In the context of the current wars, since Russia's invasion of Ukraine, ecological issues have been relegated to the background. The rise of rivalries between powers imposes a rearmament agenda that requires reindustrialization. Of course, we can hope that these new weapons and factories will be more eco-responsible, but Russian, Chinese, and American pressure is putting these investments on Europe. The danger of a loss of sovereignty by the European Union is therefore pushing back environmental options, to the point that in the political debate these issues have been eclipsed.

For a scientist, this attitude is not satisfactory. The climate clock continues to tick, as do the risks to biodiversity. The affirmation of international law is the only alternative to fight the revival of imperialist logic. The division between powers and their race towards markets controlled by them ultimately degrade the living conditions of humanity. This is absurd. Our commitment to maintaining international relations and introducing a global perspective into contemporary thought therefore has a political value, because it reintroduces the imperative needs of our planet into the debate. And this applies, of course, to poverty and hunger on a global scale. We often forget to say that the opening of the economy in the 1980s helped take nearly a billion people out

of hunger. A regression in this area would be fatal to them.

---

**António Guterres, UN Secretary-General, said that «humanity has opened the gates of hell». Taking into account the wealth accumulated in the hands of a few people in the world, the exploitation of human labor, which is poorly paid, and the increase in extreme poverty in many countries, what do you consider necessary and possible to reverse this reality and avoid the depletion of nature in the world?**

This sentence, pronounced two years ago, underlined the already strong indifference to global risk. But the question you ask goes further. It raises a question about the social and organizational model of humanity. Since Deng Xiaoping opened China to the market economy and the Soviet Union broke up, the liberal model has made its mark in economics. Almost all countries are now based on the logic of entrepreneurial investments and on the model of a capitalist economy. And in fact, the accumulation of wealth has been carried out on the richest since that time. They are the ones whose fortunes have exploded on a global scale. No African was a billionaire in the 1980s, there are more than 20 today. And the four richest Africans own more than 57 billion euros, more than the combined wealth of 750 million inhabitants of the continent. Billionaires concentrate a large part of the investment. And this model is found in China, which has already had more billionaires than the United States. This turning point linked

to globalization since the 1980s reflects a change in mentality. Where the twentieth century thought that the state was the best agent for concentrating and directing the largest sums, the model of the prophetic entrepreneur who is supposed to hold the keys to the future is now the rule. And these leading personalities such as Steve Jobs, Bill Gates, Larry Page, Elon Musk, Peter Thiel, to name and mention the Americans, are concentrating phenomenal sums of money on themselves. We have left, as the Marxists would say, the state monopoly capitalism to enter the era of monopoly capitalism of the bosses. Because all of them are looking for exclusivity in their sector and are counting on innovation to impose their project and their power. What is new is that everyone has an influence on the public authorities and even wants to become decision-makers for society as a whole. Everyone knows the example of Silvio Berlusconi, who dared to do in Italy what each of them dreams of.

The problem is that the confusion of economic, cultural, and political powers diminishes the effectiveness of each of these sectors and risks creating the conditions for tyranny... The separation of powers is not only a question of democratic sovereignty. It involves social organization. The presence of several principles of justice in a society is the only one that guarantees a minimum of freedom to individuals. Feudalism collapsed on the realization of its low yield and the weight of the constraints that the elites imposed on the masses. The

risk would be to see such political-economic-cultural entities reconstitute themselves in the twenty-first century.

---

**Is it still possible to bet on the dream of Fraternity, Equality and Liberty, as a utopia of coexistence in humanity? Are there examples of this is happening today?**

In fact, equality and freedom are not utopias. These are very concrete objectives, and fraternity too. The latter has even entered French constitutional law as an obligation to help our fellow human beings. These notions shed light on access rights, health and social protections. They also include cultural issues such as the preservation of ways of life or religious practices.

Many countries accept these principles, although fewer than before do so. Even today, half of the world's population lives in a democracy. Of course, there are many attacks on principles, but the framework is still present. And the population of some authoritarian regimes aspires to enjoy such values. All is not lost. In addition, some places impose a vision of fraternity with solidarity. We can see this clearly in places of suffering such as hospitals. Volunteers are ready to help the doctors. And in many professions of *care*, rescue, or in charities, the resources of generosity seem infinite. Digital links are not so loose. The proof, solidarity fundraisers have sometimes reached the global scale. The Red Cross has under-

stood this and has adapted its model to the new tools, a sign that donors are no less generous than before. The tragedy today lies in the disengagement of the State, which, under the pressure of military needs, is reducing aid to social relief associations.

---

**With the wars underway, can we say that we are facing the end of the old democratic, constitutional and judicial world order? According to your assessment, will the future of nations be to invest in weapons for the defense of internal and external «enemies»?**

Change is slower and less radical than it appears. Just as the change of atmosphere was furtive before becoming manifest at the end of the nineteenth century. In the 1890s, first, free trade was called into question. Then rivalries resumed and settled on a few points such as Morocco or the Balkans. Secondary conflicts developed at the same time, such as the Boer War. Finally, a political assassination, that of Archduke Franz Ferdinand, the crown prince of Austria-Hungary, broke the course of this slow drift by triggering the conflict. However, this was not the first murder of this type. Empress Elisabeth of Austria had also been the victim of a murder, but this had not caused a chain reaction. The deaths of her son and daughter-in-law, on the other hand, produced a series of events almost mechanically until the war. We are not exactly at that moment, yet we can see that Russia is preparing an army by 2029-2030 with 1.9 million men (the largest

in Europe) with the largest tank reserve (7000) and the largest air fleet. «One can imagine that Putin is not doing all this for nothing», an ambassador told me... Especially since, according to Putin, NATO is weakened by Trump and the disagreements between allies. Only our preparation can prevent us from facing a surge. The paradox is that the historian knows that nothing is written. But he must see the trends and therefore the risks taking shape more precisely every day. In Russia, nothing is simple either. From Putin's point of view, his own state and his own people are also tired of the efforts required since 2014 and especially since February 24, 2022. They are subjected to repression, and their weariness can shake the military system in place. Our democracies are sometimes fragile, sometimes solid, as the Ukrainian example still demonstrates every day. The current apparent weakness of democracies masks structures of strong solidarity that are reactivated in phases of aggression, as illustrated by the terrorist crisis of 2015-2016.

---

**In this context, how do you assess the attacks and the decline of fundamental human rights, freedoms and democracy? Can the values of the Enlightenment still be considered as constitutive of the realization of the human project?**

We have lived with an illusion, that of the dynamics of the West, as Norbert Elias (*La Dynamique de l'Occident*, 2003) thought it. We were destined to live in larger and larger

systems that would give us more and more rights. This continuous progress was to lead to a world government with peoples and individuals emancipated and free, as much as responsible for their actions. But this pattern comes up against the reality of a decline in rights, which are unequal depending on the region, and legal progress in some countries. I am thinking of transgender or homosexual people whose rights have progressed in the great democracies. At the same time, the rights of immigrants have declined. The lesson is that simplistic sociological forecasting models do not work. The balance of power varies and requires a constant reassessment of what is at stake before our eyes. And then the evidence of the contradictory movements that globalization gives rise to on the logic of social, ethnic and political identities becomes apparent. The *Clash of Civilizations*, of which Huntington was the theoretician, is also part of this logic of unequal work of rights. For, if civilizations are based on a religious basis, they also have a political expression. However, each civilization evolves with its own scale of values and, sometimes, in contradiction with the clock of human rights that we thought were global, but which, obviously, are not respected everywhere. A historian guesses that these forms of organization tend to align themselves in spite of everything, because peoples also make comparisons and try to find models that ensure their survival and that of humanity.

---

**Do you think that mobile phones, televisions and social networks can be considered as resources for the construction of a new world order?**

Technical objects are not enough to define a politico-mediatic regime. We still need uses, an imaginary and representations that go in this direction. On the one hand, they can be an opportunity for knowledge and information. And on the other, there is support for false information, propaganda and regressive addictions. The mobile phone is a blessing to overcome some of the challenges of geography. It is one of those tools that make the earth smaller. It brings families closer together and allows remote work as well as calling for help in an emergency. But the smartphone is already on the way to being overtaken by AI agents who will guide our behaviors or even supplement our actions. Manipulation can enter the heart of our homes, if we do not do what is necessary to hinder abusive or dangerous uses. This therefore refers to education and its founding principles. Preparing our children's brains well and avoiding a cognitive catastrophe must be the goal of all educators today. And therefore restrict the uses of technical objects to adapt them to the needs of societies.

---

**Could you tell us if there are any differences between propaganda and the concrete actions of leaders whose countries are involved in wars?**

Communication has gradually invaded everything in public action and politics. For

many leaders today: to say is to act; To communicate is to decide. Governments therefore make massive use of communication tools to support their decision, counter the discourse of their opponents and make their actions more effective. All democracies have this way of doing things, which is based on the idea that the role of elected representatives is to give direction to their fellow citizens, to change their behavior. These soft forms of manipulation have been referred to as «liberal paternalism» (Richard Thaler and Cass Sunstein, *Nudge*, 2008).

Authoritarian states do the same. But with the tenfold capacity to be able to silence their opponents. Censorship is their absolute weapon. They can cut off digital services, block platforms, social networks and launch campaigns through all communication instruments. In this sense, propaganda is indisputable in a system where only the government can express itself, without opposition or contestation.

So much so that democracies, in the context of hybrid wars, sometimes think it necessary to reduce public freedoms in the face of terrorists, radicalized political fringes and rival powers. They also attack the platforms. France cut off Tik Tok in New Caledonia during the independence riots, an unprecedented act in our democracy. This amounts to censoring a legal media. We haven't done it since the Algerian war.

Russia, of course, is doing more: it is cutting off the internet, shutting down radio and television, murdering journalists... But it is not the difference in the degree of censorship that matters. It is the difference in principle: in this country, there is no competition for power. «Sovereign democracy», as the Russian doctrinaires call it, is first and foremost a sovereign without democracy, a monarchy that has degraded into tyranny. It has nothing to do with democracy and its communicative practice is in line with authoritarian-totalitarian practices. We are therefore faced with propaganda that does not hesitate to lie, misinform and carry out intoxication operations to achieve its objectives. China is in the same dynamic, Iran too, and so many others...

When democracies employ dishonest methods such as lying or cheating, their governments end up paying the price through defeat and even prosecution. Tony Blair, the British Prime Minister who covered up the lie about the existence of weapons of mass destruction during the invasion of Iraq in 2003, experienced this punishment by the loss of confidence and the obligation to withdraw. So, there is a huge difference between the democratic situation and that of autocrats.

The greatest threat to information and intellectual freedom lies for democracies in the demands of war. Clearly, if a high-intensity conflict breaks out in Europe, governments will be led to take exceptional measures and

to establish strict control of public freedoms, in particular freedom of expression. The population will accept these measures with a form of consensus, as it has admitted the removal of terrorist sites and the blocking of digital access to fight Daesh. We will then have entered a regime of war propaganda, as we have experienced several times in the twentieth century.

The difficulty of the current period lies in the fact that the conflict has not yet begun, except in the information theatre. Here, the struggle for credibility and national cohesion rages on. Hence the desire of governments to take exceptional measures. But the people are reluctant to do so, because they do not think this action necessary or honest. No one believes in the goodwill of politicians anymore. The gap between democracies and authoritarian states is therefore widening.

---

**As an analyst and historian, what are the scenarios you envisage at the European and international levels for the future of the UN? Do you think you can still exercise decision-making power over the conflicts and destinies of humanity?**

The UN has had its ups and downs. It is now going through a trough with the risk of being overwhelmed by the next wave. Its credibility has deteriorated because of offbeat positions that favor non-democratic states that are traditionally greedy against it and have little respect for the law. This error is due to its very structure, which gives a place to states

without taking into account their political system. However, we must defend it because it remains the foundation of the law and we need a forum for discussion with clear rules, known to all. This is not the case for the G5, 7, 20 etc... These bodies, which bring together heads of state and government, take place with a very different logic and without any real rules other than the rotating presidency and agreement on the subjects discussed. The destiny of humanity therefore depends on frameworks that are unsuitable because they are incapable of taking into account scientific forecasting bodies. The greatness of the UN is that it has been able to rise to the level of scientific requirements on climate. The IPCC has thus been able to become an international player and unify the assessment of the global situation. We should expand this type of practice to restore the collective thinking necessary for our survival.

---

**What is your assessment of the recent attacks on international law, which have led to the current wars?**

The right of the strongest has never completely disappeared. In reality, international law has been able to prosper because for about twenty years the American hyperpower has guaranteed this system. China's competition for global leadership has shattered this global consensus around the strongest. The competition between the two giants prevents the survival of the old legal framework and

creates uncertainty before the emergence of a new comprehensive legal framework. No doubt we will see this in a few decades. Its slow appearance explains the current tensions and the return to the law of the strongest, the best equipped or the most skillful. Power takes the place of justification.

---

**Beyond essentialist teleology, what can the great canons of civilization tell us, in these times of liquid thought and politics? Are we at the end of a cycle between the utopian human and the predominance of dystopias?**

The world is diverse. Even today, the whole planet is not affected in the same way by the rise in the price of a barrel of oil, an agri-food crisis, or even a health risk. The whole planet is not moving at the same pace, with the same hopes or the same fears. The concept of globalization does not shed light on a constant or uniform process. Bauman's idea of a liquid society is valid in the Western world, but on a universal scale, it is not suitable. This concept is also undermined by the revitalization of traditionalist structures such as religions. The latter promote stability that calls into question this concept conceived in the deployment of individualism and globalization. However, the rise of borders and the reaffirmation of identity call into question this reading.

And your question suggests that for half a century we have known a peaceful world. This is only partly true. Since the 1980s, there have

been famines in Darfur, Sudan and Ethiopia; there was the genocide in Rwanda, the war in the former Yugoslavia with its appalling ethnic cleansing, the crimes against humanity in the Kivus, in Sierra Leone, countless refugee crises... For a whole fraction of humanity, the world was a vast dystopia. Not to mention those who drowned in the Mediterranean hoping to reach a place of prosperity. The historian sees slight oscillations but cannot take seriously the slogans of the leaders about world peace, the end of poverty or famine. He knows that everything can only move forward through long, heavy, voluntary efforts, and that real changes are not of virtual order. The space race that is underway is proof of this. It is generating a new technological and scientific race for the control of the planets and their satellites. It is a source of hope and concern at the same time. But it carries a universal horizon.

---

**If neither capitalism nor communism were capable of achieving human fullness, what can we expect from the societies of the future?**

Fortunately, the history of humanity is not limited to two forms of economic and social organization. Even Marx thinks that others preceded them: slavery and feudalism. No, there are still many forms of organization to be imagined and no doubt several will come. We have hardly known real technocracies, nor a scientific government and, even less, a real direct democracy of a truly educated population. And these forms would probably be im-

perfect. Because human beings are creatures with an incomplete genetic program. They have room for maneuver, free will over their organization, unlike bees which mechanically reproduce the same behavioral pattern according to their function and physical characteristics. The point to keep in mind is that we have come a long way.

The great human history, which includes the first phases of our evolution, from the distant little mice that are our ancestors to the first hominid, presupposes the development of extraordinary intelligences in species that we imagine in the manner of Descartes as emotionless mechanisms. However, to get to us, a large number of individuals had to step out of the programming that their genes predicted. This should push us to think differently about our future. Other mutations are possible that will adapt our descendants to their environment, in a classical evolutionary model.

---

**With the end of the great narratives, can we say, as Francis Fukuyama said, that history is over?**

Fukuyama's old thesis is hardly defended today, except as a philosophical and dialectical reading of international public life, understood as a progressive enterprise. For the left, this thesis was not tenable in the 1990s, because it assumed that the end of history would be played out in an unequal world. However, only an assumed equality can put an end to the upheavals of history and make

women and men mere organs of happiness, without conflicts or opposition. We are very far from that.

As for the end of the great narratives, nothing is less certain. Other narratives are imposing themselves in the debate and minds. The most flagrant case is the one from the movie *Matrix*. This 1999 film is now taken seriously in the digital sphere. Is it really possible that we live in a digital simulation controlled by Artificial Intelligence? Other stories about aliens are also gaining depth. The statistics in this regard continue to grow. Above all, it is a mistake to believe that populists do not produce grand narratives. Adherence to their ideas is largely based on a conception of the evolution of the country and the nation. Finally, the liberal narrative continues to thrive. All this indicates that history is not only dependent on socio-economic organization but also embraces beliefs and culture. And in this field, conflictuality is far from dying out, provoking a new writing of the evolution of our time.

---

**And to conclude, for you, does the future lie in the adaptation of «war» to the current «economic» order, or in the reaction and continuation of the construction of a civilized world, as an affirmation of new utopias?**

Since Toynbee, the question of cyclical history has always returned. Civilizations, he argued, followed a natural cycle of birth, expansion, and decline. His theory of *Challenge and Re-*

*sponse* implied that a civilization cannot respond to everything, because it was forged on a challenge that gave it lasting characteristics. It must therefore die so that a new civilizational order can respond to this new challenge. All this is very theoretical and seen from a distance. In fact, men move from one civilization to another with long cycles of adaptation and phases of hesitation. It's a retrospective look. We can see how, since the nineteenth century, several orders have succeeded one another and how the very notion of civilization has found a usefulness and then been rejected before a revival around the religious question at the beginning of the twenty-first century. Our future is in no way subject to the war economy that we see emerging, if this represents humanity to us. Latin America, for example, has stability in this area, despite the economic and social crises that ravage it. On the other hand, Europe urgently needs to reposition itself militarily and strategically if it does not want to be slowly wiped out of history. And on a larger scale, the United States cannot continue this unchecked power game, if they do not want its former allies to soon turn their backs on them and choose the Chinese autocracy that ends up appearing more reliable to them.

And these choices will of course not be enough to outline our future. Because one thing is certain for a historian: nothing is written in advance, and the application of human and so-

cial science theories only allows us to glimpse possibilities, to give indications and even predictions. But it is never predictions or prophecies as stated by religious and politicians that aim to shape the future with their own hands.

Writers and filmmakers have fun imagining a future. Their visions and images shape our representations. But no one knows which of these stories of the future may emerge, especially since the narratives are multiplying through a plurality of media.

---

**Thank you very much for this interview. What final message would you like to leave with readers?**

One thing worries me. As a historian, the preservation of the most precious things of our past is close to my heart. I like to go to museums, archaeological sites, ancient cities... I also like to look for the stories that preceded or inspired the ones I hear today. I am always amazed by an original creation and a novelty in the combination of a plot. I appreciate creators who revive old narratives with new tools or forge new ones adapted to these new mediums. I am amazed to see that tens of thousands of years BC women and men made cave paintings. I fundamentally believe that our creativity must be preserved and not limited to reproducing existing models. I am counting on this ability of human beings to continue this unique adventure.

# Leituras Crí ti cas

FRANCO, J. E.; PINTO, P. (DIR.) (2026). *DICIONÁRIO GLOBAL DAS HERESIAS. TEOLOGIA, CULTURA E LITERATURA*. EDIÇÕES AFRONTAMENTO. PORTO. 670 PP.

**ALEXANDRA ESTEVES**

OLIVEIRA, L. E. (ORG.). (2026). *PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES SOBRE O ILUMINISMO E SEUS PARADOXOS*. EDITORA CRIAÇÃO. ARACAJU, 424 PP.

**JÚLIA DUARTE**

PINTO, J. N. (2021). *HEGEMONIA: 7 DUELOS PELO PODER GLOBAL*. CRÍTICA. LISBOA. 464 PP.

**BRUNO MACHADO**

WOOTTON, D. (2015). *THE INVENTION OF SCIENCE: A NEW HISTORY OF THE SCIENTIFIC REVOLUTION*. HARPER. NEW YORK. 784 PP.

**NUNO ROSA**

**Franco, J. E.; Pinto, P. (Dir.) (2026). *Dicionário Global das Heresias. Teologia, Cultura e Literatura*. Edições Afrontamento. Porto. 670 pp.**

ALEXANDRA ESTEVES<sup>1</sup>



*O Dicionário Global das Heresias. Teologia, Cultura e Literatura*, coordenado por José Carlos Lopes de Miranda, Maria Filomena Andrade, David Sampaio Barbosa, José Paulo Leite Abreu e Luís Machado de Abreu, e dirigido por José Eduardo Franco e Porfírio Pinto, que contou com a contribuição de 55 autores, o que não é coisa pouca, é uma obra que preenche uma lacuna e que é projetada para o futuro.

Justificarei esta dupla asserção com base no meu olhar, que é um olhar condicionado pela minha condição de historiadora, que, desde logo, tenho de assumir, para precaver o risco de não fazer jus a uma leitura holística da obra, até porque, também devo confessar, os

==

<sup>1</sup> Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT), Instituto e Ciências Sociais, Universidade do Minho, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0660-9485>.

meus conhecimentos nos domínios da teologia ou da literatura são muito rudimentares e não vão muito além do que o olhar curioso consegue alcançar e do adquirido através do cruzamento com outras áreas do saber que o ofício de historiadora requer, pois que não é possível reconstruir o passado, ou melhor dizendo, os passados, sem se atender a todas as dimensões do ser humano.

Feita a minha declaração de interesses, peço a vossa compreensão por centrar a minha intervenção no que esta obra representa e no contributo que traz para a História. Escrita a várias mãos, propõe uma análise diacrónica de um conceito central na história do cristianismo: a heresia. Mais do que um desvio doutrinal, a heresia constitui um instrumento de definição identitária, de delimitação de ortodoxias e de exercício de poder religioso e político.

Da autoria de especialistas, esta obra mostra que o que é considerado herético varia no espaço e no tempo. Através de mais de 200 entradas, apresenta a heresia não como uma realidade fixa, mas antes como um conceito mutável, cuja evolução acompanha as transformações das sociedades cristãs ao longo do tempo. Ao considerar esta evolução, contribui para uma compreensão mais crítica das dinâmicas de exclusão, autoridade e diversidade no cristianismo.

Mais do que uma história das ideias, estamos perante uma reflexão sobre os mecanismos de

controlo e resistência que moldaram, e continuam a moldar, as sociedades. Trata-se de uma produção em que os vários autores mostram como diferentes movimentos geraram diferentes comportamentos e novos valores e provocaram até mudanças na sociedade e nas suas estruturas materiais.

Esta é, de facto, uma obra necessária. Há poucas semanas, num outro contexto, de elogio à História Contemporânea, citei Paul Valéry para procurar demonstrar o quão importante a História é no tempo presente. Por conseguinte, face ao contexto atual, justifica-se retornar a este autor para justificar a pertinência deste dicionário.

*O passado, mais ou menos fantástico, ou mais ou menos organizado posteriormente, age sobre o futuro com um poder comparável ao do próprio presente.*

Ora, este dicionário tem precisamente a particularidade de nos trazer todo um passado para o presente, dado que sobre o tema «heresias» há um passado que, em diversos quadrantes e dimensões, é trazido até nós. Daí a sua relevância para o futuro.

O passado comporta, de forma implícita e explícita, um tempo e um espaço, na medida em que não é possível compreender fenómenos, movimentos, revoluções e conceitos sem esse tempo e sem esse espaço. Aqui reside, precisamente, um dos benefícios deste dicionário. Organizado segundo uma linha cronológica, de-

terminada por essa construção que é o tempo, convoca-nos para uma viagem que começa na Antiguidade, no século I, faz-nos mergulhar nos idos tempos medievos, leva-nos à época moderna e termina na contemporaneidade.

Cada tempo tem as suas heresias, embora algumas se tornem atemporais, mas emergem num tempo e num espaço em que os protagonistas não se consideravam forçosamente diferentes. Daí a necessidade de se evitar leituras anacrónicas. O aparecimento, a propagação ou a condenação destes movimentos refletem tempos históricos com circunstâncias bem objetivadas.

Percorrendo estas páginas, e tendo obviamente a noção das variantes existentes, fica claro que as heresias são, afinal, um exercício de liberdade, de pensar diferente, de fuga ao instituído e ao estruturado, sendo algumas delas precursoras de movimentos que se vão desenvolver posteriormente e que, apesar de estarem associadas ao religioso, não se circunscrevem a este domínio. Até porque, como refere Graham Greene, «Heresia é apenas um outro nome para liberdade de pensamento».

O herege pretende manter a fé cristã, mas prejudica a consciência do «acontecimento cristão» e a salvação possibilitada pela relação nascida dessa consciência. O herege pode ser alguém dotado de sinceridade e que, discordando de aspetos parciais da fé objetiva, não

pretende, necessariamente, afastar-se do seu conjunto, menos ainda da substância da fé.

Apesar de, neste dicionário, existir uma definição de heresia respeitante aos movimentos/correntes doutrinárias que contestavam ou colocavam em causa a ortodoxia, o conceito seguirá o seu próprio caminho e será utilizado noutros contextos.

Por outro lado, importa perceber como e em que medida a heresia contribui para a própria consolidação da Igreja Católica. Para cumprir esse objetivo, tinha que definir claramente o seu *corpus* doutrinário, separando-se de movimentos tidos como erróneos - as heresias. Para alcançar a convergência havia que silenciar desvios e antagonismos. Deste modo, a heresia surge não como ponto de partida, mas como resultado de um processo de delimitação: aquilo que é excluído para afirmar uma norma.

O combate alarga-se com os desenvolvimentos da própria Igreja, a vários níveis, e com a necessidade de defesa face às idiossincrasias dos diferentes tempos históricos, nomeadamente pela ação do poder temporal. É de notar, aliás, que alguns destes movimentos classificados como heréticos têm esta dimensão, como bem demonstram os autores destes textos nas suas diferentes entradas.

Não raras vezes, o «perigo» do movimento não estava nos seus ideólogos, mas nos seus propagadores, agentes políticos com as suas

próprias dimensões e que ampliaram o efeito herético destes movimentos. Atente-se, a título de exemplo, no caso dos cátaros, que, devo reconhecer, me tem intrigado desde os idos tempos de licenciatura. Mas, enfim, poderíamos considerar muitos outros elementos...

Daqui decorre mais uma vantagem desta obra: permite-nos aceder a todo um quadro político, social, mental, económico e cultural das diferentes épocas históricas aqui retratadas, a partir de um fenómeno específico. Aliás, não é possível fazer essa história sem o cristianismo.

Se há uma dimensão política, também há heresias que são ditadas pelos próprios contextos. Veja-se o caso dos flagelantes do século XIV, aquando da epidemia de peste negra. Daí que o herege também tenha sido perspectivado de diferentes formas e recebido designações diversas: ímpio, blasfemo, marginal, impuro, dissidente. Por vezes, foi até visto como alienado... Na perspectiva da História Social, não é fácil estudar aqueles que se situam nas margens, pelo silêncio em que muitas vezes foram mergulhados.

No caso dos hereges ou das heresias, o silenciamento é quebrado pela existência de fontes que nos permitem reconstruir a vida de homens, mas também de mulheres que integraram e encabeçaram movimentos desta natureza. Aliás, relativamente às mulheres, como bem demonstram os autores de diferentes entradas, não estiveram arredadas dos movimentos heréticos,

mas, pelo contrário, nalguns casos até os lideraram. Todavia, por vezes, mulheres diferentes ou que arriscavam ser diferentes também foram classificadas como hereges.

Mas se, numa primeira fase, a heresia traduz uma necessidade de convergência interna, numa fase posterior, já no período medieval, ela afirma-se num tempo de desconfiança relativamente ao Outro, o outro que é o diferente, o estrangeiro, mas também de desejo de um Cristianismo primitivo.

Durante a Idade Média, a heresia assume uma dimensão social e política mais ampla, com movimentos que não apenas questionavam doutrinas, mas também estruturas eclesásticas e práticas económicas. É neste contexto que se desenvolvem mecanismos institucionais de repressão, que transformam a heresia num crime perseguido sistematicamente

A partir da Idade Moderna, o conceito adquire uma outra força, quase bélica, diríamos, ditada pela existência de cisões, que levarão ao surgimento de outras igrejas, embora no final desta época também ganhe relevo a ideia de tolerância.

Com a Reforma Protestante, a própria noção de heresia sofre uma reconfiguração profunda. A fragmentação da cristandade ocidental leva à coexistência de múltiplas ortodoxias concorrentes. A heresia deixa de ser definida exclusivamente por uma autoridade central e passa a ser relativa a diferentes confissões.

A contemporaneidade trará novos desafios ditados pela revolução francesa, pelo liberalismo e pelas revoluções liberais; pela revolução industrial e pela emergência da questão operária; e pelo surgimento de novas heresias que traduzem a tendência de laicização e de secularização, como o comunismo, o socialismo ou o modernismo, que a Igreja Católica procura combater.

Neste tempo histórico, o termo «heresia» exige alguma precisão, pois, ao contrário do que sucedia na Idade Média ou na época moderna, a Igreja Católica já não produz listas sistemáticas de heresias, enquanto fenómenos coletivos a reprimir institucionalmente. No entanto, continua a definir doutrinalmente posições consideradas heréticas. Assim, no período contemporâneo, o fenómeno desloca-se de movimentos sociais para proposições doutrinárias, correntes teológicas e posições ideológicas.

O aspeto mais relevante deixa de ser a lista de heresias e a transformação do modo de atuação da Igreja: fim da repressão institucional; ênfase na clarificação doutrinal e no diálogo com a modernidade, sobretudo após o Concílio Vaticano II. A heresia deixa de ser predominantemente um fenómeno social a combater e passa a ser um problema teológico a esclarecer.

Nos séculos mais recentes, o conceito de heresia perde progressivamente a sua centralidade jurídica, mas mantém relevância sim-

bólica e cultural. No mundo contemporâneo, a noção é frequentemente reconfigurada em termos ideológicos ou discursivos, sendo utilizada para marcar desvios a padrões estabelecidos, designadamente, no plano religioso, ideológico, político ou científico.

Atualmente, falar de heresias já não tem o mesmo peso institucional que teve em períodos passados, quando a divergência doutrinal podia ser formalmente julgada por autoridades religiosas. Ainda assim, o conceito não desapareceu, mas transformou-se. Hoje, a heresia é frequentemente entendida de forma mais ampla, como qualquer posição que desafia crenças estabelecidas.

Num contexto contemporâneo marcado pelo pluralismo e pela liberdade de expressão, as heresias manifestam-se sobretudo como interpretações alternativas, revisões de dogmas tradicionais ou tentativas de conciliar a fé com valores modernos, como os direitos humanos, a igualdade de género ou o progresso científico. Em muitas tradições religiosas, estas posições geram debate interno: para alguns, representam uma evolução necessária; para outros, um afastamento da ortodoxia.

Além disso, a globalização e a internet contribuíram para a rápida disseminação de ideias que, noutros tempos, ficavam confinadas a pequenos grupos. Hoje, qualquer interpretação pode facilmente ganhar visibilidade e juntar seguidores, criando novas correntes de pen-

samento religioso ou espiritual, muitas vezes fora das estruturas institucionais.

Assim, as heresias contemporâneas refletem, em grande medida, as tensões entre tradição e mudança, autoridade e interpretação individual, mostrando que a religião continua a ser um campo dinâmico, onde as ideias estão em constante negociação.

Contudo, como também mostra a composição deste livro, o período mais ativo, como se compreenderá, decorreu entre os séculos I e VIII. De um ponto de vista quantitativo, a catalogação de heresias parece atingir o auge durante a Antiguidade Tardia, com a obra intitulada *Panarion (Remédios)*, de Epifânio de Salamina (séc. IV-V), que repertoria oitenta heresias de antes e depois de Cristo.

O período medieval apresenta menos movimentos heréticos, mas alguns tiveram particular relevo, nomeadamente o das beguinas, dos cátaros ou albigenses, dos valdenses, dos orbibarianos, entre outros. Já de forma mais expressiva, a época moderna regista, como referimos, um maior número de heresias, algumas das quais com implantação no novo Mundo, mas aqui temos, de facto, a emergência de movimentos importantes, como o anglicanismo, o luteranismo, o calvinismo, associados à formação de novas igrejas; a maçonaria, o janse-nismo, o puritanismo ou os amish e os quaker.

De facto, as várias entradas deste livro permitem-nos refletir sobre várias questões, sob o ponto de vista da história. Há certamente outras, mas que escapam à minha área de conhecimento, como é o caso, por exemplo, das seguintes:

Quem define a heresia?

Em que medida a heresia é um instrumento de poder?

Qual a relação entre dissidência religiosa e transformação social?

Pode a heresia ser entendida como motor de mudança histórica?

Importa, ainda, realçar a importância deste dicionário nos dias de hoje. Num tempo de saberes fáceis, mas nem sempre consistentes, de verdades digitais, nem sempre honestas, e de um conhecimento construído no vão de escada, urge recuperar e valorizar esta modalidade de publicação. De facto, o conhecimento pesa, no sentido literal do termo, dá trabalho, pode até ser doloroso sob o ponto de vista intelectual, mas é imenso nas oportunidades que nos oferece, nos mundos que nos abre e na liberdade que nos proporciona.

A concluir, gostaria de deixar o convite à leitura e à consulta desta obra, de inegável interesse e utilidade.

Oliveira, L. E. (Org.). (2026). *Perspectivas interdisciplinares sobre o Iluminismo e seus paradoxos*. Editora Criação. Aracaju, 424 pp.

JÚLIA DUARTE<sup>1</sup>



Em um contexto historiográfico marcado pela revisão crítica das promessas universalistas da modernidade ocidental, os estudos sobre o Iluminismo têm assumido crescente relevância. Longe de interpretações celebratórias que associavam o «Século das Luzes» exclusivamente ao progresso, à racionalidade e à emancipação, parte significativa da historiografia contemporânea passou a evidenciar as ambiguidades, tensões e mecanismos de exclusão presentes no projeto ilustrado europeu. É nesse horizonte interpretativo que se insere *Perspectivas interdisciplinares sobre o Iluminismo e seus paradoxos*, obra organizada por Luiz Eduardo Oliveira, resultante do IV Simpósio Pombalino Internacional<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Doutoranda em História da Educação pela Universidade Federal de Sergipe, Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-4499-6511>.

<sup>2</sup> O IV Simpósio Pombalino Internacional foi promovido pela Cátedra Marquês de Pombal do Instituto Camões, sediada na Universidade Federal de Sergipe. O evento que tem o mesmo título da obra em análise, reuniu investigadores (as) do Brasil e de Portugal que refletiram, entre os dias 15 e 17 de outubro de 2025, sobre o Iluminismo e seus paradoxos em uma perspectiva interdisciplinar.

O livro destaca-se pela capacidade de articular o passado com a atualidade bem como pelo rigor científico na utilização de fontes primárias e no diálogo com correntes teóricas de referência. A coletânea de textos é organizada e dividida em quatro eixos temáticos: Iluminismo, Pombalismo e transformações políticas; Reformas educacionais e cultura do conhecimento; Iluminismo, Império e colonialidade; e Cultura, representações e historiografia.

A primeira parte conta com textos de autoria de Kenneth Maxwell, Luiz Carlos Villalta, José Eduardo Franco, Susana Mourato Alves-Jesus, Cristina de Cássia Pereira Moraes e Patrícia da Silva Soares. Longe de uma visão romantizada sobre o século das «Luzes», os capítulos que a compõem refletem sobre as redes de conexão e os mecanismos de controle que sustentaram a administração josefino-pombalina. Os estudos analisam os impactos dessa administração na formação política do Brasil independente, a constituição de uma esfera pública sob a vigilância dos órgãos de censura e os paradoxos de um projeto que, embora orientado para a racionalização iluminista, recorreu a dinâmicas despóticas, à violência institucional e à criação de novos mitos políticos para centralizar o poder do Estado.

O foco da parte seguinte recai sobre os impactos da reestruturação pedagógica e científica promovidos pelas reformas josefino-pombalinas. Nessa direção, as investigações de Thaïs Nívea Fonseca, Thadeu Vinícius

Teles, Elaine Maria Santos, Márcio Ponciano e Sandro Márcio Drumond examinam a estatização e a laicização do ensino à luz dessas reformas e das singularidades regionais do ultramar, demonstrando como áreas específicas, nomeadamente a instrução comercial, o ensino normatizado da língua inglesa, a formação matemática no Real Colégio dos Nobres e a produção dos manuais de instrução militar, foram instrumentalizadas como saberes úteis e estratégicos para a consolidação e a modernização das estruturas administrativas e técnicas do reino.

Na sequência, as investigações reunidas problematizam o ideário ilustrado e a aplicação prática das diretrizes pombalinas nos territórios coloniais, concentrando sua análise crítica nos contextos da América Portuguesa e de Angola. As pesquisas desenvolvidas por Edna Maria Matos Antônio, João Paulo Peixoto e Thamires da Silva Souza apontam para uma renovação metodológica ao questionar a tendência da historiografia tradicional de interpretar os processos históricos a partir da atuação isolada de indivíduos excepcionais. Nessa perspectiva, os textos fornecem ferramentas de leitura que privilegiam o exame das ideias, das práticas administrativas e das complexas reações locais suscitadas pelas reformas. Aqui, o império é apresentado a partir de suas constantes redefinições, motivadas pelas resistências, especificidades e negociações locais.

A quarta e última coletânea de textos convida os leitores a uma análise histórica, biográfica e literária através das investigações de Fernanda Santos, Kate Constantino Oliveira, Fernando Morato, Jean Pierre Chauvin e Jorge Carvalho do Nascimento. Os autores analisam o período josefino-pombalino a partir de perspectivas diversas, que vão desde o olhar do homem das «luzes» sobre o espaço amazônico até os percalços da produção e recepção da obra do poeta Domingos Caldas Barbosa. Essa abordagem aproxima o leitor das questões ligadas à racialização de indivíduos de origem africana no mundo lusófono, evidenciando mecanismos de discriminação que operam até os dias de hoje.

Nessa seleção de textos, os autores também direcionam o olhar para o poder da narrativa e da ficção histórica na mitificação do Marquês de Pombal. Sob esse viés, a literatura oitocentista é apresentada como construtora de sua imagem mítica, sobretudo, a partir do Romance de Clémence Robert. Os textos também problematizam a expulsão dos jesuítas, analisada como consequência de uma eficaz construção discursiva, política e simbólica que converteu os religiosos em bodes expiatórios e, simultaneamente, consolidou a autoridade e o perfil reformador de Sebastião José de Carvalho e Melo, que, futuramente, receberia

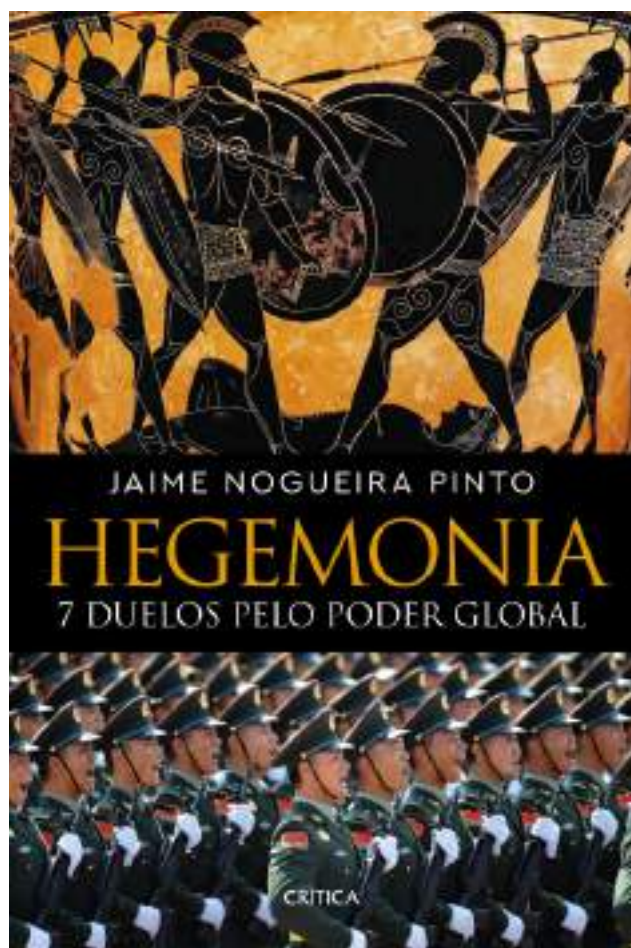
o célebre título de Marquês de Pombal. Por fim, a obra apresenta o relevante papel da historiadora sergipana Maria Thétis Nunes para a historiografia educacional e como as reformas josefino-pombalinas foram analisadas em sua produção.

Em suma, *Perspectivas interdisciplinares sobre o Iluminismo e seus paradoxos*, organizada por Luiz Eduardo Oliveira, consolida-se como uma contribuição relevante para os estudos luso-brasileiros. O mérito da obra consiste em sua proposta interdisciplinar, que integra análises da história, educação, literatura, linguística e filosofia, bem como em sua excelência analítica e rigor científico dos textos. O livro cumpre o papel de desmitificar o projeto iluminista na administração pombalina, expondo suas contradições na metrópole e nas realidades coloniais do Brasil e de Angola. Contudo, em uma coletânea dessa natureza, em que os capítulos transitam por múltiplas áreas do conhecimento e recortes geográficos distintos, a ausência de um posfácio priva o leitor de uma reflexão final capaz de conectar as diferentes perspectivas presentes na diversidade de textos apresentados. Essa ausência, no entanto, não retira o mérito da obra, que se mantém como referência fundamental para quem busca compreender o Iluminismo e seus paradoxos.

Pinto, J. N. (2021). *Hegemonia: 7 duelos pelo poder global*.

Crítica. Lisboa. 464 pp.

BRUNO MACHADO<sup>1</sup>



Em todas estas guerras, frias ou quentes, sob o manto da geopolítica dos interesses e da luta pela hegemonia, estiveram sempre os móveis primeiros da ação humana: o medo, a glória e a cobiça dos chefes e dos povos

(Pinto, 2021)

Publicado em 2021, *Hegemonia: 7 duelos pelo poder global*, da autoria de Jaime Nogueira Pinto, propõe-se traçar uma genealogia das disputas hegemónicas que marcaram a história das relações internacionais. A obra insere-se numa linha de análise que conjuga a tradição historiográfica com o pensamento geopolítico contemporâneo, procurando interpretar o presente à luz dos padrões recorrentes de rivalidade entre potências. O autor estrutura a sua

==

<sup>1</sup> Universidade Aberta, Doutoramento em Estudos Globais, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0003-5585-4433>.

reflexão com um declarado intuito didático: fornecer ao leitor uma grelha interpretativa clara e acessível para compreender a lógica da competição pelo poder global.

A tese central do livro assenta na ideia de que as disputas pela hegemonia obedecem a uma lógica recorrente, traduzida numa sequência de confrontos entre uma potência dominante e outra emergente. Estas tensões, que atravessam diferentes períodos históricos, são organizadas por Nogueira Pinto em torno de sete duelos paradigmáticos. Esta opção metodológica permite-lhe explorar, de forma cronológica e temática, as continuidades e mutações nas estratégias de afirmação hegemónica, articulando elementos de natureza militar, económica, ideológica e tecnológica.

A estrutura do livro assenta, assim, numa narrativa sequencial, em que cada capítulo se dedica a um desses sete confrontos: Esparta vs. Atenas; Roma vs. Cartago; «Os três combates do imperador»; França vs. Inglaterra; Alemanha vs. Todos; Estados Unidos vs. União Soviética; e, finalmente, Estados Unidos vs. China. Esta escolha permite ao autor construir um fio condutor histórico que se estende da Antiguidade clássica à contemporaneidade, destacando a constância de certos padrões, como o receio da decadência por parte da potência instalada e a ambição expansionista da potência ascendente.

A primeira rivalidade, entre Esparta e Atenas, é apresentada como arquétipo das lógicas hegemónicas, ancorada no conceito de “armadilha de Tucídides”. As subsequentes – desde as Guerras Púnicas até à Guerra Fria – são analisadas como variações desse mesmo modelo, em contextos de complexidade crescente. A culminar, a atual rivalidade entre os Estados Unidos e a China é lida como a mais recente manifestação desta dinâmica, embora com contornos inéditos, nomeadamente a interdependência económica e tecnológica que torna o confronto mais difuso e menos previsível.

Através desta organização, Nogueira Pinto procura ilustrar como os mecanismos de competição pelo poder se mantêm, mesmo com mudanças no formato das alianças, nos instrumentos de dominação e nos valores invocados. O livro oferece, assim, uma leitura comparada das hegemonias, que valoriza a história como instrumento de compreensão do presente e de antecipação dos conflitos futuros. A escolha dos duelos pretende destacar aqueles que, pela sua magnitude e impacto, constituem marcos na transformação da ordem internacional. A obra de Jaime Nogueira Pinto apresenta-se como um exercício de síntese histórica e análise geopolítica, com o propósito declarado de identificar padrões recorrentes nas disputas pela hegemonia global. A sua metodologia combina a exposição cronológica de sete confrontos paradigmáticos com uma reflexão transversal sobre

as dinâmicas de poder, articulando história, geopolítica e economia.

Do ponto de vista metodológico, a escolha de sete duelos enquanto eixo narrativo é particularmente eficaz. Permite ao autor estruturar a obra em torno de episódios marcantes e, ao mesmo tempo, desenvolver uma grelha comparativa que evidencia continuidades históricas. A articulação diacrónica das rivalidades – de Esparta e Atenas até aos Estados Unidos e China – oferece uma leitura fluida e inteligível das transições hegemónicas.

Um dos principais méritos do livro reside na clareza expositiva. A escrita de Nogueira Pinto, ainda que ensaística, não abdica do rigor analítico. A pertinência do enquadramento histórico é evidente, uma vez que cada capítulo recupera contextos fundamentais das Relações Internacionais e os interpreta à luz das tensões entre potências. Além disso, a articulação interdisciplinar é eficaz ao integrar elementos materiais (recursos, comércio, indústria) com dimensões ideológicas e estratégicas num esforço que enriquece a análise das hegemónias enquanto fenómenos multifacetados.

Contudo, esta abordagem apresenta também limitações. A narrativa assenta fortemente em protagonistas como Péricles, Napoleão ou Xi Jinping, o que, embora útil para ilustrar decisões estratégicas, tende a secundarizar os fatores estruturais que moldam a política

global. O enfoque quase exclusivo nas potências estatais e nas suas lideranças compromete a abrangência analítica, deixando de fora múltiplos fatores e atores relevantes para o entendimento da ordem global contemporânea. A ausência de uma atenção mais sistemática aos fenómenos transnacionais, como a ação de corporações, movimentos e redes sociais, retira à obra alguma da sua utilidade interpretativa no plano contemporâneo. Do mesmo modo, a escassa problematização das desigualdades globais, das interdependências económicas, da globalização financeira ou dos fluxos tecnológicos transnacionais, e das novas formas de dominação económico-digital, limita o potencial da obra como ferramenta crítica para os Estudos Globais.

O contributo mais significativo de Jaime Nogueira Pinto, em *Hegemonia: 7 duelos pelo poder global*, reside na capacidade de apresentar a hegemonia como um fenómeno estruturante das Relações Internacionais, visível desde a Antiguidade até aos desafios do século XXI. A articulação entre «sete duelos» históricos distintos – como a Guerra do Peloponeso, as Guerras Púnicas, a rivalidade franco-britânica, a Guerra Fria ou o atual confronto sino-americano – permite ao autor delinear uma continuidade nos padrões de ascensão, manutenção e declínio das potências, conferindo densidade analítica à obra.

Entre os méritos do livro, destacam-se a clareza expositiva e a consistência na organização

da informação. A capacidade de mobilizar referências históricas, clássicas e modernas e integrá-las numa visão de longa duração das relações de poder revela uma preocupação em fornecer um quadro coerente da História geopolítica global.

A obra fornece contributos que podem ser valorizados nos Estudos Globais, sobretudo no que respeita ao enquadramento histórico das dinâmicas de poder. A sua principal mais-valia epistemológica reside na forma como historiciza a rivalidade hegemónica e revela continuidades estruturais nos comportamentos das potências dominantes e emergentes. Este exercício de longa duração permite refletir sobre o modo como o poder global é construído, desafiado e eventualmente transformado e fornece uma base analítica que pode ser complementada com abordagens mais contemporâneas e críticas.

O recurso à “armadilha de Tucídides” permite um paralelismo entre diferentes épocas que estimula o debate em torno da inevitabilidade ou não dos conflitos entre potências. A pertinência desta analogia é particularmente evidente no caso EUA-China, cujo grau de interdependência económica, tecnológica e estratégica representa uma inovação face aos confrontos históricos descritos. Este é, aliás, um dos pontos em que o livro mais se aproxima das preocupações dos Estudos Globais, ao reconhecer a complexidade do sistema internacional atual.

O livro é especialmente útil na análise das dinâmicas de poder, permitindo aos leitores identificar padrões e motivações recorrentes nas lutas pela hegemonia. Assim, a obra contribui para a compreensão do papel dos interesses estratégicos, das alianças e dos confrontos ideológicos no desenho da ordem global, fornecendo elementos essenciais para a análise de conflitos atuais. Para quem pretende compreender as lógicas da dominação, da competição e da projeção de poder, *Hegemonia: 7 duelos pelo poder global* constitui uma boa ferramenta de leitura.

Contudo, a sua utilidade é condicionada por não abordar problemas emergentes como a crise climática, a revolução digital ou a fragmentação da ordem mundial. Perde, assim, eficácia quando se pretende aplicar os seus modelos interpretativos a contextos complexos e multifatoriais, nos quais os Estados já não são os únicos protagonistas relevantes.

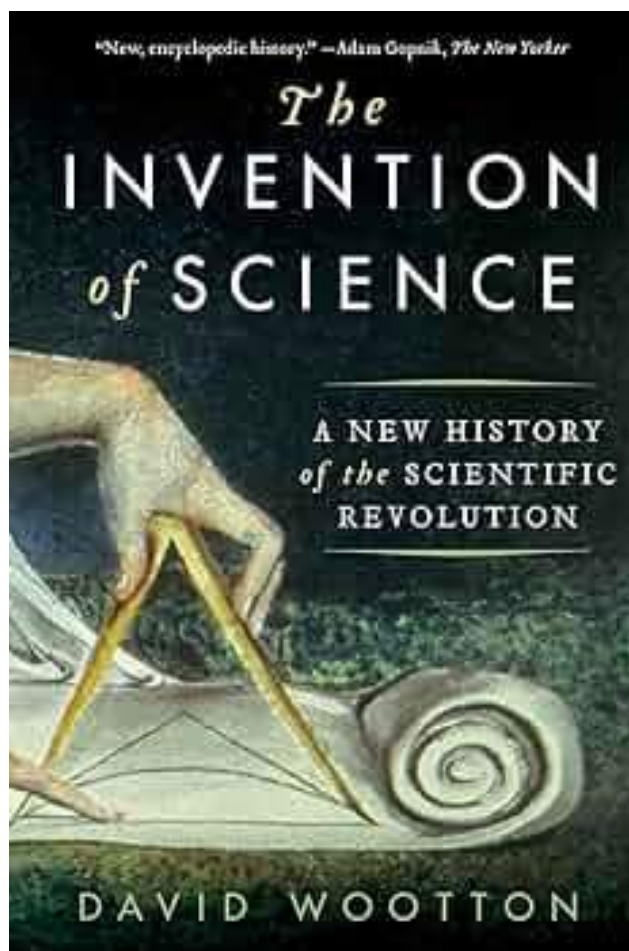
A obra pode ser recomendada a estudantes de áreas como as Relações Internacionais, Ciência Política, História Global e outras que pretendam adquirir uma visão panorâmica e sistematizada das grandes rivalidades históricas. Além disso, a clareza da exposição e a narrativa tornam-na pertinente para leitores com formações diversas. O livro pode igualmente interessar a decisores políticos, analistas geoestratégicos e diplomatas que procurem contextualizar os atuais equilíbrios internacionais num quadro histórico mais vasto.

A atualidade da obra é inegável. A comparação entre confrontos históricos e a rivalidade sino-americana permite compreender os riscos associados à transição hegemónica. De facto, o recurso à História permite contextualizar os fenómenos atuais, conferindo à análise maior profundidade e contribuindo para uma com-

preensão mais informada dos desafios contemporâneos. Apesar das lacunas referidas, o livro constitui um contributo relevante para os Estudos Globais, ao disponibilizar uma narrativa estruturada, informada e comparativa das lógicas de poder que moldam o mundo contemporâneo.

Wootton, D. (2015). *The Invention of Science: A New History of the Scientific Revolution*. Harper. New York. 784 pp.

NUNO ROSA<sup>1</sup>



Esta leitura adota, metodologicamente, uma perspetiva baseada na História Global Crítica e nos Estudos de Ciência e Tecnologia para abordar *The Invention of Science* (2015), de David Wootton, com ênfase na forma como reconstrói o surgimento da «ciência» enquanto categoria epistémica específica. A tese fundamental de Wootton é a de que, entre o final do século XVI e o início do XVIII, inovações ao nível da linguagem, como a estabilização semântica de termos como «facto», «experiência» e «máquina», interagiram com desenvolvimentos institucionais e metodológicos para gerar, através de um corte epistemológico com os passados antigo e medieval, uma cultura científica coerente e com coordenadas históricas definidas. Apesar da sofisticação

---

<sup>1</sup> Universidade Aberta, Doutoramento em Estudos Globais, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0005-3167-7131>.

analítica do seu enquadramento, a obra evidencia tensões internas entre o antirrelativismo que perfilha e a contingência histórica dos conceitos que examina, para além de ter uma perspetiva marcadamente eurocêntrica. Por isso, esta resenha analisa tanto as contribuições como as limitações desta obra, confrontando Wootton com autores da Filosofia da Ciência e da História Global, como Thomas Kuhn, Karl Popper e James Poskett.

Estruturalmente, esta extensa monografia divide-se em quatro grandes partes, cada uma mapeando uma trajetória conceptual: das mudanças da língua e da perceção na passagem para a Idade Moderna, passando pela redefinição dos conceitos de evidência, factos, experiências e descoberta, até ao surgimento de um novo regime epistémico assente no realismo empírico. Wootton articula a sua tese central através de um método semântico-histórico: a ciência moderna não emergiu como uma extensão natural da Antiguidade ou da Escolástica, mas como um sistema novo fundado na reconstrução do vocabulário epistémico. Um pouco por toda a obra, Wootton enfatiza que, sem quadros lexicais precisos, nem a falsificabilidade, nem o progresso cumulativo, nem o consenso institucional ou a «arbitragem por pares» poderiam funcionar. Esta abordagem privilegia, assim, as pré-condições linguísticas e institucionais, bem como as transições semânticas adaptativas e graduais, que tornaram possível a ciência moderna, em contraste (mais ou menos explícito) com in-

terpretações como a de Thomas Kuhn (1962), que descreve a ciência sobretudo numa ótica de várias ruturas paradigmáticas incomensuráveis, ou a de Karl Popper (1963) por causa da sua perspetiva mais a-histórica.

O desenvolvimento de uma nova linguagem para pensar, falar e escrever sobre ciência é historicamente documentado nos capítulos centrais do livro. Com efeito, este conjunto de secções examina como os praticantes das ciências que emergiram na época moderna construíram e validaram afirmações científicas. De forma meramente exemplificativa, podemos apontar que, no capítulo 7, se mostra que o termo «facto» apenas adquire o seu sentido moderno quando a observação é autonomizada da autoridade textual recebida, em contraste com a inseparabilidade, vigente antes do final do século XVI, de dados e quadros interpretativos, situação que tornava os «factos» dependentes da força retórica e não de validação empírica. No capítulo 8, vemos que a «experiência» se tornou um procedimento controlado e replicável através dos programas de Bacon e Descartes. No capítulo 9, a ideia de «leis da natureza» surge quando regularidades empíricas são matematizadas, de que são exemplos as harmonias planetárias de Kepler, também apoiadas pelo surgimento progressivo de uma comunidade científica «global» (conectada através de correspondências entre eruditos, academias e disputas publicadas) como árbitra do conhecimento credível, deslocando a validade do âmbito

singular da *auctoritas* individual. O capítulo 12 traça a disseminação de «máquina» como metáfora ontológica, numa trajetória até ao mecanicismo cartesiano.

Enquanto investigação empírica, a obra de Wootton é exemplar ao mobilizar uma vasta gama de fontes, desde textos e tratados científicos da Idade Moderna até obras literárias e debates filosóficos. Porém, a amplitude das fontes nem sempre se traduz em contextualização institucional e o seu relato subestima desenvolvimentos paralelos fora da Europa. Esta omissão torna-se ainda mais evidente à luz de trabalhos mais recentes como *Horizons: A Global History of Science*, de 2022, do historiador James Poskett, da Universidade de Warwick, que situa o desenvolvimento da ciência moderna no âmbito de trocas, conexões, relações e encontros transcontinentais, coloniais e imperiais, afirmando a revolução científica e a formação das epistemologias modernas como inerentemente globais e até extrativistas (Poskett, 2022). Esta lacuna é tanto historiográfica quanto epistémica, pois reforça uma teleologia da racionalidade europeia que os Estudos Globais procuram precisamente desmontar.

Pensamos, por tudo o que dissemos, que uma das principais tensões desta obra reside na defesa que faz de uma revolução científica *no singular*, prolongada no tempo e consistindo numa negociação de linguagem, práticas e instituições em que os conceitos científicos são historicamente contingentes e, ao mesmo

tempo, na insistência em afirmar um objetivismo epistemológico. Se a verdade é validada retroativamente pela prática, como justificar a universalidade dos «factos»? Este paradoxo é evidente, por exemplo, no contraste entre a afirmação de que o termo «máquina» levou décadas a estabilizar-se e a sugestão de uma transição quase instantânea para uma ontologia mecanicista. Do mesmo modo, a crítica feita ao relativismo parece contrariar a aceitação de que «factos» dependem de práticas linguísticas comunitárias. Esta instabilidade sugere a necessidade de melhor harmonização epistemológica entre fundacionalismo e contextualismo e é uma lição importante também para o presente leitor.

Para além disso, o limitado envolvimento de Wootton com estas *outras* perspetivas restringe o horizonte analítico do seu argumento e atenua a sua relevância para debates sobre epistemologias globais, assimetrias de conhecimento e redes intelectuais planetárias, apesar de ser internamente coerente com o seu objeto de estudo. Ao enfatizar-se apenas o fenómeno astronómico *nova stella* de 1572 (observado e medido por Tycho Brahe) enquanto marca histórica precisa do início da revolução científica, silenciam-se também todas as contribuições não europeias, perdendo-se, desta forma, âmbito por não incorporar práticas de medição, instrumentos de observação e compromissos teóricos que circulavam no globo séculos antes do século XVI. Incluir essas perspetivas não negaria o quadro semântico-

-histórico de Wootton, mas enriquecê-lo-ia, mostrando como «factos», «leis» e «máquinas» foram negociados num quadro epistémico que também estava a construir o *global*, em vez de se assumir a sua emergência e negociação em contexto estritamente europeu, perpetuando leituras mais unidimensionais e planas.

Não restam dúvidas de que *The Invention of Science* de David Wootton é uma obra de referência pelo rigor semântico-histórico e pela defesa coerente de que conceitos como «facto» e «experiência» são condições históricas para a ciência moderna. Para além disso, as fontes que aduz e a coerência com que organiza, sintetiza e interpreta informação pode inspirar os investigadores a compaginarem descrições históricas de ruturas abruptas e de incomensurabilidade com a valorização de processos graduais, relacionais e interconectados, locais e globais, que deram origem à ciência moderna. É certo que a insistência numa narrativa eurocentrada e o silenciamento de genealogias epistémicas não ocidentais limitam a abrangência desta obra. Mas esta crítica decolonial não oblitera os méritos do enfoque

de Wootton, procurando, outrossim, reinscrevê-lo num campo epistémico mais amplo, onde diferentes tradições de conhecimento possam dialogar sem subordinação. Isto significa também que investigações futuras devem, conhecendo e assumindo criticamente a *scholarship* de Wootton, integrar perspetivas globais para descentralizar a narrativa europeia e esclarecer como trocas e relações de maior âmbito espaço-temporal podem ter moldado essas mesmas transformações semânticas. Assim, preservamos a perspetiva do papel da linguagem na produção de conhecimento e podemos caminhar no sentido de construir uma História da Ciência pluridimensional e planetária, que nos permite repensar, no século XXI, os vários nascimentos da ciência moderna.

### **Bibliografia**

- Kuhn, T. S. (1962). *The Structure of Scientific Revolutions*. University of Chicago Press. Chicago;
- Popper, K. (1963). *Conjectures and Refutations: The Growth of Scientific Knowledge*. Routledge and Kegan Paul. London;
- Poskett, J. (2022). *Horizons: A Global History of Science*. Viking. London.

# Projetos

História Global da Relações  
Internacionais de Portugal

## História Global da Relações Internacionais de Portugal Global History of Portugal's International Relations

NUNO SEVERIANO TEIXEIRA<sup>1</sup>

JOSÉ EDUARDO FRANCO<sup>2</sup>

JOÃO RELVÃO CAETANO<sup>3</sup>

(DIREÇÃO DO PROJETO)

Se há campo propício para ser estudado e compreendido à luz das dinâmicas, dos desafios, das possibilidades e das aporias da globalização são as Relações Internacionais, que, *per se*, acontecem num plano marcado pelos movimentos geopolíticos e geoestratégicos de dimensão mais ou menos planetária (Steger, 2013).

As áreas científicas da História das Relações Internacionais e, mais recentemente, da História Internacional e da História Transnacional podem ganhar amplitude de compreensão da sua complexidade com a aplicação da chave hermenêutica dos Estudos Globais e, mais especificamente, pela proposta da emergente História Global, que começa a dar resultados científicos estimulantes em diferentes áreas

do conhecimento histórico (cf. Conrad, 2019; Franco, 2023, Franco e Caetano, 2020; Inglebert, 2018; Sloterdijk, 2008).

A História Global de um tema como as Relações Internacionais proporrá a construção crítica do conhecimento sobre o nosso passado numa perspetiva transepocal e de longuíssima duração neste que é hoje o território chamado Portugal. Se a História da globalização é a irmã gêmea da História das mobilidades humanas desde a primigénia projeção planetária das primeiríssimas comunidades, como defende Edgar Morin (2023), assim também existe uma Pré-história das Relações Internacionais, que deve ser tida em conta na composição hermenêutica deste campo científico. Dever-se-á, por isso, remontar às origens e começar pelas

<sup>1</sup> Instituto Português de Relações Internacionais, Universidade Nova de Lisboa, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1428-0264>.

<sup>2</sup> Universidade Aberta, Centro de Estudos Globais, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5315-1182>.

<sup>3</sup> Universidade Aberta, Extensão do Centro de Ecologia Funcional, Ciência para as Pessoas e o Planeta, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-2833-5107>.

relações intercomunitárias, intertribais, inter-senhoriais de diversa ordem e interimperiais, até chegar ao tempo da emergência dos estados-nação. Observar-se-á, então, o verdadeiro desenvolvimento do conceito de Relações Internacionais, assim como a emergência de organizações internacionais e, mais recentemente, de atores não estatais.

Pretende-se, por outro lado, numa perspetiva interdisciplinar ou mesmo transdisciplinar, relevar o papel das Relações Internacionais na construção de Portugal e do seu lugar no mundo – das suas relações bilaterais, multilaterais e transnacionais no plano político, dos seus conflitos militares, das suas interconexões económicas e dos seus intercâmbios culturais. Mas também e, simultaneamente, como essas mesmas Relações Internacionais foram e continuam a ser decisivas para a com-

preensão da globalização e do mundo global que ela criou – nos seus diferentes modos, andamentos e temporalidades.

## Bibliografia

- Conrad, S. (2019). *O que é a História Global?*. Edições 70. Lisboa;
- Franco, J. E. (2023). *Fronteiras e utopia: Promessas da utopia nos tempos de globalização*. Apenas. Lisboa;
- Franco, J. E. e Caetano, J. R. (coords.) (2020). *Globalização como problema. Temas de Estudos Globais*. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra;
- Inglebert, H. (2018). *Histoire universelle ou histoire globale?* PUF. Paris;
- Morin, E. (2023). *Pensar global*. Edições Piaget. Lisboa;
- Sloterdijk, P. (2008). *Palácio de Cristal: Para uma teoria filosófica da globalização*. Relógio d'Água. Lisboa;
- Steger, M. B. (2013). *Globalization: A Very Short Introduction*. Oxford University Press. Oxford.